

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
DOUTORADO EM PSICOLOGIA

**O PAVOR DAS HORAS: CONSUMIR O TEMPO ANTES QUE ELE VENHA
UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA DO “GERENCIAMENTO DO
TEMPO” NA ERA DA TÉCNICA**

JANETE DE PAIVA BORGES

Orientador: Professor Doutor Roberto Novaes de Sá

Niterói – Rio de Janeiro

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
DOUTORADO EM PSICOLOGIA

**O PAVOR DAS HORAS: CONSUMIR O TEMPO ANTES QUE ELE VENHA
UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA DO “GERENCIAMENTO DO
TEMPO” NA ERA DA TÉCNICA**

JANETE DE PAIVA BORGES

Tese de Doutorado apresentada ao Programa De Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Psicologia. Linha de Pesquisa: Clínica e Subjetividade

Orientador: Dr. Roberto Novaes de Sá

NITERÓI

2019

BANCA EXAMINADORA

Aprovada em _____ de _____ de 2019

Prof. Dr. Roberto Novaes de Sá
Universidade Federal Fluminense – UFF

Prof. Dra. Cristina Mair Barros Rauter
Universidade Federal Fluminense – UFF

Prof. Dr. Joelson Tavares Rodrigues
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Prof. Dr. Leonardo Pinto de Almeida
Universidade Federal Fluminense – UFF

Prof. Dr. Alessandro de Magalhães Gemino
Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ

Niterói

2019

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

B732p Borges, Janete de Paiva
O PAVOR DAS HORAS: CONSUMIR O TEMPO ANTES QUE ELE VENHA :
UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA DO "GERENCIAMENTO DO TEMPO" NA
ERA DA TÉCNICA / Janete de Paiva Borges ; Roberto Novaes de
Sá, orientador. Niterói, 2019.
197 f.

Tese (doutorado)-Universidade Federal Fluminense, Niterói,
2019.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGP.2019.d.55117970659>

1. Psicologia Fenomenológica. 2. Produção intelectual.I.
Sá, Roberto Novaes de, orientador. II. Universidade Federal
Fluminense. Instituto de Psicologia. III. Título.

CDD -

DEDICATÓRIA

Ao ser supremo, indizível, inexplicável, mas sempre presente.

Transcendência-amor que mesmo soterrada e esquecida por alguns, em meio ao império da racionalização, permanece assentado na raiz de toda ética.

Presença delicada e forte que agora mesmo me aperta o peito e me faz chorar enquanto tento, em vão, apreendê-la,

Enquanto pressinto minha insignificância e manifesta incompletude.

O que não se captura por palavra alguma, só se deixa experienciar.

E que em meio a tantos percalços, quando muitas vezes senti que seria impossível chegar,

Tomou minha mão e fez comigo o que não poderia jamais fazer só.

A este... também chamado Deus.

AGRADECIMENTOS

Ao orientador, Dr. Roberto Novaes, mais uma vez, pela deferência em acolher meu projeto; sua permanente generosidade, paciência e disponibilidade.

Aos meus filhos, só por existirem. Em especial, ao Josias, meu fiel escudeiro, sempre pronto a ajudar em tudo e que pacientemente cuidou da formatação e outros detalhes técnicos do texto.

À Dra. Cristina Rauter, uma das melhores “escritoras psicólogas” que conheço e que, ao tecer elogios aos meus trabalhos em suas disciplinas, muito me honrou. Grata pela leitura tão esmerada, atenciosa e compreensiva deste material.

Ao Dr. Giovanetti, cujas aulas e supervisões me marcaram desde a graduação e me fizeram perceber que a clínica seria um caminho difícil... mas era meu caminho.

Aos Drs. Alessandro de Magalhães Gemino, Leonardo Pinto de Almeida e Joelson Tavares Rodrigues, pela singela acolhida de meu convite e pelas preciosas sugestões.

A muitos outros professores, desde as primeiras letras – os altruístas e competentes, que me inspiraram a seguir-lhes os passos. Entre eles, alguns que já não estão mais por aqui, como o desafiador, controverso e inesquecível Louis Ricci.

Aos ex-alunos que, mesmo indiretamente, me impulsionaram a continuar estudando para dar conta da responsabilidade que é educar e formar novos profissionais.

Aos pacientes, que atravessaram e ainda atravessarão meu caminho, por incitarem em mim a necessidade de constante aperfeiçoamento, tanto técnico quanto humano e, assim, fazer jus à confiança em mim depositada.

Às queridas, competentes e generosas Ana Maria Andrade Araujo e Heloísa Cardoso de Castro, que se dispuseram gentilmente a reler e revisar o texto.

Aos colegas de curso e seus comentários, sugestões de bibliografias, elogios ao trabalho e tudo o mais.

A todos de quem eu não consigo, no momento, recordar os nomes, mas que acreditaram, mais do que eu mesma, por suas palavras de incentivo e apreço, que eu era capaz.

RESUMO

A presente tese trata de aprofundar a discussão acerca do fenômeno designado como “gerenciamento do tempo”, típico do modo de relação do homem com o tempo na contemporaneidade. Por meio de pesquisa bibliográfica e de campo de base fenomenológica, procuramos compreender como se dá essa vivência do tempo na experiência ôntica concreta; “des-cobrir” a concepção, os pressupostos e o *modus operandi* de tais programas. De tal modo, avaliando a relação dos atores sociais com o tema, face à questão ontológica do sentido existencial do fluir do tempo, buscamos desvelar as implicações psicológicas, éticas e políticas que tal fenômeno reverbera na atualidade. Partimos da hipótese de que tal fenômeno é uma experiência assentada na compreensão de uso do tempo enquanto produto e instrumento técnico posta pela Era da Técnica e afinada com o pensamento calculador, na qual predomina. A proposição “gerenciamento do tempo”, com trejeitos de modismo, invadiu a mídia e a literatura; está presente nas conversas do senso comum e na descrição da pré-compreensão mediana da experiência da temporalidade. De tal modo, a forma de se conceber e lidar com o existencial tempo situa-se entre as mais pungentes e fundamentais mudanças com as quais se depara o homem na atualidade e engloba, entre outros, a atenção a aspectos superficiais e fugidios da existência e as relações fluidas e descartáveis entre os indivíduos. A obra heideggeriana estabelece uma estreita relação desta fuga e esquecimento com a temporalidade, e volta seu curso para a decisiva pergunta sobre o sentido do ser no horizonte transcendental do tempo, insistindo sobre o valor da temporalidade como fundamento estrutural da existência. Nossas considerações finais são as de que, com as propostas de “gerenciamento do tempo”, procede-se a um ativismo reificado socialmente que “trata” o tempo como um bem, com o qual se deve gerar outro bem ou produto. A ocupação serviria, deste modo, como forma de “matar” e ou “passar” o tempo – o *mesmo* que, de outra feita, se quer *poupar*, a fim de se *fazer* com ele e ou *produzir* nele, “algo”: tautologia cujo fundamento apresenta-se contraditório ou paradoxal mas que, não obstante, fomenta o marketing sobre como gerir o incontrolável, às expensas de uma resiliência sobre-humana, aparentemente cega aos elementos factuais e inexoráveis da existência.

Palavras-chave: Gerenciamento do Tempo; Heidegger; Era da Técnica; Fenomenologia; Temporalidade; Ocupação; Esquecimento; Angústia.

ABSTRACT

The present thesis tries to deepen the discussion about the phenomenon designated as “time management”, typical of the man’s relationship with time in contemporaneity. Through bibliographic and field research of phenomenological basis, we try to understand how this experience of time takes place in concrete ontic situations, “dis-covering” the conception, assumptions and modus operandi of such programs. Thus, evaluating the relationship of social actors with the theme, on the ontological question of the existential meaning of the flow of time, we seek to unveil the psychological, ethical and political implications that such phenomenon currently reverberates. We start from the hypothesis that such phenomenon is an experience based on the understanding of the use of time as a product and a technical instrument set by the Technological Age, in tune with calculating thinking, in which it is predominant. The proposition "time management" emerged as a new fad, invading the media and literature. It is present in common-sense conversations and in the description of the median pre-comprehension of the experience of temporality. Thus, the way of conceiving and dealing with the existential time is among the most pungent and fundamental changes that man faces nowadays and this includes, among others, the attention to superficial and fugitive aspects of existence and the fluid and disposable relationships among individuals. The Heideggerian work establishes a close relation between this escape and this forgetfulness with the temporality and turns its course to the decisive question about the meaning of being in the transcendental horizon of the time, insisting on the value of the temporality as the structural foundation of existence. Our final considerations are that, with the proposals of "time management", there is a socially reified activism that treats time as a good, wherewith another good or product must be generated. The occupation would thus serve as a way of "killing" and / or "passing" time - the same time that, otherwise, people want to save, in order to do with it and produce in it “something”: tautology whose foundation is contradictory or paradoxical but, nonetheless, fosters the marketing on how to manage the unmanageable, at the expenses of a superhuman resilience, seemingly blind to the factual and inexorable elements of existence.

Keywords: Time Management; Heidegger; Technological Age; Phenomenology; Temporality; Occupation; Forgetfulness; Anguish.

O tempo cura tudo

Cada coisa tem seu tempo

Temos que correr contra o tempo

Tempo é dinheiro

Como você consegue tempo para fazer tanta coisa?

...é só para matar o tempo.

Isto é tempo perdido.

Pare com isso enquanto é tempo.

O tempo vai apagar.

Tempo é questão de prioridade.

Não estou fazendo nada; apenas passando o tempo.

O tempo é o melhor remédio

Isso é desperdício de tempo

Se eu soubesse disso antes...

O que é bom, dura pouco.

É tarde demais... não há mais tempo...

Tempo encerrado.

Você pode me dizer as horas?

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. O TEMPO DA EXPERIÊNCIA MÍTICA	19
3. O TEMPO DA FILOSOFIA.....	29
3.1. O estudo do tempo na fenomenologia	41
4. A CONCEPÇÃO CRISTÃ DE TEMPO: INFLUÊNCIAS E REPERCUSSÕES	48
5. O TEMPO DA FÍSICA	57
6. A HISTÓRIA DO TEMPO NA HISTÓRIA DOS HOMENS: CONTROLE, LABUTA E O PREÇO DO TEMPO	72
7. CURSO 1 – ADMINISTRAÇÃO DO TEMPO	91
8. CURSO 2 - PRODUTIVIDADE E GERENCIAMENTO DO TEMPO.....	120
9. CURSO 3 - UM PLANEJAMENTO DE TEMPO “FILOSÓFICO”	137
10. O GERENCIAMENTO DO TEMPO E A QUESTÃO DA TÉCNICA EM HEIDEGGER	149
11. O GERENCIAMENTO DO TEMPO NA ATUALIDADE: SENTIDOS, EFEITOS E PERSPECTIVAS	153
12. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	183
REFERÊNCIAS	194

És um senhor tão bonito
Tempo, tempo, tempo, tempo
Vou te fazer um pedido
[...] compositor de destinos
Tambor de todos os ritmos

[...] entro num acordo contigo
[...] por seres tão inventivo
E pareceres contínuo
[...] és um dos deuses mais lindos
[...] ouve bem o que te digo
[...] peço-te o prazer legítimo
E o movimento preciso

[...] quando o tempo for propício
[...] O que usaremos pra isso
Fica guardado em sigilo
[...] apenas contigo e comigo
[...]E quando eu tiver saído
Para fora do teu círculo
[...] não serei nem terás sido
[...] ainda assim acredito
Ser possível reunirmo-nos
[...] num outro nível de vínculo

Tempo, tempo, tempo, tempo

Oração Ao Tempo

Caetano Veloso

1. INTRODUÇÃO

Que interseção poderia haver entre uma pesquisa de doutorado em Psicologia que pretende discutir o fenômeno “moderno” do gerenciamento do tempo e os apregoados benefícios do “enema de café”? Nunca sequer havia ouvido falar sobre enema de café e continuo não sabendo muito sobre o assunto. No entanto, esse é apenas um exemplo trivial sobre o tipo de informação com o qual me deparei quando comecei meu levantamento de informações na internet a partir da expressão “gerenciamento do tempo”. Vi-me diante de um emaranhado de dados que tangencializavam apenas superficialmente a questão – o que não seria de surpreender – haja vista a quantidade de ângulos e particularidades que giram na órbita do tema: aceleração; ócio; ocupação; envelhecimento; visão prospectiva; otimização do tempo e de resultados; leitura dinâmica; encurtamento na duração dos dias; sentido da vida; rejuvenescimento celular; reengenharia contínua; a excessiva disponibilidade de informações e atividades na atualidade versus os benefícios do ócio; as consequências da exposição contínua à variedade e profusão de estímulos na era virtual versus a questão do foco e da atenção; transtornos e síndromes psiquiátricos como TDHA e outras, ligadas à temporalidade; finitude, transhumanismo e dezenas de outros, periféricos.

Não raras vezes, fiquei desnorteada com esse excesso. A partir de uma ideia aparentemente “específica e objetiva”, fui encontrando cada vez mais ramificações, veiculadas por todo tipo de produção textual – poemas, filmes, livros, artigos, palestras, debates, entrevistas, cursos, depoimentos pessoais de caráter sensacionalista ou não, entre tantos outros.

E o enema de café? É que em meio à dita escavação, defrontei-me com uma preleção dada na plataforma TED sobre desaceleração, na qual o palestrante mencionava esta expressão, até então, totalmente desconhecida para mim. Para compreender adequadamente o contexto das ideias do palestrante, fui inevitavelmente direcionada para diversos sítios na internet em busca do significado do termo. Por alguns momentos, interrompi a pesquisa e me descobri assistindo a um vídeo que ensinava a preparar o tal enema de café. Curiosa, busquei receitas e fotos no Google. Sem ter me dado conta, deparei-me com pensamentos sobre a qualidade de minha alimentação e as consequências de meu sedentarismo. Apenas o suficiente para, retornando à pesquisa inicial, cogitar se estava sofrendo de TDHA e sobre minha eventual perda de foco. À medida que os meses se passaram, o baú de material para a escrita se entulhava e o temor de não cumprir as exigências burocráticas para a finalização do doutorado aumentava. Não pude evitar pensar nos prováveis comentários jocosos que alguns interlocutores fariam se dividisse com eles meus atropelamentos e ansiedade: “Quem sabe os cursos de gerenciamento do tempo

que você irá observar não revelem algo novo e que, para além de objeto de análise, não te ajudem a se organizar e atingir a meta no prazo? Aliás, entre as inúmeras chamadas encontradas nas buscas na internet para a pesquisa, havia esta: “Como gerenciar o tempo de que você dispõe para a elaboração de seu trabalho científico”.

Este depoimento/confissão é, de certo modo, indicativo do quanto nossos “objetos” de pesquisa estão imiscuídos ao nosso próprio e habitual modo de vida, do quanto somos perturbados por seus efeitos e por eles constituídos. Afinal, somos-no-mundo-com eles e por eles somos também tramados psicológica, social, política, econômica e historicamente. Einstein, em “Como vejo o mundo”, disse que “a pesquisa procede por momentos distintos e prolongados, intuição, cegueira, exaltação e febre. Vem dar, um dia, nesta alegria e conhece tal alegria aquele que viveu estes momentos incomuns” (1981, p. 68). Excetuando-se a febre, posso sim assumir a presença oscilante e temperamental da intuição (surgindo apenas quando lhe convinha); a cegueira e a exaltação (caso possam ser consideradas sinônimas, respectivamente, de ausência total de rumo e inquietação interior). Isso se deve, em parte, justamente, à dificuldade de encontrar “um tom” de escrita e um rumo claro para atingir os objetivos iniciais que tinha à época do pré-projeto da pesquisa. Em nosso entendimento e desejo, o trabalho não deveria ser nem tão conciso ou estreito a ponto de desprezar ou prescindir da riqueza de certos elementos paralelos com os quais nos deparamos no caminho, e que não tínhamos em mente no momento inicial da concepção do objeto de pesquisa, nem ser tão difuso a ponto de contemplar a imbricação do tema com todos os aspectos que dizem respeito à facticidade de nossa existência ôntica, como a real e necessária preocupação com a qualidade de nossa alimentação e, portanto, com um... enema de café...e para a qual, também, deveríamos, ao menos em tese, “dedicar tempo”.

Em meio a tantos impasses, por fim, tivemos de renunciar aos excessivos melindres e preciosismos técnicos para iniciar o trajeto. Convidamos Heidegger, nosso principal guia e alguns outros autores cujas ideias encontrassem ressonância e afetividade com a perspectiva fenomenológica hermenêutica, para não nos deixarem vagar muito além do rumo inicialmente proposto. Que outro pensador teria destacado a premência da atenção à temporalidade como fundamento originário do ser tal como o fez Heidegger? Em *Ser e Tempo* (2009, p. 55,56), diz o filósofo que se deve “conceber e esclarecer, de modo genuíno, o tempo como horizonte de toda compreensão e interpretação de ser”, que “a problemática central de toda ontologia se funda e lança suas raízes no fenômeno do tempo” e que é na “exposição da problemática da temporaneidade que se há de dar uma resposta concreta à questão sobre o sentido de ser”.

E então... uma vez mais o tempo. Mas... de novo? Há algo de novo sobre isso? E que importância pode haver discursar sobre algo sobre o qual não se poderia estabelecer valor ou preço (mas há quem tente e consiga fazê-lo, de algum modo); sobre o qual não se pode absolutamente intervir para lhe modificar estrutura, modo, atuação, efeitos? Em *Ser e Tempo* (2009, p. 56-57), no início da explicitação sobre a relação indissociável entre os dois, Heidegger enfatiza que, na busca pela obtenção de respostas à questão do ser [...] “se é uma resposta “nova” ou não, não tem importância, pois isso é só uma exterioridade”. Atesta, além do mais, que o positivo residiria em ser a questão tão “suficientemente antiga para poder apreender e compreender as possibilidades proporcionadas pelos “antigos”, sendo o “papel” da resposta tão somente fornecer indicações para subsidiar a investigação em pauta. De tal feita, assumimos que, de fato, não temos respostas novas. Apenas juntamos às velhas questões, algumas outras. Porque falar sobre o tempo não esgota nunca o alcance e a premência do fato do quanto somos por ele determinados; sua presença inexoravelmente indiscutível e indefinível, sua determinação sobre a duração e a urgência de como conduzimos nossa existência e, sobretudo, sobre o modo como existimos.

Pesquisar, arguir, sondar e debater sobre o tempo não encerra nem mesmo longiguamente a compreensão, mesmo que parcial, sobre ele; não o consegue delimitar, em definitivo. Exatamente por isso Heidegger coloca ser e tempo como indissociáveis. Tempo é cotidiano; tempo é vida; tempo é existência. Estar vivo é estar no tempo. Somos o próprio tempo. E não podemos compreender nem um nem outro por intermédio de nenhuma descrição, conceito ou definição. Eis um mistério desafiador que há muito coloca em movimento a pena e o pensamento de poetas, teólogos, cientistas, filósofos e outros que dedicam seus dias a refletir sobre o comportamento, as relações e o sentido da vida humana.

Mas é, talvez, justamente por ser esse um dos maiores mistérios que nos envolve desde nossa concepção até nossa morte, dizendo de perto do próprio substrato que inaugura e finaliza o que denominamos vida; que, no princípio e na maioria das vezes, nos olvidamos dele, para não nos confrontarmos com a premência dessa realidade – a mesma que nos desafia e nos interroga persistentemente sobre o sentido de nosso percurso existencial. O mesmo esquecimento é condição de possibilidade da ocupação, própria da condição do ser-aí de estar lançado no mundo. Os modos de relação com a ocupação apontam de tal feita, para as modulações mais ou menos impróprias com a temporalidade. Não é, portanto, por acaso, que o tempo embala as mais fundantes determinações humanas e emoldura todas as profundas indagações que já fizeram os grandes nomes e cientistas da história. Cada um ao seu modo e

conforme seus próprios domínios de pesquisa e atuação, sedentos por compreender o percurso do homem sobre a terra. Quem sabe, até, eternizarem-se tal como o próprio tempo?

Em sendo assim, sobre o que nos restaria dissertar? E por que “investiríamos” justamente tempo e esforços novamente sobre o tema? Talvez porque seja exatamente isso o que nos caiba e seja possível: continuar em busca da reflexão, nunca inédita, mas sempre persistente, sobre o que nos é mais caro e imprescindível; lembrar sempre uma vez mais que a insistência em compreender o que nos determina e funda é a prova mais viva de que não desistimos de nosso chamado à humanização e à transformação. É atendendo a este chamado que se promove o surgimento de novas ideias e vislumbram-se outras possibilidades de interação com o mundo e com o outro, sempre em direção a um lugar de maior amplitude de liberdade e realização. Algo que Einstein (1981, p. 11) expressou bem: “Os resultados da pesquisa não exaltam nem apaixonam. Mas o esforço tenaz para compreender e o trabalho intelectual para receber e para traduzir transformam o homem”.

E lá está ele: A cada vez que olhamos o relógio ou perguntamos que horas são; que consultamos o calendário fixado nas geladeiras e paredes, nas agendas, no computador, na mesa do escritório; que sondamos o horário pela intensidade da luz que atravessa nossas janelas; que folheamos álbuns de fotografias; remexemos antigas caixas; relemos antigas mensagens ou cartas, fazemos buscas com base em épocas e datas específicas. Ele “está entre nós”, desde que acordamos até a hora em que cerramos os olhos. Pausa e recomeço. Contemplação e ocupação. Sensação de fome e sono, em horários previamente estabelecidos pelo ritmo circadiano. Claridade e escuridão. Nascer e pôr do sol. Tudo nos faz mantê-lo sempre irrefletidamente em mente. E sob (des) controle.

Mas ainda assim, deliberadamente, tentamos esquecer que “o tempo urge” e nos arrasta. Em vão. Aqui estou eu, uma representante da impossibilidade dessa fuga: Abro um periódico qualquer em alguma sala de espera à busca de distração. Entre os muitos anúncios, um como esse: “Aprenda inglês em tempo recorde. Recupere o tempo perdido: 1 ano em apenas nove sábados!”. Passo a recordar-me que já não estudo inglês formalmente há vinte anos... desde que meu filho mais novo nasceu. Como o tempo “passou rápido”! Terminada a consulta, vou até uma pizzaria e o forro da bandeja em que sou servida alardeia os méritos do local: “Velocidade Super-Humana: Nosso pizzaiolo mais rápido faz três pizzas grandes em apenas trinta e nove segundos!”. Saio de uma padaria e me deparo, na porta, com um cartaz, que fotografo: “Seu tempo está acabando? Imperdível, sessão única! Palestra com o Senhor “XYZ”: O que é o tempo? Por que passa cada vez mais rápido? Como usar melhor o seu tempo?”

Fundamental para empresários, líderes, pais, estudantes, empreendedores, servidores públicos e professores”. Os primeiros cinquenta inscritos ganharão um livro da autoria do palestrante, com a metodologia criada por ele.

Retorno a casa e à escrita. Encaminho um backup por e-mail quando vejo uma nova mensagem. O marido de uma conhecida, psicóloga, aproveita os contatos dela para divulgar seu curso de administração do tempo em mais duas novas turmas, em setembro de 2017. No folder virtual, ele promete:

- Discutir o conceito de tempo, suas origens e a sua importância;
- Definir o que é a “Administração do Tempo”;
- Apresentar os quatro pilares para o correto planejamento de atividades;
- Discutir os elementos “economizadores” e “desperdiçadores” de tempo.

Ignoro o e-mail e prossigo nas buscas. Em meio às opções, surge um link: “Descubra a faculdade certa para você em 3 minutos”. É outro dia e, em uma intervenção com um interno do sistema penitenciário (local de trabalho à época), ouço dele: “Eu não conseguia enxergar isso antes. Eu não tinha tempo para pensar... tempo eu tinha, mas não dava esse tempo para mim mesmo” (sic). Em outro momento recebo, pelo WhatsApp, uma mensagem dramática, com música sentimental ao fundo, praguejando: “Você diz que não tem tempo porque vive ocupado. Quando morrer, deixará tudo que estiver fazendo e encontrará tempo para comparecer ao meu enterro”. Outro amigo encaminha novo vídeo: uma geriatra que trabalha com pacientes terminais fala de alguns arrependimentos comuns no leito de morte. Um deles, ter perdido tempo fazendo coisas que agradavam aos outros, não a si mesmo.

Tempo que se concede. Tempo que se perde. Que se cobra de alguém. Tempo que não se compra nem se vende, a não ser na ficção (temos uma história exemplar, que mencionaremos mais adiante). Tempo da velocidade, da busca por algo perdido. Tempo subjetivo. Tempo cronológico. Tempo que “voa” sem que se possa ver suas asas. Tempo que classifica e premia os melhores. Tempo que se mede em ampulhetas, ponteiros, calendários. Tempo de adivinhação: “O que é o que é: Todos o têm, mas não são donos dele, pois não pertence a ninguém. Passa sem passar porque sempre fica. Muda tudo ao seu redor, mas permanece sempre o mesmo. O que é o que é?”

Perscrutar o tempo sempre foi tomo de interesse para teorias científicas, filosóficas, religiosas. Cada uma delas se valendo de premissas e metodologias equivalentes a suas próprias

áreas de estudo; sempre mediadas pela razão. Noronha (2003, p. 1416) lembra que Hegel teria, por derradeiro, afirmado que “o que existe de mais fundamental à razão e que até então não estava sendo posto em discussão era o fato de a razão ser histórica.” Dito de outro modo, a razão não estaria no tempo, pois seria o próprio tempo. A mesma autora esclarece que o próprio tempo histórico é construção de sujeitos igualmente históricos em determinado momento; não sendo, portanto, algo exterior nem a um nem a outro.

Neste ponto, de antemão, adiantamos que o cerne da presente discussão não é a análise de uma “evolução” histórica da concepção do tempo; ainda assim, é certo que só é possível capturar este novo modo de aparecimento em contraposição ao fenômeno em seu sentido mais originário e a outros modos de desvelamento distintos. Por isso mesmo não nos ocupamos de uma digressão histórica aprofundada. Esta tarefa é brilhantemente contemplada por inúmeros e laureados historiadores especialistas na pauta. A leitura deles, como Thompson e Le Goff, exemplarmente, a quem recorremos e compõem o corpo bibliográfico referido ao final, podem perfeitamente suprir a curiosidade e o desejo de aprofundamento na matéria, aos leitores mais afetos à questão.

Eis, por ora, uma ideia sucinta do percurso que tomaremos a seguir: Inicialmente, nos seis primeiros capítulos, trazemos à lembrança algumas das principais vertentes e campos de estudo que se enveredaram na tentativa de responder à pergunta sobre o que é o tempo, seu lugar e efeitos em diferentes aspectos da vida humana. A seguir, nos capítulos sete, oito e nove, apresentamos três cursos de “gerenciamento do tempo”, sendo que participamos presencialmente do primeiro, e assistimos os demais na modalidade on-line. Após a análise de cada um, nos capítulos dez e onze, empreendemos uma tentativa de elucidar alguns de seus pressupostos básicos e comuns à luz da perspectiva heideggeriana de tempo, situados, em específico, no âmbito do que o filósofo designou como Era da Técnica. Nossa metodologia, portanto, mesclou pesquisa de campo com revisão bibliográfica.

O fenômeno “gerenciamento do tempo” representa um dos modos de desdobramento da relação do homem com a temporalidade, típico do modo de vida caracteristicamente acelerado e superficializado da atualidade, que reifica a necessidade e a pretensa habilidade de administrar eficientemente o tempo. É sobre este modo peculiar de relação que buscamos refletir criticamente, observando as mudanças, implicações e impactos advindos das novas configurações sociais produzidas por este tipo singular de vivência. Esperamos que nossos achados contribuam para ampliar o olhar sobre a questão proposta. E enquanto tratamos dele,

o tempo, falamos, antes de tudo, de nós mesmos, do ser-aí lançado às possibilidades por ele mesmo desveladas, pois, apesar de não serem sinônimos, Ser é tempo. Tempo é ser.

A verdade é que morremos cada dia e que nascemos cada dia. Estamos continuamente a nascer e a morrer. O problema do tempo toca-nos, por isso, mais que os outros problemas metafísicos. Porque os outros são abstractos. O do tempo é o nosso problema.

Jorge Luís Borges

2. O TEMPO DA EXPERIÊNCIA MÍTICA

A discussão sobre o tempo (no que tange à busca pela apreensão de seu sentido e da concepção dos modos de se “lidar” com ele, bem como com os afetos que suas marcas imprimem no existir humano) está presente, desde tempos imemoriais, nos diálogos cotidianos mais triviais, nas práticas do senso comum e na descrição da pré-compreensão mediana da experiência da temporalidade, persistindo através da História.

Todos nós utilizamos cotidianamente a expressão “tempo” em referência a praticamente todo tipo de atividade que desenvolvemos, incluindo o “fazer nada” que já é, por certo, um fazer. Da mais simples proposição usada para dar início a uma conversa, passando pela lembrança de antigas memórias vividas no encontro com velhos amigos, pela sensação de ter “perdido tempo” e a vontade de “recuperá-lo”, até as discussões mais nostálgicas sobre a inexorável finitude; referimo-nos ao tempo o *tempo* inteiro. Poetas, filósofos, físicos, teólogos, astrônomos, agricultores, antropólogos e leigos o citam, pesquisam, investigam, avaliam, culpam, contam, medem, esperam por ele, contam com ele. Até concessões lhe fazemos, quando recomendamos a alguém em profunda desesperança: “Dê tempo ao tempo”. Ainda assim, apesar de ser um “velho conhecido”, o tempo permanece sendo, desafiadoramente, uma incógnita.

A dificuldade em circunscrever a temática da temporalidade se dá por diferentes e inúmeros motivos. Um deles é o fato elementar de ser complexa a tarefa, no geral, de versar e arrematar, de forma cabal, o que quer que seja em relação a temas imateriais. Em se falando do tempo, por tudo que já expusemos até aqui, trata-se de um desafio ainda muito mais inexecutável. Além de tudo, é notória e já abundantemente discutida a intrincada e igualmente delicada relação pesquisador-objeto nas ciências humanas. Na presente discussão não seria diferente, tendo em vista que partilhamos da mesma limitação imposta aos demais pesquisadores tanto no que diz respeito à abstração e à intangibilidade, quanto à subjetividade do tema.

É, portanto, fato óbvio que estamos, dada nossa condição humana, ôntica e ontologicamente imiscuídos pela temporalidade. De tal modo, neste particular, não compartilhamos da ideia que defende o distanciamento e a apregoada “neutralidade” ditos imprescindíveis (embora tal imperativo já seja, de algum tempo, fortemente refutado por parte da comunidade científica) para dissertar sobre nosso “objeto” de pesquisa. Por tratar-se de uma exploração de cunho hermenêutico-fenomenológico (posto que nos guiamos pela proposta heideggeriana) não aspiramos a este tipo de abordagem pretensamente paradigmática, taxativa

e categórica, que se presta a hipóteses testáveis e comprováveis. Embora, obviamente, uma tese acadêmica deva prezar pela adequada sistematização, pela leitura acurada e comprometida ao longo de todo o estudo (e também porque almejamos colaborar com o entendimento da questão por intermédio de uma elaboração argumentativa razoável, sedimentada em ideias de reconhecido valor histórico) não há, entretanto, como negar o quanto a trajetória de pesquisa encontra-se amalgamada ao próprio tema, pois ser e tempo são um. Curiosa e oportunamente, em um trecho da apresentação de uma tradução da Teogonia de Hesíodo, uma das primeiras metáforas textuais documentais históricas em que se disserta sobre o tempo, encontramos uma justificativa introdutória que descreve perfeitamente bem nosso problema aqui:

[...] O trabalho aqui apresentado (con) centra-se num problema metodológico insolúvel... Um discurso que se propõe dizer com rigor a essência do que em seu vigor é indizível (nefando e/ou inefável) não pode cumprir-se a rigor. Se ele se fizer como um discurso rigoroso, ele deverá para isso falsificar a apresentação de seu objeto e, portanto, ele deverá, para ser rigoroso, ser também falso. Este discurso, portanto, mais do que se resignar a seu próprio fracasso — já que tem por escopo realizar a impossibilidade enquanto ela vigora como impossibilidade — deverá programar o seu próprio fracasso e deverá, na avaliação que fizer de sua própria eficiência e efetividade, estar atento a que só pode computar como êxito e consecução do objeto perseguido os seus momentos de fracasso, momentos nos quais não atingiu o objeto ao qual perseguia (TORRANO, 1995, p. 8).

Assim, em virtude da amplidão e complexidade que a discussão sobre o tempo abarca e que redundam na insolubilidade do problema, cada pesquisador o aborda pelo prisma que lhe é caro, delimitando, assim, seu escopo particular. Nas diferentes leituras que fizemos, no entanto, observamos uma interseção relativamente comum entre eles: os escritos buscam estabelecer uma trajetória sobre a concepção do tempo que aborda as principais definições dos intelectuais mais expoentes em seus respectivos campos de saber a respeito dele. Em boa parte das vezes, a narrativa é feita de modo cronológico, contrapondo as distintas concepções: ora denotando uma suposta “evolução” do pensamento em meio às diferentes visões, ora buscando resgatar perspectivas passadas no intuito de compreender fenômenos contemporâneos. Não pretendemos seguir este caminho, pois há centenas de produções extremamente bem executadas contemplando esta proposta. E a nossa, no presente trabalho, é distinta, na medida em que nosso foco é um recorte bem mais específico. E se, por um lado, aquela tangencia muito proximamente a questão da temporalidade; esta quer, antes de tudo, discutir o modo próprio de relação do homem com o tempo que considera este último como um ente qualquer, simplesmente dado, sujeito à objetivação, mensuração e controle por meio de dispositivos

técnicos ditos científicos, com propósitos que priorizam quase sempre o *modus operandi* capitalista de produção ininterrupta, assentado em mudanças contínuas e aceleração incontestada. Nesse panorama, a ação/execução tem espaço privilegiado, em detrimento da possibilidade de um pensar reflexivo, que contemple o sentido e os efeitos dessa mesma ação. O tempo, nesta concepção, torna-se ora um inimigo a combater, ora um pretenso amigo que se pode manipular, desde que se contorne sua “natureza”, explorando-o conforme objetivos e conveniências específicos.

Costuma-se denominar “novo tempo” o momento que se manifesta e se experiencia em conformidade com uma nova perspectiva de existência. Este “novo” o é em relação ao pano de fundo diferenciado que se delineia no compasso das revoluções e mudanças históricas, sociais, econômicas e psicológicas e que culminam nas mudanças tão alardeadas quanto as que se observa no cenário mundial atual. Justamente assim, para termos uma compreensão mais contextualizada da força de tais disposições recentes, tais como o empenho na proposta de um “gerenciamento do tempo”, precisamos situá-las em meio às transformações que se deram no desdobramento histórico e que sedimentam nossas observações acerca do fenômeno na contemporaneidade. São elas que nos permitem identificar de que modo a percepção atual de controle do tempo se contrapõe, justamente, à concepção temporal que diz mais de perto sobre seu caráter mais originário. Para tal se faz necessário circunscrever a questão, lançando um breve olhar para o passado, a fim de tentar recuperar a ponta longínqua do fio que nos trouxe até aqui e aperceber-se de seus entremeios atuais. Em assim sendo, podemos prosseguir.

É simples constatar que a preocupação com o tempo é bastante antiga. Mais remota ainda que a filosofia. Isto se pode facilmente verificar, pesquisando um pouco a própria mitologia. Temos notícias, pela tradição escrita, de que há milhares de anos o homem convivia de uma maneira muito singular com o tempo. A cosmogonia de diversos povos (asteca, maia, japonesa, chinesa, grega, egípcia, nórdica, suméria, mongol entre outras), explica, cada uma a seu modo, o fenômeno do tempo em conformidade com o imaginário do horizonte cultural próprio de seu mundo.

A Grécia, berço do conhecimento ocidental, por meio de sua mitologia, deixou-nos este legado como uma das possibilidades de acesso a essa experiência singular. O poeta Hesíodo (séc VIII a.C) narra, em sua Teogonia (em grego, Θεογονία: theos, deus; gonia, nascimento) também conhecido por Genealogia dos Deuses, a gênese do tempo. Constitui-se de um poema em 1022 versos hexâmetros, que explicita, na visão grega, uma cosmogonia de fundo mítico. Recordemo-la, de modo sucinto, lembrando que há diversas variações na narrativa, conforme

diferentes tradições e traduções. Na versão de Torrano (1995, p. 33-37): “O primeiro Deus foi “Kháos; uma das quatro potestades originais e que é a representação simbólica da queda sem fim. “O nome Kháos está para o verbo *khaíno* ou sua variante *khásko*, "abrir-se, entreabrir-se" e ainda: "abrir a boca, as fauces ou o bico". É a força que preside à separação ao fender, em dois, o que era um só; podendo ser compreendido também como cissura. Toda a descendência de Kháos, exceto Éter e Dia, é procriada mediante o processo de cissiparidade. Estas duas nascem por intermédio de sua filha Noite e geram numerosos descendentes incorpóreos como ele: puros princípios ativos e energéticos, sem substância física. São potências tenebrosas; forças de negação da vida e da ordem, que, assim como Kháos, igualmente procriam por cissiparidade as forças da debilitação, da penúria, da dor, do esquecimento, do enfraquecimento, da aniquilação, da desordem, do tormento, do engano, da desapareição e da morte – tudo o que tem a marca do Não-Ser. As potências Noite e Dia, descendentes de Kháos são princípios ontológicos que exprimem imagetivamente a esfera do Ser e a do Não-Ser: não são períodos cronométricos, não têm vínculos com o Sol ou os astros (que nascem de linhagem independente e sem conexão com Kháos). Como expressão metafísica do Não-Ser, Kháos é um princípio cosmogônico e ontogenético”.

Ao lado de Kháos está Gaia (Terra), seu chão e sede inabalável. É a deusa primordial, geradora de todos os deuses, um dos primeiros elementos que surgiu no despontar da criação, junto com o Ar, Mar e Céu. Representa a grande mãe: os deuses celestiais foram descendentes de sua união com Urano (o Céu), os deuses marinhos de sua união com Pontos (o Mar), os Gigantes de sua união com Tártaros (o submundo) e as criaturas mortais foram crescendo ou nascendo de sua matéria terrena. É a segunda divindade primordial, nascendo após Caos e foi uma das primeiras habitantes do Olimpo. Com ela surge uma possibilidade de cessar a queda inerente ao Kháos, providenciando-se alguma estabilidade à existência. Ela possui uma enorme capacidade de gerar filhos. Entre ele, um, de aspecto divino: Urano. A divindade que personificava o Céu foi gerada por Gaia e com ela se casou. Temendo que seus filhos/irmãos o destronassem, encerrava-os Urano no ventre da mãe/esposa. Revoltada com essa ação mesquinha e cruel, Gaia decidiu armar um de seus outros filhos, Cronos, com uma foice, com a qual ele castra o pai e lhe tira o reinado.

...ousado o grande Crono de curvo pensar
 Devolveu logo as palavras à mãe cuidadosa:
 “Mãe, isto eu prometo e cumprirei
 A obra, porque nefando não me importa o nosso
 Pai, pois ele tramou antes obras indignas”.

Assim falou. Exultou nas entranhas Terra prodigiosa,
Colocou-o oculto em tocaia, pôs-lhe nas mãos a foice dentada e inculcou-lhe todo o ardil.

Veio com a noite o grande Céu, ao redor da Terra desejando amor sobrepairou e estendeu-se a tudo. Da tocaia o filho alcançou com a mão esquerda, com a destra pegou a prodigiosa foice longa e dentada. E do pai o pênis ceifou com ímpeto e lançou-o a esmo para trás. (TORRANO, 1995, p. 93)

Assim, separaram-se o céu e a terra. Urano torna-se o deus do céu. Na junção entre Gaia e Urano surge o espaço: a primeira condição material para que a vida esteja por cima de Gaia, onde habitarão os mortais. Junto com o espaço surge o tempo: condição de possibilidade para uma vida finita. Cronos, o rei dos titãs (raça mítica que antecedeu os deuses olímpicos) é o deus do tempo, por excelência, e que governa os destinos. É ele o artífice da vida finita. A libertação da terra do céu é a origem mitológica do tempo.

Cronos era retratado como um ser severo e – tal qual dizemos do tempo até hoje – como aquele que tudo devora e consome. Entrementes, fora amaldiçoado. A profecia do pai vaticina que ele, a exemplo do que fizera com o próprio pai, também seria destronado por um de seus filhos. Réia sua irmã, desposada por ele, pariu seis filhos brilhantes: três homens e três mulheres. Entre eles, o sábio Zeus, pai dos deuses e dos homens. Para fugir à maldição, engole os filhos tão logo nascem, temendo a insurreição de um deles contra seu reinado no futuro: “para que outro não tivesse entre os imortais a honra de rei, sendo, porém, vencido pelas artes e violência do filho” (TORRANO, 1995, p. 102).

O filho aqui referido, Zeus, é salvo pela mãe. Ao nascer, é trocado por uma pedra que Cronos engole sem perceber. Zeus é criado por Gaia em uma gruta e, quando adulto, vinga-se de seu pai. Adquire uma poção que faz com que Cronos vomite os filhos devorados. Assim, Zeus torna-se senhor do céu, inaugurando uma nova linha sucessória entre os deuses. Em outra versão do mito, Cronos é perdoado por Zeus, retoma sua função cosmológica no universo e torna-se o governador dos Campos Elíseos, paraíso e lugar de descanso para os mortos.

Torrano (1995, p. 48) narra que os inimigos vencidos de Zeus, forças da violência e da desordem, ficam excluídos de seu tempo lúcido, regular e bem ordenado, degredados a regiões ônticas cuja temporalidade amorfa e confusa condiz com a natureza deles. O tempo organizado e cíclico de Zeus, sob o nome de Horas (Estações), foi gerado por Zeus de sua união; a propósito, com Têmis (a Regra). Diz o autor que na percepção da cultura arcaica, o tempo não flui em um único e irreversível sentido. Cada acontecimento, seja grande ou pequeno, tem o tempo que qualitativamente lhe é próprio e que a ele se vincula.

Torrano salienta que também em outra obra de Hesíodo, “Os trabalhos e os dias”, é feita menção à vida paradisíaca e à perfeita beatitude desfrutadas pelos homens que viveram sob o reinado de Cronos: sem tristezas, sem fadiga, miséria ou velhice; na opulência, protegidos de qualquer mal, morrendo subjugados apenas pelo sono (TORRANO, 1995, p. 48). Assim, apesar do tempo instaurado por Zeus ter possibilitado a concepção da necessidade do empenho dos homens no culto a seus deuses e ao trabalho no cultivo da terra, na Teogonia fica evidenciado que aquele não fora “o melhor nem o mais feliz dentre os muitos tempos divinos e humanos”. O reinado de Zeus (TORRANO, 1995, p. 46) correspondia à terceira e perfeita fase cósmica, havendo, assim, um contraste entre o aspecto benévolo e próspero do reinado de Cronos, com seu lado ogro a devorar os próprios filhos. Tem lugar, por derradeiro, uma horrenda batalha entre as forças coligadas por Cronos e os deuses olímpicos comandados por Zeus.

Na Teogonia, portanto, explicita Torrano (1995, p. 75), tempo e espaço não são extensões e quantificabilidades preexistentes em si mesmas que deus viesse a ocupar; antes só se dão enquanto atributos decorrentes e marcados pelas qualidades próprias do âmbito de existência do deus em questão. Além do mais, dentro deste contexto sagrado, anterioridade e posteridade não são noções rigorosamente excludentes uma de outra, uma vez que a concepção do tempo neste mesmo contexto não pressupõe nenhuma contrariedade entre as duas noções. Além do mais, “não há um tempo único e uniforme, duração homogênea e infinita, comum a todos os deuses e preexistente a eles; há tempos múltiplos e qualificados diversamente segundo o nascimento-natureza do deus que o instaura. Portanto, o tempo em que cada deus vive faz parte dos atributos e atribuições e privilégios exclusivos desse deus. É um tempo qualificado e concreto, nascido com esse deus, de cujo ser ele depende e decorre. Não há um antes ou depois que inter-relacione as divindades e as hierarquize segundo uma ordenação temporal, porque não há um tempo único que as transcenda e possa assim reuni-las. Pelo fato de o tempo ser múltiplo e não único; adjetivo e não substantivo, a inter-relação dos deuses não é de ordem cronológica, mas crato-onto-lógica: os deuses estão em conexão, se organizam e se hierarquizam segundo a força de ser. Na realidade, não há senão deuses, posto que cosmogonia é teogonia:

o mundo é um conjunto não-enumerável de teofanias, séries sucessivas e simultâneas de presenças divinas. Cada presença é um pólo de forças e de atributos, que instaura e determina a área temporal-espacial de sua manifestação. Esta presença, que instaura a si mesma ao instaurar-se, inaugura de um modo absoluto o tempo e o espaço definidos de sua manifestação como o lugar decorrente e originado de sua presença. Trata-se em cada caso da presença de um Deus, somente com a qual passam a existir o tempo e o espaço em que esse Deus existe. Não há um tempo e o espaço que existissem

antes de esse Deus existir e que ele viesse ocupar: a presença do Deus é a força suprema e original, originadora de si mesma e de tudo o que a ele concerne e [...] presença não é senão manifestação, negação do esquecimento, verdade, a-létheia. (TORRANO, 1995, p. 42)

Kairós, o último filho de Zeus, assim como seu avô, representava o tempo. Não obstante, ao contrário daquele, era a personificação do tempo subjetivo, pessoal e irreduzível. Simbolizava também o momento oportuno e decisivo para determinada escolha ou ação. Era representado por um jovem atleta com asas nos pés que, com velocidade prodigiosa, corria por todo o mundo. De tal modo, tornava-se impossível encontrá-lo em tempo determinado previamente. Tal simbologia se tornou apropriada e amplamente utilizada no meio religioso enquanto designação do tempo subjetivo do encontro com o divino – um tempo pessoal, particular, mencionado em determinadas passagens bíblicas, especialmente no Novo Testamento. Essa concepção de situação oportuna, momento adequado, é bem marcada e largamente conhecida, especialmente pela descrição que aparece no capítulo três do livro bíblico do Eclesiastes, “cujo autor era, possivelmente, um homem de uma boa condição econômica, com uma formação intelectual bastante apurada e de agudo senso crítico e teológico e em cujo texto, apesar de escrito em hebraico, indica já ter assimilado influências da língua grega” (GUTIÉRREZ, 2016 p. 18; 21):

¹ Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu.

² Há tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de plantar, e tempo de arrancar o que se plantou;

³ Tempo de matar, e tempo de curar; tempo de derrubar, e tempo de edificar;

⁴ Tempo de chorar, e tempo de rir; tempo de prantear, e tempo de dançar;

⁵ Tempo de espalhar pedras, e tempo de ajuntar pedras; tempo de abraçar, e tempo de afastar-se de abraçar;

⁶ Tempo de buscar, e tempo de perder; tempo de guardar, e tempo de lançar fora;

⁷ Tempo de rasgar, e tempo de coser; tempo de estar calado, e tempo de falar;

⁸ Tempo de amar, e tempo de odiar; tempo de guerra, e tempo de paz.

[...]

¹¹ Tudo fez formoso em seu tempo; também pôs o mundo no coração do homem, sem que este possa descobrir a obra que Deus fez desde o princípio até ao fim.

[...]

¹⁴ Eu sei que tudo quanto Deus faz durará eternamente; nada se lhe deve acrescentar, e nada se lhe deve tirar; e isto faz Deus para que haja temor diante dele.

¹⁵ O que é, já foi; e o que há de ser, também já foi; e Deus pede conta do que passou.

Assim, observa-se que a concepção mítica da temporalidade enquanto presença divina na teogonia é similar, neste particular, ao legado que a cristandade deixou na cultura ocidental acerca do lugar da temporalidade na existência humana (falaremos um pouco mais detidamente sobre isso, em capítulo específico). Os gregos hesiódicos “vivem na proximidade dos Deuses, em um tempo cujos dias não se deixam medir por quaisquer números, pois cada dia então se mostra com as características e qualidades mesmas do Deus que nesse dia se manifesta e se comemora” (TORRANO, 1995, p. 2). Na experiência histórica expressa por Hesíodo, à época, o mundo não seria

uma materialidade fundada em uma essência universalmente homogênea, subsistente por si mesma, e entregue às suas próprias leis [...] e nas quais ela em seus movimentos e transformações se inscreve. Não há, nas diversas partes do cosmo, essa homogeneidade sob os fenômenos, nem essas diversas partes se regulam por leis intrínsecas, constantes e universais. (TORRANO, 1995, p. 42)

Deste modo, pelo que se depreende, as fases cósmicas que constituem o espaço histórico da teofania não se encontram nem em uma sucessão propriamente cronológica, nem simultânea. Ao contrário, distinguem-se uma da outra por uma temporalidade qualitativamente diversa, sendo que não esbarram em um horizonte temporal único, delimitadas por nenhuma relação de anterioridade e posterioridade. O que se observa é o traço da continuidade, de modo que cada evento implica todos os demais, existindo, portanto, essa continuidade, de modo “multidirecional, multívoca e complexa”. Dito de outro modo, tal continuidade se dava ao modo de uma contiguidade, onde todos os múltiplos tempos eram “contemporâneos”: “tempos compostos de momentos imóveis, permanentes em si mesmos, e não entendidos como sucessão, fluxo e escoamento” (TORRANO, 1995, p. 44).

Eis alguns exemplos que podem auxiliar a compreensão desta concepção de contiguidade, elencados por Torrano (1995, p. 77): Hécate, nutriz de jovens desde seu nascimento, por outorga de Zeus, não nasceu sob o reinado de Zeus; a “Grande Partilha (pela qual Zeus instaura e impõe a sua Ordem e a sua Justiça) determina e ordena fatos que, em uma perspectiva cronológica pautada pelo antes-e-depois, deveriam dar-se antes dessa mesma Grande Partilha”. Conclui-se, assim, que “não tem sentido nem função na Teogonia o princípio cronológico do antes-e-depois”. Outro exemplo é, “de acordo com esse princípio o cruel comportamento de Cronos para com seus filhos, motivado por uma decisão da vontade de um Zeus, ainda por nascer”.

Um terceiro exemplo diz respeito ao sentido expresso pelos termos “primeiro” e “depois”. Nos versos 116-7 (1995, p. 71) que dizem: "Sim bem primeiro nasceu Caos depois também / Terra de amplo seio", estes "bem primeiro" (protista) e "depois" (épeita), não equivalem a uma marcação cronológica que vise estabelecer uma relação de anterioridade e posterioridade no tempo. Antes, carregadas de um sentido ontológico e não cronológico, constituem-se de “um recurso, entre outros, de que Hesíodo se serve para indicar a prioridade meônica (do Não-Ser, que se exprime na imagem mítica do Kháos e do Tártaro) na constituição ôntica de cada ente em que se explicita o Ser-Fundamento da Terra”. Com tal recurso, Hesíodo parece igualmente querer demonstrar que, diante do fato de Kháos ter nascido primeiríssimo (protista, v. 116) e a Terra ter vindo depois (épeita, v. 116), Kháos tem uma envergadura e um peso mais decisivos na constituição de cada ser do que o Ser-Fundamento da Terra e Éros, enquanto força cosmogônica e filogenética de procriação dos seres vivos. Assim, naquele universo, “os eventos não se organizam segundo o princípio cronológico do antes-e-depois, mas segundo o princípio crato-ontológico da força-de-ser” (TORRANO, p. 71, 72 a76).

Explicitando um pouco mais, nas três fases cósmicas: primeiro a do Céu primordial, depois a do Kósmos de Cronos e em terceiro a da realeza de Zeus, essa "sucessão" não é uma sequência pautada pelo princípio cronológico do antes-e-depois. Na Teogonia, “o tempo e a temporalidade se subordinam ao exercício dos Poderes divinos e à ação e Presença das Potestades divinas” [...] “o tempo não é de modo algum uma categoria absoluta e nem sequer uma categoria. Nem há, na língua de Hesíodo, uma palavra que designe o tempo de um modo abstrato”. O tempo sempre se indica “através de expressões adverbiais, adjetivas ou verbais; não é substantivo e deve sempre subordinar-se às exigências do Ser revelado na Teogonia como a força-de-ser, i.e., o poder de fazer-se Presença e de Presentificar” (TORRANO, 1995, p. 77).

Torrano arrazoa, portanto, que “o tempo como pura extensão e quantificabilidade é uma representação elaborada por nossa cultura moderna e exclusivamente nossa, que tal concepção não existe na teogonia nem em outras civilizações. O autor ainda se apercebe de como é difícil para nós sequer pensar essa concepção de tempo como mero traço cultural, pois o histórico sem dúvida representa para nós modernos uma realidade última que não só é o objeto constitutivo das ciências históricas como ainda confere inteligibilidade a nossas vidas; por meio de uma participação no mo(vi)mento histórico (no chamado "momento histórico") é que, em um universo cultural inteiramente não-sagrado e neutro, nossas vidas ganham ou podem ganhar sentido (TORRANO, 1995, p. 71).

Assevera, ainda, o autor, sobre a concepção temporal que passou a vigorar muitos séculos depois (TORRANO, 1995, p. 42): “essa imagem do mundo é um produto da nossa ciência moderna e não extrapola as nossas modernas crenças científicas.” E poderíamos nós mesmos também dizer que na atualidade tal concepção consiste, primordialmente, na medição, na compartimentação em períodos e etapas e na mensurabilidade de afazeres e ocupações que visam, por sua vez, construir objetos e atingir metas.

Quando a Teogonia menciona a união de Zeus com Memória, acrescenta-se à pauta da discussão da temporalidade o lugar e a função da linguagem enquanto instrumento de poder, desde então. Segundo o autor (TORRANO, 1995, p. 24), “se na Teogonia há uma imanência recíproca entre linguagem e ser, esta imanência se dá pela recíproca imanência entre linguagem e poder – o poder de configurar o mundo e de decidir quais possibilidades nele se oferecerão em cada caso ao homem”.

Por fim, acerca dessa referência à linguagem, é relevante essa aproximação na presente análise, tendo em vista a conexão entre o tratamento concedido à questão da temporalidade no contemporâneo e sua veiculação por intermédio de uma linguagem bastante peculiar, específica e contundente na propositura dos projetos de “gerenciamento do tempo”. Tal relação se fará constar em nossa discussão, quando da análise deste fenômeno por intermédio dos cursos analisados, à luz de elementos que compõem o quadro da Era da Técnica, em capítulo posterior.

Uma alma que deveria ser imortal
 Mas, quem de verdade, iria querer ser imortal?
 Que tédio seria saber que o que acontece hoje, este mês, este ano, não importa
 Nada teria importância
 Ninguém aqui sabe o que seria viver eternamente
 E é uma benção nunca sabermos
 Uma coisa eu garanto a vocês
 Este eterno paraíso da imortalidade seria infernal
 É a morte e somente a morte,
 Que dá a cada momento beleza e horror
 Apenas pela morte o tempo ganha vida
 Por que Deus não sabe disso?
 Por que ele nos ameaça com uma eternidade que só pode ser insuportavelmente vazia?

3. O TEMPO DA FILOSOFIA

Conforme dissemos na introdução de nosso trabalho, a digressão conceitual e histórica do conceito de tempo não constitui o foco da presente discussão; nem é nosso intento proceder a um estudo diacrônico que revise em profundidade as concepções históricas e filosóficas acerca da questão. Não obstante, recuperamos aqui alguns momentos fundamentais da reflexão sobre o tempo na filosofia, por partilharmos da mesma opinião contida em Reis (1997, p. 381): “A tarefa da filosofia é, decerto, a de chegar à verdade por meio da reflexão pessoal e não só a de se contentar com a transmissão morta das tradições; mas não é menos verdade que tal reflexão se faz a partir dessas mesmas tradições, pelo que é imprescindível a sua análise”.

Certamente, o tema é tão crucial que mobilizou atenção e esforços de inúmeros pensadores. A tal ponto que seria impossível mencioná-los todos. Faremos referência somente a alguns considerados mais significativos no estudo da questão, abordando de modo relativamente breve alguns aspectos centrais de suas respectivas concepções. Nosso intuito é tão somente refazer o percurso diante do qual poderemos refletir sobre o espírito do difundido e enaltecido “gerenciamento do tempo” tal como se apresenta em nossos dias.

Do ponto de vista da importância do tema na filosofia, da qual nos ocuparemos a seguir, Alves (2007, p. 116) nos diz que tal reflexão esteve colocada em sua pauta de tal modo que “seu tratamento quase passou a dispensar qualquer justificção prévia acerca da sua relevância, ao mesmo tempo que o significado do próprio tema perdia a precisão dos seus contornos teóricos iniciais e ia evoluindo para uma nebulosa de forma cada vez mais indefinida”.

Verifiquemos um pouco mais este lugar, portanto: Uma das mais antigas concepções filosóficas escritas sobre o tempo, a que temos acesso, segundo Japiassú; Marcondes, dizem respeito às ideias de Zenão de Eléia, filósofo grego que “notabilizou-se, sobretudo, por seus paradoxos acerca do tempo” e que tratava de processos finitos e infinitos, através do método de redução ao absurdo. O “argumento central desses paradoxos parte da divisibilidade ao infinito do espaço, e da necessidade de algum corpo em movimento percorrer um espaço infinito em um tempo finito, o que, por ser impossível, faria com que o corpo permanecesse imóvel” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p. 196). Em resumo, Zenão apregoava, precisamente, a negação do movimento e, por extensão, do tempo. Segundo Oliveira e Araújo (2016, p. 219), ocorre uma opressão do espaço sobre o tempo nos paradoxos de Zenão: O filósofo suprimia o tempo e ficava só com o espaço lido nos intervalos infinitos entre um ponto e outro, razão pela qual Aquiles nunca poderia alcançar a tartaruga.

As aporias que resultaram de seu sistema de pensamento terminaram por propalar e defender as ideias de seu mentor Parmênides, de Eléia. Assim como Zelão quis demonstrar que o movimento e o tempo, como equivalentes, são absurdos, igualmente o fez Parmênides, que criou, no entanto, uma nova forma de pensamento reflexivo em que a razão se fazia indispensável ao conhecimento, ao contrário de escolas filosóficas anteriores, como a pitagórica. Por esta nova forma, a explicação dos fenômenos naturais do universo teria que se dar por intermédio dos números ou por crenças na transmigração e purificação da alma mediante uma vida austera e devota. Assim, para a escola eleata, existiria uma realidade eterna, imutável e imóvel que poderia se desvelar pelo pensamento e não por intermédio dos sentidos.

Zenão considerava o espaço infinitamente divisível e o tempo, limitado. Tal se faz ver especialmente na paráfrase que fazemos do paradoxo conhecido como Aquiles-Tartaruga: Aquiles, o herói grego decide apostar uma corrida de cem metros com uma tartaruga. No entanto, sendo dez vezes mais rápido, à tartaruga é dada a vantagem de iniciar a corrida oitenta metros à frente. Quando Aquiles atinge os oitenta metros de onde havia partido a tartaruga, esta, por sua vez já está à frente oito metros. O tempo gasto por Aquiles para atingir novamente esta distância é o tempo em que ela já se distanciara mais 0,8 metros e assim sucessivamente. Zenão quer com isso demonstrar que não importa quanto tempo passe, Aquiles nunca irá alcançar a tartaruga. O fato de o senso comum asseverar que sim, Aquiles iria, inclusive, ultrapassá-la, não impedia Zenão de considerar a questão um paradoxo, tendo em vista que, segundo sua concepção, supõe-se intuitivamente que seria necessário passar um tempo infinito para Aquiles alcançar a tartaruga, já que não se pode percorrer uma quantidade infinita de segmentos espaciais em um tempo finito.

Dito de outro modo, um espaço não pode ser percorrido sem que todas as suas partes o sejam e isso é impossível, porque tais partes são em número infinito. Zenão desconsiderava que os infinitos intervalos de tempo formam uma progressão geométrica cuja soma resulta em um valor finito, em que Aquiles não só encontraria a tartaruga, como poderia ultrapassá-la. O filósofo não concebia, com base nos conhecimentos de então, que seria possível dividir o tempo em um número de partes cuja soma fosse finita. O modelo físico-matemático atual, no entanto, assevera que a soma de tais distâncias é sim, finita, com base na realidade observável.

Outro pensador que vale a pena mencionar é Górgias. Em relação à temporalidade, sustenta uma ética do kairós (da ocasião, do momento oportuno), salientando a relevância do contexto na concepção de uma ação digna e justa. Para ele nada existe, porque nem o ser nem o não ser são dados da experiência. Por isso, não há uma relação do ser com o não ser, pois o

juízo se tornaria impossível caso o ser participasse do não ser e vice-versa. Se existisse alguma coisa, não poderíamos reconhecê-la, porque a realidade sensível não é inteligível, e o que seria inteligível não é dado, portanto é inexistente. Se pudéssemos conhecer alguma coisa, nada poderíamos dizer sobre ela. Uma vez que a linguagem é perfeitamente arbitrária, as palavras traem o pensamento. Portanto, em sua argumentação, qualquer juízo distinto de "o ser é" seria absurdo, uma vez que confunde o sujeito e seus atributos.

Ao tratar da impossibilidade do Ser, Santos (2008, p. 45) nos diz que Górgias usa as categorias antagônicas de *aidíon* e *genetón*. Porque impossibilidade? Porque o Ser não é, pois se fosse, ou seria: (a) sempre (*aidíon*) ou (b) gerado (*genetón*) ou (c) sempre e gerado ao mesmo tempo. Mas não é de nenhuma dessas maneiras, logo, não é. Se fosse sempre, não teria começo. Posto que o que é gerado tem começo, o que é sempre (não gerado) não teve começo, e o que não tem começo é ilimitado. Se ilimitado, não está em lugar algum, pois se existisse em um lugar, seria diferente desse lugar que o contém; logo, não será mais ilimitado, pois não há nada maior que o ilimitado.

Da origem do Ser, Górgias passa a falar de sua dimensão e lugar: se for sempre, o Ser deve ser ilimitado. Assim, *aídion* e *apeíron* estão relacionados: o aspecto do sempiterno e do que não tem limites (tempo e lugar, se podemos assim dizer). De tal modo, apesar de não ter se ocupado de um tratado específico a respeito do tempo, o cerne de seu pensamento pode se estender a todos os fenômenos dos quais se ocupa o homem e nos conduzir a uma perspectiva provocadora a respeito deles: O filósofo grego não acreditava na existência de uma ciência real. Para ele, é impossível saber o que existe verdadeiramente e o que não existe: “ainda que algo pudesse existir, não seria reconhecível nem concebível pelo homem” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p. 86). Poderíamos incluir neste “algo”, também, o tempo?

Plotino, considerado um dos principais filósofos de língua grega do mundo antigo, por sua vez, já se ocupa do tema de forma bastante minuciosa. Havendo fundado sua própria escola filosófica, para ela acorreram adeptos entusiastas. Seu objetivo era renovar o platonismo, pelo que sua obra é considerada a mais célebre do conjunto do neoplatonismo. Após ser convencido por alguns de seus discípulos, em 255 d.C, decidiu-se por registrar suas próprias ideias, o que foi levado a efeito por um deles, Porfírio. Deixou cinquenta e quatro tratados reagrupados em seis enéadas (grupos de nove). Sua concepção de temporalidade foi construída sob o prisma teológico-metafísico e é discutida mais profundamente no sétimo tratado da terceira enéada: "Sobre a Eternidade e Tempo" (Japiassú; Marcondes, 2001, p. 152). De tal feita, seus escritos passaram a servir de referência em diversas cátedras, sempre que se retoma a questão. Plotino

recupera as antigas concepções de Aristóteles sobre o tempo (para quem o movimento é conceito premente), conferindo-lhe, entretantes, uma roupagem platônica ao recuperar a questão da eternidade em sua discussão.

Reis (1997, p. 381-383) avalia que enquanto os antigos (em destaque, Aristóteles) interrogavam-se sobre de que modo o tempo adivinha do movimento sensível, Plotino interessou-se em ponderar acerca do movimento da alma – segundo ele, alicerce do movimento sensível. Assim, na concepção aristotélica que, segundo ele, era ambígua, “o tempo era algo relacionado ao movimento, mas não o próprio movimento em si; e embora não fosse um dado a priori, concebido pelo sujeito para ordenar a desorganização do real, haveria, por um lado, um tempo em si mesmo e, por outro, o movimento”. Plotino também pareceu rejeitar, preventivamente, o formalismo kantiano anterior: “Dizer que o tempo consiste em algo que não tem nem substância nem existência é evidentemente dizer que o próprio Deus se engana ao dizer que isto ou aquilo foi ou será; apenas foi ou será, na exacta medida em que houver aquilo que foi ou será” (REIS, 1997, p. 228).

A significativa contribuição com o estudo do tempo, por parte de Plotino, se dá a perceber, especialmente, quando seu pensamento desconstrói o raciocínio mediante o qual se dizia que o tempo é um número e, assim, confunde-se o numerado com o numerante; o que é medido com a medida. Para o neoplatônico, a grandeza do tempo era contínua e poderia ser abstratamente representável por meio de unidades descontínuadas como as horas e os anos, por exemplo. Plotino refutava, pois, conforme Sabóia (2007, p. 25), citando Pietre, a ideia da medição das grandezas (por exemplo, considerar uma porção de espaço percorrido resultaria de que o tempo corresponde à medição do espaço), afirmando que não era necessário medi-las para que existissem.

O tempo enquanto algo próprio do movimento, neste caso, como medida do movimento, para Plotino, não poderia ser o número numerante, uma vez que não possuía qualquer relação com o tempo em si mesmo (MARCONDES; JAPIASSU, 2001, p. 14). Ele cogita se seria ele o número *numerado*, *então*, que mede enquanto medido pelo movimento – uma espécie de *magnitude* do movimento. Entretantes, se assim fosse, o tempo seria como uma linha que acompanha o movimento, conferindo medida ao acompanhamento. Ao que Plotino, conforme Japiassú; Marcondes (2001, p. 14), coloca uma interrogação: Não seria então o movimento que leva o tempo “para frente”? Se a resposta fosse afirmativa, ter-se-ia que, ao parar o movimento, pararia igualmente o tempo. Como tal não acontece, o tempo não pode ser nem o número que mede nem o que o é medido pelo movimento – nem o número numerante, nem o numerado.

Na tentativa de compreender em que diferiria o tempo dos números, o filósofo expõe: “O movimento pode ser medido pelo tempo de modo a se poder dizer do movimento que ele durou duas horas ou dez minutos, mas o tempo não está no *duas* ou no *dez*, mas sim no *durou*.” Mas Plotino aprofunda ainda mais o tema, buscando explicitá-lo desde as origens, conforme cita Schiochett (2009, p. 19)

Como não se pode delimitar o tempo com a Alma, nem medir por si mesma cada uma de suas partes, já que o tempo é indivisível e inapreensível e não existe todavia possibilidade de contar, a Alma “produz a noite e o dia”. Tomando como base essa diferenciação surge então a ideia de dois, e por ela, acrescenta [Platão], se origina a noção de número. O movimento do universo se mede em relação ao tempo, mas o tempo não é uma medida do movimento, mas fundamentalmente, outra coisa, fazendo apenas manifesta, por acidente, a quantidade do movimento. O tempo fica manifesto pela revolução do sol, mas não é engendrado por esta revolução, mas apenas conhecido por ela. [...] Daí que alguns se sintam inclinados a dizer que [o tempo] era a medida do movimento em vez de afirmar que era o medido pelo movimento, mas sem conhecer seu caráter de algo accidental, coisas ambas de sentido inverso.

Plotino parte, pois, da concepção aristotélica, mas se contrapõe à sua linha de raciocínio ao dizer que tempo e movimento não se identificam: o movimento se daria no tempo, mas não em uma relação de dependência, como ponderara Aristóteles, ao considerar que o movimento gerava o tempo e por isso, ele só poderia ocorrer no tempo. A ideia de que se tratavam de duas coisas distintas ele julgava facilmente comprovável a partir do fato de que quando o movimento é interrompido ou cessa por completo, o tempo continua. Para Plotino, estava claro, pois, que o movimento das esferas e o tempo eram fenômenos diferentes. A interseção entre eles, caso houvesse, seria aquilo que nos faria dizer que “o tempo passa”. No entanto, não seria o movimento que faria o tempo passar; posto que “*o movimento indicaria apenas a presença do tempo*” (SCHIOCHETT, 2009, p. 13).

Outra vertente possível defendida por ele era a de que o tempo também não seria uma dada extensão do movimento, pois há movimentos de velocidades distintas. Deste modo, não haveria como estipular nenhum deles como unidade de referência de medida – outra extensão deveria ser tal unidade e esta sim, seria o tempo. E qual seria ela, então, se a medida de qualquer movimento dito regular seria sempre relativa a outra extensão determinada ou indeterminada? Analisa, pois, Plotino, que a natureza do tempo não se revela mesmo sabendo-se de sua relação com a medida do movimento – não se sabe o que tal medida é. Ao que pese tal indefinição, Diz Reis (1997, p. 387) que Plotino se arrisca a fazer algumas declarações, como por exemplo, que

“o tempo é uma continuidade própria, que não necessita do número que conta ou que simplesmente divide”. Assim, um número qualquer que se possa tomar para medir o tempo é exatamente o mesmo que se aplica a qualquer coisa que se queira contar e permanece sendo o que é antes e depois de ser relacionado ao objeto contado; sendo, portanto, a pura noção de número, insuficiente para exprimir a natureza do tempo. Ademais, sendo o tempo infinito, como seria possível medi-lo utilizando um número? É interessante aperceber-se que a conclusão a que chega o pensador, acerca de tais interrogações, tangencia o que discutiremos mais adiante, em capítulo específico e que diz de modo mais particular ao nosso interesse central: a discussão acerca do “gerenciamento do tempo”, com base no pensamento heideggeriano. Conclui Plotino que o tempo “possui o ser, mesmo antes de o medirmos”, uma vez que, diz Reis (1997, p. 386), a parte que se abstrai dele, para contá-lo, já é tempo.

Ao analisar as ideias aristotélicas como, por exemplo, a consideração de que o tempo seria o que mede, em conformidade com o que é anterior e posterior, Plotino vai afirmar que se o tempo mede o movimento, deve ter relação com ele, já que não permaneceria imóvel enquanto mede o movimento mas, no entanto, tal movimento não seria um movimento sensível. Para o filósofo, deste modo não haveria uma medição feita por alguém do “antes” e do “depois”; mas propriedades do próprio movimento. Do contrário, afirmou, “uma grandeza permanece indeterminada até que alguém veja que medida ela tem” (REIS, p. 386).

Sobre este tópico específico, portanto, concluiu que o antes e o depois evidenciariam a passagem do tempo, mas a natureza própria do tempo não seria indicada pura e simplesmente por essa “passagem”. Não obstante, em relação ao motivo de sempre associar-se o tempo a esse movimento de passagem, acreditava que era o pensamento a causa de tal associação: a impossibilidade humana de conceber sua “existência” fora do pensar: “... não se vê por que razão o tempo não existiria antes de um pensamento o medir”. Neste ponto, uma nova interrogação poderia surgir: Seria o tempo gerado pelo pensamento? “A menos que o pensamento o gere” (SCHIOCHETT, 2009, p. 15). De fato, para o filósofo, o tempo é gerado como propriedade da Alma – não como puro movimento ôntico do mundo, mas como engendrador do mundo sensível (manifestação exterior à Alma), por intermédio da inteligência. O tempo seria, portanto, o movimento da Alma, nunca saciada, ansiosa por plenitude, imagem da eternidade, conforme Plotino, citado por Schiochett (2009, p. 17):

A Alma fez o mundo sensível tomando a imagem do mundo inteligível, mas o fez móvel, mas não com o movimento daquele, senão com um movimento que se lhe assemelha e que quer ser sua imagem. Em primeiro lugar, a Alma se fez temporal e

produziu o tempo em lugar da eternidade; logo, deixou submetido ao tempo tudo o que ela havia engendrado, incluindo-o no tempo e encerrando aí seu próprio desenvolvimento.

A concepção de que as coisas do mundo sensível são reflexos do mundo inteligível, defendidas por Plotino é, pois, devedora da concepção platônica:

Enquanto a eternidade é um todo compacto, o tempo é um todo disperso, extenso, e daí sua relação com o espaço e o movimento. Esta era uma das aporias que Aristóteles já havia demonstrado. Mas para Plotino isso não é mais problema. Se algo mede ou é medido pelo movimento não é pelo tempo em si. O que permite tal medida é algo accidental ao tempo. O tempo em si não mede o movimento. E nem este o tempo. A Alma que produz todas as coisas cria a “noite e o dia”, afirma Plotino, citando Platão (SCHIOCHETT, p. 19)

Plotino considerava a vida como infinita, por ser universal; enquanto o tempo seria uma imagem móvel, derivada da eternidade imóvel. A eternidade não consistiria no repouso, conquanto a primeira participe do segundo, sendo somente uma consequência sua, um atributo do ser inteligível, uma unidade indivisível, sem qualquer extensão e não seria, assim, de modo algum, o tempo. Estreitamente correlacionada à questão da eternidade, está outra: a da temporalidade do ser. Para Plotino, “o ser temporal é constantemente o “não-ser” e por isso uma “aspiração”, o ser eterno nada tem de um tal “não-ser” pelo que “a nada aspira”; é sempre já a “saciedade” [...] Não é de resto outra a razão, conclui, pela qual à eternidade se chama o aiôn: isto é, o “ser sempre”, o “nunca ser o nada”; ou, com mais rigor, o “ser sem mais”, isto é, sem o nada (Reis, 1997, p. 389 - 391).

Subsequente e inevitavelmente, chega-se, diante da questão da temporalidade do ser, a outro desafio a enfrentar: o debate e o confronto diante da experiência de viver na eternidade; a experiência de viver sem falta alguma, o que justamente constituiria a eternidade do ser “sendo sempre”. E assim, Plotino convidou a pensar:

Imaginai alguém que jamais se deixa apartar da contemplação desses seres, antes está para sempre unido a eles; alguém que, tomado pelo encanto que eles exercem, é capaz de os contemplar infatigavelmente. E, mais do que imaginar isso, tentai vós próprios, depois de vos terdes elevado à eternidade, permanecer imóveis sem jamais decair, a fim de serdes vós também eternos como eles, contemplando a eternidade e os seus seres através do que de eterno há em vós». Essa vida assim imutável e cativa do seu objecto, é isso a eternidade. «O ser eterno, ou que é sempre (aei on), é aquele que não tem em absoluto nenhuma tendência a mudar de natureza, porque possui por completo a sua vida, sem nada se lhe acrescentar, seja no passado, no presente ou no futuro».

Nada lhe faltando, nem obviamente nada perdendo, é para sempre o que é, tem uma duração infinita, «é uma vida sem limites» em todos os sentidos, ou seja, em relação quer à compreensão quer à duração do ser. Eis como, partindo da natureza do ser inteligível, se vê efectivamente, se intui que ele tem de durar sempre: a eternidade não é um seu atributo accidental, que gratuitamente se lhe juntaria, mas um atributo essencial, que se vê derivar dele necessariamente. (REIS, 1997, p. 391)

A concepção subjacente à complexa e elaborada dissertação de Plotino sobre o tempo, conquanto muito dela não se tenha esclarecido, é a de que o movimento visível e secundário a um movimento mais originário é que seria, de fato, o tempo. Em síntese, para ele, o tempo não seria nem o espaço percorrido pelo movimento, nem o próprio movimento multiplicado, nem o número dos vários períodos, nem uma grandeza a progredir com o movimento igualmente medida pelo espaço e numerada, nem por fim a divisão e caracterização em antes, agora e depois do próprio movimento da Alma e por consequência do tempo propriamente dito. Seria, antes, o puro acontecer deste movimento, o qual, sendo contínuo e sucessivo, se pode então dividir e caracterizar como antes, agora e depois (REIS, 1997, p. 388).

E Plotino vai além: “Tempo é o “ser que tem o nada antes”: é o fazer, o analítico “acontecer do ser”, quando se trata do acontecer positivo, e o desfazer, o analítico “acontecer do nada” (tratando-se da destruição). Se derivando da eternidade o tempo, diz Plotino que isto não significa de modo nenhum que ele seja posterior à eternidade, como se houvesse “um tempo” em que o tempo não existia. Tal posterioridade seria tão somente lógica e de natureza significando que o ser inteligível estava em uma tranquilidade absoluta e o tempo teria nascido de sua queda. Segue aqui, mais uma vez, os ideais dos mitos de Platão em que ao início, o homem “repousava no ser”, onde “não era tempo” porque “conservava a sua completa imobilidade”, mas que a natureza – a *physis* grega, o princípio interno de movimento, que é afinal a Alma, desejosa de ação, querendo ser senhora de si e existir para si, decidira-se por procurar um estado melhor que seu estado presente - apenas potencial. Sua natureza teria, de tal feita, movimentado-se, pondo o tempo em movimento e ambos se dirigiram para um futuro sempre novo, para um estado distinto do anterior. Assim se teria feito o tempo, que é uma imagem da eternidade (REIS, 1997, p. 395-397).

As três hipóstases criadas por Plotino fazem referência à genealogia hesiódica dos três grandes deuses: Ouranos, Cronos e Zeus. Assim o filósofo explicitava tal correspondência: Se Cronos gera Zeus “assim também a Inteligência, uma vez atingida a sua perfeição, gera a Alma, posto que um ser acabado tem de gerar e uma tão grande potência não poderia ficar estéril” (REIS, 1997, p. 240-398). Assim Plotino explicava o nascimento a partir da eternidade: Por um

“transbordamento” de ser, em que o original fica imóvel. O tempo não seria mais a eternidade, posto que esta é apenas própria do ser inteligível. Porque isto teria acontecido e a que se referia Porfírio ao falar de “queda”, explicita Reis que a Alma, não tendo em si os Inteligíveis, aspira permanentemente a eles e, não os tendo, sendo nada, precisa se reportar intencionalmente ao mundo inteligível para tê-los.

A composição prossegue: Enquanto o Uno, ele próprio é uma vida ou ato completamente contido em si mesmo e por isso um puro “estar vigilante”; já a Inteligência, contém a dualidade sujeito-objeto: Objeto possuído, um “movimento”, porém “em repouso”. A Alma, por sua vez, contempla os objetos na Inteligência – é um movimento efetivo. Ao contrário da “saciedade” da Inteligência, que gerava a eternidade, ela é antes “falta” e por isso “desejo”, o qual sucessivamente satisfeito é o tempo. Nessa tessitura conceitual, o tempo seria tomado como a continuada contemplação da totalidade do Inteligível por parte da Alma: “primeiro ela mesma se tornou temporal, produzindo o tempo na vez da eternidade, depois submeteu ao tempo o mundo por si gerado” (REIS, 1997, p. 399). Sempre presa ao Inteligível, do qual recebe o próprio ser que a alimenta, a Alma se faz temporal. Ao fazer-se, como diz Plotino, “uma vida progressivamente diferente, ela ocupa um tempo diferente. Daí a sua definição do tempo: “é a vida da alma, que consiste no movimento pelo qual ela passa de um estado a outro”. Assim como a eternidade é “uma vida no repouso”, assim o tempo é uma “imagem da eternidade”. Tal como a eternidade derivava do ser inteligível, assim também o tempo passa a derivar da vida da Alma, repete Plotino, pelo que não deve ser procurado em outro lugar – a sua vida de agora não é a mesma que a sua vida precedente, mas uma sucessão.

A Alma, contudo, segundo o filósofo, não se aterá a este puro movimento da contemplação do Inteligível. Como é ainda, à imagem do Uno e da Inteligência, um ser perfeito e capaz de produzir, volta-se igualmente para baixo e produz o universo sensível. (REIS, 1997, p. 404). Plotino, a propósito, seria de tal modo, o precursor de Bergson, para quem o tempo matemático (o das equações da mecânica), não passa de um parâmetro que se junta à extensão, uma vez desligado da experiência subjectiva da duração: O tempo é a expressão da incompletude, da imperfeição, da falta. Falta esta que seria retomada séculos depois [...] enquanto fator fundamental, assim como a temporalidade para a vida e organização psíquica do sujeito (SABÓIA, 2007, p. 26).

Plotino pensa o tempo, pois, como o meio onde tudo se passa, para além das categorias do que é visível, do que está em repouso ou movimento – e apenas o identifica em virtude dos seus próprios princípios, com o movimento da Alma. Sua posição não é muito diferente da de

Aristóteles, conforme dito anteriormente. Não obstante, para além do espírito diferente dos dois sistemas, o diferencial do pensamento de Plotino é a atenção conferida à dimensão ontológica, enquanto Aristóteles ressalta o “acontecer” do movimento na base do tempo. A simples continuidade já é tempo, sem ser preciso qualquer determinação do antes e do depois, porque tempo é para ele, antes de tudo, a dimensão ontológica (REIS, 1997, p. 408, 409).

Enquanto Agostinho (e voltaremos a ele, adiante) pergunta como são possíveis o «passado» e o «futuro» que já ou ainda não existem, em Plotino o tempo não passa do «presente em sua continuidade», abstraindo ainda aqui obviamente da caracterização expressa de «presente», que implica a referência ao passado e ao futuro como tais: é o deixarmo-nos simplesmente «ir no que acontece», sem momentos de imaginação para trás ou para diante.

Plotino encontra-se situado entre o pensamento grego clássico e o judaico-cristão. O tempo parece ser uma ilusão já que parece existir para acabar. Assim sendo, ele prefere visivelmente o escatológico ao cíclico (REIS, 1997, 430-431). A alma desce ao tempo, mas para voltar à eternidade. O tempo é posto, mas tão somente para ser abolido. Certamente, embora devesse continuar a existir para a alma humana o mesmo tempo que parece infinito nas almas dos astros, em última análise, não é o que de fato ocorre (REIS, 1997, p. 432). E para justificá-lo, da perspectiva da salvação, que é a sua, o verdadeiro tempo, do qual precisamos nos libertar, não é aquele em que não há mais nem passado nem futuro e em que há a segurança e a paz da contemplação do inteligível, mas o tempo próprio do raciocínio, com a sua memória e a sua previsão e com toda a insegurança e preocupações que daí derivam. Uma vez libertos deste tempo, quem sabe não estaríamos na própria eternidade? Uma vez terminado o tempo humano da “prova”, do ponto de vista teológico, parece não haver mais tempo de nenhuma espécie. Guittou vê nas proposituras de Plotino “um erro ou engano: O tempo em Plotino não é só uma ilusão por ser um projecto falhado, mas uma ilusão em si mesmo, isto é, ao fim e ao cabo não há tempo”. Em outras palavras, “o que aparece no tempo é exactamente o que já existe na eternidade – e por sempre de novo voltar a ela, o tempo não é nada em si mesmo, mas a própria eternidade”. Ao que se percebe que há um tempo que “simultaneamente é uma caricatura da eternidade e um simulacro do verdadeiro tempo, o resíduo que se obtém quando no movimento, na vida e na história se congelou o tempo” (REIS, 1997, p. 433).

Do ponto de vista da alma humana, o tempo aparece como algo negativo; seja ou por configurar-se de modo ilusório em si mesmo, seja como a ilusão derivada de um projeto falido (REIS, 1997, p. 436, 437). A passagem do nada ao ser, em Plotino dá-se ao contrário: o nada é que é o ser e o ser o nada – trata-se “não de uma produção, mas de uma destruição progressiva

do uno no múltiplo – o que lhe confere a total ausência de determinações (que é agora o ser), posto que as determinações são agora o nada. A parente desvalorização do tempo não estaria vinculada apenas ao plano salvífico, mas também no ôntico. Tanto que se o ser temporal possuísse algum valor intrínseco, sua destruição não representaria uma salvação, mas uma perda. Justamente por não tê-lo, sua aniquilação não traz prejuízo algum. Por este prisma, o tempo é mais do que uma ilusão em si mesmo – é o nada puro e simples.

Enquanto Plotino havia colocado no mesmo campo do *Ser Inteligível* (embora segundo uma fixa relação hierárquica), eternidade e tempo, ambos suspensos de uma entidade que lhes é superior e que simultaneamente os dignifica, o tempo, que afinal passa a ser metafisicamente menos do que a matéria em Agostinho, separa-se da eternidade como o profano do sagrado. Além do mais, Sagrado e Eternidade tanto se implicam e se identificam, como de si excluem o tempo ao qual os seres se ligam como seu único terreno natural. Assim, Plotino atribui ao tempo uma tal abrangência que chega mesmo a ser um dos mais importantes veículos de uma sacralização igualmente necessária da natureza e de tudo quanto nela há como temporal. Noção que, estendida e equiparada ao tempo histórico, perde “a originalidade, a riqueza e a autonomia necessárias para uma concepção da dinâmica liberdade/finalidade”. Apercebe-se, assim, que se por um lado, tal noção parece esvaziada, espraia-se, de outro modo, como riqueza. “E ao impasse metafísico deixado indesligável da recusa da solução plotiniana tentar-se-ão soluções já marcadas por aquela dessacralização que se deve principalmente à reflexão agostiniana” (MACEDO, 1992, p. 47- 48), à qual nos reportaremos adiante.

Até aqui, podemos nos dar conta de que as tantas, diferentes e complexas construções conceituais testificam uma vez mais a influência dos processos de transformação e desvelamento histórico de possibilidades disponíveis para compreender a temporalidade. Tal influência culmina na produção de inúmeros efeitos psicológicos e sociais, entre outros, na vida cotidiana do indivíduo. Muitas outras concepções foram estabelecidas por distintos pensadores até o advento da teoria da relatividade de Albert Einstein, que mudou drasticamente a concepção de tempo prevalente até então; mas, até aqui, nos é suficiente o relato dos principais pensadores a respeito do tema.

Diante de tantos impasses e questionamentos sem respostas, diversos filósofos, pensadores e teóricos, a certa altura, recorrem definitivamente aos poetas. O fazem especialmente quando, na tentativa de buscar elucidar, por outro prisma, questões aparentemente insolúveis sobre o homem, suas conjecturas deságuam em aporias e mistérios. Tal aproximação é exemplar no que diz respeito à nossa temática aqui, a saber, a explicitação

da vivência e do sentido da experiência da temporalidade na vida humana e alguns de seus desdobramentos. Algo similar ao que se vê na proposta de gerenciar o tempo e que, talvez, represente de algum modo, o desejo de encontrar a imortalidade e alcançar o infinito. E se os filósofos o fizeram pela via do raciocínio lógico, da demonstração matemática, da dialética, do pensamento ou outros recursos intelectuais, os demais o fazem do alto de seus dramas existenciais e angústias. Os mesmos que, ao final, os unem e os tornam igualmente cavadores de infinito.

Cavador do Infinito

[...] sobe aos mundos mais imponderáveis,
Cava nas fundas eras insondáveis
O cavador do trágico Infinito.

E quanto mais pelo Infinito cava
mais o Infinito se transforma em lava
E o cavador se perde nas distâncias...

[...] Cava os abismos das eternas ânsias!

João da Cruz e Souza (1862-1898)

3.1. O estudo do tempo na fenomenologia

Com relação à Fenomenologia, Alves (2007, p. 115) situa em 1905 o ano em que se dá a primeira confrontação da fenomenologia com a consciência do tempo. Todas as imbricações correspondentes a tal encontro e que motivaram as pesquisas e reflexões de Husserl desde então, foram revisadas e organizadas por Edith Stein e publicadas por Heidegger em 1928.

Nas “Lições para uma Fenomenologia da Consciência Interna do Tempo” (2017, p. 44) Husserl coloca este tópico como sendo uma “antiquíssima cruz da psicologia descritiva e da teoria do conhecimento”. Relembra Santo Agostinho, dizendo que o filósofo, quanto à mesma problemática, a “sentiu a fundo... até as raízes do desespero”, em suas Confissões. Husserl considera-as insubstituíveis no estudo do problema do tempo: “porquanto nestas coisas a época moderna, orgulhosa do seu saber, não trouxe nada mais grandioso e mais considerável”. E admite, ainda mais, que ao tentar compreender mais profundamente a questão, “enredamo-nos nas mais estranhas dificuldades, contradições e confusões”.

O ano de 1905 é o da divulgação da teoria da relatividade, “o ano em que algo na nossa compreensão ordinária do tempo entra em reelaboração e se abre uma nova época”. E Alves cogita: “Será possível estabelecer um diálogo produtivo entre a revolução física e a clarificação fenomenológica dos múltiplos sentidos da temporalidade?” (ALVES, 2007, p. 119). O autor responde sua própria interrogação, dizendo que os dois campos – física e fenomenologia – se posicionam comumente de modo defensivo acerca deste tema. Tal postura termina por sobrepujar as diferenças existentes entre as duas concepções, em especial o fato de que a fenomenologia trata da experiência do tempo localizada nas formações intencionais com regresso até a consciência do tempo, de modo intuitivo, colocando-o entre parênteses para investigá-lo. Husserl deixa claro, a despeito de suas minuciosas investigações, que o tempo [...] é um título para uma esfera de problemas completamente delimitada e uma esfera de excepcional dificuldade (HUSSERL, 2017, p. 18).

Entrementes, a despeito de todos os melindres que Husserl admitiu existirem no tocante à compreensão e explicitação do tema, ousou fazer algumas afirmações com respeito às suas pesquisas:

O mundo real não é um dado fenomenológico, como também não o é o tempo do mundo, o tempo real, o tempo da natureza no sentido das ciências naturais e também da psicologia, a como ciência natural do psíquico [...] O que nós aceitamos, porém, não é a existência de um tempo do mundo, a existência de uma duração coisal e coisas semelhantes, mas antes o tempo que aparece, a duração que aparece como tal [...] sem

dúvida, aceitamos também um tempo que é; no entanto, esse não é o tempo do mundo da experiência, mas antes o tempo imanente do curso da consciência. (HUSSERL, 2017, p. 45-46)

Para a física, por outro lado, o tempo que se aborda é o “objectivo, próprio da natureza e dos processos reais [...] como grandeza acessível pelos cronômetros e já sem conexão com a experiência e a intuição” (ALVES, 2007, p. 119). O aparente abismo conceitual entre as duas matérias, segundo o autor, é a justificativa para dificultar a busca de quaisquer aproximações entre as duas visões. O estabelecimento desta distância insuperável teria sido proposta exatamente por Husserl, quando, em 1935, na conferência “A Crise da Humanidade Europeia e a Filosofia” ele teria discursado:

Os revolucionamentos de Einstein dizem respeito às fórmulas com que foi tratada a physis idealizada e ingenuamente objectivada. Mas como as fórmulas em geral, como os objectos matemáticos em geral recebem sentido a partir do subsolo da vida e do mundo circundante intuitivo, acerca disso não aprendemos nada, e, assim, não reforma Einstein o espaço e o tempo em que se desenrola a nossa vida vivente. (ALVES, 2007, p. 119)

Não obstante, Alves refuta a interpretação equivocada ou apressada de que tais declarações tivessem por alvo eleger a compreensão fenomenológica como capaz de sobrepujar a racionalidade científico-natural. Explicita que tais declarações teriam sido propostas tão somente para frisar a existência de um hiato na fundamentação dessa racionalidade que argumenta em favor da subsistência inequívoca de uma realidade exacta e objetiva, e de um ser igualmente “objectivo”, em estreita correlação com as teorias que se pretendem também exactas. Assim, Husserl, em “Lógica Formal e Transcendental”, declara ser “necessária uma aclaração de princípio a respeito da conexão do “logos do mundo da pura experiência” com o “logos do ser objectivo mundano e da ciência em sentido “mais elevado” (ALVES, 2007, p. 120).

Assinala-se, no entanto, que Husserl, do ponto de vista de Alves, coloca-se de modo “ambivalente”, ao declarar que “as ciências matemáticas da Natureza são um “triunfo do espírito humano” e, a seguir, apresentá-las como uma “técnica” e declarar que “a sua racionalidade seria como as “pirâmides do Egito”, isto é: Elas estão aí, imponentes, mas ninguém sabe como foram construídas” (ALVES, 2007, p. 121). Diante de tudo isso, mais uma vez, verifica-se as sutilezas do embate entre a concepção de tempo apreendida pela fenomenologia da experiência e a compreensão físico-matemática do tempo, bem como a dificuldade em desmembrar e esclarecer os processos por meio dos quais o tempo objectivo é apreendido como experiência

temporal fundante na existência humana. As reflexões de Husserl aqui explicitam um pouco mais seu ponto de vista sobre a questão:

Por meio da análise fenomenológica não se pode encontrar a mais mínima porção de tempo objetivo. O “campo temporal originário não é um fragmento do tempo objetivo, o agora vivido, tomado em si mesmo, não é um ponto do tempo objetivo etc. Espaço objetivo, tempo objetivo e, com eles, o mundo objetivo das coisas e processos reais – tudo isto são transcendências. E os nexos de ordem que são encontrados nas vivências, enquanto imanências autênticas, não se podem achar na ordem empírica objetiva, nem nela se inserem (HUSSERL, 2017, p. 46,47).

Outra consideração a contrapor as duas visões é a de que a figura de um tempo objetivo, como série linear e rígida de posições temporais fixas sem trânsito e sem passagem, ultrapassa a experiência intuitiva do tempo [...] sem modo subjetivo de doação (HUSSERL, 2017, p. 169). Esse mesmo tempo objetivo, conforme Husserl, seria o correlato de uma “consciência divina”, infinita, que abarcaria o tempo todo “de uma vez” de modo intemporal [pois] para Deus não existiria nenhum passado, presente ou futuro. Esta concepção encontra-se afinada com a visão defendida pela teoria da relatividade, para a qual não há nem “relógio” nem “agora” universais [...] não há o tempo, mas tempos... cadências diversas... a ordem sucessiva dos acontecimentos é sempre uma ordem de sucessão relativa a um referencial determinado. De nenhum ponto de vista seria possível, portanto, falar de um tempo absoluto (HUSSERL, 2017, p. 167-169). Ao contrário, as medidas do tempo são sempre relativas a um observador e conjugam-se entre si não em um tempo universal que supera a posição do observador, mas em um espaço-tempo configurado a partir da multiplicidade dos observadores. Este foco no observador, conforme Alves, “restaura o modo fenomenológico de pensar e corrige o desvio construtivista da fenomenologia husserliana do tempo”; haja vista que “a física relativista sugere que a grandeza “tempo” está sempre dependente da fixação de um ponto de vista (de um referencial) e da transformação ordenada dos pontos de vista uns nos outros” (ALVES, 2007, p. 139). Do ponto de vista fenomenológico, é isso que se dá: “o tempo objetivo não se passa em um tempo mundano que suprima a conexão com a experiência subjectiva do tempo, mas que, ao invés, só há algo como um tempo objetivo enquanto tal tempo está radicado na experiência subjectiva do “presente”, do “agora” e da “passagem”. Por esta possibilidade de compreensão, segundo Alves, “a física relativista não suprime a subjectividade; ao contrário, corrobora e confere assento ao jogo de conexões e transformações entre as múltiplas experiências subjectivas do tempo” (ALVES, 2007, p. 139)

Após inaugurar a discussão sobre o tempo por uma perspectiva fenomenológica, contrapondo-a a abordagem das ciências naturais, Husserl passou a influenciar a muitos e, substancialmente, o pensamento de Heidegger, que seguiu seu próprio caminho para pensar a temporalidade de modo ainda mais singular e próprio. Diz Kircher (2007, p. 44) que “as investigações de Husserl abriram as portas para Heidegger e, por assim dizer, fizeram-no despertar para o problema do tempo de uma maneira toda nova.” A Husserl interessava deslindar a origem do tempo “como questão gnosiológica e não como interrogação sobre a origem psicológica da “nossa” representação do tempo”. Para atingir seu objetivo, encetou uma discussão que abordava o retorno do tempo, posto como objectivo, até as formações intencionais em que o tempo se constitui; bem como as formas primitivas da consciência do tempo, nas quais as diferenciações primitivas do ser temporal se constituem intuitiva e propriamente como as fontes originárias de todas as evidências relativas ao tempo (ALVES, 2007, p. 153). Diante de tantos impasses, diz Husserl (2017, p. 62): “A pergunta: como é possível e como se deve compreender a consciência do tempo, permanece por resolver”.

Heidegger “reconhece o progresso das investigações de Husserl sobre o tempo para a psicologia e teoria do conhecimento”, conforme Dastur (1997, p. 40). Se for possível estabelecer um paralelo entre os dois pensamentos, segundo a autora,

Husserl considera o tempo imanente, interior ao sujeito; enquanto para Heidegger é preciso pensar o próprio “sujeito” como tempo. Para Heidegger não há, de um lado, o tempo no seu fluxo próprio e, do outro, as modalidades de consciência por intermédio das quais este fluxo seria compreendido; só há um único processo de temporalização ao qual não podemos atribuir qualquer subsistência separada, e que é precisamente o que o torna inadequado a toda a apreensão conceitual.

Assim, as pesquisas de Husserl abriram as portas para a originalidade do pensamento de Heidegger ao tratar o tema a partir da consideração de que ser e tempo não são tomos distintos. Ao contrário, tratou estes dois problemas tradicionais sob o prisma singular da temporalidade do ser. Em *Ser e Tempo*, portanto, seu maior intento era cuidar da interpretação do tempo como horizonte possível de toda a compreensão do ser em geral (DASTUR, 1997, p. 43, 44). Vê-se, assim, que Heidegger não rechaça a concepção de tempo da tradição metafísica ocidental, mas a aprofunda e radicaliza ao investigá-la fenomenologicamente.

A nós, portanto, interessa-nos trilhar este caminho, percorrendo justamente a compreensão heideggeriana que propõe uma atitude reflexiva a respeito dos efeitos da racionalidade moderna, em meio à Era de Técnica, sobre a experiência da temporalidade: a

questão sobre o tempo originário da existência “autêntica” em oposição ao tempo “vulgar” da intra-temporalidade”. Assim, ao invés de pretender superar a racionalidade moderna, tentar encontrar nela uma efectiva fundação ética. (ALVES, 2007, p. 123).

De tudo o que pudemos acompanhar ao longo do trajeto do conceito de tempo no corpo do pensamento filosófico (desde as mais remotas elocubrações sobre ele), fica claro que Heidegger inaugura uma radical concepção a respeito do tópico. Dastur (1997, p. 49) resume bem este ciclo. Na obra *Ser e Tempo* ficou evidente:

[...] o sentido e os limites da própria ontologia antiga à luz da problemática da temporalidade [...] porque a própria ontologia antiga compreende o ser a partir do tempo, mas sem ter um saber expresso dessa função ontológica fundamental do tempo. Pelo contrário, ela considera o tempo como um ente a par dos outros e que, segundo Heidegger, permaneceu presente em todas as concepções do tempo posteriores.

Kirchner (2007, p. 47 - 233) nos fornece um panorama da visão de Heidegger sobre o tempo, bastante proveitoso. Lembra a ênfase dada por Heidegger ao fato de haver pouca reflexão sobre o tempo, pois que na maior parte das vezes já estamos entretidos, ocupados e absorvidos por ele. Por já sempre se contar com o tempo e tê-lo sempre à mão, tendo-o por pressuposto e ainda, por não ser visto, raramente é tematizado; o que facilitaria a elaboração de representações tão pouco aprofundadas sobre o fenômeno. Em meio a essa superficialidade mediana, o tempo passa a ser algo simplesmente dado. É o que todo mundo (e, portanto, ninguém – o impessoal) dele cogita: “algo” como uma moldura, usada para enquadrar um cenário de ocupações igualmente acessível para todos. Quanto mais dele se ocupa, menos dele se sabe. Parece, assim, que a ocupação e o fato de estarmos por ela entretidos permitiriam uma maior tendência ao encobrimento do que é próprio do tempo e, por conseguinte, de não se dar conta do modo como o tempo se temporaliza.

A partir da leitura fenomenológica da tradição metafísica, Heidegger teria percebido que havia diferenças essenciais nas diversas compreensões do tempo, conquanto em todas elas houvesse uma posição fundamental prevista e pressuposta, mas nunca suficientemente elaborada. Toda a tradição metafísica, passando pelas leituras de Bergson e Hegel, estaria presa ou às investigações aristotélicas ou às agostinianas do tempo. De sua descoberta, avista, então, a necessidade de tematizar a questão mais detidamente e relacioná-la de forma intrínseca com a compreensão ontológica do ser. Além do mais, para Heidegger, tal compreensão nunca se daria fora da presença humana, o que o motivou a ir à busca do fundamento originário da

questão. A questão do ser e do tempo, para ele, não representava tão somente mais uma questão ao lado de tantas outras, mas “a questão” – aquela que nortearia todas as demais. Eis o motivo do título de sua obra central, *Ser e Tempo*.

Heidegger enfatizava a necessidade de desvelar o existencial tempo em sua essência, o que não poderia ser levado a cabo no terreno das ciências naturais, portanto, da física. Neste solo, a compreensão naturalizada do tempo (em que ele é tomado ao modo da mensuração e da cronometragem) é a predominante e a que se impõe. Heidegger por diversas vezes disse não se opor a ela, conquanto sua concepção indique que, certamente, não seria o único modo de temporalização existente. Assim, a partir da analítica do tempo ocupado e do tempo do mundo, mostra que o tempo do relógio (tempo-agora) só pode ser suscetível à medida ou à contagem porque, por antecipação, há um modo mais fundamental de contar: contar “com” o tempo. Entre muitas outras, esta passagem de *Ser e Tempo* (2009, p. 507) demonstra isso:

Porque a presença¹ existe essencialmente lançada na decadência, ela interpreta seu tempo como uma contagem do tempo, característica das ocupações. Do ponto de vista ontológico-existencial, portanto, o decisivo na contagem do tempo não deve ser considerado na sua quantificação mas deve ser concebido, ainda mais originariamente, a partir da temporalidade da presença que conta com o tempo”.

A pesquisa de Heidegger privilegia, pois, a compreensão do tempo a partir dele próprio: um questionamento que busca a constituição ontológico-existencial que possibilita compreender o tempo ao modo de levá-lo em conta. É tornado claro, de tal feita, que o modo da cronometragem não é nem o mais próprio nem o mais originário, mas tão somente uma compreensão derivada. Este pensamento aparece de modo explícito, por exemplo, conforme Kirchner (2007, p. 195), na conferência *Tempo e Ser*, escrita por Heidegger em 1969:

... quando tomamos na mão o relógio, o medidor do tempo e, olhando para a posição dos ponteiros, constatamos: Agora são 20 horas e 50 minutos. Dizemos agora e pensamos no tempo. Mas em parte alguma do relógio que nos indica o tempo, encontramos o tempo, nem no mostrador nem no mecanismo. Tampouco encontramos o tempo nos cronômetros da técnica, isto é, quanto mais exatos no efeito de medição tanto menor a oportunidade de meditar (*nachzudenken*) sobre o que é próprio do tempo.

¹ “Ao longo de nosso texto, optamos por utilizar a expressão ser-aí na tradução do termo alemão *Dasein* que, nessa versão de 2009 de *Ser e Tempo* é traduzida como presença.

A concepção de tempo em Heidegger, portanto, ultrapassa em muito a mera concepção das ciências naturais de tempo contado, que serve de medida, pois quanto mais o tempo é interpretado e vivido enquanto mera mensurabilidade, menor a possibilidade de se fazer a experiência dele enquanto temporalidade do ser-aí. Perguntar pelo tempo é perguntar quem somos nós – não sendo o “nós”, aqui, algo indefinido e generalizante, mas o si mesmo, posto que o tempo responde à singularidade de cada ser-aí. Dentro da visão fenomenológica existencial heideggeriana, o tempo atua como horizonte de sentido e sustenta ontologicamente o ser-aí em seu próprio ser, sendo a existência temporal, atravessada e perpassada pelo tempo. Isto é, à medida que a presença se temporaliza, transcende-se. É o tempo, pois, a condição de possibilidade e fundo de articulação de sentido como modo de poder-ser próprio e, por isso mesmo, originário.

Conclui Kirchner (2007, p. 227) que “enquanto a presença² própria e decidida faz a experiência de sua finitude, sendo cada instante tempo de e para perfazer-se e realizar-se, sabe que morre” enquanto a “imprópria e indecisa faz a experiência de que continuamente perde seu tempo e não quer jamais morrer. Quer viver, mas não vive”. E não vive por estar esquecido de viver, em meio à ditadura do impessoal e da inapropriação de seu tempo singular.

Tomando ciência, ainda que de modo abreviado, deste modo inaudito de conceber o tempo proposto pela filosofia heideggeriana, passaremos a contextualizar este existencial dentro da concepção de horizonte histórico desenvolvida pelo pensador em suas reflexões sobre a Era da Técnica, mais adiante.

² A tradução do termo alemão Dasein “por presença”, utilizada por Kirchner, foi substituída por nós, ao longo do texto, pela expressão “ser-aí”.

4. A CONCEPÇÃO CRISTÃ DE TEMPO: INFLUÊNCIAS E REPERCUSSÕES

A religião é, como se sabe, uma das formas mais antigas de acesso ao conhecimento produzidas pelo homem; um meio de desvelamento de sentido existencial em paralelo a tantos outros. Dahmen (2012) diz que dos gregos até Simon Laplace, “a discussão sobre o que era o tempo e qual sua origem estavam nas mãos dos religiosos”. Em meio a este processo de desenvolvimento, segundo Le Goff (1990, p. 57; 65), o cristianismo teria se destacado, marcando “uma viragem na história e na maneira de escrever história” ao combinar o tempo circular da liturgia, ligado às estações e que recuperou o calendário pagão; o tempo cronológico linear, homogêneo e neutro, medido pelo relógio; o tempo linear teleológico e o tempo escatológico. Tal linearidade, segundo Le Goff, não é modo exclusivo, posto que o tempo litúrgico, caracteristicamente circular, desempenha dentro da história cristã um lugar inestimável. Essa mesma relevância teria sido o motivo pelo qual a era cristã tenha datado durante longo período apenas dias e meses, sem fazer menção aos anos, dentro de seu calendário litúrgico.

A contribuição mais evidente para a marcação temporal dentro de uma historiografia cronológica, entretantes, deu-se em virtude da era cristã representar uma ruptura e, adicionalmente, uma revolução na mentalidade histórica, por intermédio de três fatos essenciais: a criação, que representaria o início absoluto da história; a encarnação, tida como o marco crucial da história cristã e da salvação possível à alma humana e o juízo final, epílogo da história na terra. Conforme o historiador (LE GOFF, 1990, p. 64), o cristianismo substituiu as concepções de tempo circular helenistas pela linearidade, concedendo à história humana um sentido. Pelo fato de sua narrativa apoiar-se em diversos fatos históricos devidamente documentados (citações geográficas e de reinados, guerras, reconstruções de cidades destruídas em batalhas entre povos antigos, expansão do evangelho principalmente nas viagens empreendidas pelo apóstolo Paulo na Ásia e Europa, entre outras), o cristianismo teria imprimido à história do Ocidente um impulso decisivo.

Segundo o código sacerdotal, de acordo com Le Goff (1990, p. 304-308), no “princípio”, no primeiro capítulo do livro bíblico do Gênesis, Deus cria o tempo, um tempo alternado, chamando à existência os astros no firmamento dos céus, para separar o dia da noite. Para o historiador, a contagem mítica do tempo é introduzida pelo profeta Daniel no Antigo Testamento, quando institui uma contagem e periodização do tempo histórico muito difundida posteriormente. Outro elemento curioso é o fato do número seis vir do livro do Gênesis (criação em seis dias com o descanso subsequente no sétimo, padrão bem utilizado para a divisão

semanal) e igualmente da concepção apocalíptica judaica do fim dos tempos. Já o Novo Testamento teria cumprido uma inversão de perspectiva em relação ao judaísmo antigo, já não situando o centro do tempo no futuro, mas no passado (LE GOFF, 1990 p. 364).

A concepção metafísico-teológica da temporalidade, conforme Japiassu; Marcondes (2001, p. 45), admite que o mundo não é eterno, mas que começa no tempo. Assim, o termo “criação”, segundo o filósofo, remeteria ao fato dele, o tempo, ter adquirido existência. A ideia de criação estaria vinculada à de começo no tempo e do tempo. Na tradição judaico-cristã, por exemplo, a criação é o ato pelo qual Deus tirou o universo do nada, produzindo-o sem nenhuma matéria preexistente, conceito teológico que se opõe à simples "produção" ou "fabricação". Antes, diz respeito ao fazer vir a ser uma realidade, da qual não existia nada comparável até então. Esta compreensão desempenhou um grande papel na metafísica do séc.XVII, fazendo-se presente de modo marcado na filosofia de alguns pensadores como Descartes (a criação contínua, que seria a ação pela qual Deus conserva o mundo na existência) e Malebranche: "Se o mundo subsiste, é porque Deus quer que o mundo exista. A conservação das criaturas não é, da parte de Deus, senão sua criação continua" (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p. 45). De tal modo, a perspectiva grega está voltada para o passado, à procura do lugar de onde vem cada acontecimento. A judaica, por sua vez, segundo os mesmos autores (2001, p. 319), volta-se para o acontecimento em si, não interessando saber donde ele vem: “A criação propriamente dita é esta: a partir do nada da própria potência activa, é ela a verdadeira e única causa”.

Não é possível discorrer sobre a temática da temporalidade dentro do contexto religioso sem mencionar Aurélio Agostinho, bispo de Hipona, considerado um dos mais importantes iniciadores da tradição platônica no surgimento da filosofia cristã e um dos principais responsáveis pela síntese entre o pensamento filosófico clássico e o cristianismo. Sofreu grande influência do pensamento grego, sobretudo da tradição platônica, através da escola de Alexandria e do neoplatonismo (interpretação espiritualista de Platão). Sua filosofia focava a relação entre fé e razão, mostrando que sem a fé a razão é incapaz de promover a salvação do homem e de trazer-lhe felicidade. A razão seria uma auxiliar da fé, ao tornar inteligível o que é revelado de forma intuitiva. Esse era o conceito expresso por sua célebre fórmula: *credo ut intelligam* (creio para que possa entender).

Dentro da concepção cristã de tempo histórico, “A cidade de Deus”, de Agostinho, surge como uma obra pioneira: abrange desde a criação do mundo até o termo último, a Parusia (fim dos tempos), à qual acreditava-se preceder um estado de paz e felicidade eternas. Neste intervalo, encontrar-se-ia a humanidade, submetida às vicissitudes da história e em marcha para

um destino comandado pela providência divina. De acordo com a concepção do filósofo e religioso, a cidade terrestre e pagã na qual vive o homem, encontra-se fundada no egoísmo que atrai, por derradeiro, o desprezo de Deus e, sendo fonte de infortúnio para seus cidadãos, portanto, não a podemos considerar um ideal de civilização. Todos os atos que de seus habitantes emanam seriam fruto da necessidade de poder e sede de dominação. A cidade de Deus, ao contrário (JAPIASSÚ; MARCONDES, p. 35) encontrar-se-ia fundada no "amor de Deus e no desprezo de si", sendo comandada por "valores cristãos que implicam o bom uso da liberdade, prefigurando a cidade celeste".

Em virtude dessa análise, Agostinho é considerado um precursor da formulação dos conceitos de historicidade e de tempo histórico. Na obra em apreço, Agostinho compreende a história da humanidade como derivada de um conflito entre a cidade prefigurada no amor a Deus e nos valores cristãos, e a cidade humana, sedimentada exclusivamente nos fins e interesses mundanos e imediatistas. Acreditava o religioso que, ao fim do processo histórico, a primeira triunfaria. Uma de suas mais célebres citações sobre a temática é citada com relativa frequência em diversos estudos e preleções que abordam a questão da temporalidade, tanto que já a citamos anteriormente:

Haverá noção mais familiar e mais conhecida usada em nossas conversações? Quando falamos dele, certamente compreendemos o que dizemos; o mesmo acontece quando ouvimos alguém falar do tempo. Que é, pois, o tempo? Se ninguém me pergunta, eu sei; mas se quiser explicar a quem indaga, já não sei. (Confissões, p. 118).

O fato dessa indagação de Agostinho ser tão recorrente, provavelmente se dá, entre outras razões, em virtude de representar tão acuradamente a sutileza do paradoxo que envolve a discussão e a compreensão do tempo no contexto da existência humana. Além do que, a obra do teólogo é de comprovada influência sobre Heidegger, o que de perto nos interessa, tendo em vista que o cerne de nosso pensamento aqui é orientado pela filosofia heideggeriana. Encontramos, nessa constatação, um paralelo, já que a compreensão do existencial tempo, enquanto fundamento ontológico para explicitar fenomenologicamente o ser, é também minuciosamente trabalhada e de suma relevância na obra heideggeriana. O mesmo desejo é expresso veementemente pelo teólogo, ao passo em que admitia a dificuldade de tal empreendimento: "Permite-me, Senhor, que eu leve adiante minhas investigações [...]; faz que minha tentativa não seja perturbada. Se o futuro e o passado existem, quero saber onde estão" (Confissões, p. 119).

Por sua vez, a obra *Confissões*, de onde se extraem as principais passagens relativas às reflexões sobre o tempo, combina elementos autobiográficos e pensamento filosófico, tendo sido influenciada pelo pensamento neoplatônico. Nela, Agostinho almeja demonstrar o quanto o homem se perdeu em função do pecado, ao passo que também foi salvo pela graça divina. A possibilidade de, a partir de uma minuciosa reflexão sobre si mesmo, encontrar em si a “presença mais profunda que nós mesmos”, seria a evidência de que Deus é incompatível com a racionalidade e que, portanto, situa-se fora do tempo.

Parece existir uma imensa dívida de Santo Agostinho a Plotino, ainda que, ao menos, para fornecer-lhe material para divergências. Além do mais, Agostinho o teria lido “segundo os conceitos da própria revelação cristã”. Uma das maiores divergências entre Plotino e Agostinho residia justamente na concepção acerca do tempo. Conforme dissertado no capítulo anterior, para Plotino é a eternidade que gera o tempo (posto que a alma do mundo pertence à eternidade pela emanção do Noos, ser divino). O tempo derivaria daí como subjetividade cósmica, precedendo o movimento, a natureza e a matéria. Já para Agostinho, conforme Macedo (1992, p. 35-36;) o tempo seria “uma característica das coisas criadas, a sua periclitante forma de durar, característica intrínseca da contingência das coisas e marca indiscutível da sua separação em face do criador”.

Do sucesso e disseminação desta concepção inicia-se, de acordo com Macedo (1992, p. 47), o divórcio ser-tempo (em que os seres estão do lado do tempo mesmo quando considerado uma característica deles, em que pese mais a contingência do que todo o conteúdo dos contingentes). A tentativa de reaproximação dos dois teria tido início nas *Enéadas*, e seria mais tarde retomada por vias diversas de raciocínio, por vários outros autores e filósofos como Kant, Hegel e Heidegger.

Por fim, Agostinho, ainda que assuma ser incapaz de deslindar os mistérios do tempo, envereda ainda um pouco mais na tentativa de compreendê-lo. Ele disserta:

Quem poderá deter esse pensamento, quem o fixará por um momento, para que tenha um rápido vislumbre do esplendor da eternidade imutável, e a compare com os tempos impermanentes, para perceber que qualquer comparação é impossível? Então veria que a sucessão dos tempos não é feita senão de uma seqüência infundável de instantes, que não podem ser simultâneos; que, pelo contrário, na eternidade, nada é sucessivo, tudo é presente, enquanto o tempo não pode ser de todo presente. Veria que todo o passado é repellido pelo futuro, que todo futuro segue o passado, que tanto o passado como o futuro tiram seu ser e seu curso daquele que é sempre presente. Quem poderá deter a inteligência do homem para que pare e veja como a eternidade imóvel, que não é futura nem passada, determina o futuro e o passado? (*Confissões*, p. 119)

A respeito das “divisões do tempo”, no capítulo XIV das Confissões, diz o filósofo que passado e futuro não existem porque não se poderia medi-los; e quanto ao presente, por sua vez, não se fixa, portanto, não tem duração: só podemos medi-lo enquanto passa; e quando passou, não o medimos mais, porque não há mais nada a medir. Conclui, assim que o que nos permite afirmar que o tempo existe é a sua tendência para não existir.

Aos que, debatendo o “surgimento” do tempo a partir da perspectiva criacionista, questionam o que fazia Deus antes de criar o céu e a terra, Santo Agostinho diz, objetivamente (Confissões, p. 119): “Prefiro dizer: “Não sei” – pois de fato não sei [...] Oxalá eu soubesse tudo que desejo saber”. O filósofo quer, ao final, fazer ver, que ninguém pode explicar a temporalidade estando imerso nela. Algo como um ponteiro do relógio não poder ver as horas. Não teríamos, assim, a exterioridade, o recuo necessário para compreendê-la. Só Deus, sendo eterno, poderia saber o que é o temporal.

Acerca das aproximações entre Agostinho e Heidegger, Sabóia (2007, p. 28) mostra que o primeiro é quem cria o espaço para a subjetivação do tempo, ao estabelecer que “cada espírito vai recuperar ou antecipar o tempo de uma forma única e exclusiva para cada um [...], concedendo a esse mesmo espírito a “capacidade de se lançar em um tempo ainda não vivido ou resgatar para o agora um tempo já passado”. Este seria o solo sobre o qual Heidegger irá estabelecer críticas duras ao pensamento aristotélico. Para ele, “o tempo é uma dimensão vivida e, como tal, é particular a cada sujeito e se expressa na presentificação dessa temporalidade”. O tempo, portanto, estaria na raiz da condição humana, o que o leva a utilizar o termo ser-aí em relação ao homem e a entrelaçar o tempo comum em três dimensões: o vigor de ter sido, o porvir e a atualização. De tal feita, o ser-sido não é o passado, uma vez que não deixou de ser, não foi extinto nem abandonado durante o percurso temporal; ao contrário, é o modo como o ser-aí vislumbra e recupera o tempo vivido, atualizando-o dentro da perspectiva que se possui aqui e agora, fazendo assim um movimento de presentificação, ou seja, trazendo o tempo vivido para a ótica atual e o recuperando em uma experiência atualizada. Assim, ao se voltar para o passado, o ser-aí o faz segundo sua atualidade e não como vivência pura do que foi um dia. Neste momento, um ser-aí novo experimenta o ser-sido de modo diferenciado, não sendo mais o mesmo que o vivenciou, no entanto, tornando-o presente.

Segundo Kirchner (2007, p. 44), para Heidegger, em um determinado sentido, a abordagem agostiniana do tempo é mais originária que a de Aristóteles, tratando de dimensões que Aristóteles não abordou. O questionamento radical da essência do tempo a partir da

facticidade da vida humana, em Heidegger, está profundamente ligado à colocação de Santo Agostinho; ainda que ao situar o tempo na capacidade compreensiva da alma, Santo Agostinho não situa o tempo na subjetividade do homem, uma vez tal dimensão ainda é estranha ao espírito medieval. A aproximação se dá, entre outros, no fato de Heidegger reclamar como tarefa ontológica uma “análise do modo como o tempo é medido no espírito”, conforme Kirchner que, a seguir, explicita como tal análise se deveria operar:

Uma análise fenomenológica completa do modo de ser fundamental da presença que mede o tempo e como ela, ao contar com o tempo e ao medi-lo de alguma forma, simultaneamente se co-mede. Em toda e qualquer tentativa de medir, de mensurar, de com-preender o tempo, o ser humano mesmo é medido (KIRCHNER, 2007, p. 48).

O que Heidegger pretendia era, pois, tratar a temática da temporalidade de modo tal a liberar o tempo em sua estrutura ontológica fundamental, ao que Kirchner credits o fato da tematização agostiniana do tempo ser tão inspiradora para Heidegger. Seguindo adiante, durante o percurso em que se buscou na religiosidade a chave para suas indagações, em especial o sentido do tempo, segundo Le Goff (1990, p. 57; 65) o cristianismo teria se destacado, marcando uma virada na história e na maneira de escrevê-la, ao combinar três tempos: o circular da liturgia, ligado às estações, que recuperava o calendário pagão; o tempo cronológico linear, homogêneo e neutro, medido pelo relógio, e o tempo linear teleológico, o tempo escatológico. Diz ainda o autor que o tempo litúrgico, caracteristicamente circular, desempenha dentro da história cristã um lugar inestimável. Essa mesma relevância teria sido o motivo pelo qual a era cristã tenha datado durante longo período apenas dias e meses, sem fazer menção aos anos, dentro de seu calendário litúrgico.

De tal feita, o evento da cristandade instaurou, de modo proeminente, um marco na história no que se refere à questão do estudo do tempo. A prova mais evidente, na cultura ocidental é a consagrada divisão AC/DC. Assim, a relação entre os dogmas e preceitos bíblicos e sua influência no quadro temporal da história humana se faz ver de modo claro. Curiosamente, a Bíblia enfatiza, do início ao fim, fenômenos associados à ação divina no tempo. Não por acaso, as primeiras palavras de seu texto são: “No princípio Deus criou o céu e a terra” (Gn 1:1) e as últimas, “Sim, Eu venho em breve” (Ap 22:20).

Silva (2007, p. 80) explicita que na literatura bíblica estão presentes “dois grupos etimológicos, associados respectivamente com $\chi\rho\acute{o}\nu\omicron\varsigma$ e $\kappa\alpha\iota\rho\acute{o}\varsigma$ para o conceito tempo”, o que sugeriria que “os gregos distinguiam os períodos ou pontos de tempos individuais, que podem

ser efetuados por decisões humanas (καιρὸς) “tirados” do decurso do tempo [daqueles] cujo progresso independe de qualquer possível influência humana” (χρόνος). Segundo o pesquisador (2007, p. 96), καιρὸς aparece em quantidade bem superior ao de χρόνος que, por exemplo, na tradução dos LXX [Septuagina], aparece cerca de 300 vezes, ou seja, três vezes mais”. Assim, χρόνος se oporia a καιρὸς, já que significa o instante preciso e marca um limite, também se opõe a αἰών, termo grego, que significa eternidade. Platão o definiu como uma representação móvel da eternidade. Está em outra divisão, portanto mensurável, contável. χρόνος designa usualmente o tempo que se decorre, uma duração definida, todo lapso de tempo, o tempo histórico.

No Novo Testamento, segundo Silva (2007, p. 85-94), além dos termos correspondentes aos tempos cósmico e histórico, mais recorrentes no Antigo Testamento, há uma distinção bem marcada e uma concepção de tempo mais elaborada, em função do surgimento da figura de Cristo entre os dois conceitos: χρόνος, sentido do tempo dentro da realidade histórica e καιρὸς, o “tempo da graça de Deus”; portanto, “um sentido mais qualificador, e que se encontra em primeiro plano na leitura neotestamentária”, como exemplarmente, nestas passagens:

- “Senhor, será o tempo que irás restaurar a realeza em Israel?” (Atos 1:6);
- “Porque não reconhecestes o tempo em que foi visitada” (Lc 19:44);
- “Por isso, não levando em conta os tempos da ignorância, Deus agora notifica aos homens que todos e em toda parte se arrependam” (Atos 17:30);
- “Na plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos” (Gl 4: 4,5). A “plenitude” significa o “momento em que o χρόνος se torna completo”; em Cristo, o tempo atingiu sua plena medida. O nascimento de Jesus significa uma nova era.
- “Se alguém está em Cristo, é uma nova criatura. Passaram-se as coisas antigas, eis que se fez uma nova realidade” (1 Cor 5:17)
- “Agora, se passaram os tempos da ignorância” o tempo da promessa da graça que Deus nos deu através de Cristo, antes dos tempos eternos (At 17:30); entre tantas outras.

De acordo com Silva (2007, p. 95), na cristandade, o “evento Jesus” faz a passagem entre o χρόνος e o καιρὸς. O primeiro expressa a duração de um período que será ressaltado, qualificado pelo segundo; que marca com a ação de Jesus e a pregação dos apóstolos, uma nova

dinâmica, o advento de um novo tempo, um tempo oportuno, um momento propício, o tempo da salvação.

De tal modo, do ponto de vista teológico, assevera Silva (2007, p. 91):

A experiência cristã, ao contrário da filosofia, concebe o tempo como uma experiência organizada na história, por iniciativa divina e que se reflete como tal na experiência de uma consciência distendida (Santo Agostinho) entre presente, passado e futuro. Apanhado entre uma sequência de eventos fundadores (o passado absoluto de uma história santa consumada e um futuro absoluto - a conclusão escatológica prometida e antecipada na ressurreição de Cristo.

Dentro do discurso cristão, a figura de *καὶρὸς* sobreviveu até os dias de hoje com maior intensidade, pois é dentro da teoria desse evangelho que cada sujeito tem um tempo de reflexão e aproximação com Deus, sendo essa experiência algo único e individual. Assim, o termo se fixou com maior força depois que a crença nos antigos deuses olímpicos foi substituída pelo monoteísmo cristão.

No Antigo Testamento aparecem distintos radicais e termos para traduzir diferentes significados associados ao tempo (SILVA, 2007, p. 83). O texto bíblico mais popular sobre o tempo encontra-se no livro do Eclesiastes e já nos referimos a ele em capítulo anterior e que pode ser resumido já no versículo 1 do Cap. 3: “Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu”. Silva (2007, p. 81) citando Mckinzie, acrescenta que nesta passagem o tempo é “citado como uma fixação rígida” em que cada situação possui um tempo específico para acontecer. As “coisas são enumeradas em pares de oposição que se neutralizam”, o que sugeriria que “tudo retorna ao seu princípio” não havendo, na verdade, nada de novo sobre a terra. Aparentemente, ao menos, uma visão pessimista que não permite qualquer intervenção, nos acontecimentos. Apesar disso, a ideia básica veiculada pela mensagem bíblica estaria preservada, uma vez que traduziria em boa medida o pensamento de salvação no tempo certo - o tempo da ação de Deus, o “*καὶρὸς*”, cujo advento se dá com a vinda do Cristo no Novo Testamento.

A concepção da temporalidade original como futuro autêntico (a antecipação da morte no sentido de andar à frente dela, apreendendo a possibilidade de ser a cada instante) foi assimilada por Heidegger a partir da leitura da primeira carta do apóstolo Paulo aos Tessalonicenses: a experiência cristã autêntica em relação à escatologia (a segunda vinda de Cristo e o fim dos tempos) que não seria tanto a expectativa de um acontecimento futuro, mas

o despertar para a iminência dessa vinda (KIRCHNER, 2007, p. 75). O conteúdo básico aí seria não a data, mas o modo escolhido para viver, a condição de estar desperto. Teria chamado a atenção de Heidegger o fato da experiência cristã original não focar uma representação objetiva da existência nem conteúdos calculáveis, não estar presa à dominação do tempo, dando ênfase ao *καὶρὸς* ao invés do *χρόνος*. Assim, as características contempladas pelo sentido do *καὶρὸς* possibilitariam perceber a vida em sua facticidade, posto que estabeleciam uma relação de realização não objetivável com o tempo em sua face meramente cronológica, tal como discutiria Heidegger, posteriormente, o que enfatizaremos adiante.

5. O TEMPO DA FÍSICA

Por nosso trajeto até aqui, verificamos quão inúmeras e distintas foram as perspectivas que tentaram explicitar o fenômeno do tempo. Na mesma proporção, os ensaios e tentativas de respostas a essas interrogações: concepções baseadas desde em orientações místicas e filosóficas, que consideram o tempo um elemento externo ao sujeito, de caráter universal; até abordagens personalistas e ou humanistas que delegam ao sujeito, em diferentes graus e perspectivas, a atribuição de sentido para a temporalidade e nas quais o tempo é, pois, considerado uma realidade primordialmente subjetiva e particular.

Certamente, há outras vias de acesso disponíveis para a compreensão do percurso das ciências que fundamentaram um discurso sobre a temporalidade. Vamos tratar agora de outra, que reside em um campo de saber que se pretende “mais objetivo”, de contornos mais rígidos e concretos: a física. Ela é uma perspectiva de compreensão do tempo expressa de modo bastante diferenciado das inferências e discussões filosóficas da qual nos ocupamos nos primeiros capítulos. Assim como foi em relação às anteriores, abordaremos tal perspectiva de maneira didática e sucinta, enfatizando somente alguns elementos necessários para subsidiar, a posteriori, a discussão do sentido da expressão “gerenciamento do tempo”, tal como ela se apresenta na contemporaneidade. Não se trata, portanto, em absoluto, de estabelecer contraposições hierárquicas ou valorativas entre as distintas concepções.

À medida que o conhecimento científico avançou, buscando uma metodologia de trabalho racional e preditiva de resultados, priorizando o tangível e o efetivamente demonstrável, filosofia e física, que até então se imiscuíam e retroalimentavam-se sob um mesmo teto (o impulso para a evolução do pensamento por meio da busca da verdade), apartaram-se para seguirem caminhos mais delineados e independentes. Consequentemente prescindiram, enquanto cátedras formais, uma da outra: “O tempo, após a hegemonia da filosofia, ficou quase que irrestritamente vinculado às ciências físicas que, por estarem calcadas em bases positivistas, tentavam determinar os fatos universais relacionados a essa categoria, de forma que a estrutura do tempo se tornasse além de universal, previsível”, conforme Sabóia (2007, p. 22). Tal cisão se deu, mais radicalmente, a partir da teoria da relatividade de Einstein, que interferiu significativamente na condução das discussões sobre a realidade do tempo para fora do terreno do saber filosófico. Sobre este período de transição e mudança radical de paradigma, sobejam obras teóricas e não precisamos nos demorar nele.

A preocupação permanente com o tema vigora incansavelmente, também na literatura, no cinema, na música e outras representações artísticas e manifestações humanas. Uma das

mais recorrentes incursões nas pesquisas sobre o tempo (e que talvez o sejam em virtude do desejo de recuperar o “tempo perdido” ou, ainda, do desejo de imortalidade) diz respeito à irreversibilidade e simultaneidade. Estes temas aguçam tanto a curiosidade humana que se tornaram recorrentes argumentos cinematográficos e se mesclam às especulações sobre as perspectivas futuras de se viajar no tempo, agora pesquisadas pela física quântica. Sem ser necessário pesquisar exaustivamente, já podemos encontrar um número considerável de filmes que abordam a possibilidade de ocorrência destes fenômenos e as hipotéticas implicações delas na vida humana, caso um dia se tornassem efetivamente plausíveis. Abordam os efeitos da passagem do tempo ora de modo mais reflexivo e existencial, ora ficcional, trazendo a discussão dos avanços técnicos futuristas, com base na física, para mais perto da realidade. Entre os inúmeros, podemos citar alguns mais contundentes: *Amnésia*, *Trinta Anos Esta Noite*, *Quanto Tempo o Tempo Tem*, *About Time*, *The Entire History of You*, *Uma Vida em Sete Dias*, *O Predestinado*, *O Homem do Futuro*, *Efeito Borboleta*, *Meia Noite em Paris*, *Super-Homem*, *De Volta para o Futuro*, *Feitiço do Tempo*, *O Exterminador do Futuro*, *Máquina do Tempo*, *Planeta dos Macacos*, *As Horas*, *Procura-se um Amigo para o Fim do Mundo*, *Mr. Nobody*, *O Preço do Amanhã* e incontáveis outros. Na literatura, na música e na arte sobejam construções e obras sobre a relação do homem com a temporalidade. É impossível mencioná-las todas.

Tamanha recorrência provavelmente não se dê apenas com intuito científico, mas em grande medida, em virtude do fato de que há poucos temas que tratam tão de perto sobre os destinos do homem, seu percurso e sentido existencial durante sua breve vida no planeta. Dahmen (2012) diz que para eles, os físicos, o tempo é algo que se mede e com o qual se trabalha. Reconhece que, no entanto, o termo carrega consigo um componente psicológico e filosófico substancial, uma vez que ele é o “destruidor da vida”.

Tomemos como ponto de partida, a concepção newtoniana de tempo, citada por Sabóia, 2007, p. 32:

O tempo absoluto, verdadeiro e matemático, por si mesmo e da sua própria natureza, flui uniformemente sem relação com qualquer coisa externa e é também chamado de duração; o tempo relativo, aparente e comum é alguma medida de duração perceptível e externa (seja ela exata ou não uniforme) que é obtida através do movimento e que é normalmente usada no lugar do tempo verdadeiro, tal como uma hora, um dia, um mês, um ano [...] Tempo absoluto, em astronomia, é distinguido do tempo relativo, pela equação ou correção do tempo aparente.

Aristóteles e Newton acreditavam em um tempo absoluto, o que corresponde a dizer que o tempo de determinado evento seria sempre o mesmo e poderia ser constatado pela medição de relógios precisos. Tempo e espaço estariam dissociados, cada qual se ocupando de fenômenos distintos, sem nenhuma convergência. Citando Hawking, 1988, Sabóia (2007, p. 32) diz que esse é o pensamento do senso comum e que funciona bem para eventos de velocidades menores, como a queda de objetos, por exemplo. No entanto, se esses postulados fossem postos à prova com eventos de velocidade próxima à luz, tal teoria se mostraria ineficiente. Por outras palavras, a teoria da relatividade acabou com a ideia do tempo absoluto, uma vez que, a partir de suas premissas, cada observador obtinha a sua própria medida do tempo, registrada pelo relógio que utilizava, sendo que relógios idênticos, utilizados por observadores diferentes, nem sempre coincidiam (SABÓIA, 2007, p. 33).

O físico também esclarece que, com a teoria de Einstein, observou-se que o tempo pode passar mais rápido para alguns, enquanto que mais vagarosamente para outros. De tal feita, o tempo deixa de ter um valor universal e passa a ser relativo ao ponto de vista de cada um – por isso o nome “relatividade”. Ele utiliza a seguinte ilustração para explicar como a relatividade não permite a ideia de tempo absoluto: se dois gêmeos vivem, um no cume de uma montanha e outro no nível do mar, o primeiro envelhece mais rápido que o segundo. Seria uma diferença ínfima. No entanto, se um deles viajasse em uma nave espacial à velocidade da luz, permaneceria muito mais jovem do que o que permaneceu na terra. O cientista esclarece que tal fenômeno só é considerado um paradoxo diante da ideia de tempo absoluto – o que não ocorre na teoria da relatividade, justamente pelo fato de cada observador ter sua medida pessoal de tempo, em função do lugar onde está e do movimento ou não que executa (HAWKING, 1988, p. 43, 44).

Deparamo-nos, a seguir, com a questão do embate acerca dos domínios de pertencimento do estudo do fenômeno do tempo. No texto de Einstein, física e realidade, escrito em 1936, de modo exemplar, pode-se apreender a sutileza e a complexidade envolvidas no processo da discussão sobre a atribuição de competência do saber específico para análise e descrição de certos fenômenos; entre eles, o da temporalidade. O físico inicia o texto sugerindo que não caberia ao filósofo ocupar-se de temas afetos à física:

Foi dito freqüentemente e com certeza não sem razão que o cientista seria um mau filósofo. Por que não haveria então de ser o mais correto também para o físico deixar o filosofar para os filósofos? [...] nestas épocas [...] o físico não pode simplesmente relegar à Filosofia a análise crítica dos fundamentos (DAHMEN, 2006, p. 1)

Evidentemente não há nenhum campo de saber a postos, de plantão, a coibir o fato evidente de que diferentes campos de estudo se interessam por compreender os mesmos fenômenos e explicitá-los ao seu modo. Cada um o faz, defendendo sua interpretação com base na convicção de que ela é válida, pertinente e quiçá, entre tantas outras, indispensável. No entanto, na contemporaneidade, com o predomínio do cientificismo, prevalece a convicção de que a ciência natural, mediante seus artefatos tecnológicos de ponta, seja mais competente que outras concepções para tratar da maioria dos problemas humanos; ou ainda, que nela se possa depositar maior credibilidade para tal feito. O fato é que convivem conjuntamente, em certos fenômenos, elementos atinentes a distintos saberes – mesmo porque tais nomenclaturas dizem respeito à intervenção didática formalizada pelo homem e não aos fenômenos em si. O próprio Einstein pondera:

[...] em épocas nas quais os físicos creem possuir um sólido e inquestionável sistema de conceitos e leis fundamentais, mas não nos dias atuais, quando os fundamentos da Física como um todo se tornaram problemáticos [...] apenas ele sabe e sente melhor que ninguém onde o sapato lhe aperta; na busca por novos fundamentos é mister que ele procure se esclarecer o melhor possível acerca da necessidade e legitimidade dos conceitos por ele usados. (DAHMEN, 2006, p. 1)

Curiosamente, ele também reconhece o fato de que “toda ciência não é senão um refinamento do senso comum” (DAHMEN, 2006, p. 1) e que exatamente por isso o físico não deveria se ater unicamente a essa ciência em particular, mas, ao contrário, utilizar seu senso crítico para refletir sobre este mesmo senso comum, tarefa que considera ainda de “muito mais difícil análise”. Entrementes, se filosofia e física se ocupam de questões nascidas no berço do senso comum, seria de se esperar que, em algum momento de seu percurso, elas tivessem que se encontrar. Não obstante, o embaraço (tanto no sentido do constrangimento quanto do amalgamento entre tais áreas) não termina aí. Conquanto se refira à ciência e a física como áreas em que é preciso retomar e preservar a objetividade, a base sólida, o mundo “real”, entre outros; Einstein, em Dahmen (2006, p. 1), assevera que “No palco de nossas experiências mentais surgem, em colorida sucessão, experiências sensíveis, seus quadros mnemônicos, representações e sentimentos” (expressões que representam constructos sobre os quais certamente estamos cientes quanto à dificuldade de serem objetivados). A seguir, busca estabelecer uma diferença: “Contrariamente à psicologia, a física ocupa-se (diretamente) apenas

com as experiências sensíveis e com a "compreensão" das relações entre elas". E, imediatamente, uma vez mais, no entanto, Einstein observa que

[...]o conceito de "mundo externo real" do senso comum também se apoia exclusivamente sobre as impressões sensíveis" e que "devemos notar que a diferenciação entre impressões sensíveis (sensações) e representações não é conhecida, ou ao menos não o pode ser com segurança. Não pretendemos aqui nos ocupar com esta problemática que também envolve o conceito de "realidade", mas tomaremos as experiências sensíveis como tais, ou seja, um tipo especial de experiência mental existente e reconhecível (DAHMEN, 2006, p. 1).

A tentativa de delimitar "áreas de jurisdição" e competências correspondentes a cada uma é, como podemos notar, sobretudo delicada e cirúrgica – se é que possível. Não obstante, o físico persiste em fazê-lo, ao estabelecer um objeto específico para a física, a partir da tentativa de contenção de um limite que tenha por base um "mundo externo real" e na "construção do conceito de objeto corpóreo". Observamos, entretanto, que a explicitação da teoria ainda é evitada de elementos psicológicos que se imiscuem ao longo da dissertação: "sensações... interpretadas como sinais das experiências sensíveis de nossos semelhantes... mentalmente escolhidos, de modo arbitrário, da totalidade das experiências sensíveis... uma livre criação do espírito humano" entre outras, o que deixa transparecer o quanto é labiríntica a questão.

Outras assertivas do físico nos deixam uma vez mais curiosos e por idêntico motivo: Einstein considera que "atribuímos significados em grande medida independentes ao conceito do objeto corpóreo em nosso pensamento" e que isso se dá como "determinante de nossas expectativas" e às "sensações causadoras deste conceito", o que fazemos para "nos orientar por entre o emaranhado de sensações" e que nunca poderemos com segurança deixar de atribuir o caráter de nossa "experiência sensível única à ilusão ou à alucinação". De tal feita, na impossibilidade de "afirmar algo a priori acerca do método pelo qual devemos construir e relacionar conceitos e o modo pelo qual os ordenar com experiências sensíveis", Einstein, em Dahmen (2006, p. 2), em suma, assegura:

A garantia de sucesso para tal empreendimento se daria "apenas no estabelecimento de um ordenamento de experiências sensíveis [...] o único que "pode julgar", do contrário, o conhecimento, no sentido em que o almejamos, seria inatingível. Pode-se comparar estas regras àquelas de um jogo, regras estas em si arbitrárias, mas que só depois de definidas possibilitam que se jogue. Esta definição de regras, no entanto nunca será definitiva, mas antes só poderá reclamar para si qualquer validade na área na qual estiver sendo aplicado no momento.

Percebe-se, de tal modo, que, a despeito do esforço para estabelecer contornos bem demarcados entre os diferentes saberes afetos à existência humana, a tarefa sempre sucumbe diante do fato de que a cognição, os interesses pessoais, as distintas experiências e todo o arsenal de conhecimentos humanos que operam sobre a realidade assentam-se sobre elementos tão frágeis, mutantes e transitórios quanto a própria natureza desse homem.

Stephen Hawking, que intentou divulgar ao grande público seus achados de modo tão compreensível quanto possível, empenhou-se em descobrir se houve, de fato, um princípio do tempo e, se um dia, ele terá um fim. Um dos mais proeminentes físicos da atualidade começa a escrita de um de seus trabalhos mais famosos dizendo que, assim como Santo Agostinho, o cientista também se apercebe de que vivemos o cotidiano aparentemente convictos de que dominamos o necessário sobre o funcionamento das coisas, sem, no entanto perguntarmos-nos a nós mesmos sobre se há de fato fundamento e validade em nossos pressupostos e, dentro de sua esfera de ação e interesse, acredita que a ciência é o modo de se confrontar o senso comum e que é por intermédio desse confronto que novas possibilidades de compreensão e desvelamento de sentidos puderam se instalar ao longo da história do homem.

A despeito do fato de até mesmo gênios como Einstein e Hawking reconhecerem a singularidade dos aspectos enredados na temática da temporalidade (e como se observa em vários momentos de seus próprios discursos, conforme expusemos aqui), a ideia que a comunidade em geral partilha, com relação à abordagem científicista é a de que esta trata do “conhecimento por excelência” e, por intermédio dela, a “verdade dos fatos” pode ser desvelada por completo, tornando seus resultados mais confiáveis e superiores aos que seriam obtidos por qualquer outro tipo de saber. A opinião mais comum e disseminada aposta, ao menos em tese, na existência de um fosso intransponível entre a ciência e outros modos de investigação da realidade, o que conferiria à primeira um poder explicativo incomparável em relação aos demais. Entrementes, cientistas conscienciosos podem efetivamente ponderar, como diz Hawking (1988, p. 19): “Qualquer teoria física é sempre provisória, no sentido de não passar de uma hipótese: nunca consegue provar-se. Por muitas vezes que os resultados da experiência estejam de acordo com alguma teoria, nunca pode ter-se a certeza de que na vez seguinte o resultado não a contrarie”. Ainda assim, defendem-na, ao considerar qualquer achado dela potencialmente melhor que qualquer outro produzido fora dos ditames da ciência: “as teorias parciais que já temos são suficientes para fazer previsões exatas em todas as situações, exceto nas mais extremas” (Hawking, 1988, p. 22, 23). Somos aqui, tentados a nos perguntar: em que medida a questão que a contemporaneidade nos coloca quando nos deparamos com o crescente

(e estatisticamente demonstrado pela ciência natural, inclusive) desconforto e adoecimento experienciado pelo homem ao ser ver premido por um controle externo racional do tempo (por sua vez, ditado por uma aceleração a cada vez mais imposta como naturalizada) já não poderia ser considerada uma situação extrema?

Assim, a despeito do reconhecimento dos impasses, imprecisões e ambiguidades com os quais os pensadores têm de lidar ao discutir a temática, vigora a ideia de que a física seria a ciência habilitada a explicar de forma “efetiva e racional” o que a mitologia, a religião ou a filosofia não teriam sido capazes de esclarecer até hoje acerca dos mistérios do tempo. Quando muito, a filosofia e saberes “menores” poderiam ser abonados com a alegação de que tratar-se-iam de duas compreensões possíveis, porém, sem nenhuma compatibilidade entre si e com propósitos distintos: a física responderia às demandas da “realidade em si, tal como é”; enquanto as demais serviriam às questões metafísicas ou psicológicas advindas das interrogações humanas de ordem transcendente ou subjetiva. Trazemos tal ponderação à baila porque necessitaremos retomá-la adiante em nossa discussão, posto que a concepção que fundamenta o alicerce do “gerenciamento do tempo” tal como é apresentada e defendida na atualidade, se vale de tais premissas científicas para se sustentar.

Em função de descobertas das novas teorias científicas, o conceito de tempo tem sofrido diversas alterações. Olgária Matos, na “Série Experiências no Tempo” (JUNIOR, 2005) esclarece que a física contemporânea realizou revoluções nas concepções tradicionais de espaço e tempo: se até então o espaço era entendido como um contínuo simultâneo e o tempo, como um contínuo sucessivo; no estabelecimento da física contemporânea – tanto na quântica, quanto na mecânica ondulatória, nos fractais ou na teoria do caos – haveria uma implosão destas categorias tradicionais, com a consequente espacialização da temporalidade ou a temporalização do espaço. De tal modo, a “possibilidade de se detectar no fio do tempo uma continuidade, uma antecedência ou uma prospecção não existem mais”, tornando-se os tempos, simultâneos. Assim, conforme a pesquisadora, nesta nova perspectiva, que revoluciona a compreensão do cotidiano, torna-se compreensível acreditar na ocorrência de fenômenos como o “deja vu”, onde o que “está para acontecer pode já ter acontecido. Neste particular, ainda segundo Olgária Matos, “o tempo do inconsciente se aproxima um pouco desse tempo da física; um tempo que rompe com as categorias kantianas da ciência; que têm o espaço e o tempo como a priori em relação ao conhecimento objetivo”.

O físico e filósofo Osvaldo Junior (2005) pondera que dentro das diferentes perspectivas existentes para pensar o tempo, estão a naturalista e a do sujeito. A segunda diria respeito a

como o homem comum sente o tempo de modo particular, baseado na intuição, na observação ou na experiência: como se sente a passagem do tempo, que relação ele tem com os eventos passados e o que imagina sobre o futuro, por exemplo, reflexões típicas da perspectiva do sujeito. A estrofe do poema *For Katrina's Sun Dial*, do escritor Henry Van Dyke, nos lembra como circunstâncias e experiências particulares diversas atuam sobre a percepção de tempo individual: “O tempo é muito lento para os que esperam/ Muito rápido para os que têm medo/ Muito longo para os que lamentam/ Muito curto para os que festejam/ Mas, para os que amam/ O tempo é eterno”.

Por sua vez, a perspectiva naturalista começa justamente do ponto em que é necessário separar a percepção idiossincrática de cada pessoa do modo que o tempo “de fato é”: o tempo que existia antes do nascimento daquele que percebe o tempo – cada um ao seu modo: o tempo antes de surgir o sujeito que tem sensações sobre o tempo, que se pauta por seus ritmos biológicos circadianos internos sobre o tempo e que, a partir deles e de conveniências pessoais produziu instrumentos de medição para controlá-lo e medi-lo. O próprio Hawking, sendo físico e não filósofo, por sua vez, estabeleceu três setas que distinguiriam o tempo: duas delas estreitamente relacionadas à física (a termodinâmica, que indica o sentido do tempo em que a desordem ou entropia aumenta; a cosmológica, que indica o tempo em que o Universo está a expandir-se em vez de contrair-se) e outra, afeta ao domínio da psicologia: a seta psicológica do tempo, que trata do sentido em que sentimos que o tempo passa e que permite que nos lembremos do passado, mas não do futuro.

Dentro da perspectiva naturalista, o pesquisador enumera algumas incógnitas sobre o tempo que permanecem sem resposta, a começar da tentativa ancestral de desvendar o mistério de sua própria origem, definição e circunscrição (haja vista que, em suas palavras, nem ao menos se tem clareza sobre se o tempo é “algo” que se sente, intui, inventa, cria, constrói ou “algo” preexistente e independente do sujeito a quem resta apenas observar e constatar). Sobre tal enigma, que continua o mesmo que foi posto aos poetas e filósofos da antiguidade, já enveredamos anteriormente, desde a introdução. De todo modo, vale retomar dois exemplos de posicionamentos distintos dentro da filosofia, enumerados por ele: para Santo Agostinho, ícone na reflexão sobre o tema, Deus criou tudo: espaço e tempo. De tal feita, antes da criação não havia tempo. Para Kant, a razão científica tem limites, sendo um deles atestar com certeza se o tempo teve início ou não. A depender dos critérios de análise, poder-se-ia argumentar se o tempo teve ou não um início.

O Big Bang, teoria de 1931 é um dos modelos explicativos mais populares e mais aceitos ainda hoje pela comunidade científica, apesar de já bastante contestado. Afirma que o Universo começou a partir de um ponto extremamente denso que, ao explodir, criou o cosmos em expansão. Não teria sido apenas a matéria o produto inaugural advindo de tal explosão, mas também o espaço e o tempo teriam surgido exatamente aí. Pessoa Junior (2005) conjectura: Se uma coisa surge é porque havia um antes e um depois. O que havia antes do tempo? Não poderia sequer haver um antes, já que o próprio “antes” se refere a algo anterior e não havendo tempo, nada havia. Modelos não tão populares também foram propostos, como o Hawking/Turok, de 2001, teoria que descreve um universo que explode não somente uma vez, mas repetidamente no tempo e que considera que, no passado, o tempo teria surgido a partir do espaço e de modo muito lento. Assim, diversos outros, que não nos compete aqui analisar, conquanto, ao nomeá-los, podemos salientar, a exemplo das abordagens filosóficas, quão variados são os conceitos e perspectivas que buscam explicitar o fenômeno do tempo pela perspectiva científico-natural.

No limiar em que outras conjecturas e presunções do homem acerca do tema (a possibilidade da irreversibilidade no tempo, por exemplo, entre muitas outras) extrapolaram o que os conhecimentos da física clássica foram insuficientes para redarguir, começa-se a buscar na física quântica outras perspectivas e, assim, tentar complementar ou avançar no esclarecimento das indagações sem resposta sobre o tempo. No entanto, também por ser um movimento relativamente incipiente, em seu terreno também abundam diferentes interpretações sem consenso.

Sabemos de antemão que a ciência natural aspira à neutralidade, objetividade, racionalidade e positividade, no intuito de buscar a total aderência aos fatos, submetendo-os ao maior controle possível da experiência (temos, entre inúmeros outros, a própria afirmação de Einstein (DAHMEN, 2006, p. 2): “O objetivo da Ciência é [...] a mais *completa* compreensão conceitual de experiências sensíveis em toda sua variedade e sua interconexão lógica [...] uma visão de mundo unificada mais lógica possível”. Tal aspiração é justamente o que a manteria distante de outros saberes “especulativos” entre os quais, por vezes, incluem a filosofia. Curiosamente, no entanto, o discurso que busca esclarecer o funcionamento da abordagem científica deixa entrever, de diferentes modos, como elementos externos, e de naturezas distintas podem influir em questões aparentemente tidas como imutáveis (por exemplo, na sequência da frase anterior, Einstein afirma que a diversidade de postulados, concepções, pensamento, experiências, entre outros, sobre os objetos, compõem a multiplicidade dos conceitos primários ligados a tais experiências e de que delas todas a ciência necessita, “uma

vez que “em seu primeiro estágio evolutivo ela não possui nada além disto”. Diversidade de concepções, de pensamentos e experiências – não é justamente esse o composto que, reunido, confere à subjetividade sua força e legitimidade na compreensão humana do mundo? Se a isso chama-se especulação, porventura não é ela que, domada pela racionalidade se reveste do nome de ciência?

Selecionamos, a título de exemplificação, dois eventos curiosos afetos ao terreno da física que nos permitem perceber a influência desses múltiplos fatores em relação à questão do tempo, de modo a desafiar sua explicação a partir unicamente do ponto de vista naturalista, baseado no binômio linear causa-efeito: o primeiro é um acontecimento geológico, em notificação da Agência Espacial Americana (NASA), por Buis (2018), de que o terremoto ocorrido no Chile em 27.02.2010 poderia ter movido o eixo da terra e, conseqüentemente, ter causado um encurtamento na duração dos dias. Segundo os cientistas, este seria um efeito colateral advindo de alterações de configuração de massa do planeta em abalos sísmicos deste porte (8,8 graus na escala Richter). A conclusão foi levada a cabo quando um cientista daquela instituição, Richard Gross e sua equipe, através de medições complexas observaram que, após o abalo sísmico, um dia na Terra passou a ter 1,26 microssegundos a menos (um microssegundo é a milionésima parte de um segundo). Por intermédio do mesmo modelo científico, já haviam observado que o tremor de 2004, em Sumatra, Indonésia, ainda maior (magnitude 9,1) teria encurtado o dia em 6,8 microssegundos e deslocado o eixo da Terra em cerca de sete centímetros.

O segundo exemplo é noticiado anualmente e pode ser acompanhado, quando da emissão do “Bulletin of the Atomic Scientists” (2018). Os documentos são elaborados com base na interpretação de um dispositivo chamado Doomsday Clock (em português, O Relógio do Juízo Final ou Relógio do Apocalipse), um relógio simbólico posto em funcionamento em 1947, durante a guerra fria. Havendo iniciado a contagem em sete minutos para a meia noite, seus ponteiros já se moveram vinte e três vezes, desde então. Idealizado por cientistas da Universidade de Chicago, por intermédio dele, tem-se uma analogia que considera a quantos minutos está a raça humana da meia-noite" (a destruição do planeta por uma guerra nuclear e o conseqüente e inevitável extermínio da raça humana). O relógio avança e retrocede, a depender de diversos fatores: geográficos e ambientais (como o aquecimento da terra em 2014, tido como o ano mais quente já registrado em toda a história, que fez com que o relógio andasse dois minutos); políticos, econômicos e sociais. Assim como a queda do muro de Berlim, em 1989, fez com que o relógio andasse para trás e atrasasse em dezessete minutos em 1991; os

efeitos da forma de governar de Donald Trump teriam acrescentado trinta segundos ao relógio, desde sua posse. No boletim mais recente (até o momento em que escrevemos este texto), em 25 de janeiro de 2018, noticiou-se um avanço em dois minutos para a meia-noite (motivado, principalmente, pelos conflitos e ameaças entre os EUA e a Coreia do Norte). Pontuação similar havia ocorrido apenas em 1953, quando Estados Unidos e União Soviética testaram dispositivos termonucleares.

Assim, a acusação que a “ciência dura” faz às ciências humanas de não serem objetivas e contaminadas pela subjetividade, entre outros, pode ser repensada, de certo modo, a partir do pressuposto de que os achados daquelas também são afetados por variáveis diversas que, em maior ou menor grau, são igualmente produzidas pelo pensamento e deliberação humanos. Este é um raciocínio do qual não devemos olvidar, principalmente quando estivermos, adiante, contemplando a visão tecnicista e racional com a qual se tenta estabelecer a prevalência de uma concepção maquínica, rígida, naturalista, física, “concreta” do tempo, que embasa e justifica a total possibilidade de seu “gerenciamento e otimização”.

Quando pensamos, no entanto, no que aproxima as concepções da física e da filosofia acerca da questão do tempo, notamos que não há como prescindir do debate acerca da sua “origem”. O excerto a seguir é um testemunho notável de como ambas podem conversar e gerar reflexões extremamente profícuas acerca deste mistério. Além do mais, a ausência de respostas para as mesmas perguntas as tornam muito próximas, e testificam que a filosofia não prescinde, de modo algum, do rigor, da lógica e do espírito inquiridor lúcido e objetivo (características geralmente tidas como exclusivas do pensamento cientificista pelos inadvertidos) e que, a seu modo próprio, a Filosofia também busca aproximar-se da “verdade”. É um diálogo ameno e sem pretensões de embate, travado entre Jean Guitton e os irmãos Igor e Grichka Bogdanoff (1992, p. 16-20) acerca de nossa origem e, portanto, da “origem” do tempo:

Início dos anos 1900. A teoria quântica nos diz que, para compreender o real, é preciso renunciar à noção tradicional de matéria [...] que o espaço e o tempo são ilusões. Que uma partícula pode ser detectada em dois lugares ao mesmo tempo. Que a realidade fundamental não é cognoscível. Estamos ligados ao real dessas entidades quânticas que transcendem as categorias do tempo e do espaço ordinários. Existimos através de “alguma coisa” cuja natureza e espantosas propriedades temos bastante dificuldade de aprender, mas que se aproxima mais do espírito que da matéria tradicional.

Bergson pressentira, mais que ninguém [...] como na física quântica, a realidade não é causa, nem local: nela, espaço e tempo são abstrações, puras ilusões. As consequências dessa reformulação ultrapassam em muito tudo aquilo que hoje estamos em condições de acrescentar à nossa experiência, ou mesmo à nossa intuição. Pouco a pouco, começamos a compreender que o real está velado, inacessível, que

dele percebemos apenas a sombra, sob a forma provisoriamente convincente de uma miragem. Mas o que há, então sob o véu?

Diante desse enigma, só existem duas atitudes: uma nos conduz ao absurdo, a outra ao mistério. A escolha derradeira entre uma e outra é, no sentido filosófico, a mais elevada de minhas decisões [...]

Por que o Universo apareceu? Nenhuma lei física deduzida da observação permite responder a estas perguntas. No entanto, essas mesmas leis nos autorizam a descrever de maneira precisa o que se passou no início, 1/43 segundos após a miragem do tempo zero: um lapso de tempo inimaginavelmente pequeno, já que o algarismo um é precedido de 43 zeros. A título de comparação, essa fração de segundo representa num único segundo uma duração bem mais longa que um simples relâmpago nos quinze bilhões de anos que se passaram desde o aparecimento do universo [...]

O que se passou então, na origem, há quinze bilhões de anos? Para sabê-lo, vamos retroceder ao tempo zero, até esse número original que os físicos chamam de limite de Plank. Nessa época longínqua, tudo que o universo contém, planetas, sóis e galáxias, aos milhões, tudo estava reunido numa singularidade microcós mica inimaginavelmente pequena. Uma mera centelha no vácuo. Sem esquecer, é óbvio, que falar da emergência do Universo nos levará à pergunta inevitável: de onde vem o primeiro “átomo de realidade”?

[...] por que existe alguma coisa ao invés de nada? [...] que se passou, no início dos tempos, para dar origem a tudo que existe hoje? [...] nenhuma necessidade de grandes decisões: pensamos nessas coisas tão simplesmente quanto respiramos. Os objetos mais familiares podem conduzir-nos aos mais perturbadores enigmas.

A partir daí Guitton interroga os dois cientistas sobre o surgimento do material de um objeto ordinário seu, uma chave. É um mero disparador para a reflexão que pretende empreender. De modo resumido, eis o diálogo:

IB: [...] assim como qualquer objeto, esta chave tem uma história invisível... há uns cem anos estava escondida, sob a forma de minério bruto, no âmago de uma rocha. Antes de ser desenterrado, o bloco de ferro [...] estava ali, prisioneiro da pedra cega, há bilhões de anos [...] O metal é mais antigo que a própria terra, cuja idade é avaliada hoje 4,5 bilhões de anos. É certamente possível retroceder...

GB: [...] a Terra e o Sol ainda não existiam [...] O metal da sua chave já estava ali, flutuando no espaço interestelar, sob a forma de nuvem que continha elementos pesados necessários à formação do nosso sistema solar.

JG: [...] De onde vinha então essa nuvem?

IB: De uma estrela. Um sol que existia antes do nosso e que explodiu, há dez ou doze bilhões de anos. Nessa época, o Universo era essencialmente constituído de imensas nuvens de hidrogênio que se condensaram, se reaqueceram e acabaram por acender-se, formando as primeiras estrelas gigantes [...] No fim de uma vida relativamente breve – apenas algumas dezenas de milhões de anos – essas estrelas gigantes explodem, projetando no espaço interestelar os materiais que servirão para fabricar outras estrelas menores [...] de segunda geração, assim como seus planetas e os metais que eles contêm. Sua chave, assim como tudo o que se encontra em nosso planeta, é apenas “resíduo” gerado pela explosão dessa antiga estrela.

JG: [...] De repente, amplia-se meu horizonte. E tenho vontade de [...] retroceder a um passado ainda mais remoto, bem antes da formação das primeiras estrelas: pode-se ainda dizer alguma coisa sobre os átomos que formarão minha famosa chave?

GB: Eis-nos num passado de quinze bilhões de anos. O que aconteceu nessa época? A física moderna diz que o Universo nasceu de uma gigantesca explosão que provocou a expansão da matéria... ainda observável nos dias de hoje [...] as galáxias afastam-se uma das outras sob o impulso da explosão original.

JG: Basta medir a velocidade de afastamento dessas galáxias para deduzir o momento primordial em que elas se encontravam reunidas num certo ponto [...] acabaremos por descobrir o momento preciso em que o Universo inteiro tinha o tamanho de uma cabeça de alfinete [...] nesse instante, imagino, que devemos situar os primórdios de sua história.

IB: Os astrofísicos tomam como ponto de partida os primeiros bilionésimos de segundo que se seguiram à criação, portanto, 10⁻⁴³ segundo depois da explosão original

GB: Essa época é talvez a mais insólita de toda a história cósmica. Os eventos se precipitam num ritmo alucinante, a tal ponto que nesses bilionésimos de segundo acontecem mais coisas que nos bilhões de anos que se seguirão.

JG: Um pouco como se essa efervescência dos primórdios se assemelhasse a uma espécie de eternidade. Se seres conscientes tivessem podido viver esses primeiros tempos do cosmo, certamente teriam tido a impressão de que um tempo imensamente longo, quase eterno, separava cada evento.

GB: [...] um evento que percebemos hoje sob a forma de um flash fotográfico equivalia, nesse Universo nascente, à duração de bilhões de anos. Naquela época, a extrema densidade dos acontecimentos produz uma distorção da duração. Após o instante original da criação, bastaram alguns bilionésimos de segundo para que o Universo entrasse numa fase extraordinária, que os físicos chamam de “era inflacionária” [...] da era inflacionária até hoje, o volume do Universo não aumentou mais que por um fator relativamente pequeno: 10⁽⁹⁾, ou seja, apenas um bilhão de vezes.

GB: Ei-nos, portanto, diante de um Universo do tamanho de uma maçã. O relógio cósmico indica 10⁽⁻³²⁾ segundo: a era inflacionária acaba de terminar [...] existe apenas uma partícula, à qual os astrofísicos deram o nome poético de “partícula X”. É a partícula original, aquela que precedeu todas as outras [...] A 10⁽⁻³¹⁾ segundo alguma coisa acontece: as partículas X dão origem às primeiríssimas partículas de matéria: os quarks, os elétrons [...] as partículas que existem nessa época dão origem a flutuações de densidade de que desenham, aqui e ali [...] irregularidades de todos os tipos. Ora, nós devemos nossa existência a essas irregularidades [que] geram as galáxias, as estrelas, os planetas [...] em alguns bilionésimos de segundo a “tapeçaria cósmica” das origens gera tudo o que conhecemos hoje.

GB: A história que percorremos durou cerca de três minutos. A partir daí as coisas caminham muito mais lentamente [...] para dar origem aos elementos pesados [...] na Terra bem mais tarde, bilhões de anos depois.

JG: Não podemos deixar de sentir uma vertigem de irrealidade diante de tais números [nos] primórdios do Universo, o tempo parece esticar, dilatar-se até se tornar infinito [...] admitimos que é possível descrever muito precisamente o que se passou 10⁽⁻⁴³⁾ segundos após a criação. Mas, afinal, o que aconteceu antes? A ciência parece impotente para descrever ou mesmo imaginar o que quer que seja de razoável, no sentido mais profundo da palavra, a propósito do momento original, quando o tempo ainda estava no zero absoluto e nada ocorrera ainda.

GB: Efetivamente, os físicos não têm a menor ideia daquilo que poderia explicar o aparecimento do Universo. Podem retroceder até 10⁽⁻⁴³⁾ segundo, mas não passam daí. Esbarram então no famoso limite de Planck” [...] célebre físico alemão primeiro a assinalar que a ciência era incapaz de explicar o comportamento dos átomos em condições em que a força da gravidade se torna extrema.

IB: 10⁽⁻⁴³⁾ segundo [...] o limite extremo dos nossos conhecimentos, o fim da nossa viagem às origens. (1992, p. 21-30)

Torna-se, pois, patente, diante de tantos impasses e mistérios, mesmo nas ciências duras, elucidar tantas dúvidas sobre o tempo. As paredes que se erguem diante das tentativas de compreendê-lo parecem intransponíveis. Diante delas, filósofos e físicos continuam questionando, pesquisando, conjecturando. É certo que muitos fundamentos da física tanto clássica quanto contemporânea foram sendo assentados e evoluíram a partir dos questionamentos filosóficos. Conforme se viu, por exemplo, tanto Aristóteles como Newton, a partir de pressupostos distintos, acreditavam no tempo absoluto. Einstein, ainda que para criticá-lo e contrapô-lo, cita Kant por duas vezes no texto aqui comentado e raramente se ouve ou lê-se qualquer artigo “científico” sobre o tempo que não tome por ponto de partida, ao menos, a discussão sobre o tempo levada a cabo por Santo Agostinho, ainda que, mormente em caráter introdutório, seja para reverenciar seu pioneirismo, seja para contrapor suas ideias à “evolução” das “descobertas” sobre o tempo.

Dastur (1997, p. 26) explicita que por meio da obra heideggeriana pode-se apreender que a concepção de tempo na física não se modificou no período histórico compreendido pelas descobertas de Galileu a Einstein. Durante todo esse tempo, a concepção subjacente foi a de tornar possível a medida, a fim de definir o movimento, objeto central daquela disciplina. E para atender ao objetivo da medição, obviamente, precisava se tornar mensurável e uniforme. Este tempo medido e medidor, ao qual tudo se tomava por parâmetro, se opõe ao tempo histórico caracterizado por uma heterogeneidade qualitativa. Eis o ponto chave da questão quando se busca compreender o tempo dentro do pensamento heideggeriano. Tomando-se por base a fenomenologia hermenêutica pensada por ele, vemos que não se trata de ocupar-se com parâmetros de medição, mas com significações e valores, o que nos conduz à percepção de que sua compreensão do tempo não pode estar reduzida à epistemologia das ciências da natureza.

Sobre o Tempo

E um astrônomo disse: fala-nos do Tempo.

E ele respondeu: se dependesse de vós mediríeis o imedível e o incomensurável.

Ajustaríeis a vossa conduta e até dirigiríeis o rumo do vosso espírito de acordo com as horas e as estações.

Do tempo faríeis um ribeiro em cuja margem vos sentaríeis a vê-lo fluir.

No entanto, o intemporal em vós está consciente do intemporal da vida, e sabe que o ontem não é senão a memória do hoje, e o amanhã é o sonho de hoje.

E aquele que dentro de vós canta e contempla, habita ainda dentro dos limites daquele primeiro momento que espalhou as estrelas no firmamento.

Quem, dentre vós, não sente que a sua capacidade para amar é ilimitada?

E, no entanto, também sente que esse mesmo amor, embora ilimitado, está confinado no âmago do seu ser, não se movendo de pensamento amoroso para pensamento amoroso, nem de atos de amor para atos de amor.

E não será o tempo, tal como o amor, indivisível e imóvel?

Mas se em pensamento quiserdes medir o tempo em estações, deixai que cada estação abrace todas as outras.

E deixai que o hoje abrace o passado com saudade e o futuro com ansiedade.

Khalil Gibran

6. A HISTÓRIA DO TEMPO NA HISTÓRIA DOS HOMENS: CONTROLE, LABUTA E O PREÇO DO TEMPO

Até as civilizações começarem a depender da agricultura (povos babilônicos e egípcios), os parâmetros para a observação do tempo eram a regularidade no movimento dos astros e a marcação das passagens das estações do ano. Os agricultores eram, então, os grandes astrônomos: a observação do céu, do nascimento e do pôr do sol, bem como a posição das estrelas e constelações que, após um ano, retornavam à posição na qual se encontravam anteriormente, constituíam o modo empírico de perceber a passagem do tempo disponível à época. Uma boa referência, por exemplo, era a estrela polar, que nunca muda sua posição em relação ao eixo em que a terra gira no hemisfério norte. Com base nestas observações, conforme Dahmen (2012) confeccionavam-se diversos calendários “rústicos” (maia, asteca, babilônico, judaico, islâmico, hebraico, hindu, etc.) e estes dispositivos funcionavam como o relógio de então.

De acordo com Le Goff (1990, p. 509, 518, 519, 533) o tempo é matéria fundamental da história, uma vez que a cronologia desempenha o papel essencial de ser seu fio condutor. Diz o historiador que a relação da história humana com o tempo se deu em duas modalidades distintas: o tempo “natural” e cíclico do clima e das estações e o vivido pelos indivíduos e sociedades, registrado e documentado. De tal feita, para formalizar o tempo social, foi preciso dominar o tempo natural e o fizeram por intermédio especialmente do calendário, desenvolvido culturalmente com finalidade de controle. O calendário teria sido, inclusive, um dos grandes facilitadores do progresso e do desenvolvimento histórico do homem. Por intermédio dele, tornou-se viável a criação de períodos e unidades mensuráveis iguais de tempo, como o dia de vinte e quatro horas. Funcionava, assim, como instrumento do poder, especialmente do estado, no que tange ao controle das atividades econômicas e sociais humanas.

Kurzweil (Quanto Tempo o Tempo Tem, 2015), diz que o tempo “já existia muito antes da humanidade, pois foi preciso tempo para que a humanidade pudesse acontecer”. Essa não seria a questão crucial, no entanto, conforme acredita, e sim desvendar quanto tempo os seres humanos levaram para ter consciência do tempo. Mediante inferências, como descobrir que levava um ano para que o sol e outras estrelas retornassem exatamente ao mesmo local, é que se instituiu o ano solar, uma maneira quase universal de contar o tempo. Os primeiros instrumentos tecnológicos para tal finalidade surgiram, sobretudo, na civilização grega. Na democracia havia necessidade de equilibrar o tempo concedido aos oradores, por exemplo, ou em questões judiciais, acusação e defesa também deveriam fazer jus a um período idêntico no

uso da palavra. Para tais propósitos, a lua e o sol eram totalmente ineficazes, motivo pelo qual se criaram instrumentos como a clepsidra (que indicava o fim de um determinado período de tempo mensurado previamente quando a ampulheta ficava vazia, sem areia ou água no bocal). Assevera Kurzweil que tais invenções foram “uma exigência política, social que permitiu um tempo convencional sempre igual em oposição ao tempo natural, que era muito mais evidente, mas que tinha o inconveniente de ser desigual.”

Em retrospectiva, Thompson (1991, p. 269) nos conta que, entre os povos primitivos, a medição do tempo estava relacionada aos processos familiares no ciclo do trabalho ou das tarefas domésticas. De tal feita, para alguns povos, o senso de tempo, as horas do dia e a passagem do tempo eram tão-somente a sucessão das tarefas e sua relação mútua. Assim, por exemplo, em Madagascar, o tempo podia ser medido pelo “cozimento do arroz” ou pelo “fritar de um gafanhoto”.

A diferenciação entre a perspectiva cultural e subjetiva da temporalidade é fato indiscutível. É exemplar, neste caso, a propósito, a narrativa de Erich Scheurmann. Trata-se da tradução do depoimento de Tuiávii, chefe da tribo Tiavéa (na Samoa, ilha do pacífico sul, Indonésia). O chefe, após uma visita à Europa, resume suas observações sobre a vida do homem branco ocidental, a quem dá o nome de “Papalagui” (“aquele que furou o céu”). O trecho específico que relata a marcada diferença de percepção e relação com o tempo entre o homem “moderno” e os povos ancestrais, bem como as implicações de cada perspectiva nos mais diferentes setores da vida humana, é retomado a seguir:

O Papalagui nunca tem tempo

O Papalagui gosta do metal redondo e do papel pesado; gosta de meter para dentro da barriga muitos líquidos que saem das frutas mortas, além da carne do porco e da vaca, e de outros animais horríveis; mas ele gosta, principalmente, daquilo que não se pode pegar e que, no entanto, existe: o tempo. Fala muito no tempo, diz muita tolice a respeito do tempo. Nunca existe mais tempo do que aquele que vai do nascer ao pôr do sol e, no entanto, isto nunca é suficiente para o Papalagui.

O Papalagui nunca está satisfeito com o tempo que tem; e acusa o grande Espírito por não lhe ter dado mais. Chega a blasfemar contra Deus, contra a sua grande sabedoria, dividindo e subdividindo em pedaços cada dia que se levanta de acordo com um plano muito exato. Divide o dia tal qual um homem partiria um coco mole com uma faca em pedaços cada vez menores. Todos os pedaços têm nome: segundo, minuto, hora. O segundo é menor do que o minuto, este é menor do que a hora; juntos, minutos e segundos formam a hora e são precisos sessenta minutos e uma quantidade maior de segundos para fazer o que se chama hora.

É uma coisa complicada que nunca entendi porque me faz mal estar pensando mais do que é necessário em coisas assim pueris. Mas o Papalagui disse faz uma ciência importante: os homens, as mulheres, até as crianças que mal se têm nas pernas usam na tanga, presa a correntes grossas de metal, ou pendurada no pescoço, ou atada com

tiras de couro ao pulso, certa pequena máquina, redonda, na qual lêem o tempo, leitura que não é fácil, que se ensina às crianças, aproximando-lhes do ouvido a máquina para diverti-las.

Esta máquina, fácil de carregar em dois dedos, parece-se por dentro com as máquinas que existem dentro dos grandes navios, que todos vós conheceis. Mas também existem máquinas do tempo grandes e pesadas, que se colocam dentro das cabanas, ou se suspendem bem alto para serem vistas de longe. Para indicar que passou uma parte do tempo, há do lado de fora da máquina uns pequenos dedos; ao mesmo tempo, a máquina grita e um espírito bate no ferro que está do lado de dentro. Sim, produz-se mesmo muito barulho, um grande estrondo nas cidades européias quando uma parte do tempo passa.

Ao escutar este barulho, o Papalagui queixa-se: "Que tristeza que mais uma hora tenha se passado". O Papalagui faz, então, uma cara feia, como um homem que sofre muito; e no entanto logo depois vem outra hora novinha. Só consigo entender isso pensando que se trata de doença grave. "O tempo voa!"; "O tempo corre feito um corcel!"; "Dêem um pouco mais de tempo": são as queixas do Branco.

Digo que deve ser uma espécie de doença porque, supondo que o Branco queira fazer alguma coisa, que seu coração queime de desejo, por exemplo, de sair para o sol, ou passear de canoa no rio, ou namorar sua mulher, o que acontece? Ele quase sempre estraga boa parte do seu prazer pensando, obstinado: "Não tenho tempo de me divertir". O tempo que ele tanto quer está ali, mas ele não consegue vê-lo. Fala em uma quantidade de coisas que lhe tomam o tempo, agarra-se, taciturno, queixoso, ao trabalho que não lhe dá alegria, que não o diverte, ao qual ninguém o obriga senão ele próprio. Mas, se de repente vê que tem tempo, que o tempo está ali mesmo, ou quando alguém lhe dá um tempo — os Papalaguis estão sempre dando tempo uns aos outros, é uma das ações que mais se aprecia — aí não se sente feliz, ou porque lhe falta o desejo, ou está cansado do trabalho sem alegria. E está sempre querendo fazer amanhã o que tem tempo para fazer hoje.

Certos Papalaguis dizem que nunca têm tempo: correm feito loucos de um lado para outro, como se estivessem possuídos pelo aitu; e por onde passam levam a desgraça e o pavor por terem perdido o seu tempo. É um estado horrível, esta possessão que não há médico que cure, que contagia muitos homens e os faz desgraçados.

Todo Papalagui é possuído pelo medo de perder o seu tempo. Por isso todos sabem exatamente (e não só os homens, mas as mulheres e as criancinhas), quantas vezes a lua e o sol saíram desde que, pela primeira vez, viram a grande luz. De fato, isso é tão sério que, a certos intervalos de tempo, se fazem festas com flores e comes e bebes. Muitas vezes percebi que achavam esquisito eu dizer, rindo, quando me perguntavam quantos anos tinha: "Não sei..." "Mas devias saber". Calava-me e pensava que era melhor não saber. Ter tantos anos significa ter vivido um número preciso de luas. É perigoso esta maneira de indagar e contar o número das luas porque assim se chega a saber quantas luas dura a vida da maior parte dos homens. Todos prestam muita atenção nisso e, passando um número muito grande de luas, dizem: "Agora, não vou demorar a morrer". E então essas pessoas perdem a alegria e morrem mesmo dentro de pouco tempo [...]. É por isto que quase todos levam a vida correndo com a velocidade de pedras atiradas por alguém. Quase todos andam olhando para o chão e balançando com os braços para caminhar o mais depressa possível. Se alguém os faz parar, dizem, mal-humorados: "Não me aborreças, não tenho tempo, vê se aproveitas melhor o teu." Dá a impressão de que aquele que anda depressa vale mais e é mais valente do que aquele que anda devagar. Vi um homem com a cabeça estourando, os olhos virados, a boca aberta feito a de um peixe agonizante, a cara passando de vermelha a verde, batendo com as mãos e os pés, porque um criado tinha chegado um pouquinho mais tarde do que prometera. Esse pouquinho era para ele um grande prejuízo, prejuízo irreparável. O criado teve de ir-se embora, o Papalagui expulsou-o e recriminou-o: "Roubaste-me tempo demais! Quem não presta atenção ao tempo não merece o tempo que tem!" Só uma vez é que deparei com um homem que tinha muito tempo, que nunca se queixava de não tê-lo, mas era pobre, sujo, e desprezado. Os outros passavam longe dele, ninguém lhe dava importância. Não compreendi essa atitude porque ele andava sem pressa, com os olhos sorrindo, mansa, suavemente.

Quando lhe falei, fez uma careta e disse, tristemente: "Nunca soube aproveitar o tempo; por isto, sou pobre, sou um bobalhão". Tinha tempo, mas não era feliz.

O Papalagui emprega todas as forças que tem e todos os seus pensamentos tentando alongar o tempo o mais possível. Serve-se da água e do fogo, da tempestade, dos relâmpagos que brilham no céu para fazer parar o tempo. Põe rodas de ferro nos pés, dá asas às palavras que diz para ter mais tempo. Mas para que todo este esforço?

O que é que o Papalagui faz com o tempo? Nunca compreendi bem [...]. Acho que o tempo lhe escapa tal qual a cobra na mão molhada, justamente porque o segura com força demais. O Papalagui não espera que o tempo venha até ele, mas sai ao seu alcance, sempre, sempre, com as mãos estendidas e não lhe dá descanso, não deixa que o tempo descansa ao sol. O tempo tem de estar sempre perto dele, cantando, dizendo alguma coisa. Mas o tempo é quieto, pacato, gosta de descansar, de deitar-se à vontade na esteira. O Papalagui não sabe perceber onde está o tempo, não o entende e é por isto que o maltrata com os seus costumes rudes.

Ó amados irmãos! Nunca nos queixamos do tempo; amamo-lo conforme vem, nunca corremos atrás dele, nunca pensamos em ajuntá-lo nem em parti-lo. Nunca o tempo nos falta, nunca nos enfastia. Adiante-se aquele dentre nós que não tem tempo! Cada um de nós tem tempo em quantidade e nos contentamos com ele. Não precisamos de mais tempo do que temos e, no entanto, temos tempo que chega. Sabemos que no devido tempo havemos de chegar ao nosso fim e que o Grande Espírito nos chamará quando for sua vontade, mesmo que não saibamos quantas luas nossas passaram. Devemos livrar o pobre Papalagui, tão confuso, da sua loucura! Devemos devolver-lhe o verdadeiro sentido do tempo que perdeu. Vamos despedaçar a sua pequena máquina de contar o tempo e lhe ensinar que, do nascer ao pôr do sol, o homem tem muito mais tempo do que é capaz de usar. (1982, p. 21-24)

É nítida a diferença de perspectiva de Tuiávii e de alguns outros povos, em relação à da cultura ocidental, de que o tempo é cíclico e renovável; concedido liberalmente ao homem. Não é um produto que se possa gastar ou poupar. Não haveria, assim, um “tempo perdido” a lamentar ou um tempo não vivido a promover angústia; o qual se tenha medo de perder tal qual um objeto. De certo modo, o chefe Tuiávii questiona se o tempo do Papalagui não acaba se tornando uma ameaça, à medida que o homem branco persiste em fragmentá-lo, especialmente com a construção de uma máquina – o relógio, usada contra si mesmo, em um flagrante contrassenso que Tuiávii não consegue compreender. Bordieu, citado por Thompson (1991, p. 269), confirma que a concepção daqueles povos, originalmente, equivaleria a “uma atitude de submissão e de indiferença imperturbável em relação à passagem do tempo, que ninguém sonha em controlar, empregar ou poupar”. Nesse contexto e por este prisma, “a pressa é vista como uma falta de compostura, combinada com ambição diabólica e o relógio é, às vezes, conhecido como “a oficina do diabo”.

A narrativa da visão de mundo de povos mais antigos nos faz cogitar, assim como o fez Thompson (1991, p. 269), sobre “até que ponto a mudança no senso de tempo afetou a disciplina de trabalho, influenciou a percepção interna de tempo dos trabalhadores, como tudo isso se relaciona com mudanças na notação interna do tempo”. O historiador relembra que, até o início

da Revolução Industrial, o padrão de trabalho consistia em alternar momentos de atividade intensa e de ociosidade, quando os homens ainda detinham o controle de sua vida produtiva. Na atualidade, diz ele, o padrão é mantido somente entre umas poucas classes de trabalhadores específicas: autônomos, artistas, escritores, pequenos agricultores, estudantes. Ele cogita e traz à discussão se esse não seria, por fim, um ritmo “natural” de trabalho humano (THOMPSON, 1991, p. 282). Por nossa vez, por extensão, poderíamos igualmente cogitar, em que medida a visão de mundo determinada pelos princípios capitalistas que modificou o senso de tempo estendeu-se para a relação do ser com a temporalidade e com o sentido mais próprio de seu modo de existir. A isso retornaremos mais adiante, quando discutirmos mais detalhadamente sobre a Era da Técnica na perspectiva heideggeriana.

Ao discorrer sobre a relação entre o tempo, a disciplina de trabalho e o capitalismo, Thompson (1991), em resumo, pondera que o advento da sociedade industrial deu início a uma nova forma de trabalho e esta, por sua vez, produziu uma nova concepção do tempo. Para os camponeses, por exemplo, o tempo estava associado à duração das tarefas; já para o empregador, o tempo possuía uma função marcadamente controladora, passando a ser ritmado e conferido de modo racional através de medição instrumental. Assim, a ditadura do relógio surge como meio de monitorar e controlar o tempo na sociedade industrial capitalista. O historiador narra que a segunda-feira, inicialmente dia de descanso, por exemplo, o deixou de ser e apenas uma camada elitizada da sociedade manteve tal costume.

De tal feita, as convenções relacionadas ao tempo enquanto representações culturais foram sendo modificadas no transcorrer da história e, cada vez mais, atreladas aos fins capitalistas de produção e consumo. A escola foi uma das instituições que funcionaram como difusora dessa nova ordem burguesa, usada, como diz Thompson, para inculcar o “uso-econômico-do-tempo”. Neste período, cita, por exemplo, William Temple (THOMPSON, 1991, p. 292) que defendia o envio de crianças pobres já com quatro anos aos asilos, onde deveriam trabalhar em serviços de manufatura ao menos doze horas por dia. Em troca, poderiam ou não ganhar seu sustento. Com tal medida, acreditava que “a nova geração fique tão acostumada com o trabalho constante que ele acabe por se revelar uma ocupação agradável e divertida para eles. Assim também Powell, em 1722, exortava à pontualidade e regularidade como norma nos regulamentos de todas as pré-escolas (THOMPSON, 1991, p. 293). No contexto laboral, já era possível perceber a estreita relação entre tempo e dinheiro no processo de luta de classes: o patrão enfatizava o valor do tempo aos trabalhadores; enquanto o operariado passou a fazer greve por menos horas de trabalho e por maiores salários, já que este

último é calculado com base na medição do tempo. A medição se dava a partir de uma relação simples: contratados estabelecem uma distinção entre o tempo do empregador e o seu “próprio” tempo e, ao final, o que passa a ser a grande questão já não é mais a tarefa, mas o valor do tempo, reduzido à questão monetária, uma vez que o tempo torna-se moeda. (THOMPSON, 1991, p. 272).

Temos, a seguir, uma ilustração metafórica que pode simbolizar bem essa realidade do valor monetário do tempo. Podemos compreendê-la como um modo narrativo ficcional bastante sugestivo para nos fazer perceber com diferente disposição afetiva, para além do racional, a discussão sobre o tempo tornado moeda: O vendedor de tempo (TRIAS DE BES, 2008).

O livro é uma sátira à relação do homem com o tempo e com o sistema econômico, tal como visto na atualidade. O resumo que trazemos adiante reproduz, em sua quase totalidade, a narrativa literal (à exceção do acréscimo de termos de ligação e mudanças de tempos verbais), motivo pelo qual dispensamos as aspas. Já de início, o autor/narrador diz que irá escrever a história de forma abreviada, para suprimir tempo e minutos do leitor. Que para tal usará a letra “T” para se referir à palavra tempo, o símbolo \$ para abreviar a palavra dinheiro (pois T é \$); C para a palavra capítulo. O personagem será um TC (tipo comum) e sua cidade, um LA (Lugar Aleatório).

TC é um homem frustrado, com formação escolar deficitária, que não consegue entrar na universidade, motivo pelo qual abandona o sonho de ser biólogo e estudar o processo de reprodução das formigas de cabeça vermelha. Faz, então, um curso secundário e consegue um emprego no departamento de contabilidade da empresa International Business Nonsense para suprir as necessidades da família e pagar uma enorme hipoteca.

Em meio a uma crise existencial, certo dia, ouve no rádio a fala de um especialista em pacientes terminais dizer que todos os que se encontram à beira da morte fazem um balanço de sua vida. TC, como contador, considera que o balanço da vida deveria ser feito anualmente e decide fazer o seu. E o faz em uma noite em que não consegue dormir, com palpitações, vontade de chorar e de enviar tudo à M. Dá-se conta de que sua dívida não era de \$ mas de T e que precisaria de 35 anos de trabalho para devolver ao banco tudo que devia; que não disporia de T para os mistérios das Formigas de Cabeça Vermelha antes dos 75 anos e que, no momento final, quando estivesse às portas da morte, colocaria seu balanço no negativo, em uma situação de inadimplência e ruína total. Decide-se, então, por abandonar o emprego.

TC começa a germinar a ideia de ter seu próprio negócio a fim de conseguir o \$ necessário para investir em seu sonho. Com leituras na área do marketing, percebe que para empreender precisaria desenvolver produtos ou serviços que satisfizessem as necessidades dos consumidores e passa a refletir sobre o que poderia vender e que seria algo do qual elas muito precisassem. Funda, assim, a empresa “Liberdade Sociedade Limitada”, cujo objeto social seria satisfazer as necessidades dos homens. TC decidiu-se por vender tempo, porque concluiu que ninguém dispõe dele. Que apesar de todos o desejarem, não é possível comprá-lo; já que todos vendem seu T ao sistema e não controlam suas próprias vidas. Sua invenção permitiria às pessoas adquiri-lo de novo. Venderia frascos de cinco minutos e quem comprasse o pote, após abri-lo, passaria a dispor de cinco minutos de T para si.

TC passa por várias dificuldades para patentear a invenção, processar e envasar o produto conforme normas técnicas. Vale-se, no entanto de sua boa qualidade argumentativa (ameaçando denunciar o escritório de patentes, pois não podiam atentar contra a livre sociedade de consumo e à economia de mercado e que; além do mais, compraria o pote de T quem quisesse) e do momento político (já que o responsável pela liberação concorreria à prefeitura da cidade e não queria problemas em plena campanha eleitoral). Consegue, assim, convencer as autoridades competentes a legalizar sua empresa, patenteando seu o produto com o nome de “Cinco Minutos de Liberdade”.

A consciência de TC lhe alertava de que o consumo de T entrava em conflito com qualquer tipo de compromisso já assumido, como, por exemplo, uma jornada de trabalho ou a prestação de determinado serviço. Mas, para aplacá-la, diz a si mesmo que esse tipo de contradição não era coisa nova na sociedade: também eram fabricados automóveis que podiam alcançar 200 quilômetros por hora, muito mais que o limite máximo permitido; atividades industriais eram autorizadas com níveis de contaminação acima do que se acordara em fóruns internacionais de meio ambiente, ou era permitida a venda de cigarros, mesmo quando se sabia que eles provocavam doenças mortais. Estava claro que se tratava de vender a qualquer custo, sem se importar demasiadamente com as consequências. Afinal, consumir era uma atividade econômica de categoria superior no país.

Superados os dilemas morais, passou a focar nos critérios econômicos e técnicos: o invólucro ideal para envasar o tempo (para o que consultou diversos especialistas e engenheiros que não conseguiram chegar a nenhuma conclusão, especialmente diante das pesquisas físicas que associam tempo a espaço e velocidade). Por este motivo, optou por simplificar e utilizar os tradicionais frascos para exame de urina. Quanto ao critério para delimitação do preço,

considerou que, mais do que uma questão comercial, era uma questão filosófica e, portanto, insolúvel. Estipular uma média com base no mercado profissional não seria honesto, porque cinco minutos de um indivíduo são cinco minutos de uma vida, e as vidas e as pessoas valiam a mesma coisa, independentemente de seu sexo, raça, religião ou classe social. Por fim, optou por tomar-se a si mesmo como parâmetro: calculou sua renda por cinco minutos de trabalho na IBN. Ficou petrificado quando obteve o resultado, porque, se tivesse percebido antes, não teria esperado tanto para abandonar o emprego. Cinco minutos de seu T estavam avaliados pela sociedade em quarenta centavos. Finalizando sua contabilidade e tendo por referência o preço de gomas de mascar, chegou ao valor de R\$1,99 o pote de cinco minutos de tempo. A seguir, tendo conseguido liberação comercial para seu empreendimento, viu-se às voltas para cumprir as normas técnicas de garantia do produto: despertadores eram programados para tocarem após cinco minutos e, ao fim de cada toque, TC tapava um a um seus potes. Como era o único funcionário na linha de estocagem, alguns potes “transbordaram” tempo; outros “caíram” e os minutos se esparramaram pelo chão, antes que conseguisse uma regulação ideal. Após envasar os frascos com tempo, colocou neles etiquetas com o seguinte texto: “Este frasco contém cinco minutos de tempo para seu uso e desfrute. Quando abrir o pote, esses cinco minutos serão seus. Aproveite-os!”

O passo seguinte foi desenvolver o slogan para a campanha publicitária do produto, o que surgiu em uma conversa com a mulher, que lhe dera um prazo para provar que havia tomado uma boa decisão ao demitir-se, antes que ela o abandonasse:

- Você conseguiu vender alguma coisa?
- Não, ainda não.
- Pois se apresse; o T está acabando.

TC estremeceu, pulou da cama e soltou um grito:

- Eureka! Você achou um slogan excepcional: “Se apresse; o T está acabando”.

Um amigo jornalista consegue para TC uma aparição em um jornal noturno, anunciando: É importante ter em mente que esses minutos são seus e de mais ninguém. É o T que não lhe pertencem, por isso, se os comprar, esses minutos voltarão a ser seus, sem importar de maneira alguma onde estiver nem o que estiver fazendo. No dia seguinte, bem cedo, TC é chamado às pressas pelo comerciante que revende seus potes e, ao chegar, encontra duas mil pessoas espremendo-se contra as portas da loja, furiosas, em busca de um pote de 5 minutos, já esgotados.

TC convoca desesperadamente vizinhos e parentes; adquire vários relógios, etiquetas e potes para dar conta da produção. E foi assim que os frascos de T mudaram a vida de enfermeiros, caminhoneiros, pilotos, secretárias, professores. A sensação de dependência do sistema havia se reduzido drasticamente. As pessoas eram mais felizes, experimentando a felicidade inerente ao fato de se saberem donos de seu próprio T. Alguns usavam seu frasco para tirar um cochilo em sua mesa de trabalho; outros, para jogar paciência no computador sem se importar em ser flagrados por seu chefe. As pessoas sincronizavam seus relógios e consumiam seus frascos na mesma hora; marcavam encontros onde, depois de abrir seus frascos, se beijavam durante cinco minutos, coisa que, anteriormente, nenhum casal tinha T de fazer.

A reação das empresas foi de desconcerto. Se alguém adquiria e consumia T, esse T era dele, mas era claro que aquele indivíduo já comprometera aquele T com a organização para a qual trabalhava. De certo modo, o T comprado não era o mesmo comprometido com a empresa, pois era um T diferente. Apesar de aceitar essa tese, as empresas argumentaram que não podiam abrir mão dos minutos não trabalhados e começaram a deduzir a parte proporcional de T não trabalhado. Isso significava que os habitantes de LA teriam de aceitar que comprar T significaria ganhar menos \$. No entanto, como as pessoas consumiam apenas um ou dois vasilhames por dia, as quantias que viam descontadas de seus salários ao fim do mês era quase imperceptível.

As empresas foram pouco a pouco descobrindo as vantagens da compra de T por parte de seus trabalhadores. Mesmo que as intermitentes ausências de empregados em ocasiões não previstas causassem pequenos problemas, elas se viam compensadas pelo brutal aumento da motivação do pessoal e pela melhora do clima de trabalho. Os índices de absenteísmo e as faltas por gripes ou resfriados haviam se reduzido a mais da metade. As pessoas não precisavam mais fingir que estavam doentes para poder descansar ou alterar sua rotina habitual de trabalho, pois bastava abrir um par de frascos a qualquer hora do dia. Liberdade Ltda chegou a receber uma ligação de uma fábrica encomendando vasilhames de T para seu pessoal. O número de greves e protestos caiu drasticamente. Um grande número de empresas também colocou à venda frascos de T em suas cantinas e refeitórios ou nas máquinas automáticas. TC deu de presente ao inspetor da Fazenda tamanha quantidade de frascos que ele ficou sem T para inspecionar Liberdade Ltda. A Agência Tributária optou por não enviar mais ninguém, para evitar o risco de ficar sem inspetores.

Os políticos ficaram a favor da venda de T, tamanho era o entusiasmo da população pelos frascos. Tentaram atribuir a si mesmos o mérito pela existência deles, ao favorecer a expansão de Liberdade Ltda para todo o país. Parlamentares afirmavam que os frascos deveriam ser protegidos por serem patrimônio público. TC ficava a cada dia mais rico: comprou a própria frota de dois mil veículos para a entrega dos vasilhames, abriu uma indústria exemplar, batizada com o nome de “Tempos Modernos” com envasamento de tempo mecanizado e chegou ao ápice com dois mil trabalhadores. Em 31 de dezembro, em pronunciamento de fim de ano, o presidente de LA, discursava, afirmando que o fato de que um país tenha dado liberdade a seus cidadãos para consumir seu próprio tempo não é mais do que um sintoma da maturidade de uma sociedade.

Tudo ia muito bem até que os moradores começaram a achar insuficiente ter apenas alguns minutos de T ao dia. Desejosa de crescer, Liberdade Ltda substituiu os vasilhames de cinco minutos por caixas de duas horas, o que descoordenou totalmente as empresas. Quando alguém procurava um colega para tratar de um assunto ou resolver um problema, era possível que este estivesse ausente, consumindo sua caixa diária de duas horas. Contavam o caso de um executivo que levou mais de dois meses para ditar uma carta à secretária, pois na metade do ditado ela saía para ir a suas aulas de tai chi, fazendo uso de seu inegável direito de usar suas duas horas de T e lembraram um ocorrido em que dois passageiros, em um vôo, tiveram que passar eles mesmos o carrinho de bebidas, porque as aeromoças haviam aberto suas caixas de duas horas logo após a decolagem; um noticiário havia sido transmitido em um estúdio com velas certo dia, porque os técnicos de iluminação haviam aberto uma caixa de T para celebrar o aniversário de um dos redatores etc.

Enquanto isso, TC construía uma obra faraônica: duzentas unidades de envasamento de T que trabalhavam ininterruptamente e estocavam milhões de horas para serem comercializadas e encontravam-se em silos, abaixo de milhares de metros abaixo da terra. Lançaria os pacotes de uma semana! Os jornais noticiaram: os cubos de uma semana custarão um quarto do salário mensal. Os cidadãos estarão dispostos a comprá-los? Superando as expectativas, Liberdade Ltda teve dificuldade de acompanhar a demanda, tal era o desespero das pessoas em recuperar o que era substancialmente seu.

Como seria de se esperar, alterações drásticas surgiram e deram início a sérios transtornos sociais e econômicos. Bancos, empresas e o próprio governo convenceram o ministro da economia sobre a conveniência de expropriar Liberdade Ltda. Arquitetaram entre si um plano para contornar a situação: “O sistema emprestará \$ às pessoas e, em troca, dedicarão

a totalidade de seu tempo para trabalhar para ele. Estavam certos de que as pessoas não podiam ser donas de seu T, pois, do contrário, todos iriam à falência. A empresa de TC, segundo o comitê, havia se tornado um risco potencial para a economia do país: Liberdade Ltda havia feito os cidadãos perceberem que com mais T livre não é necessário consumir tantas coisas.

Ao tomar ciência da possibilidade de ruína, TC encontra uma solução legal para fazer frente ao complô das autoridades contra ele: se a partir do momento em que um vasilhame fosse aberto, o comprador adquiriria o direito de consumi-lo independentemente de seu conteúdo; bastaria vender, em quinze dias, trinta e cinco anos de T a cada pessoa, para dar vazão ao T armazenado. O tempo foi então colocado em contêineres e vendido democraticamente, conforme os bens que cada um podia entregar por ele e dos quais estivessem dispostos a renunciar. Com a venda desses mesmos bens, pretendia TC pagar suas dívidas e derrotar o governo. Afinal, todo mundo tinha o direito de recuperar o T que havia vendido.

TC pegou as autoridades desprevenidas. Os contêineres de tempo explodiram em vendas e as pessoas entregavam escrituras de propriedade de casas, apartamentos etc., para poderem dispor de trinta e cinco anos de T: para que serve economizar \$ durante trinta e cinco anos se quando chega o momento de desfrutá-lo já não resta T de vida? Entrementes, TC chega a um beco sem saída. Com a venda de centenas de contêineres, ninguém mais possuía dinheiro para adquirir os imóveis que recebera em troca do T vendido. Não havia mais pessoas com T para trabalhar e havia ainda muito tempo armazenado para ser vendido. Os bancos continuavam cobrado o pagamento do empréstimo feito para a construção de silos para armazenar os contêineres. TC pensou em vender mais T, mas o T havia acabado. Mesmo que produzisse mais, ele não poderia ser consumido. As pessoas haviam adquirido quase todo o T que lhes restava de vida. O mercado de T estava esgotado. Curiosamente, havia acontecido o que rezava o slogan da marca: O T acaba. E TC havia colapsado o sistema de economia liberal. É considerado um traidor e condenado à morte.

Não é assim que a ficção termina, mas o autor propõe uma reflexão, ao final. Seu intento era “despertar os que seguem uma rotina que se transformou em cúmplice de sua alienação”, ao passo que “devemos ter consciência de que o sistema econômico que vivemos se sustenta não apenas no dinheiro, mas também em uma utilização sutil da variável “tempo”, do qual o sistema se apropriou” (TRÍAS DE BES, 2008, p. 137-139).

Tal narrativa é bastante apropriada como metáfora para perceber que “o tempo medido, linear e acumulativo, generalizando-se com a industrialização, tende a tornar-se hegemônico, a ser o padrão da organização quotidiana do tempo na sociedade contemporânea”, conforme

Krus, citado por Oliveira; Araújo (2016, p. 22). Apesar de soar totalmente surreal, a sátira do Vendedor de Tempo utiliza metáforas para fazer críticas a fatos cotidianos bem concretos e que se tornaram lugares comuns ou mesmo, na perspectiva heideggeriana, sedimentadas no contexto da Era da Técnica (expressão que retomaremos mais adiante) e em que o pensamento calculador, operatório, maquínico, voltado unicamente ao pragmatismo, sobrepujou o meditante (cujo alcance se refere justamente à possibilidade de reflexão sobre o pensamento calculante, seu sentido e efeitos). Na análise que fazemos dos cursos de “gerenciamento do tempo” observamos situações semelhantes: o engajamento em atividades sem sentido na vida dos trabalhadores e a ideia de que é preciso se esfalfar durante anos em rotinas desgastantes, sem nenhuma perspectiva, para só depois de muitos anos desfrutar de algum prazer e satisfação. Situações estas, experienciadas simultaneamente com a angústia da dúvida sobre o quanto tal estilo de vida é ou não compensatório, frente a uma existência que se sabe breve. No entanto, ainda na perspectiva heideggeriana, tomam o impessoal, o todo que, ao final, não é ninguém, como parâmetro: terminam por tentar seguir os passos daqueles que aparentemente despontaram no contexto, condenando-se a si próprios quando não conseguem ser tão eficazes e eficientes quanto.

Discussão similar ocorre no filme “Quanto Tempo o Tempo Tem” (2015), quando, por exemplo, Arthur Dapieve, jornalista, discorre sobre o tempo produtivo, ideia de fundo capitalista que pressupõe que você deve usar as horas do dia para produzir; enquanto parte do tempo livre

foi também assambrado, foi ocupado por empresas capitalistas de alta ponta de tecnologia que fazem com que a força de trabalho prazerosamente gaste as suas horas livres produzindo conteúdo para o facebook ou para o twitter que, em algum momento isso reverte em lucro para os proprietários dessas marcas... é o capitalismo mais avançado que se pode pensar: não só o operário está cedendo a sua mais valia para os donos dos meios de produção, como você está produzindo os meios de produção e fornecendo conteúdo para que alguém lucre em cima daquilo.

No mesmo filme, o filósofo Thierre Paquot menciona que já na época de São Tomás de Aquino havia debates teológicos para saber qual é o preço do tempo, já que ele pertenceria a Deus. As discussões envolviam a noção de tempo, que é abstrata, e a de enriquecimento, que é a usura. Isso conduziria Lutero (a quem se atribui a frase) a afirmar que “tempo é dinheiro”. Alliez (1991, p. 60, 62) citando Berthoud descreve algo parecido: A troca crematística que atribui um preço ao tempo. Liberado dos movimentos reais que media, o tempo expande-se

como valorização na especulação mercantil que o investe. Ainda parafraseando Berthoud, diz: “Vem o tempo do mais inquietante [...] tempo da dissonância do ser, tempo da divergência, quando o dinheiro está só diante de Deus porque reuniu em si tudo o que havia de venenoso no temporal

Por sua vez, Erick Felinto, professor especialista em cibercultura, no filme acima mencionado, estabelece um paralelo entre a concepção de trabalho antiga e a atual: no começo, o trabalho era uma condição que não dignificava a pessoa humana, já que quanto mais se trabalhasse, menos nobre a pessoa seria; ao passo em que quanto mais tempo livre, mais disponibilidade para pensar, filosofar, questionar. O trabalho representava uma perda valiosa do tempo, porquanto o tempo era dedicado a uma espécie de ócio criativo: o ócio do pensamento. Na atualidade, entretantes, o tempo se tornou cronometrado em ínfimas parcelas, sendo cobrado social e culturalmente que o usemos bem produzindo coisas e sendo produtivos no sentido econômico.

É provável que Sponville, no filme em questão (2015), compreendesse o projeto do personagem ficcional do Vendedor de Tempo, TC. Ele compartilha da assertiva de que

O tempo é o que há de mais precioso. É o que se compra, ou se rouba, mais facilmente. No fundo, o que é a escravidão? É alguém que rouba o tempo de outro. Levo você como escravo pela força, seu tempo me pertence. Então farei o que quiser do seu tempo. Desse ponto de vista, passar da escravidão ao salariado não é tomar mais o tempo. Na verdade, é tomá-lo menos. Quando eu tinha um escravo na antiguidade, nos séculos 17 e 18, eu adquiria 100% do tempo dele. Vinte e quatro horas por dia, o tempo dele me pertence. Os assalariados que trabalham trinta e cinco, quarenta horas por semana, não são roubados. Eles vendem trinta e cinco ou quarenta horas por semana, não a totalidade da vida deles, mas uma pequena parte dela. O que o proletário vende ao capitalista: ele vende o tempo de trabalho. O proletariado, no fundo, é isso. O proletariado é aquele que não possui nada além do tempo da sua vida e vende uma parte dela, que chamamos de tempo de trabalho remunerado – bem ou mal, é outra questão – mas é remunerado com o salário.

Retomando nossa perspectiva histórica anterior, Paquot, também no filme citado (2015), relembra que sempre houve uma

enorme diversidade de horários e que nunca as pessoas viveram o mesmo tempo. Previamente à revolução industrial, por exemplo, conforme abordamos anteriormente, um camponês que vinha à cidade vender sua produção vivia no ritmo sazonal do trabalho agrícola enquanto o padre, na cidade, vivia o tempo e o ritmo da liturgia; o soldado tinha o tempo da ordem e o que fosse necessário à sua manutenção etc. O tempo excessivamente disciplinado iria ser imposto de fato pelo advento da sociedade

industrial e seus ritos (disciplina de fábrica), fazendo-se constituir principalmente pelos horários e o relógio de ponto.

O filósofo ainda acrescenta que “o capitalismo que pressupõe a troca e a margem de lucro não guardam relação com o tempo”. Recorda que “havia debates teológicos já na época de São Tomás de Aquino, para saber qual é o preço justo do tempo, já que ele pertence a Deus, onde está em pauta a noção de tempo, abstrata; versus a de enriquecimento, que é a usura. O próprio direito em se enriquecer à custas de agiotagem era controverso, uma vez que o tempo pertenceria a Deus e não aos homens. Portanto, somente os não cristãos poderiam fazer isso, o que explica porque, em uma certa época, era reservado aos judeus emprestar. No contexto, seria atribuída a Lutero a máxima “tempo é dinheiro”, o que denotava a aproximação constitutiva entre os domínios temporal e espiritual.

De tal feita, enquanto representação cultural, o trato com a questão do tempo adquiriu diferentes configurações no transcorrer da história. A principal delas, comumente atrelada às bases materiais, valendo-se da força e influência de instituições como a igreja e a escola. Estas atuavam como difusoras da ordem burguesa estipulada pelos instrumentos de controle do tempo, estimulando sua correta administração. A visão protestante da realidade, por exemplo, segundo o historiador, não era “nada fundamentalmente novo, mas trazia “um tom de insistência, uma inflexão mais firme em relação à diligência ou crítica moral da ociosidade” (THOMPSON, 1991, p. 295). Em relação a isso, nos dá mostras de como a influência religiosa permeou a consciência dos fiéis: Admoestações rudes e mundanas sobre a administração correta do tempo apareciam nos púlpitos e escritos de religiosos e personalidades influentes. Por exemplo, citando Baxter: “Que o tempo de seu sono seja apenas o que a saúde exige, pois o tempo precioso não deve ser desperdiçado com preguiça desnecessária”; “vista-se rapidamente”; e “faça as suas atividades com diligência constante” e também: “oh, onde está a mente desses homens, e de que metal são feitos seus corações empedernidos, esses que podem vadiar e com brincadeiras desperdiçar o tempo, esse pouco tempo, esse único tempo, que lhes é dado para a salvação eterna de suas almas?”; “lembrai-vos de que redimir o tempo é lucrativo [...] no comércio ou em qualquer negócio; na administração ou qualquer atividade lucrativa, costumamos dizer, de um homem que ficou rico com o seu trabalho, que ele fez bom uso de seu tempo”; “o tempo é uma mercadoria demasiado preciosa para ser subestimada; é a corrente de ouro da qual pende uma sólida eternidade, sua perda de tempo é intolerável, porque irrecoverável”, entre muitas outras (THOMPSON, 1991, p. 295-297).

Vê-se, ainda, sugestivamente, que o nome “metodista” enfatizava o tipo de atitude recomendada frente à vida e, por extensão, ao tempo. Narra o historiador, por exemplo, que John Wesley até os 80 anos se levantava às 4 da manhã, pois ficando de molho tanto tempo entre os lençóis quentes, a carne é como que escaldada, e torna-se macia e flácida. Nas igrejas protestantes metodistas, os professores eram multados por impontualidade, sendo tais imposições norteadas por uma série de regras. Sabedores do poder e influência da religião sobre os homens, grandes somas eram doadas para as igrejas para que tocassem os sinos para fins racionais, lembrando aos homens a sua morte, a ressurreição e o juízo final (THOMPSON, 1991, p. 274).

Ao que tudo indica, entretanto, a pregação sobre a importância de se administrar com excessivo zelo o tempo não era exclusividade das “tradições puritanas”. Teria sido Benjamin Franklin, por nutrir um persistente interesse técnico por relógios, quem deu ao tema a sua expressão secular mais inequívoca: “o nosso tempo é reduzido a um padrão, e o ouro do dia cunhado em horas...” (THOMPSON, 1991, p. 297)

Para além da influência da igreja, em segundo lugar, colaborando para instigar a administração do tempo nos indivíduos como prática indispensável; nesse período, Thompson cita as práticas racionais burguesas. A racionalidade que estipulava a fiscalização do tempo era artificial, tendo em vista que as sociedades não industrializadas concebiam a importância da liberdade e da flexibilidade na relação com o trabalho – tanto em relação à carga horária quanto ao volume de trabalho – de modo a não haver sobrecarga. Tal concepção muda totalmente com o advento da sociedade de mercado, a partir de quando passa a haver separação entre vida pessoal e trabalho. Este último começa a ser normatizado, fator que se choca com o modo de vida pré-industrial camponês, sendo, portanto, uma ruptura existencial importante para os indivíduos. Assim, nos diz Thompson (1991, p. 267), citando Fielding, que “para a camada superior da humanidade, o tempo é um inimigo, e [...] a sua principal atividade é matá-lo; ao passo que, para os outros, tempo e dinheiro são quase sinônimos”.

Um elemento crucial para efetivar definitivamente o controle racional em relação ao tempo foi a difusão de relógios a partir do século XIV: “o tempo sideral, presente desde o início da literatura, com um único passo abandonou o céu para entrar nos lares”. Conjuntamente com a metáfora poética, ele traz à memória o quão antigas são as imagens do tempo como devorador, desfigurador, tirano sangrento, ceifeiro, à medida que surge um novo senso de imediatismo, a partir da era elisabetana (THOMPSON, 1991, p. 268).

Para pensarmos sobre o projeto de controle do tempo, recordamos aqui, conforme capítulo sobre o tempo na física, que no início do séc. XIX, as descobertas de Newton consolidaram uma nova maneira de conceber o mundo: um mundo submetido a leis matemáticas e governado por engrenagens tão precisas quanto as de um relógio. Hawking (1988, p. 26,27) também relembra que tanto Aristóteles como Newton acreditavam no tempo absoluto, no qual “se podia medir sem ambiguidade o intervalo de tempo entre dois acontecimentos, e que esse tempo seria o mesmo para quem quer que o medisse, desde que utilizasse um bom relógio”.

O relógio mecânico foi considerado, de tal feita, conforme Oliveira, em “Quanto Tempo o Tempo Tem” (2015), “um dispositivo extraordinário, que implementou a ideia de que o tempo consiste de uma sucessão de pedaços idênticos e iguais que, quando juntos, corresponde a um período mais extenso” e que o dia passou, depois dele, a ter 24 horas fixas. Consequentemente, ao mudar ou estipular um horário específico para o nascer e o pôr do sol, o homem, emancipasse do sol. O físico postula que “o relógio mecânico e a sua disseminação foram mais revolucionários do que a pólvora, que mudou o movimento, do que o papel que mudou a memória e do que a bússola que mudou o espaço, porque o relógio mecânico mudou o tempo”. Por causa deste instrumento, segundo ele, atualmente há duas coisas absolutamente universais: os algarismos indoarábicos do zero ao dez e o calendário, que partilhamos igualmente em qualquer lugar do mundo. Assim, a divisão do dia em vinte e quatro horas; a hora em sessenta minutos, o minuto em sessenta segundos é uma invenção, nada tendo de natural, o que simplesmente esquecemos ou tomamos como simplesmente dado, naturalizado. O número vinte e quatro, por exemplo, explica Oliveira, vem da astronomia da Babilônia: três mil e quinhentos anos de permanência dessa divisão em vinte e quatro e não em trinta, dez ou qualquer outro número.

Parece não ser totalmente esclarecido historicamente, conforme Thompson, em que medida o relógio, à época da Revolução Industrial podia indicar com exatidão os horários. Do século XIV em diante, construíram-se relógios públicos nas grandes cidades-mercados e a maior parte das igrejas na Inglaterra já dispunha de relógios no fim do século XVI. A despeito de serem ou não precisos, o relógio de sol continuou em uso nos séculos XVII, XVIII e XIX. Um grande progresso na qualidade técnica dos relógios caseiros, no entanto, passou a acontecer após 1658, com o uso dos pêndulos, que marcavam hora, dia, mês, fase da lua e o fluxo e o refluxo das marés, durante trinta horas sem precisar de corda (THOMPSON, 1991, p. 274 - 276)

A partir da década de 1790, o luxo cedeu à conveniência e inicia-se uma popularização do uso dos relógios, portáteis ou não, exatamente quando a Revolução Industrial começou a ditar a necessidade de monitoração e sincronização do trabalho, necessária ao avanço do capitalismo, tendo sido tornado um objeto quase imprescindível. Não se tratava tão somente do desenvolvimento tecnológico por si mesmo, mas da percepção mais aguçada dos patrões da necessidade da imposição e cobrança do uso parcimonioso do tempo (THOMPSON, 1991, p. 286). Provavelmente muito em função disso, o custo do equipamento barateou-se, conquanto os mais eficientes ainda permanecessem acessíveis apenas às classes mais abastadas. O relógio, além de útil, “conferia prestígio ao seu dono”. A popularização era tal a ponto de se fundarem clubes do Relógio, para compras coletivas do equipamento. Assim, diz Thompson (1991, p. 279) que na medida em que os trabalhadores melhoram seu padrão de vida, a aquisição dos relógios era uma de suas primeiras providências. As técnicas de “gerenciamento do tempo”, a despeito de todo um projeto motivacional e de um discurso fincando em lições de vida, ao cabo, em sua maioria e em seu aspecto mais prático, contam hoje, ainda, com esquemas, tabelas, agendas, dispositivos eletrônicos, mapeamentos, etc.; que tomam sempre por base algum tipo de cronometragem feita com o auxílio de um calendário e um relógio.

Do impacto causado com a criação dos relógios até nossos dias, conforme Le Goff (1990, p. 541, 542), a intervenção do computador comporta uma nova periodização na memória histórica. Saímos, em meio à revolução tecnológica do capitalismo, da velocidade, do encurtamento dos prazos e da pressa, da era da disciplina para entrar no tempo do controle. Sintomaticamente, conforme Lazzarato (2006, p. 61,65), as técnicas do novo *Zeitgeist* agora são de aprisionamento, que impõem tarefas ou condutas para viabilizar a produção de bens, valendo-se das metodologias do enquadramento e da seriação ordenada temporalmente, subdividindo os tempos e programando os atos. Nas palavras de Dardot e Laval (2016, p. 325 - 327), o que se tem na atualidade é um modo de governar um ser cuja subjetividade deve estar inteiramente envolvida na atividade que se exige que ele cumpra. Para tanto, dizem, este novo governo dos homens penetra até em seu pensamento, acompanhando, orientando, estimulando e educando esse pensamento. Assim, postular a liberdade de escolha, suscitar e constituir na prática essa liberdade, “pressupõe que os sujeitos sejam conduzidos por uma “mão invisível” a fazer escolhas que serão proveitosas a todos e a cada um”. Os autores aludem e retomam historicamente a questão, esclarecendo que, por trás desse novo modo de governo encontra-se “não tanto um grande engenheiro, como no modelo do grande Relojoeiro, mas uma máquina que funciona idealmente por si só e encontra em cada sujeito uma engrenagem pronta a

responder às necessidades de arranjo do conjunto” (DARDOT E LAVAL, 2016, p. 325-327). De tal feita, segundo eles, o sujeito produtivo foi a grande obra da sociedade industrial, não se tratando aquele tão somente da figura do trabalhador, mas daquele sujeito que, em todos os domínios de sua vida, produz bem-estar, prazer e felicidade. A eficácia, agora, portanto, consiste em intensificar os esforços e os resultados e minimizar os gastos inúteis; fabricar homens úteis, dóceis ao trabalho, dispostos ao consumo.

Lazzarato tem visão similar, acrescentando um paralelo interessante: relembra que “do cinema aos computadores, passando pelo vídeo, assistimos ao desenvolvimento das memórias maquínicas com seu poder de criar, de repetir, de conservar e, portanto, de intervir sobre o tempo, e sua potência de afetar e de serem afetadas”. Frente ao que surge neste novo *Zeitgeist*, conforme o pensador, e diante do mal-estar provocado pelo tempo vazio, “as máquinas de expressão falam, traduzem em imagens e sons “aquilo que se passou, aquilo que se passa e aquilo que passará” (LAZZARATO, 2006, p. 175- 177).

O modo como se deu o “progresso” desse novo modelo delineado em meio à evolução tecnológica e capitalista, foi muito bem analisado por Dardot e Laval (2016, p. 324):

Era preciso pensar e implantar, “por uma estratégia sem estrategistas”, os tipos de educação da mente, de controle do corpo, de organização do trabalho, moradia, descanso e lazer que seriam a forma institucional do novo ideal de homem, a um só tempo indivíduo calculador e trabalhador produtivo. Foi esse dispositivo de eficácia que produziu incessantemente as mentes e os corpos aptos a funcionar no grande circuito da produção e do consumo [...] a nova normatividade das sociedades capitalistas impôs-se por uma normatização subjetiva de um tipo particular.

Por fim, com a atenta leitura dos cursos por nós analisados, na seqüência, o leitor poderá verificar o quanto fica patente que a “filosofia” do movimento que prescreve o “gerenciamento do tempo”, na atualidade, é decorrência desta transformação da experiência da vivência do tempo pelo homem, ao longo do processo que ele mesmo construiu histórica e existencialmente e do qual tentamos dar um panorama desde os capítulos iniciais.

O Relógio

Ao redor da vida do homem
há certas caixas de vidro,
dentro das quais, como em jaula,
se ouve palpitar um bicho.

Se são jaulas não é certo;
mais perto estão das gaiolas
ao menos, pelo tamanho
e quadradiço de forma.

Uma vez, tais gaiolas
vão penduradas nos muros;
outras vezes, mais privadas,
vão num bolso, num dos pulsos.

Mas onde esteja: a gaiola
será de pássaro ou pássara:
é alada a palpitação,
a saltação que ela guarda;
[...] desconhecem as variantes
e o estilo numeroso
dos pássaros que sabemos,
estejam presos ou soltos;

têm sempre o mesmo compasso
horizontal e monótono,
e nunca, em nenhum momento,
variam de repertório
[...] que fluido é ninguém vê:
da água não mostra os senões:
além de igual, é contínuo,
sem marés, sem estações.

E porque tampouco cabe,
por isso, pensar que é o vento,
há de ser um outro fluido
que a move: quem sabe, o tempo.

7. CURSO 1 – ADMINISTRAÇÃO DO TEMPO

Com o intuito de exemplificar, de modo factível, o que temos discutido até aqui de forma teórica (uma vez que o fenômeno em pauta diz respeito a um acontecimento da realidade concreta) passamos, neste segundo momento, à descrição e análise de um curso presencial de “gerenciamento do tempo”. Foi realizado em fevereiro de 2017, em instituição de ensino de renome nacional, arrolada entre as melhores do país.

Como nosso propósito básico é a análise do fenômeno em si (e não prioritariamente a crítica aberta e radical à efetividade ou não de tais propostas, dentro de seus contextos ou das instituições que as desenvolvem), omitimos dados que possibilitassem quaisquer identificações da instituição ou das pessoas envolvidas. A nosso ver, a questão do modismo de tais práticas e o fato de se valerem de seu sucesso junto ao público para investimentos comerciais, representa apenas um pequeno galho de uma árvore cujas raízes são certamente muito mais profundas e encontram-se muito mais entrelaçadas do que nossa visão naturalizada consegue perceber sem um esforço maior de atenção e minuciosa investigação. Além do mais, tais práticas pedagógicas e comerciais são levadas a efeito por diversos estabelecimentos de ensino, com metodologia e objetivos muito similares, o que torna totalmente dispensável colocarmos tais identidades em primeiro plano em nossa discussão. O fato de termos buscado uma instituição de grande notoriedade, no entanto, representou para nós tão somente uma forma adicional de demonstrar como nem mesmo mestres e doutores ou instituições de reconhecido gabarito estão imunes à influência envolvente do pensamento calculador ou ainda, dito de outro modo, o quanto pode ser difícil nos distanciarmos dele para uma maior reflexão sobre o sentido último de nossas práticas, independentemente do grau de competência técnica que se possua e se possa, de fato, comprovar.

De tal feita, o relato a seguir encontra-se tão fiel quanto possível ao que foi ouvido durante a realização do curso. As anotações foram feitas instantaneamente, em sala de aula. Apenas poucas inserções foram adicionadas no ato da transcrição para modo digitalizado, quando a memória, então, recuperou dados esquecidos do contexto. O relato foi confeccionado de modo relativamente informal, para que o leitor se aperceba, tanto quanto possível, da dinâmica real do curso, tal qual foi levado a efeito. Em função desta opção, os conteúdos não estão agrupados por tema, mas de modo cronológico, dia a dia, na sequência dos acontecimentos e das falas. Não me furto de incluir reflexões pessoais, enquanto “aluna”. Elas são colocadas na sequência exata em que me surgiram no pensamento em sala de aula e estão em itálico, para facilitar a diferenciação do restante da narrativa objetiva.

Em primeiro lugar, apresentamos as características básicas estruturais e pedagógicas do curso (retiradas da apostila e do folder fornecidos e do site da instituição). Na sequência, de forma mais livre, discorreremos sobre a dinâmica propriamente dita: conteúdos ministrados, situações vivenciadas e discursos variados (opiniões, dúvidas, críticas, considerações, etc.) dos alunos durante as aulas, incluindo minhas próprias impressões, conforme disse anteriormente, ao modo similar de um diário. Então, vejamos:

CORPO DOCENTE:

1) O professor que se apresenta para ministrar as aulas não é o mesmo cujo nome aparece na proposta de divulgação do curso e na apostila. Sobre seu currículo, diz ser mestre em ciências, pós-graduado em gestão de RH pela instituição onde o curso está sendo oferecido. É engenheiro mecânico e eletrônico. Fez aperfeiçoamento em gestão de pessoas e comunicação interpessoal em instituição norte americana. Foi diretor de RH, de operações e administração em empresa nacional e multinacional, por dois e um ano respectivamente e, na última, implementou sistema de gestão da qualidade, programas de desenvolvimento e capacitação. Também diz ter realizado curso de coaching, com vários anos de experiência em diversas empresas, tendo atendido, segundo ele, mais de oitocentos clientes durante três a quatro anos. Em seu contato com executivos, coletou respostas a diversas perguntas sobre gestão do tempo, “pesquisando o motivo de alguns administradores e gerentes perderem tempo” (sic). Tal pesquisa foi compilada para dar corpo ao curso em apreço e, juntamente com outro professor, elaborou a apostila que temos em mão. Atualmente, é consultor e instrutor. Ministra palestras e cursos de MBA sobre temas comportamentais e de planejamento estratégico, tendo prestado serviços para empresas de renome em diversos segmentos do mercado (farmacêuticas, bancárias, hospitalares, automotivas, entidades públicas e privadas). É professor de diversas instituições educativas de nível superior e fundações do estado do Rio de Janeiro, com um livro publicado sobre temas correlatos.

2) O mentor da apostila e professor titular da matéria consta como sendo especialista em Gestão de Pessoas por essa mesma instituição, graduado em Administração de Empresas, membro e professor do conselho de educação de instituição ligada ao mercado de seguros. Foi executivo na área de RH em organizações multinacionais e privadas de renome. É consultor e coach, especialista em negociação comercial, instrutor em treinamento e desenvolvimento, palestrante e consultor em um determinado curso de neurolinguística aplicada, com livros publicados sobre temas de liderança e vendas.

CORPO DISCENTE:

Consta de onze alunos, sendo três homens e oito mulheres. A maioria dos integrantes é funcionária de grandes empresas. Uns poucos são empreendedores autônomos. Fazem o curso com objetivos profissionais e, alguns, na tentativa de conciliar trabalho e vida pessoal. Quatro são empregados da própria empresa em que o curso está sendo ministrado. Outros detalhes sobre as demandas particulares, percepções acerca da temporalidade e o modo como vivenciam a questão, podem ser verificados nas falas pessoais que constam na descrição da dinâmica de grupo do primeiro dia de aula, na sequência.

METODOLOGIA:

– Aulas expositivas dialogadas, debates, exercícios individuais e em grupo, DVDs técnicos, vivências, jogos e simulações.

OBJETIVOS:

– Levar o participante a refletir sobre aspectos fisiológicos da utilização da energia física, emocional e mental no trabalho e na vida pessoal;

– Proporcionar o aprimoramento do uso consciente da energia individual, por meio da ação, baseando-se em conceitos e práticas modernas de emprego da gestão do tempo como uma estratégia de ação individual para melhoria da qualidade de vida;

– Vivenciar o planejamento e execução do trabalho utilizando os princípios e comportamentos relativos à administração do tempo, com vistas a uma melhor perspectiva de crescimento profissional e de realização pessoal.

PROGRAMA:

1. Análise de desperdiçadores de tempo profissional e pessoal
2. O que é o tempo
3. Avaliando pontos fortes e que necessitam de aprimoramento
4. O que é administrar o tempo
5. Como administrar o tempo

6. Dificultadores e desperdiçadores de tempo
7. “Dicas” práticas para uso eficaz do tempo
8. Como conduzir e tornar mais produtivas as reuniões de trabalho
9. Como lidar com pessoas difíceis
10. Estresse
11. Planejando ações e elaborando projetos
12. Como planejar o tempo – metas e prioridades em um plano de ação

PÚBLICO-ALVO:

Profissionais que buscam desenvolvimento e qualificação profissional e conhecimentos específicos e práticos para a operação de funções administrativas, de forma objetiva e em curto prazo.

BIBLIOGRAFIA:

- 1) Amos, Julie-Ann. Aproveitando ao máximo seu Tempo.
- 2) Bernhoeft, Renato. Administração do Tempo.
- 3) Maia, C. A. Administração do Tempo.
- 4) Maia, C. A. Apostila de Administração do Tempo.
- 5) Maitland, Ian. Administre seu Tempo.
- 6) O próprio autor da apostila.
- 7) Milioni, Benedito. Administração do Tempo em Vendas.

CARGA HORÁRIA: 16 horas/aula

Eis o diário:

30.01.2017

A aula inicia-se e alguns alunos ainda não se encontram na sala. O professor, doravante, será nomeado como MB, para fins práticos. Em primeiro lugar, pergunta-nos se fomos avisados do horário do término das aulas. Apenas um de nós responde o que consta no programa, 21h, e se assustam quando o professor diz que é 22h:20min, pois houve um erro de impressão.

MB diz aos presentes que hoje, primeiro dia de aula, vai “dar cinco minutinhos” para os retardatários chegarem. Que entende que as pessoas saem do trabalho para o curso, que todos têm problema etc., mas que devemos nos organizar, pois estamos fazendo curso de administração do tempo. Quem está na sala, dá risada. *Penso sobre para quem ele fala, se os “retardatários” ainda não haviam chegado.* Diz, ainda, que se tolerar o atraso, as pessoas não irão parar de chegar atrasadas. No entanto, em todos os dias subsequentes, as aulas começaram com atraso. Propõe uma dinâmica em que nos sentamos dois a dois para nos apresentarmos e respondermos à pergunta sobre o motivo da escolha do curso. Um deveria apresentar o outro ao fim da discussão.

HD faz dupla comigo. Ele é assistente do diretor, na área jurídica, na própria empresa em que estamos no momento. O chefe o mandou fazer o curso porque está insatisfeito com seu rendimento: Ele não está dando conta do trabalho. Um dos dois funcionários do setor foi demitido e sobre HD recaiu a tarefa de trabalhar por dois. Fica, às vezes, até depois das 21h e, agora, sairá quase às 23h, pois foi escalado para este curso e outros, na sequência. Ele se diz cansado, sem forças nem para conversar com a esposa quando chega em casa; nem para passear fins de semana. Recebeu apenas vinte dias de férias e, no décimo, o mandaram retornar ao trabalho. A esposa “ficou muito braba” (sic). Diz que está tomando rivotril, porque “não estou aguentando; não aproveito nada, nem tenho lazer” (confidenciou-me isso, talvez, por eu ser psicóloga e eu não mencionei nenhum destes fatos durante a apresentação, para não o constranger nem o comprometer na instituição).

Na apresentação posterior das duplas, sobre os outros pares, eis alguns relatos:

– “Sinto-me mal quando o dia não é produtivo, o tempo está passando e não consigo fazer tudo que quero”;

– “Trabalho, estudo e sofro porque não consigo ficar com minha filha; estou sendo cobrada por falta de tempo”. (*Um pensamento toma-me de automático: “e agora ela está ainda mais ausente, fazendo um curso para aprender a “esticar” o tempo...*).

– “Acordo todo dia com a sensação de que estou atrasada (seu colega de discussão diz que se sentiu muito estressado e nervoso ao ouvi-la falar isso); às vezes mal consigo levantar-me ao pensar em como é difícil todo o processo de preparar-me para sair. Então, fico na cama e vou dia afora atrasada com tudo”;

– “O que me faz perder tempo é o cansaço: chego em casa e me jogo no sofá e não faço o que preciso fazer” (muitos outros reforçaram a afirmação, dizendo terem o mesmo problema).

– “Meu marido tem tudo programado para cada dia da semana, fim de semana e todos os feriados do ano – e ele quer que eu o acompanhe e avise previamente o que pretendo fazer; mas eu não funciono assim; dependo do que consegui fazer de manhã para saber o que vou fazer à tarde e no outro dia e isso (o planejamento do marido) tira minha energia”;

– “Sou muito detalhista; isso às vezes é bom; mas toma muito o meu tempo”;

– “A procrastinação... deixo tudo que não gosto de fazer de lado e por isso me atrapalho”. (O fator procrastinação, inclusive, foi considerado o mais nevrálgico em termos de dificuldade para “gerenciar” o tempo na fala de todos os alunos, ao longo do curso todo).

– “Perco muito tempo no trânsito; não sei como resolver isso” (o professor deu-lhe, como tarefa, pensar em soluções e trazê-las no dia seguinte). Sobre isto, pensei: *“haverá, porventura, solução imediata e simples assim, para o caos das cidades? Se as pessoas pudessem mudar suas realidades apenas “pensando nas soluções”, precisariam desembolsar quase novecentos reais por um curso de dezesseis horas?”*

– Uma dupla de mulheres diz que perdeu o tempo destinado a se conhecerem, porque uma das integrantes precisou atender ao celular. A solução foi cada uma apenas ler a apresentação que a colega escreveu, sem terem conversado. Outros fizeram a mesma coisa: cada um escreveu sobre si mesmo para o outro ler, ao invés de dialogarem, para “ganharem” tempo;

– Outra aluna tem um propósito diferente: faz o curso para obter qualidade de vida. Em relação a isto, o professor responde que o “curso irá focar “apenas o trabalho”, porque sem ele, não se tem dinheiro, e sem dinheiro não há lazer, apenas perda de tempo”. *Penso: eis o paradoxo pouco original: o quesito “qualidade de vida” não abrange o trabalho; este representa tão somente um meio para atingir um fim. E para este fim quase não se dispõe de tempo, pois a maior parte dele é investida em trabalho.*

De acordo com MB, é estritamente necessário: “tirar o macaquinho das nossas costas” (ao fim do curso, ele dirá que isso não significa “empurrar para cima dos outros a própria obrigação”, mas saber delegar adequadamente). Ele prossegue: “se você administra o tempo bem, não ficará workaholic e não levará trabalho para casa; é certo que, às vezes, a empresa exige demais; aí você vai ter de levar porque você termina um, pensa: agora estou livre, e aí o chefe te dá mais, aí não tem jeito; a pessoa vai sofrer demais em um trabalho assim; porque isso é falta de administrar o tempo por parte dos líderes; o bom líder vai suar sangue, mas vai conseguir chegar lá”. E dá exemplo de uma empresa francesa em que cinco diretores cometeram suicídio, para falar sobre estresse.

Em outra situação, no entanto, em que o foco era a “entrega” à carreira, comentou que seu filho é excelente funcionário em uma grande empresa de energia; que atende a todas as solicitações da diretoria. Que houve um corte e sete de seus colegas foram demitidos, por não darem o sangue pela empresa. Seu filho, ao contrário, teria garantido sua vaga, pois levava trabalho para casa, inclusive sábado e domingo. *Imaginei o rapaz tendo de fazer o serviço de oito pessoas a partir daí. E como os demitidos, talvez, fossem viver mais e melhor, mesmo não podendo mais comprar tantas coisas...*

Uma aluna corrobora o discurso do professor: um amigo dela só permaneceu no Circo de Soleil porque era o único que não tirava as duas folgas mensais remuneradas. *E eu, pensando: De que serve o que se ganha em um emprego em que não se podem tirar duas folgas ao mês? Em virtude de minha própria experiência como trabalhadora e da de vários conhecidos, fiquei pensando se a exceção não tem sido, de fato, a regra: além das horas extras, treinamentos e cursos fora do horário, à noite e fins de semana – como era o caso da maioria ali mesmo – as pessoas levam trabalho para casa, na maioria das vezes, sem considerar que estejam trabalhando: respondem e passam e-mails, mensagens pelo WhatsApp etc., por vezes, em celulares corporativos que são obrigados a atender).*

Neste ponto, tais reflexões remetem-nos a algumas considerações do autor do livro *Sociedade do Cansaço* (HAN, 2015, p. 7 – 23), bastante pertinentes aqui. Diz ele que cada época possuiu suas enfermidades fundamentais e que, da perspectiva patológica, as doenças do começo do século XXI não são nem bacteriológicas, nem virais, mas neuronais. Entre elas, enumera transtornos e síndromes como a da hiperatividade, provocadas não pela negatividade, mas pelo excesso de positividade, por sua vez, diretamente relacionado ao desaparecimento da alteridade. É a sociedade de desempenho, na qual os sujeitos estão em guerra consigo mesmos e sua depressão é um cansaço de fazer e de poder. A queixa de que nada é possível só está

presente porque a sociedade crê piamente que nada é impossível: uma violência consentida, de aniquilação suave

De volta ao curso, temos, então, que responder a um questionário enfadonho e mal elaborado. Para preenchê-lo, concedeu-nos cinco minutos; quando, na verdade, precisaríamos de pelo menos uma hora. Os alunos demonstraram aborrecimento, murmuraram e tentaram tirar as mesmas dúvidas mais de uma vez, pois as perguntas não estavam claras o suficiente ou eram dúbias. Isto representou um atraso ainda maior na execução da tarefa. Havia também um sistema de numeração duplicada na mesma apostila, que retardava a localização do conteúdo quando se fazia necessário acompanhá-lo com o professor.

Após o exercício, durante sua discussão, MB diz que “somos cada vez mais exigidos para termos resultados”; que “nossa vida privada ficou assoberbada”; que “temos que nos desdobrar, cada vez com menos tempo”. Solicita que escrevamos “o que não estamos fazendo por falta de tempo e com o que estamos perdendo nosso tempo” e, a seguir, que cada um fale sobre o que escreveu. Quando chega minha vez, menciono que tenho uma perspectiva distinta agora em relação ao passado e que, ao preencher o item relativo ao que tenho deixado de fazer (ter contato com a natureza, fazer atividade física, aula de música, viagens, etc.) dei-me conta de que “vivi pouco”. Que hoje não sinto que esteja “perdendo tempo” quando estou fazendo algo que não seja “prioridade” porque também preciso relaxar. O professor ignorou o comentário e prosseguiu, com outros assuntos.

Os tópicos abordados foram variados e podem ser demonstrados por algumas máximas ditas pelo professor:

- “Deve-se fazer tudo bem feito para não se ter “retrabalho”;
- “Vocês têm que praticar o que estão aprendendo. De nada adianta técnica se não houver mudança comportamental; é como assistir um DVD de como andar de bicicleta e não ir lá andar”;
- “Autodisciplina: Você mesmo se sabota e depois diz: Ah, não sei por que eu não consigo! A procrastinação mata você. Você vai jogar basquete e o tico e teco falam: o relatório! Você vai para a praia e o tico e o teco: o relatório! Você fica com o tico e teco gritando com você: o relatório, o relatório! Eu mesmo vou me matando”;
- “Não façam nada só por fazer; façam da melhor maneira, com toda a energia; foquem no que têm de fazer”;

– “Sempre há uma maneira de ser eficaz e ter resultado; isso, às vezes, não sai tão facilmente; é preciso botar a cabeça para funcionar”;

– “Não existe “não tenho tempo”; o que você não sabe é administrar seu tempo” (“Neste ponto, recordo-me novamente de quando ele diz, para a execução das tarefas: “vou dar cinco minutinhos” e, depois: “mais cinco minutinhos, tá pessoal?”

Uma aluna interrompe MB e comenta sobre como se atrasa para ajudar colegas com dificuldades no trabalho, ao que ele lhe responde: “você é muito boazinha, quer ajudar os outros... vai direto para o céu, mas aqui, nesta terra seu euzinho precisa focar em si mesmo”.

Fico pensando na lógica da proposição e começo a devanear: “não seria isso uma contradição em relação à reiterada defesa do trabalho em equipe, à importância da colaboração recíproca entre os membros da empresa, à solidariedade, etc.? E se a funcionária vai para o céu (sendo o céu a representação metafórica do agir corretamente) justamente por ajudar os outros; então, se focasse nela mesma iria para o inferno (dentro da lógica da metáfora, inferno representaria o incorreto a ser feito e o agir corretamente, algo a se punir). Seria a esse projeto capitalista maquínico que a técnica serviria, sem levar em consideração, absolutamente, o ser-no-mundo-com-os-outros? De tal modo, “sabemos” ou decidimos deliberadamente que é ao “inferno” que prestamos serviço, em detrimento total daquilo que, em tese, nos designa mais propriamente como “humanos”? Então, tudo que se escreve e se defende nos manuais de psicologia organizacional sobre qualidade de vida, ética empresarial, prevenção, saúde e higiene mental não passa de teorias utópicas politicamente corretas que sucumbem totalmente diante da “realidade”?

Outra aluna, imediatamente, narra que uma colega que há pouco retornou ao trabalho após a licença maternidade, levou consigo, no celular, um vídeo do filho recém-nascido e a procurou para mostrar-lhe. No entanto, outros já haviam parado para ver e se atrasado. Ela, então, lhe teria dito que não podia ver; que estava ocupada. A mãe teria contra-argumentado, dizendo que “era para descontrair”, mas diante da sua determinada recusa, “ficou chateada”. MB elogia a “atuação” da aluna no ocorrido. Ele apregoa: “não pare para conversar; todos estão te olhando na empresa”. Sobre a chateação da colega, ele comenta: “que se dane; no primeiro momento você será asquerosa, metida, nojenta. Mas daqui a três meses ela vai te pedir desculpa; eles vão reconhecer o seu valor. Eles vão dizer: “eu nunca batia a meta; agora bato a meta!”. E mais: “a gente quer funcionário que dê resultado; na época que estamos vivendo, quem não dá resultado vai ver o chicote!”.

“Ouço” o silêncio e percebo certo incômodo no ar. Por alguns segundos me imagino no lugar daquela mãe e penso no meu constrangimento se fosse recebida deste modo. Sei que em ambientes corporativos e com muita demanda muitas vezes não se pode ficar distraído por muito tempo, que há necessidade de atender prazos e ordens. Cochicho com a colega ao lado que, no entanto, considero que esta “solução” é de uma total falta de sensibilidade. Que olharia mesmo que fosse rapidamente e pediria a ela que me mostrasse o vídeo com mais calma em outro momento. Começo a ruminar novamente. Penso em tudo que tenho lido e as queixas de tantas pessoas sobre as relações superficiais, descartáveis e egoístas em nossos dias. Matutei: mas ele mesmo recheia as aulas com piadas para “descontrair” e tornar os alunos mais receptivos (como se costuma aprender em cursos de preparação docente, como uma ferramenta de ensino motivacional). Por que, no caso em apreço, a descontração não poderia ter lugar? Vão ainda mais longe e questiono: resultado para quem, afinal? O aumento salarial e de status produzem o quê? Trazem mais poder aquisitivo, mais bens e preocupação para gerenciá-los? Mais doenças? Mais isolamento e solidão?

Estas circunstâncias remeteram-me à análise de Sennett (2001, p. 25; 117) que, além de enfatizar a dificuldade de se desenvolver experiências e construir narrativas coerentes de vida nesse sistema individualista, que privilegia prazos e processos – e inclusive compromete a formação do caráter –, constata outros efeitos internos e externos destas novas configurações sociais e a relação delas com o tempo:

O distanciamento e a cooperatividade superficial são uma blindagem melhor para lidar com as atuais realidades que o comportamento baseado em valores de lealdade e serviço e que é a dimensão do tempo do novo capitalismo [...] que mais diretamente afeta a vida emocional das pessoas fora do local de trabalho [...] Um dos motivos para a superficialidade degradante da sociedade moderna é a desorganização do tempo. A seta do tempo se partiu; não tem trajetória numa economia política continuamente replanejada, que destesta a rotina, e de curto prazo.

Diversas outras situações pessoais foram trazidas à baila, mas MB ficou visivelmente perturbado e encerrou a discussão, sentenciando: “assuntos subjetivos são difíceis de tangencializar”. *Cogitei sobre o que não seria “subjetivo” na ação humana, ainda que em relação a trabalho e em ambientes corporativos – ideais, objetivos, lucratividade, hierarquias... tudo, ao final, não remeteria para desejos, vontade de poder, ambições, realizações pessoais próprias da subjetividade humana?*

31.01.2017

MB diz que o tema de hoje é “benefícios de administrar o tempo”. Ele explica que há uma diferenciação entre quatro tipos de prioridade:

- 1– URGENTE E IMPORTANTE;
- 2– URGENTE, MAS NÃO IMPORTANTE;
- 3– SEM URGÊNCIA, PORÉM IMPORTANTE E
- 4– SEM URGÊNCIA E SEM IMPORTÂNCIA.

O urgente é o imediato, aquilo que não pode esperar; enquanto que o importante é o que não se pode deixar de fazer, pois, do contrário, irá influenciar no resultado final. MB nos manda fazer outra atividade: “preencha a página nove em diante até o final: sua vida será muito mais confortável. Coloque apenas as coisas que vão te trazer eficácia e eficiência, menor custo, menor esforço. Apenas as importantes e urgentes!”.

Uma aluna, então, interrompe, para comentar: “acabo de receber uma mensagem da minha chefe, mandando-me ver uma documentação para amanhã”. Um dos alunos diz: “isso é urgente; então... tchau!”. Toda a turma, incluindo o professor, começa a rir. Prosseguimos. Em relação a dúvidas no exercício, MB pergunta: o que não é nem urgente, nem importante, mas precisa ser feito? Uma aluna arrisca: “Molhar as plantas!”. Ninguém mais responde nada. Ele, então, “resolve” o enigma: “tomar café, almoçar, tomar banho. Isto é ordem de prioridade!” MB, no entanto, complementa: “comer não é importante; só é porque, se não [alimentar-se], influencia no resultado”.

Fico estarecida com a “descoberta”: então, alimentar-se e fazer a própria higiene não é urgente e nem mesmo importante? O que pode haver de mais urgente para o ser humano que o cuidado com a própria subsistência? Em relação à definição “... Só e importante se irá influenciar no resultado final”, cogito de que tipo de “resultado” se fala aqui, já que comer, pelo menos a princípio, não é algo que se possa deixar de fazer... a menos que o “resultado” em questão não contemple ficar vivo ou morto; mas apenas a consecução de alguma atividade laboral que pode não ser levada a cabo em momento determinado, pelo atraso de alguém ao priorizar sua refeição. Sinto vontade de questionar, falar sobre o livro que menciono aqui mesmo nesta tese: “24/7 Capitalismo Tardio e os Fins do Sono” (que narra os propósitos do Departamento de Defesa dos Estados Unidos da América, em parceria com algumas universidades, de estudar a atividade cerebral de um tipo especial de pardal que consegue

permanecer acordada por sete dias consecutivos e, assim, voar ininterruptamente durante a noite e procurar alimentos de dia, sem descansar. A pesquisa pretende colher dados sobre tal fenômeno e aplicá-los aos seres humanos de modo a que elas também consigam ficar sem dormir e funcionar de modo produtivo e eficiente).

Entrementes, sinto-me desolada e até mesmo um tanto ridícula: não estou “atenada” com o momento atual nem com as demandas da modernidade. Dou-me conta de que, a partir do raciocínio que vigora na atualidade, não haveria mesmo como eu ser alguém “de sucesso” nem ganhar muito dinheiro, face ao modo como concebo tais assuntos. Fico sem energia e desisto, então, de manifestar-me: para quê, na verdade, entrar em discussões filosóficas e promover um debate alheio aos objetivos primários do curso, que visa exatamente atender demandas afetas à produtividade, eficácia e eficiência do capitalismo? É em função deles que as pessoas vieram até aqui, confiantes de que encontrariam respostas, não interessando em nada o que penso a respeito, considero, por fim.

A seguir temos de realizar uma determinada atividade da apostila: identificar nossas próprias potencialidades comportamentais. Parece-me outro quesito não relacionado à questão do “gerenciamento do tempo”, pelo menos não diretamente. Sinto-me desconfortável e esmorecida por ter de fazer algo que não tenho vontade e no qual não vejo propósito. Esforço-me, no entanto, pelo receio de que o professor me peça para falar (MB já havia sinalizado, no começo da aula, que havia pessoas que pareciam estar sempre longe e desinteressadas. Suspeito que uma delas talvez seja eu). Procuro empenhar-me na participação para que minhas críticas pessoais não atrapalhem minha observação e meus objetivos, nem interfiram na percepção e concepção dos outros sobre o tema. Afinal, minha opinião é só mais uma, em nada melhor do que qualquer outra.

Uma aluna interrompe o discurso do professor, por um momento e desabafa: Adora parar para tomar café quando não está conseguindo fazer uma determinada tarefa e isso a ajuda muito. MB responde-lhe: “você e a torcida do Flamengo escorregam na banana. Você vai ter que se policiar.” Não conseguindo lidar com mais essa prescrição, saio da sala para respirar um pouco e transgredir o autopolicimento: vou tomar um café.

Retorno e verifico o exercício: pede-se para classificar potencialidades tais quais: Edificar pessoas; fazer leituras não verbais; gerar entusiasmo; reconhecer méritos, compreender antes de julgar, entre outras; conforme estejam “altamente desenvolvidas”, “em desenvolvimento” ou “a desenvolver”. Não é estabelecida nenhuma correlação entre a atividade e a questão da “administração do tempo”. Logo após, MB aborda outros assuntos como leitura

corporal e tipos de liderança. A aula prossegue. O professor passa a falar sobre os dois TIPOS DE TEMPO:

- 1) IMPOSTO (a gente não controla e está atrelado a desígnios superiores) e
- 2) DISCRICIONÁRIO (está sob nosso controle; é aquele do qual dispomos para gastarmos no que nos parece ser mais gratificante).

De acordo com a apostila, o tempo imposto já o é desde a infância, com o excesso de atividades que se impõem à criança, como parte de sua educação formal. Já na fase adulta, ele seria representado pelos agentes encarregados de disciplinar a pessoa, tais como: convenções sociais (regras, etiquetas, postura); burocracia (procedimentos impostos pela ação do governo); e exigências da empresa (normas, regras, horários); hábitos e costumes; deveres e obrigações familiares; educação formal e ordens e instruções arquitetadas pelos mais poderosos. Ao fim dessa explicitação, a pergunta: “Quanto do seu tempo (da sua vida) é consumido sem que você consiga controlar?”.

No que tange ao tempo discricionário, há um subtítulo no texto: “Nossa liberdade!”. Desse “tipo de tempo” se diz: “alguns dominam quase todo o seu tempo, outros um mínimo, quase nada”. No tópico discutido, constam: o tipo de atividade da pessoa (liberal x assalariado); grau de independência; nível cultural e econômico e equilíbrio emocional (crise da meia idade). O capítulo é encerrado com a questão: “Como utilizar melhor o tempo imposto e obter um pouco mais de tempo discricionário”? Esta é a ponte para o debate sobre os “desperdiçadores de tempo”.

Resolvo tirar uma dúvida e narro, com um exemplo particular, como, apesar de todo planejamento que se possa fazer, mesmo assim, uma rotina programada pode sair do controle (uma situação do mesmo dia em que fui surpreendida com a visita de um técnico para solucionar um problema de uma mercadoria que adquiri). O senhor em questão surgiu em minha casa sem o devido agendamento. Eu não podia dispensá-lo, uma vez que o reparo era do meu interesse e eu temia que a empresa pudesse alegar que me recusei a resolver a questão. Em função da dificuldade de resolução do problema, isso ocupou praticamente toda a manhã, comprometendo outros afazeres que eu tinha por concluir. MB responde dizendo, simplesmente: “há meios de você usar o tempo discricionário para se preparar para os acontecimentos inesperados”.

Imediatamente após, diz que vamos assistir a um vídeo com o título: “Chega de dizer não tenho tempo”. Trata-se de uma encenação teatral em dois momentos. No primeiro, a personagem Lúcia surge como uma secretária desorganizada, malvestida, com o cabelo um

pouco desgrenhado, sentada informalmente e de modo desalinhado na cadeira de um escritório. Sua mesa de trabalho está cheia de objetos amontoados. A funcionária está entregue a conversas pessoais, ao telefone e com colegas de trabalho. Faz as tarefas de modo estabonado, queixando-se e não concluindo nenhuma. Reclama o tempo todo da quantidade de trabalho que lhe é imposta. Na segunda cena, Lúcia surge vestida apropriadamente para a situação e com cabelo penteado; a mesa contém poucos objetos e ela fala de modo sucinto e formal ao telefone. Ao receber o mesmo amigo da cena anterior (com quem havia partilhado fofocas sobre os chefes, etc.), Lúcia agora dialoga de modo professoral com ele, dando-lhe conselhos de como agir no trabalho para não ter de correr o risco de ser demitido. Está tranquila e nada lhe tira o bom humor; não se queixa mais da sobrecarga e atende as ligações com um sorriso de satisfação no rosto. *Mais uma vez reflito criticamente sobre como tudo parece tão simples quando demonstrado assim de modo superficial e idealizado, totalmente fora de um contexto real, onde circunstâncias inesperadas, de difícil manejo e subjetividades de toda ordem estão em jogo nas relações. Aborreço-me comigo mesma por não conseguir simplesmente assistir um simples esquete fictício sem fazer considerações críticas.*

No entanto, quando nos reunimos em grupo, a pedido de MB, para debater o vídeo, um dos alunos expressa a mesma opinião que mantive em silêncio até então: “é bem estereotipado, né?” Fico internamente aliviada por alguém ter percebido isto. Entrementes, a fala do colega não passa de um comentário passageiro. Os demais o ignoram e todos se dedicam a examinar o que a personagem esteve fazendo de errado e que, ao final, corrigiu para que “tudo desse certo, conforme deve ser”, cumprindo, assim, a tarefa conforme era previsto e desejado.

MB disserta sobre a encenação, incluindo outros tópicos do programa do curso, como por exemplo:

- 1) A personagem Lúcia, no segundo quadro, para ser eficiente e eficaz, “manteve o pensamento positivo” o tempo todo. Arremata afirmando que isto significa dizer que “mesmo que não tenhamos tempo, devemos dizer que temos”;
- 2) Ainda sobre pensamentos positivos, reitera que devemos evitar a palavra NÃO. E exemplifica: ao invés de dizer: não pise na grama; diga: ande pela calçada;
- 3) Influência dos hábitos e valores na administração. Exemplifica: “a organização, no nordeste, é mais difícil: pessoas são mais relaxadas, desleixadas; do sudeste para baixo é “mais fácil”, diz. É uma questão cultural”;

- 4) Somos a cada dia mais pressionados e menos tempo a gente tem. Quanto mais liberal for seu trabalho; mais liberdade você terá;
- 5) Fazer bem feito é lugar comum; não é suficiente; tem que ser O MELHOR QUE VOCÊ PODE.
- 6) Manter os três “efes”: FÉ, FORÇA E FOCO. *Interroguei-me sobre o quanto também havia de “subjetivo e pouco tangível” (adjetivos com os quais ele costuma caracterizar algumas situações cotidianas e isso me pareceu um tanto contraditório) nesse item.*
- 7) Devemos nos tornar “donos e amigos do nosso tempo”. Para estabelecer uma distinção, ele explica que o tempo é nosso amigo quando sentimos prazer naquilo que fazemos (assistir a um filme) e nosso inimigo quando, ao contrário, a atividade em questão engloba prazer zero, como ir ao dentista;
- 8) Antigamente se dizia: tempo é dinheiro; hoje, tempo é saúde e qualidade de vida;
- 9) Devemos praticar o “Conheça a ti mesmo”: dominar os impulsos; dedicar algum tempo a si mesmo para descobrir o que gosta e não gosta;
- 10) Devemos aprender a dizer não; traçar objetivos; ter concentração;
- 11) Precisamos estabelecer prioridades (hierarquizar suas ações, evitar dispersão e esforços desnecessários; focar uma coisa de cada vez);
- 12) Devemos estabelecer limites de proteção (com relação aos outros);
- 13) Não devemos “empurrar” o que é mais importante para a frente; comumente agimos assim porque o mais importante, geralmente, é o mais complexo.

01.02.2016

O professor pergunta quem colocou em prática o que aprendeu até o momento. Uma aluna diz que no dia anterior havia conseguido sim, mas que “hoje” havia passado mal, estava doente e não conseguiu. As questões de saúde e psicológicas não foram contempladas como interferências no processo. Todos relataram questões que saíram do roteiro dado em aula: questões particulares e sistêmicas das organizações, quase sempre ligadas a disposições afetivas e valores dos chefes e colegas de trabalho. Um integrante do grupo comentou: “Quando se é jovem, não se tem a menor pressa de escolher ter um rumo, porque tempo é o ATIVO que você mais tem. Ele pode trocar de curso várias vezes, porque tem tempo. Com oitenta, o ATIVO

escasseou; é o mais importante que você tem. Com 18, se souber o que quer fazer, está fadado ao sucesso. Nada irá interromper”. Inicia-se um debate no grupo sobre um aplicativo para “regular” o horário.

A aula prossegue, abrangendo as questões do retrabalho e de cuidados adicionais ao planejar o tempo. Todas elas incluíam afirmações imperativas, como essas:

- Padronize os processos e estabeleça regras de execução;
- Fique atento aos conflitos internos e à melhoria dos processos;
- Agende as metas a serem atingidas no mês;
- Registre as ações que deve desenvolver para cumprir suas metas e alavancar novos relacionamentos;
- Deixe alguma janela aberta em cada semana para algum possível imprevisto ou para apagar algum “incêndio”.

Também fizeram parte do conteúdo da aula deste dia algumas técnicas de apresentação e produtividade nas reuniões; relacionamento interpessoal e como lidar com pessoas difíceis. Durante a explicitação deste último, o professor lançou mão de concepções pessoais a título de metáforas e exemplos: “o cachorro e a criança têm o mesmo comportamento”; “as pessoas do norte e nordeste não tem a mesma capacidade de se organizar, por questões culturais”; “as pessoas mais simples e com pouca escolaridade não têm o mesmo discernimento das outras”. Valendo-se de situações peculiares de sua experiência profissional e como coach (em uma delas, orientou um engenheiro a não elogiar um peão para não despertar o ódio dos colegas por ele); discorre sobre as técnicas que se pode utilizar no trato com pessoas/funcionários etc., “difíceis”.

– **PNP** ou sanduíche: “positivo, negativo, positivo”: ao “abordar um ‘subordinado’”, dizer primeiro os pontos favoráveis que a pessoa possui, depois o que precisa ser modificado no comportamento dela e, novamente, o que pode ser feito para melhorar. Por último, perguntar à pessoa em que você/ o chefe pode colaborar para a mudança dele.

– **DESVIO DE ASSUNTO**: Iniciar o “puxão de orelhas” com um bom rapport, salientando as qualidades da pessoa e não focar o problema imediatamente.

02.02.2016

Continua-se um tópico cuja discussão não foi contemplada totalmente no dia anterior: “Como lidar com pessoas difíceis”. Os dois pressupostos principais abordados são a assertividade (para a qual MB alerta que não se deve ser nem passivo nem apático) e a empatia (habilidade de se colocar na situação alheia). É passado um vídeo e também sugerido um curso à distância (da “Suma Econômica”) sobre o mesmo tema.

A seguir, fala-se do Plano 5W2H: uma “ferramenta” de medição de desempenho, oriunda dos processos de Gestão da Qualidade, que opera com os conceitos de qualidade, eficiência e desempenho. A sigla 5W2H é a compilação, em inglês, de 5W (what, why, who, where, when) e dois h (how e how much); conjunto de sete perguntas que expressam as sete circunstâncias que influenciam a elaboração de um plano de ação qualquer, com vistas à “otimização” de resultados e cumprimento de objetivos em prazo previamente estipulado. São elas:

- O que deve ser feito? (ação em si);
- Por que esta ação deve ser realizada? (objetivo);
- Quem deve realizar a ação? (responsáveis);
- Onde a ação deve ser executada? (localização);
- Quando a ação deve ser realizada? (tempo ou condição);
- Como deve ser realizada a ação? (meios e métodos);
- Qual será o custo da ação? (investimento financeiro, duração, etc.).

MB fala novamente sobre delegação: delegar não é jogar trabalho nas costas dos outros; é “tirar o macaquinho das suas costas”. E arremata: delegue para alguém talentoso; competente, estipule metas e deixe a porta aberta para ela.

Na sequência, MB propõe uma encenação, solicitando voluntários entre o grupo. Proponho-me a fazer o papel da funcionária que terá “a orelha puxada pela chefe”. Pergunto à “minha chefe” e ao professor se posso “caprichar na maldade” ou se desejam que faça um personagem comum, “dentro do padrão” e eles dizem que não há problema em “dificultar” na encenação. Eu, então, “encarno” alguns comportamentos de “subordinados” que agem de modo totalmente anacrônico aos clichês contidos em livros de prescrição sobre bom relacionamento interpessoal. Cria-se uma situação tensa. A “chefe” fica sem espaço; diz a MB que não sabe

como agir “comigo”. Sinto-me mal; digo que é melhor chamar outra pessoa ou que vou ficar mais “boazinha”, fazer a coisa de um modo mais ameno e o professor diz que não... orienta a “chefe” a não “me” deixar intimidá-la, a ser firme “comigo”. Começamos novamente, mas diante da dificuldade da colega, MB encerra a encenação. Alguns alunos ficam sobressaltados; perguntam como agir caso haja uma situação similar em seus locais de trabalho. MB diz novamente que a “chefe” se deixou intimidar e deu espaço demais para a “funcionária”, que deveria ter “cortado” logo a conversa e sido mais assertiva com ela.

Em particular, me desculpo com a colega. Digo-lhe que encenei um personagem “real”, a meu ver, e que certas prescrições que ouvimos ali não funcionam assim de modo tão “certinho” como em um manual. De qualquer modo, sinto-me mal, pois não era intenção “estragar” nada nem dificultar o trabalho do professor. No entanto, os colegas entendem e não se aborrecem comigo.

DISCUSSÃO E APONTAMENTOS GERAIS SOBRE O CURSO

Não podemos dizer que trataremos, agora, de uma “conclusão” a que tenhamos chegado sobre o curso em questão, pois não consideramos que a palavra se aplique aqui. Vamos apenas voltar a pontuar um pouco mais detidamente determinadas situações e conteúdos abordados em nossa narrativa anterior e acrescentar outras que podem estabelecer algumas aproximações com a teoria em pauta. Tais questões também serão comentadas em capítulos posteriores, quando abordarmos o fenômeno do “gerenciamento do tempo” à luz da questão da técnica, proposta por Heidegger. Eis algumas que consideramos nevrálgicas:

– A utilização extremamente recorrente do quesito PRIORIDADE, como sendo a “chave mestra” para se resolver a questão de “não se conseguir gerenciar adequadamente o tempo”. A máxima “tempo é questão de prioridade” parece ser um mantra comumente bem aceito como verdade. Mas continua sendo difícil conseguir eleger que prioridades se deva privilegiar em detrimento de outras. Levando-se em consideração que somos seres relacionais e vivemos sempre agrupados, que nossas ações possuem efeito sobre outros, com os quais mantemos relação de dependência e ou complementaridade, uma das dificuldades sobre a questão será sempre perguntar-se de que ponto de vista e para quem esta ou outra atividade deva ser considerada prioridade ou não, em que momento e circunstância. Muitas implicações subjetivas como questões de valores, disposições afetivas, desejos, estados emocionais e físicos sempre estão subjacentes aos critérios de estabelecimento de prioridade. Em assim sendo, ainda

que algo fosse prioridade do ponto de vista “lógico”, caberia sempre, a alguém, “inverter” a ordem em função de algum aspecto “subjetivo” que, do ponto de vista de terceiros, poderia ser considerando “secundário”. Isto mesmo ocorreu cada vez que alguém, a despeito da vontade do professor, comentava sobre seus problemas pessoais e de trabalho, na tentativa de provar que era impossível dar conta de todas as prioridades. Os alunos analisavam as narrativas alheias de modo a indicarem uns aos outros as falhas no processo, conforme sua escala pessoal de valores.

– A GENERALIZAÇÃO também foi um ponto inquietante, por motivos óbvios, pois sabemos da singularidade da ação humana, que não se conforma a nenhum tipo de universalização. Saliento aqui, em especial, a questão de que determinadas prescrições, especialmente vindas de “experts” que “venceram na vida” podem produzir, nos que as ouvem, uma sensação de incompetência e menos valia. Além do mais, ocasionar dúvidas e colocar em questão a “autenticidade ou não” das próprias convicções e sentimentos, para os quais não cabe julgamento. Um caso, em específico, pode bem exemplificar isto: Quando MB diz a uma jovem do grupo: “você quer ajudar muito aos outros; quando morrer vai direto para o céu; mas aqui na terra, foque em você”; ela, talvez em função de eu ser psicóloga, passou-me um longo bilhete, escrito por ela, durante a aula. Ao pegá-lo, notei seus olhos marejados. Ao fim da aula, procurou-me e fez comigo um longo desabafo, contando sobre a doença da mãe, o relacionamento com o marido, dificuldade de adaptação na cidade grande, dúvidas quanto à profissão e acerca de questões que estavam sendo abordadas no curso, questionando-se se tudo aquilo valia de fato a pena e se ela não deveria dar um rumo diferente à sua vida. Outra situação: na consecução de determinado exercício (responder sim ou não a um questionário intitulado: “Como você reage a mudanças?”); uma das perguntas era: “costuma receber tranquilamente os desvios, mesmo quando ocorrem repetidas vezes e em seguida?” Esta foi uma pergunta para a qual internamente respondi “não”, considerando minha habitual falta de paciência e agitação. No entanto, seria uma questão para a qual eu desejaria responder sim, dada a minha vontade de ser uma pessoa mais equilibrada e fleumática – ou seja, interpretei a questão crendo que aceitar desvios seria uma vantagem ou característica pessoal positiva, a princípio. Para minha surpresa, no entanto, diante de alguns “sim” respondidos pelos colegas, MB diz, com a voz exaltada: “não; você não deve aceitar, deve ficar irritado; principalmente com você mesmo!”. Assustome um pouco e noto, ao lado, que HB (o colega que me confidenciou estar fazendo uso de rivotril para dormir, que não tem lazer e está sendo cobrado pelo chefe para trabalhar por dois, sem ter ao menos direito a vinte dias de férias) risca rapidamente sua resposta “sim” e escreve, em seu lugar, a resposta “certa”: não se deve condescender com os próprios desvios! *Fico*

internamente pesarosa com a situação do rapaz: tudo isso soa aos meus ouvidos como uma grande orquestração em que a educação corporativa se coloca como elemento ratificador do sentimento de culpa do trabalhador por não ser eficiente o bastante, ao passo que os interesses econômicos extraem dele toda sua autoestima, prazer e energia, fazendo-o perceber-se como um eterno devedor.

– O posicionamento frente ao TEMPO COMO “AMIGO OU INIMIGO”: MB enfatiza reiteradamente que, na questão do “gerenciamento do tempo”, não se pode levar em consideração aspectos subjetivos ou intangíveis (tidos como critérios “pouco científicos”). No entanto, este tópico mencionado como assertiva ou recomendação é um dos vários que justamente poder-se-ia considerar como subjetivo. Nos exemplos elencados por ele, conforme relato anterior (filme x dentista; prazer x desprazer), fiquei ponderando de que modo alguém poderia obter prazer em fazer algo realmente temido, desconfortável e, por vezes, doloroso, como ir ao dentista; ou como só fazer coisas agradáveis e divertidas, já que a facticidade inerente à existência não nos confere esta benesse o tempo todo. Talvez o professor estivesse se referindo a algo relacionado à programação neurolinguística ou ao poder do “pensamento positivo”, uma vez que mencionou estas matérias anteriormente. Por exemplo: “quando a gente faz o que gosta, o tempo passa rápido. Pessoas quando começam a carreira geralmente não fazem o que gostam. Motivação é quando a pessoa faz bem o que não gosta, com o objetivo de fazer o que gosta lá na frente” (sic). De qualquer modo, tomar esta premissa como uma assertiva concreta, linear, e tê-la como ferramenta de mensuração técnica para gerir o tempo não pareceu plausível.

– A SUPERFICIALIDADE E OU INCONSISTÊNCIA com que algumas situações foram contempladas, desconsiderando-se totalmente a análise das implicações subjacentes a elas. Por exemplo: dentro do raciocínio de que se pode perder tempo acumulando funções ou não sabendo dizer não, é recorrente a afirmação de que se deve “delegar tarefas”. Assim, reza o método de administração do tempo que não se deve delegar para incompetentes. No entanto, parece simples considerar que nem sempre existirão pessoas competentes disponíveis a quem delegar. Isso sem contar que muitos tentam delegar suas atribuições a outros não por estarem assoberbados, mas por falta de capacitação, comodismo, ou mesmo para eximir-se de trabalhar ou arcar com responsabilidades, como é comum em ambientes corporativos, especialmente repartições públicas. Em assim sendo, se um gerente ou qualquer outro a quem será cobrada a execução de uma tarefa não encontra respaldo da equipe e preza seu emprego; o mais provável é que desista de delegar e assumo ele próprio as tarefas, para não incorrer no risco de alguma

sanção. Outra dificuldade é que, ao se tornar tão difundidos os enunciados “delegue” e “diga não”; é bem provável que se forme uma cadeia de indivíduos que promovam uma espiral de “delegações” onde cada um, em sua cadeia hierárquica específica está permanentemente se esquivando de suas respectivas atribuições.

– As reiteradas INCONGRUÊNCIAS: Diversas assertivas foram postas em contradição em momentos distintos do curso, seja na exposição oral, seja no texto escrito da apostila. Tais incongruências, de certo modo, testificam a dificuldade de se estabelecer regras e normas estritas, fora de contexto ou desconsiderando o cenário existencial dos indivíduos, como por exemplo, no tópico onde se discorre sobre os tipos de prioridade, e defini-se urgente como “o imediato, aquilo que não pode esperar; tudo que exige pronta resposta ou intervenção, do contrário pode acarretar sérios aborrecimentos”. Aqui, evoco duas passagens em Sennett (2001, p. 33; 50) que resumem bem este estado de coisas: “Não há mais longo prazo” desorienta a ação a longo prazo, afrouxa os laços de confiança e compromisso e divorcia a vontade do comportamento” e “Imaginar uma vida de impulsos momentâneos, de ação a curto prazo, despida de rotinas sustentáveis, uma vida sem hábitos, é imaginar na verdade uma existência irracional”.

Voltando ao quesito incongruência, MB alerta para o comportamento “padrão” esperado pelas empresas, de modo tal a ser necessário levar trabalho para casa e ou trabalhar sete dias por semana para “vestir a camisa da empresa”, não tolerar nenhum desvio de si mesmo e não ceder a pedidos de colegas, interrompendo o trabalho. No entanto, na própria apostila, há um capítulo intitulado “O que é administrar o tempo”. Em um de seus itens – estabelecer limites – lê-se: limite o seu senso de urgência: “isso pode parecer loucura, mas não se apressar em fazer as coisas pode, muitas vezes, poupar tempo! Nem tudo precisa ser feito hoje, mas é comum que exageremos na urgência das tarefas, bem como em suas importâncias. Sentimos que devemos fazer as coisas agora e que elas não podem esperar – pense nisso como uma doença da pressa. Ela só o deixa exasperado para lidar com as coisas que são realmente urgentes”.

Diante da justaposição dos dois raciocínios, resta-nos pensar novamente na recorrente e confusa atribuição subjetiva de valor às dimensões propostas: se “urgente” é o imediato que não pode esperar, que exige pronta resposta ou intervenção e deve-se deixar de fazer certas coisas para lidar apenas com o que é “realmente urgente”; o que é “realmente urgente” o é do ponto de vista de quem? A quem compete a atribuição do verdadeiro grau de urgência às situações? Certamente chefes e líderes não irão levar em consideração que o funcionário possa ter uma concepção distinta de urgência.

– Sobre a questão do ESTRESSE, constante do programa, quase nada foi dito. A apostila traz a definição mais simplificada e usual, algumas causas, sintomas e conselhos de prevenção. Estamos lembrados das orientações do professor para evitar conversas e desvios no trabalho, delegar ao máximo e dizer não, ter foco e não parar durante as atividades, nem mesmo para um café. Pois bem: a apostila traz, entre as duas causas apresentadas, para o surgimento do estresse, o “isolamento social, a solidão e os conflitos interpessoais”. Como prevenção, estão, entre outras, “otimizar as pausas no trabalho”. Se antes, comer não era nem urgente, nem importante, agora; como prevenção ao estresse também é sugerido “ter hábitos regulares e saudáveis na hora de comer e dormir. Se antes, o funcionário bom e que garante sua vaga é o que se disponibiliza sem ressalvas para a empresa; aqui também surge como situação preventiva “tirar férias regularmente, reservar algumas horas do dia para diversão, longe das preocupações”. A maioria dos sintomas do estresse mencionados na apostila poderiam perfeitamente ser consequência de uma vida laboral similar à que é proposta pelo curso para caracterizar o “bom funcionário”, que prioriza o trabalho à revelia da própria saúde: “fadiga fácil; fraqueza; mal-estar; irritabilidade; depressão; angústia; palpitações; tonturas; dores musculares, de cabeça e de estômago, perda de concentração” etc.

– ATITUDE DO TRABALHADOR: Face às demandas organizacionais, a apostila menciona um item com o título: “O preço do sucesso, o trabalho sob pressão, o estresse, a saúde e a qualidade de vida”. E cita uma pesquisa de associação médica no RJ com executivos em quatro capitais brasileiras, com índices dos que passaram a fumar, beber e tiveram aumento de doenças cardiovasculares entre 1990 e 2012, em função daqueles fatores. Observamos, assim, que não há correlação entre o que ora se coloca como o comportamento ideal, e o que se adverte como comportamento prejudicial à saúde. Pensamos que este tipo de teoria pedagógica labiríntica ou se torna sem nenhum proveito, dada sua redundância, ou acaba por conduzir o aluno em uma inércia constrangedora, diante de um dilema insolúvel: é preciso ser um super funcionário. E, no caso, alguém que não incorre em nenhum desvio, que não se envolve com dificuldades de seus colegas ou mesmo com pequenas alegrias compartilhadas no ambiente corporativo; está sempre focado e com sorriso no rosto, com pensamento positivo e acreditando “ter tempo”, mesmo face à pressão por mais resultado; que identifica com precisão o que é ou não urgente, colocando a empresa à frente de suas necessidades pessoais, deixando até mesmo suas refeições em segundo plano e, ao mesmo tempo, deve ele mesmo questionar tudo isso e avaliar se está pagando ou não um preço demasiadamente caro, conforme frase de MB: “pessoas que se esquecem da família se arrependem amargamente depois”.

– MAU DESEMPENHO E GERENCIAMENTO DOS CHEFES: São feitas reiteradas menções sobre este tópico, contemplando qual deveria ser o comportamento ideal de um bom líder. A maioria dos discentes, no entanto, é de empregados que, por seus depoimentos, estão sendo massacrados pelos chefes em busca de maior eficiência e produtividade. Portanto, “saber” o que deveriam e o que não deveriam estar fazendo, ajuda estes “colaboradores” ou apenas aumenta seu sofrimento?

– Sobre IMPREVISTOS, considerado fator imprescindível para a boa administração do tempo, é reforçado que não se deve dar, de modo nenhum, espaço a algo não previamente programado na agenda pessoal. Para a situação utilizada por mim para ilustrar acontecimentos inesperados que tiram nosso planejamento do itinerário imaginado, MB respondeu-me que “Há meios de você usar o tempo discricionário para se preparar para os acontecimentos inesperados”. Ele ainda advertiu: “mantenha o foco nas metas, na organização. As pessoas têm que respeitar o seu tempo”. Na apostila, em tópico intitulado: “Dicas práticas para uso eficaz do tempo”, têm-se as seguintes recomendações: “inserir pequena folga para os imprevistos” e “agende as visitas para não receber visitas inesperadas.

Partindo-se da concepção de imprevisto como aquilo que ocorre sem dar sinais de advertência antecipada (ou seja, imprevisível), como é possível reservar espaço/tempo para ele? Se visitas surgem a despeito de não terem sido “convidadas”, qual a responsabilidade do planejador aqui? O simples fato de se pressupor que as pessoas devam “respeitar o tempo das outras”, por si só, não garante que elas o façam. E ainda, com relação à agenda prévia, até mesmo um exemplo hipotético e simplório pode desbancar totalmente tal falácia: que será do planejamento de alguém que tenha programado seu tempo discricionário na manhã de terça-feira, para imprevistos, e nada ocorre neste tempo, mas, ao invés disso, na sexta, à tarde, em que há uma consulta médica impreterível ou uma prova acadêmica de grande importância?

– SAÚDE E QUALIDADE DE VIDA: No primeiro dia de aula, MB inaugurou o curso com a frase: “antigamente se dizia: tempo é dinheiro; hoje, tempo é saúde e qualidade de vida”. Tendo em vista, no entanto, tudo que foi dito sobre o que se espera de um funcionário padrão que consegue “administrar o tempo” e distingue bem entre o que é urgente e ou importante do que não é (para lembrar, tomar banho ou comer, por exemplo, são coisas que devem ser feitas, mas não são nem importantes, nem urgentes, pois podem esperar e não influenciam no resultado), certamente, a prioridade deste indivíduo não será nem sua saúde nem sua qualidade de vida. O próprio professor também deixou claro, no primeiro dia de aula, que iria frisar o aspecto da administração do tempo no trabalho (inclusive na categoria “tempo obrigatório ou

imposto”) e não na vida pessoal, tendo em vista que “sem trabalho não se tem dinheiro e sem dinheiro não se tem lazer (incluído no “tempo discricionário”); não temos nada, apenas uma grande perda de tempo” (sic).

De tal feita, a despeito de se alertar para o preço do sucesso, para o risco do estresse, que não se deve “dar importância a um único aspecto da vida: ninguém é só profissional, é necessário equilíbrio e distribuição satisfatória das energias” (um dos traços de propensão ao estresse descritos na apostila), saúde e qualidade de vida são mencionadas apenas para rezar o modismo politicamente correto em voga, pois a injunção continua sendo “tempo é dinheiro”. E enquanto a educação corporativa incita o trabalhador a negligenciar o cuidado consigo mesmo em prol do sucesso organizacional, convencendo-o de que não terá vida se não priorizar a ocupação inerente ao “tempo imposto”, a minoria que detém o poder econômico deleita-se em seu “tempo discricionário”, à custa de muito suor e mortes.

– A questão do RELACIONAMENTO INTERPESSOAL também foi contemplada de modo confuso e contraditório, a meu ver. As situações sobre este tema, já narradas anteriormente, por exemplo, quando MB e a apostila enfatizam que se deve dizer “não” sem relutância (não é tarefa tão simples, especialmente quando se é funcionário); devem-se evitar quaisquer distrações; delegar ao máximo, entre outras, contrastam fortemente com “conselhos” dados em outros momentos por ele, como: “você deve ajudar os outros PORQUE um dia você pode precisar de ajuda – mas não sempre. Diga educadamente que você está assoberbada e, da próxima vez, ela nem vai te procurar mais. Quando for delegar tarefas, no entanto, estipule metas e deixe a porta sempre aberta para ela”. Na apostila, temos, sob o título “Dez traços principais da propensão ao estresse”. O item sete diz: “Não se sentir à vontade com as pessoas que o (a) rodeiam: o isolamento pessoal deve ser eventual, e não a regra. Ninguém é uma ilha”.

– A determinação para “não se aceitar os próprios DESVIOS”; mas, ao contrário, “indignar-se consigo mesmo diante deles”, conforme foi dito aos alunos, também poderia ser indicativo de discrepância, especialmente tendo em vista, além de vários outros, por exemplo, o item da apostila arrolado entre os “Traços indicativos de propensão ao estresse”, item dois: “Querer ser bem sucedido todo o tempo: Fracassos fazem parte da vida e são necessários para aprendizagem e crescimento pessoal”.

– A questão do “GERENCIAMENTO DO TEMPO” naquilo que poderíamos elencar como o tópico de cunho mais prático, foi posta à prova na própria condução das aulas e do curso como um todo. No que tange a esse “detalhe”, MB, em certo dia do curso pontuou que líderes e chefias deveriam surpreender os clientes/empregados, terminando a reunião cinco minutos

antes. No entanto, neste mesmo dia, a aula encerrou-se às 22h30min – dez minutos depois do programado. No último dia de aula, deixei o recinto bem depois deste horário, por motivos de segurança no retorno para casa e, em função disso, não pude participar nem da dinâmica final (em que precisávamos acessar um site on-line, com uma senha que deveria ter sido pega no primeiro dia de aula, mas nem todos foram informados disso, o que também destoou das normas prescritas sobre planejamento e organização e prejudicou a avaliação final) nem da despedida com fotos da turma; o que me causou certo pesar. O horário de intervalo combinado também nunca era cumprido, apesar do próprio professor ter dito que isso não poderia acontecer, para que quem cumprisse o horário não fosse prejudicado e as pessoas não se acostumassem a ouvir uma coisa e fazerem outra. Não teria o professor falhado em “gerenciar adequadamente o tempo” para evitar tantos atrasos e descontentamento dos clientes do curso?

Uma curiosidade acerca das questões da pontualidade, planejamento, imprevistos e à recomendação para que não se chegasse atrasado às aulas, é que eu mesma, certo dia, cheguei esbaforida à sala, pedi desculpas, licença e expliquei, rapidamente o ocorrido: havia sido convocada para uma reunião imprevista no trabalho momentos antes da aula. MB ligeiramente irritado e de modo ríspido, disse-me, analisando-me, que eu era “uma pessoa que me preocupava muito com o que as pessoas iriam pensar”. Então, não precisava levar a sério o que ele havia dito sobre atraso? Respondi-lhe que não me preocupava com que os outros pensavam, mas com o que faziam com que o pensavam e que o comentário era apenas ilustrativo de como contingências externas surgem e nos impossibilitam, por vezes, de cumprir horários e compromissos, à revelia de nossa vontade. Ele então, disse que a reunião era mais importante e eu deveria ter faltado ao curso! Pois bem: para mim, estar presente todos os dias e poder analisar todo o conteúdo e dinâmica do curso era mais importante do que uma reunião à qual sempre tenho acesso por meio da leitura das atas.

– Sobre a contumaz PROCRASTINAÇÃO, aos alunos que disseram procrastinar costumeiramente, MB havia respondido que “a procrastinação vai matar a pessoa: ela vai para a praia, vai jogar basquete, vai fazer a barba e lá fica o tico e teco gritando: o relatório, o relatório!”. Os alunos sorriram acabrunhados. Assim como para a maior parte dos impasses apresentados, não há empenho em discutir com maior acuidade o quê, como e porque a pessoa procrastina, como por exemplo, o fato da tarefa ser extremamente enfadonha, desagradável, sem sentido para quem a executa, contrária ao seu verdadeiro desejo. O foco aqui parece residir exclusivamente na consecução, a todo custo, da tarefa, e não se põe em discussão nem mesmo o fato dela ser ou não relevante ou necessária, entre outros. A problemática de uma aluna é uma

boa ilustração disso: comenta que viaja muito a trabalho e deve fazer prestação de contas posteriormente, que o processo é complexo, demorado e envolve tabelas, planilhas e conhecimentos não atinentes à sua área de atuação. Nesse sentido, a procrastinação diz algo do sujeito e da situação, mas isso é desconsiderado. Narra com tanto pesar a situação, que, ao longo do restante do curso, vários colegas ficam empenhados em lhe dar sugestões de como minimizar o problema, inclusive eu.

Em determinado momento, MB exaspera-se: “estou repetindo as mesmas coisas porque vocês disseram as mesmas coisas, os mesmos problemas”. *E eu pensei: não é porque somos todos humanos e temos necessidades humanas semelhantes?* O fato é que cada um queria falar de sua rotina no trabalho e sua vida pessoal, mesmo quando se discutia temas gerais. As pessoas esperavam ter suas idiossincrasias consideradas e analisadas de modo personalizado. Abordaram complexidades que as teorias propostas não alcançam. Além do mais, havia necessidades e objetivos distintos e o curso era o mesmo para todos e as regras não as satisfizeram.

Resumindo nossas observações:

A maioria das situações utilizadas como exemplo foi estereotipada: como a personagem Lúcia na pele de duas mulheres, antes e depois de “aprender a gerenciar seu tempo” na empresa onde trabalha: até o cabelo meio desgrenhado da “primeira fase” aparece penteado na segunda. A postura, arqueada, torna-se ereta; de jocosa e desesperada, passa a falar pausadamente, com elegância nos movimentos, tudo em um passe de mágica.

O próprio professor não conseguiu “gerenciar o tempo” proposto para início, término e intervalos; não obteve motivação de alunos em atividades cansativas e superficiais; em situações nevrálgicas esquivou-se de dar respostas objetivas, incluindo, na mesma classe – “intangíveis” – as situações problemáticas que de fato interessavam aos alunos. Houve diversas contradições entre as premissas e os exemplos correspondentes.

O conteúdo proposto não foi totalmente contemplado e, ainda assim, o foi de modo superficial, subestimando a complexidade das relações humanas. Por exemplo, conforme já se reconhece em modernas discussões no âmbito da psicologia organizacional, a figura do bom líder como suficiente para a eficiência organizacional é sobrepujada pelo conceito de liderança contingencial (ou situacional), que apregoa que a eficácia da ação do líder ocorre somente na medida em que os subordinados se deixam liderar, a despeito do quanto o líder seja qualificado.

O discurso era repleto de clichês e frases de efeito, respostas prontas, pseudo-soluções que desconsideravam as peculiaridades das situações, os jogos de poder e interesse políticos e econômicos, a questão do desejo, da busca por sentido, as disposições afetivas e toda a facticidade inerente à complexidade da existência humana. Os problemas organizacionais contemplados eram os enfadonhamente reiterados em cursos análogos, tais como as reuniões, que não devem ser longas, sem pautas e finalidade; que os chefes não devem mandar substitutos que nem sabem para quê fazer aquela reunião, que não se deve convocar pessoas que não precisariam estar presentes, etc. MB narra acontecimentos comuns das empresas, como se estivesse fazendo um stand up; faz críticas a tudo aquilo que habitualmente se faz nos corredores e nos livros, como se comentários jocosos, por si só, conferissem solução aos problemas. Por diversas vezes discursa e orienta sobre temas afetos à psicologia e à pedagogia, tal como o desenvolvimento e a educação infantil. Por exemplo, ensina que “ao dizer não a um filho se deve também explicar o motivo e que nunca se deve dizer a um filho que ele não serve para nada”. Não houve nenhum esclarecimento quanto à conexão de tais assuntos com a “administração do tempo”. De igual modo, mencionam-se muitos conceitos e teorias fora de contexto e sem uma razoável análise de suas implicações e sem consideração aos problemas do campo de força onde ocorrem.

O ensino de determinadas técnicas para “ganhar tempo” foram contestadas pelos alunos, uma vez que não refletiam suas realidades. Quanto ao uso da internet e do celular, por exemplo, MB indicou limitar a leitura de e-mails e WhatsApp somente a períodos determinados. Alguns alunos, no entanto, objetaram, dizendo que chefes, clientes entre outros “pegavam” seus números e quanto a isso, “não depende só da gente, depende dos outros também”. MB sugeriu colocar sinalizadores para destacar as chamadas mais urgentes. Uma aluna, entretanto, respondeu: “para mim, tudo é urgente; então, não serve para nada!”

Enquanto trabalhadores, os alunos também se defenderam, dizendo que “a meta ou desempenho não é alcançada não é porque a pessoa não quer: há outras pessoas e condições envolvidas”. Quanto a isso, MB responde: “transforme tudo em metas tangíveis. Não se pode deixar tudo livre”.

Os matriculados no curso, segundo seus próprios depoimentos, o fazem para aperfeiçoamento e desenvolvimento pessoal ou como uma tarefa extra, requerida por seus locais de trabalho. No entanto, faz-se pouco além de descrever os problemas comuns da realidade, dos quais já estão cientes e habituados e justamente para os quais buscavam soluções. O curso assemelha-se a diversos outros que tratam de conteúdos atinentes ao que comumente denomina-

se Gestão de Pessoas: liderança, gestão por competência; gestão de resultados, metas, motivação, procrastinação, qualidade de vida, CHAs (competência, habilidade, atitude); diferença entre eficiência e eficácia; resiliência, prioridades etc. A questão do tempo acaba por ser apenas perpendicular aos outros. Ademais, fala-se muito em qualidade de vida, ao passo que justamente o cerne dela parece ser desconsiderado. E, apesar de “deixar claro” logo nos instantes iniciais da aula que não trataria de questões subjetivas, pois não eram “tangíveis”, trata o curso justamente do gerenciamento de “algo” intangível.

Apesar de a maioria ter feito queixas e críticas quanto à obrigatoriedade de uso do WhatsApp, criaram um grupo ao fim do curso, sem consultarem as demais se queriam ou não serem adicionadas. Uma das alunas que mais dizia ter dificuldade em administrar seu tempo e lidar com tarefas impostas a ela, fora de sua área de atuação, passou mensagem perguntando ao grupo o que achavam que deveria fazer com seu “tempo discricionário”: tirar férias ou realizar outro curso na mesma instituição.

MB, em determinado dia, fala o seguinte: “faça o que quer! Se é pular de body jump e outros disserem que é perigoso, você morre, mas morre feliz”! *E eu penso: por trás do “script” a ser cumprido para ensinar aos outros o que fazer com seu tempo, até mesmo os “robôs do ensino” não conseguem renunciar, de algum modo, à questão do desejo e pressentir que, por trás de toda ocupação humana, palpita a busca por um sentido*”. Esta própria fala do professor nos possibilita constatar o quanto a subjetividade humana não se rende ao controle nem se submete a regras e determinações fixas, imutáveis, genéricas e definitivas.

Alguns alunos relataram que colocaram algumas recomendações em prática, mas nem disseram quais nem se obtiveram o resultado esperado. Apenas uma relatou o seguinte: “ontem eu consegui colocar em prática no trabalho; hoje não, porque estava muito cansada”. Particularmente, enquanto aluna, uma única observação me foi útil entre tudo que foi dito no curso: a sugestão de não focar excessivamente o cumprimento final de uma tarefa: “se pensar em tudo que precisa desenvolver e fazer, desanima. Faça uma coisa de cada vez”. É uma orientação um tanto quanto óbvia e, talvez, mais afeta à questão da ansiedade diante da ocupação do que propriamente atinente à possibilidade de “gerenciar o tempo”; mas refletir um pouco mais sobre isso e esforçar-me para implementá-la efetivamente, ajudou-me de algum modo.

Terminei minha observação refletindo de modo circunspecto sobre como pessoas ainda tão jovens acreditam piamente que possam encontrar alguém “capacitado” a ensiná-los a gerenciar sua própria vida! Sentem-se incapazes e desautorizadas a encontrar, em si mesmas,

as respostas sobre o que consideram importante para si. Recordei-me de que também acreditava piamente nisso tempos atrás: que o meu desejo seria melhor desvelado e conduzido por intermédio de alguma técnica ou mestre.

E todas essas manipulações inconvenientes, essas conivências perversas, esta maneira de surpreender o seu mecanismo pelas costas, esta perigosa prestidigitação que brinca com os segredos íntimos do tempo... Às vezes dá vontade de dar um murro na mesa e gritar a plenos pulmões: “Chega! Não mexam com o tempo! Vocês não têm o direito de provocá-lo! Não lhes basta o espaço? O espaço é do homem, nele vocês podem brincar, dar cambalhotas, rolar, pular de astro em astro à vontade. Mas, pelo amor de Deus, não mexam com o tempo!”

Bruno Schulz, O sanatório do papa-defunto.

8. CURSO 2 - PRODUTIVIDADE E GERENCIAMENTO DO TEMPO

A narrativa deste segundo curso difere da anterior por algumas especificidades: É oferecido na modalidade não presencial e sem material escrito (apostila teórica). Portanto, será analisado de forma distinta do primeiro, presencial e formal. Sendo assim, iniciamos esta narrativa fornecendo algumas informações que colaboram para o entendimento do contexto no qual o curso é proposto.

Primeiramente, o curso foi selecionado justamente por estar na modalidade à distância, on-line, sendo bastante representativo desta modalidade pedagógica tão em voga atualmente. Em segundo lugar, em função do currículo admirável de seu mentor e, em terceiro, por nos possibilitar o acesso à exposição de opiniões, perguntas, comentários entre outros, dos interessados no tema, propiciando-nos acessar diretamente o relato de seus sentimentos e vivências, diante da proposta do curso. Ao mentor do programa chamaremos MM daqui em diante, omitindo dados que possam conduzir a quaisquer identificações.

MM trabalhou na organização de diversas conferências internacionais dentro e fora do Brasil, a serviço de organismos governamentais. É facilitador de uma comunidade de profissionais de uma fundação internacional, bem como coordenador de comunicação na área digital para instituições de ensino e empresas privadas. Colaborou em artigos para diversas revistas de renome nacional e em mídias sociais para agências de desenvolvimento; foi pesquisador de instituições oficiais de pesquisa no Brasil, em parceria com instituições de prestígio. Diz prestar serviços de coaching e mentoring para jovens empresários e profissionais que procuram alcançar resultados de excelência. Para tal, criou um curso que reúne conhecimentos específicos de coaching, mudança comportamental, cuidados com a vida pessoal, motivação, realização, finanças pessoais, planejamento financeiro, investimentos em imóveis, empreendedorismo, abertura de empresas, marketing e psicologia. O curso integra um grupo de discussão via internet, que promove contato dos alunos matriculados com os autores do material fornecido e propõe “discutir novas possibilidades de vida e transformação”. Para tal, abrange “onze elementos de construção de conhecimento: livros, entrevistas em áudio e material interativo por um preço acessível”. De acordo com MM, o curso “explora a psicologia que prende as pessoas à classe média, fazendo uma engenharia reversa dos perfis e ações que inevitavelmente levam à riqueza financeira a partir do zero” e baseia-se nas “pesquisas mais avançadas em neurociência, antropologia e psicologia cognitiva que indicam que as pessoas não possuem uma capacidade inata para acumular riqueza”.

MM diz ser reconhecido como um empreendedor de sucesso: fundou uma companhia, um sítio na internet e três páginas no facebook. Em 09.11.2018, estava sendo “seguido” por, aproximadamente, duzentas e setenta e cinco mil pessoas. Entre os títulos de seus vídeos na internet, encontramos: frustração, sentido da vida, auto cuidado, paciência, importância da educação, prejuízos causados pelo excesso de reclamação, desenvolvimento pessoal, autocontrole e foco, aprendizado de coisas difíceis, produtividade, definição de objetivos, entre diversos outros. Em seu currículo consta que possui graduação e mestrado em direito em uma das mais renomadas universidades brasileiras. Foi aluno visitante e fez cursos de extensão em universidades estrangeiras, incluindo Harvard; versando sobre temas de cultura, terapia nutricional, educação à distância, meta-aprendizagem, produtividade, finanças, saúde baseada em evidências, propriedade intelectual no ciberespaço, regulamentação do comércio pela internet, etc.

MM ainda organiza conferências on-line sobre “enriquecimento financeiro, networking, negociação, marketing e uso de tecnologias para modificar o estilo de vida (lifestyle design) baseado em “sólida pesquisa combinada com sua experiência de vida própria”. Explica que seu estilo de palestras é “analítico, combinando técnicas de educação com entretenimento”, que prepara apresentações de acordo com o público alvo, permitindo interação entre os membros da audiência para criação e fortalecimento de comunidades após o evento. Um dos elementos que o diferencia dos demais, conforme ele mesmo, é a “intensa pesquisa baseada nos livros mais importantes relacionados aos assuntos, combinada com experiência própria e de pessoas confiáveis”. Assim, filtra ideias de “autores consagrados, de modo objetivo, selecionando somente as informações que realmente funcionam, deixando de lado os exageros” (conforme consta em sua apresentação pessoal em seu sítio na rede).

Cadastrei-me em sua plataforma em 2013 e, após algum tempo, tentei cancelar a inscrição, o que não foi simples. Recebi reiteradas e insistentes mensagens para permanecer e saber o motivo de meu cancelamento. Quatro anos depois, mesmo não autorizando o envio de mensagens, voltei a receber ofertas de cursos. Em 2017, sobre assertividade e produtividade que, entre outras promessas, dizia “revelar os motivos que dificultam colher resultados apenas com o clássico "gerenciamento de tempo", o que resolvi verificar. O contato, feito por e-mail em 2017, dizia o seguinte:

Andei preparando uma novidade que você vai gostar. Hoje, nossa novidade é um vídeo com uma importante lição para quem sente que:

- está vivendo na correria;
- não consegue se cuidar como gostaria;
- precisa cuidar dos outros constantemente;
- é difícil dizer não para os pedidos dos outros.

Se for este o seu caso, então ligue o som e clique aqui para conferir o novo vídeo de hoje sobre assertividade. Bom proveito!

O material promocional disponibilizado foi suficiente para analisar muitos aspectos, além do que nos propiciou a coleta de muitas amostras de comentários de “seguidores” de MM, extremamente relevantes para nossa discussão. A instituição enviou-me alguns e-mails dizendo que caso não revalidasse meu interesse clicando em determinado link, eu seria removida da lista especial em virtude de serem oportunidades destinadas a poucos e necessitarem organizar sua mala direta. Depois de alguns contatos insistentes, aos quais não respondi, e alguns outros meses de silêncio, os contatos recomeçaram. Eis o que dizia o e-mail recebido (em itálico, alguns esclarecimentos nossos sobre o curso):

“EXISTEM TRÊS PERFIS PSICOLÓGICOS QUE ENCONTRAM DIFICULDADE EM "GERENCIAR O TEMPO": ASSISTA AO VÍDEO PARA DESCOBRIR QUAL É O SEU CASO... E QUAIS SOLUÇÕES ADOTAR AGORA”.

O link recebido dá acesso a um vídeo que transcrevi literalmente, preservando, inclusive, os erros gramaticais, salvo uns poucos, só corrigidos quando dificultavam a compreensão da ideia. Transcrevi em sublinhado as palavras e expressões que apareceram em vermelho no vídeo e mantive as que estão em negrito e maiúsculo, pois me pareceram táticas sugestivas da oferta dos cursos. O vídeo traz um desenho animado com a história de uma mulher que está às voltas com diversas tarefas domésticas e pessoais, cujo nome substituímos por Ana:

“Quantos Destes 18 Sintomas Você Reconhece na Sua Vida?”

Por acaso você sente que precisa agir como super-herói e ficar cuidando das pessoas ao seu redor, seja na sua casa, seja no seu trabalho pra que todo mundo esteja feliz? Cuidado! É bastante provável que você esteja cometendo os mesmos erros que a Ana costumava cometer. Pessoas como você e ela podem evitar todos esses erros fazendo um simples treinamento que você vai conhecer agora.

Eu sou MM da MM COMPANY e tenho uma mensagem importante para você que vive na correria. Nesta parábola rápida, você vai aprender quais são os 18 erros de comunicação e inteligência emocional que você está cometendo agora e que você precisa mudar se você deseja e se quer ter mais tempo livre para você viver uma vida tranquila com menos correria e acima de tudo: respeitar os seus próprios limites.

Preste atenção nos 18 SINTOMAS que serão apresentados nesta história e veja este vídeo até o final para reconhecer quantos destes problemas aparecem também na sua vida... e o que você deve fazer a respeito para salvar a sua vida:

Esta é a Ana. O despertador dela toca às seis da manhã. Ainda cansada por ter dormido pouco ela se levanta e começa a se arrumar apesar de querer dormir mais ela sabe que não pode se dar ao luxo nem mesmo de cinco minutinhos. Ela precisa entrar imediatamente no chuveiro [...] preparada para as várias responsabilidades do dia.

SINTOMA 1: Falta de sono. Hoje, além de todas as responsabilidades rotineiras, ela ainda tem que ir para a escola para conversar com a professora, que está preocupada com o comportamento do filho, o Pedrinho. Daqui a pouco você vai entender o que ele aprontou, mas vamos voltar aqui para a história da Ana. Depois de uma ducha rápida, é hora de se vestir e o zíper fechou com dificuldade. Por causa de toda essa correria a Ana não estava conseguindo cuidar do próprio corpo... da dieta. Ela gostaria de fazer mais exercícios, mas simplesmente não tem tempo.

SINTOMA 2: Fora de forma. Sacrificando a saúde pessoal pra dar conta de todas as responsabilidades. Aliás, ela percebeu que já precisava ir correndo para a cozinha preparar o café da manhã para toda a família e também arrumar o vestido da filha que precisava de um ajuste. Ana estava lutando contra o relógio nesta manhã porque ela não havia conseguido costurar o vestido ontem à noite, conforme ela havia planejado e o motivo foi a visita surpresa da mãe que apareceu pra ficar de conversa até mais tarde do que ela gostaria.

SINTOMA 3: Falta de controle da própria agenda. O pior de tudo é que a mãe sempre aparece sem avisar, apesar da Ana já haver dito com muita gentileza várias vezes; pediu encarecidamente que ela prefere evitar surpresas para que ela possa se organizar melhor e também... essas conversas acabam sendo longas, repetitivas e sem algo importante, algo novo para contar. Ela fica repetindo várias vezes aquelas mesmas reclamações, mesmo nos momentos em que Ana diz que não tem tempo e está correndo, a mãe faz uma chantagem emocional se fazendo de vítima e dizendo que realmente ninguém quer conversar com gente velha. Nesse momento é quando a Ana entrega os pontos, volta atrás e para tudo que está fazendo não importa quão importante seja, pra ficar ouvindo aquelas histórias repetitivas e constantes reclamações da mãe,

SINTOMA 4: Dificuldade em dizer não. E esta visita de ontem tomou a tarde inteira até o anoitecer. A Ana já sabia o que ia acontecer depois. Depois, ela vai ter que se virar para correr atrás do prejuízo. Por isso é que ela está correndo pra preparar o café da manhã e ao mesmo tempo costurando o vestido porque isso era algo que ela deveria ter feito ontem à noite.

Tem-se, a seguir, a imagem de um notebook aberto com a foto de MM e os dizeres:

Boas Vindas ao Como Dizer Não

“Imagens reais do ambiente de curso que você terá acesso”

Aprenda hoje mesmo... COMO DIZER NÃO

(Desconto especial para inscrições realizadas agora)

[INÍCIO]

“Imagine você finalmente aprender **Como Dizer Não** para os pedidos e demandas de pessoas ao redor que vivem te interrompendo ou pedindo para você fazer coisas que você não tem vontade. E se você soubesse lidar corretamente com os desafios profissionais tendo confiança e habilidade, sabendo **Como Dizer Não** para as demandas injustas de novas responsabilidades? (Ainda, como consequência você acaba tendo mais RESPEITO por estabelecer limites firmes). Imagine conseguir dizer NÃO para seus amigos e parentes **sem se**

sentir com culpa ou remorso. E como consequência, seus relacionamentos se tornam mais autênticos, genuínos e melhores.

Com algumas técnicas simples de comunicação assertiva, você poderá também colocar limites e proteger o que é importante para a sua vida. Ao realizar o curso Como Dizer Não, você poderá se comunicar com firmeza e ao mesmo tempo com doçura, respeito e gentileza. E isso permite a você finalmente viver uma vida mais autêntica e com seus limites respeitados. Este curso ainda não está sendo divulgado para o público geral. Se você chegou até esta página, isso significa que você acompanha o trabalho da MM COMPANY, e por isso você tem direito a um desconto especial de abertura”.

A seguir, aparece o custo hipotético do curso, com o desconto de mais de cinquenta por cento do valor, seguido do investimento final, dividido em quatro vezes, em estampa grande. Abaixo, um selo de garantia total e RISCO ZERO (o interessado pode solicitar o dinheiro de volta depois de alguns dias, se não gostar do curso). Após, um “COMPRE AGORA” em letras grandes, no meio da tela. O curso continua:

“Este vídeo fala das diferenças individuais. Aula rápida sobre gerenciamento do tempo”.

Primeira aula: O que os métodos de Gerenciamento de Tempo não ensinam

Passo 1: Pegue um caderno e caneta e assista ao vídeo ao lado, realizando suas anotações.

Passo 2: Quando finalizar o vídeo, clique em "Recomendar" caso tenha gostado da aula. Após, realize a Atividade Interativa usando o campo de comentários mais abaixo.

Passo 3: **Para receber os próximos vídeos**, digite o seu e-mail mais usado no formulário abaixo.

Agora que você já assistiu ao vídeo sobre a falha nos sistemas de gerenciamento de tempo, reflita sobre a pergunta apresentada ao fim do vídeo e deixe seus comentários. Quais são seus principais desafios hoje para ter uma vida mais produtiva? Por que deseja mais produtividade pessoal?

Antes de falarmos de algumas técnicas específicas, é melhor mapearmos algumas estratégias: que tipo de mudanças precisamos realizar para termos mais FOCO no trabalho, nos estudos, nos projetos pessoais. É isso que vai liberar mais tempo para ser aproveitado naquilo que realmente importa. Nossa proposta é a produtividade. E não trabalhar o dobro para colher o dobro de resultado. Isso seria muito fácil e muito óbvio. Quando você terminar esse curso vai ficar muito simples e natural identificar quais são as grandes prioridades; as que merecem foco. Vamos criar uma blindagem contra distrações, vamos eliminar o desperdício de tempo e energia.

Esse é o resultado concreto que teremos ao fim do curso. Com ele: você poderá se concentrar naquilo que realmente vale a pena, independentemente de ser uma promoção no trabalho, busca por um melhor emprego, cuidar de amizades, ficar de verdade com a família; com qualidade – não só com o corpo presente aqui, mas a cabeça em outro lugar. A importância disso é que a produtividade é uma habilidade chave. Com mais produtividade eu posso fazer qualquer coisa melhor, mais rápido, com mais eficiência... posso alcançar novos patamares profissionais, posso ser aprovado em concurso público; se tenho espírito empreendedor, começar meu negócio próprio, posso voltar a praticar meus hobbies; sabe aqueles projetos pessoais que ficam engavetados por falta de tempo? Tudo isso. Com mais produtividade eu posso terminar de ler aqueles livros que comecei e parei pela metade, posso manter minha casa organizada, posso aprender a tocar música, aprender idiomas, viajar. Enfim... viver melhor. No fundo, no fundo, é isso que todos nós queremos. “E a produtividade é a ferramenta, é o veículo que a gente vai utilizar para aproveitar bem o nosso tempo.”

[TÉRMINO]

A partir de agora, registramos alguns dos comentários feitos por internautas: os mais representativos, tendo em vista que são centenas e não poderíamos, obviamente, incluir todos aqui. Colocamos, à frente, somente as iniciais dos participantes, seguidos da profissão e ou localidade, quando mencionados. Preservamos a escrita original e o coloquialismo.

J. P., Analista de sistemas: Tenho muitos projetos, e um deles é abrir minha própria empresa, no ramo de Desenvolvimento de Software. Estou em fase de preparação para o lançamento do negócio, mas tenho muitos problemas em manter o foco, traço metas, mas quando me dou conta o tempo já terminou.

T. M., Professora: Minha maior dificuldade é concentrar numa coisa só. Tento fazer várias coisas ao mesmo tempo e não consigo finalizá-las com bom tempo. Além disso, sou muito detalhista. Me prendo muito tempo com coisas pequenas.

J.F.S: Já li muito sobre gerenciamento do tempo. Mas confesso que não consegui aplicar todas as orientações por muito tempo. Há muito busco produtividade o que me angustia muito. E o pior de tudo é que tenho consciência de que EU é que tenho que mudar. Meu ponto crítico é a delegação. Identificar as tarefas/projetos passíveis de delegar. Será que na busca da produtividade me falta foco?

A.A: Preciso gerenciar melhor meu tempo para conseguir alcançar os objetivos que tenho traçado para este ano. Curso de idiomas, certificações na área de TI, dedicação ao trabalho, sem prejudicar a vida familiar e social e com qualidade de vida.

A.P: Acompanho seu trabalho há algum tempo e somente agora estou tendo "tempo" para poder me dedicar mais à aumentar a minha produtividade. Foram monografia, OAB, cursinho, estágio, faculdade, viagem, concurso... enfim, uma infinidade de "prioridades" as quais me impossibilitava de poder fazer um curso (bem feito)...o que mais me aflige é minha capacidade de fazer milhares de coisas, menos aquilo que realmente deve ser feito. Por vezes, eu até me programo, faço como deve ser feito, mas sou do tipo que quando "há tempo" acabo deixando de lado, esperando "a última hora". E então termino me decepcionando por ser consciente de que poderia ter sido muito melhor.

J.M.M: Minha meta é alcançar a estabilidade profissional via concurso público...apesar de determinada não sou organizada. Me distraio fácil com as coisas, perco logo o foco... sou dona de casa, tenho que me dividir entre ser mãe, esposa, doméstica, mulher, profissional, amiga, filha e estudante... confesso que não é tarefa das mais fáceis... tento sempre atender a todos na medida do possível, porém, vou deixando os meus projetos de lado ou se não, os realizo com deficiência. Espero aprender com este curso como gerenciar melhor minhas atividades, além de poder classificar melhor as minhas prioridades de forma a alcançar meus objetivos.

M.M, Coach: Meu objetivo é conciliar o trabalho com a leitura de livros, prática de esportes, tempo com os amigos e familiares e me dedicar a um hobby.

N.S: Faço o estilo "caótica". Perco o foco muito rápido e sempre acabo desperdiçando meu tempo com distrações e quando me dou conta, já não tenho mais tempo pra fazer tudo que preciso. As coisas acabam ficando pra última hora e eu me desgasto muito pra dar conta de todos os compromissos. Espero aprender com esse curso a me organizar melhor e deixar de desperdiçar meu tempo com coisas supérfluas.

R.R: Me identifiquei no segundo perfil... fazendo um pequena auto análise percebo que não sou organizado e nem metodológico. Sou muito esforçado e determinado mas hora ou fico com a sensação de que não aproveitei ao máximo aquele tempo, ou seja, não fui produtivo ao máximo. Sou estudante do 7º período de engenharia mecânica, modelo e atleta. Meu maior desafio é fazer com que meu horários de estudo em casa sejam produtivos, perco muito tempo em descontração ou pensamentos que como disse não posso aplicar naquele momento, em busca de respostas.

R.N.A.A, Líder e personal life coach, consultora, palestrante, administradora e especialista em gestão de pessoas em conceito A: Quero conciliar trabalho, família, lazer, vida social, tudo com qualidade de vida. Especialmente ter mais tempo para os meus filhos com qualidade. Além de continuar sempre estudando.

A.M, Pós-graduação PUC Minas: Minha maior frustração hoje é desperdiçar meu tempo e esforço por falta de perseverança. Eu costumo abandonar projetos porque me distraio facilmente, e também quando fico muito cansada. Tenho que escrever minha monografia, mas me perco na distração, no cansaço e na acomodação. Tô enrolando e me sinto muito mal comigo mesma por isso! É tão óbvio que devo fazer primeiro o mais importante, mas então porque é tão difícil?

H.B.S.E: Há algum tempo, sempre que posso leio sobre gerenciamento de tempo. E apesar de tentar aplicar algumas das coisas que você citou, como as listas e calendário, por exemplo, geralmente não consigo cumprir as metas porque as distrações tomam muito meu tempo. Isso, naturalmente, me deixa frustrado, pois ou demoro, ou não cumpro alguns objetivos. E quando cumpro, muitas vezes é penoso, pois faço na correria e sob stress. Essa coisa do gerenciamento de energia me parece interessante e estou curioso para saber o que vem por aí.

J.B, UEPB: Estou começando um negócio próprio agora e acho que tenho que dedicar todo meu tempo a isso, mas acredito que posso está enganado... Porque desejo terminar meu livro, estudar mais sobre música, compor, ver filmes, ler, coisas que são prazerosas para mim...

W.L: Presidente de empresa: Queremos maior produtividade para sobrar tempo e assim sermos mais feliz.

K.E, São Vicente: Tenho a sensação que corro, corro e ao fim do dia não realizei a metade do que gostaria. Já identifiquei algumas falhas pessoais, mas assistindo ao vídeo percebi que é possível corrigi-las de forma organizada. Busco a satisfação pessoal, sendo produtiva no trabalho, sendo mãe, esposa e amiga. A minha maior dificuldade é o foco e o gasto de energia sem produtividade.

M.A: Como se manter focada com tanta informação em tempo real? Como fazer escolhas certas, com tantas ofertas de leituras/ vídeos/ conexões/ etc.?

L.F, Unilago: Estou recém separada; tenho 2 filhas, que requer muita minha atenção!!!! até a mais por causa da separação!!!! tenho que trabalhar o dia todo!!!! atividades de casa em geral!!! e o pior (sozinha) a responsabilidade chega ser tanto!!!!!! me cobro muito!!!! e percebo

que as pessoas me acham serias !!!(por causa da situação..... estou me tornando cada vez mais dura...) gostaria ter mais qualidade de vida!!!!!!!!!!!!

L.R, Mentor em gestão de projetos: fiz meu trabalho de conclusão há alguns anos sobre gestão de tempo, portanto compartilho da visão de que tempo não é gerenciável. De qualquer forma me pareceu muito interessante a questão que colocastes sobre a energia pessoal (Interpretei como vitalidade e disposição) para ser mais eficiente. Meu interesse é usar do meu tempo com maior qualidade, eficiência e eficácia para todos papéis do dia-a-dia.

L.Q.B, Autônomo: Gostaria muito de poder concluir tudo que começo. No fim do dia é tanta coisa que eu tinha pra fazer, que certamente alguma coisa ficou para o dia seguinte. Isso estressa e gera uma sensação de insucesso.

M.E, Rio de Janeiro: Estou precisando de uma injeção de ânimo para realizar alguns projetos que há tempos andam engavetados. O que mais desejo saber é como lidar com os imprevistos que nos acontecem no dia a dia. Casa, família, doenças e etc., eu muitas vezes deixo de cumprir minhas metas diárias por outra atividade que requer a minha atenção. Talvez eu tenha a dificuldade de dizer não ou mesmo de me desculpar com as pessoas. Até mesmo assuntos sérios tenho deixado passar tempo demais pra resolver como por exemplo, uma causa para colocar na justiça. Eu me vejo muito perdida. Quando dou por mim, estou cansada só de pensar nos tantos compromissos que tenho a realizar. Isso me tira as forças de seguir cumprindo as metas do dia até mesmo porque quando vejo, a hora já não é mais propícia. Preciso muito de disciplina mas, as atividades domésticas me tomam muito tempo. Será que consigo mudar isso? espero!!

R.G, Chief executive officer: Sou funcionário público, estudante de Direito, concursado por vocação, e tenho interesse em estudar ramos do conhecimento não relacionados à minha área de atuação profissional (justiça, direito, concursos). Tenho interesse em religiões, física, filosofia. Atender às exigências provenientes dos campos acadêmico, profissional, emocional e filosófico (aqui inclua-se esses campos de interesse descritos), sem que um ou dois desses campos saia prejudicado tem se tornado um desafio. Frequentemente eu tenho alternado as prioridades entre pares desses campos. De tempos em tempos, o meu foco migra de campo para campo, o que não traz excelência em nenhum deles. Se eu continuar com essa postura, estarei construindo uma vida medíocre em todos estes campos, o que não é desejável.

C.V.S.F, Coordenador de TI em Hospital: Olha, meu caso é complexo, já comecei tantos sonhos que hoje em dia já me perdi neles. Foram tantas decepções que confesso que já não tenho mais sonhos... Porém eu sei pela lógica que tenho que reativar meu espírito empreendedor, pois era

isso que eu sonhava. Sonhava em gerar emprego, ter uma vida estável e ter tempo para praticar meus hobbies... me ajude a sonhar novamente, pois estou sem rumo.

R.P.L.P: Frente tantos comentários já feitos, que descrevem as mesmas coisas que eu almejo, não vejo o porque repeti-las, mas farei um breve comentário. Sou desatento, disperso, indisciplinado, e muito de meu potencial se perde por eu não saber domar meus defeitos. Preciso me educar... o MM já me conhece, sabe do que estou dizendo.

I.X.A, Consultor Autônomo: Apesar de já conhecer algumas metodologias de gerenciamento de tempo e ter consciência da maioria dos conceitos, confesso que com o passar do tempo a produtividade vai diminuindo e a lista de atividade vai aumentando. Reservar o tempo para trabalho, estudo, casa, família, lazer, atividade física parece incompatível, pois um dia só tem 24 horas.

D.S: Com certeza faço parte do grupo de pessoas metódicas que tem toda rotina diaria planejada, meu maior problema hoje é trabalhar com pessoas que desconhecem ou não se adaptam a esse tipo de rotina o que faz com que meu trabalho não seja tão produtivo quanto gostaria.

M.B.F, São Paulo: Tenho problemas com produtividade principalmente com coisas supérfluas durante o dia. Minhas tarefas são muitas, mas creio que sejam realizáveis. Porém, tempo perdido no facebook, e outras coisas (comendo, dispersando, jogando jogos), acaba fazendo com que eu execute muito menos tarefas do que o desejado. Não creio que eu seja o único, mas isso é algo que me atrapalha muito. Parabéns pelo trabalho, pois é uma coisa que grande porcentagem da população sofre!

A.C, Depiladora: Sou bastante organizada e tenho muito tempo comigo, mas sou lenta por natureza e gostaria de ter mais produtividade. Sou bastante focada e determinada!!! Não consigo trabalhar sob pressão e fico muito estressada. Gosto de organizar tudo com muita antecedência e com calma. Gostaria de poder ter mais um pouco de produtividade em meu trabalho.

C.V, Recife: Minha dificuldade é conseguir conciliar as atividades diárias de universidade, trabalho, academia, amigos, família, cuidados da casa e com a saúde e ainda sobrar tempo para estudar para um concurso ou buscar algo além do que já faço, como algum curso. Passo o dia cansada e sinto que minhas atividades não rendem como deveriam.

C.F, Belo Horizonte: Tenho uma empresa e tem dia que fico frustrado porque faço uma relação de afazeres e quando termina o dia trabalhei exaustivamente e nada do que relacionei foi realizado, devido ter-me defrontado com situações diversas. Ou, quando há falta de motivação

e entusiasmo e faz com que eu divague por outras atividades diversas das que eu havia eleito como prioridade ou improrrogáveis. Assim, quase tudo que começo, quase sempre não termino e a minha mente acelera pra outras coisas que inicio e fica inacabado. Estou precisando de mais foco, prioridade e contentamento não em sempre iniciar. Mas em terminar tudo que comecei.

R.L.M, Univ. Regional de Blumenau: Minha maior dificuldade é saber dizer não para as pessoas, seja pessoal ou profissionalmente. Gosto de ajudar a todos e estar a disposição para passar o que aprendi para outras pessoas bem como estar ao lado da minha família e amigos, por isso em muitos casos aceito propostas de diversão enquanto deveria estar focado em meus projetos. Desejo ter mais produtividade para alcançar meus objetivos pessoais e financeiros para futuramente poder ajudar de fato mais outras pessoas. Futuramente farei um curso com você (projeto postergado, hehe).

L.L, Sócio proprietário em empresa de personal training: Meu objetivo é conseguir converter em resultados mais efetivos a energia e tempo investidos nas minhas atividades. Acredito que ter um método que sirva de referencial pode fazer a diferença em alcançar estes objetivos.

C.H: Minha meta é conseguir utilizar meu tempo de forma que eu consiga empreender, estudar, praticar minha religião, dar atenção aos amigos, família, me divertir e praticar meu hobby. Enfim realizar todas as atividades com qualidade e velocidade.

R.S, Consultora Financeira: Os meus principais desafios são distrações e procrastinação. Mesmo sendo muito organizada, em alguns momentos "fujo" dos meus objetivos com certo medo de não atingir o resultado esperado. É meio esquisita a situação: eu sei o que é preciso ser feito para ter o resultado x mas adio algumas ações que julgo serem as corretas por receio delas serem erradas e não darem a resposta que desejei e assim a minha produtividade fica comprometida. Confuso, né?!

D.C.L, UFG: Minha meta é arrumar mais tempo para o lazer. Estou fazendo 5 cursos ao mesmo tempo, 3 presenciais e 2 on-lines. Adoro estudar, tenho muita facilidade em aprender as coisas. Estou precisando aumentar mais 24 horas ao meu dia, kkkkkkkkk!

A.G, Estudante: Prazer eu sou A. G., tenho 16 anos estou no meu último ano do ensino médio , eu sou uma adolescente que não sou organizada, nunca consigo concluir algo , objetivo ou deveres obrigatórios , sempre estou atrasada em tudo e com esse fato tenho dificuldades no aprendizado , na escola , curso e no trabalho , sem contar as indecisões , isso faz com que cada vez mais eu me ache incapaz de alcançar meus objetivos, pois ainda não estou preparada para fazer um curso profissionalizante .

F.R.C, Estudante universitário, MS: Tenho um problema de organização e concentração do que tenho que fazer, tenho objetivo para minha carreira profissional, TCC da faculdade, idiomas, cursinho para concursos...e percebo que não consigo ter tempo de qualidade para ficar bastante sedimentado dentro de mim sobre o que aprendi, causando assim uma certa insegurança. Também o que me deixa bastante dividido é que tudo isso demanda muito tempo e horas de estudo, porém quero e preciso ter tempo de qualidade com minha família. Por isso quando assisti o primeiro vídeo eu percebi que você poderia me ajudar a ter uma vida mais produtiva sem ser massacrado pelo dia-a-dia caótico e estressante.

A.S.N, Estudante de relações internacionais, UNISUL: Já utilizei muitos métodos para gerir meu tempo e tarefas. Atualmente utilizo o GTD no Gmail, Google Calendar, para atividades profissionais e acadêmicas, e Listas para coisas pessoais, de longo e curto prazo. Eu quero utilizar melhor meu tempo e energia, pois quero ser saudável, cuidar mais de mim e da família que pretendo ter. Não tenho muitos exemplos de sucesso de mulheres que conseguem realizar as duas carreiras, profissional e familiar de forma saudável.

D.K: Desejo ser mais organizada. Atualmente vivo apagando incêndios... o que me consome uma energia absurda! Preciso conciliar melhor meus papéis como empresaria, mãe, esposa, mulher, amiga. Estou confiante que, com o curso conseguirei melhorar meu dia-a-dia e principalmente melhorar meus pensamentos, pois quando estou trabalhando, estou pensando nas tarefas de casa, na minha filha, e quando estou em casa estou pensando nos afazeres do trabalho... é um verdadeiro massacre mental!

F. D, Estudante, UFPB: Já procuro estudar sobre gerenciamento de tempo, porém nada que realmente tenha funcionado, acho que me encacho no terceiro tipo de pessoa! Tenho como objetivo primordial conseguir terminar minhas duas graduações (Direito/Negociações Internacionais) e aprender inglês, francês e espanhol e auxiliar isso com buscas e práticas pessoais. Será possível? Já estou nessa aventura há um ano, espero suportar até o fim.

W.A: Como boa brasileira, tenho casa, família, trabalho, cachorros, amigos e estudos para administrar. Como o tempo não se divide e não para nos ajudar, gostaria de me organizar melhor. Como corretora de imóveis, tenho flexibilidade, porém muitas vezes no horário que separo para dedicar a uma atividade específica que agendei, um cliente de repente me solicita atendimento. Ai vai todo o planejamento rio abaixo. Espero aprender com você dicas para não ficar procrastinando.

DISCUSSÃO E APONTAMENTOS GERAIS SOBRE O CURSO

Por intermédio de tantos depoimentos, podemos perceber claramente como o trato com a questão da temporalidade é tão sensível e impactante para os indivíduos. A dissociação explícita entre desejo e realidade está presente em praticamente todos os discursos. É um fenômeno compreensível, se consideramos que, conforme Deleuze diz em Alliez (1991, p. 14), “é necessária uma mutação do pensamento para definir o tempo como número [...] é uma nova conduta do tempo, com outros andamentos. O tempo originário remete a uma síntese operada pela alma”.

De outra feita, o desabafo e os pedidos solitários de ajuda por trás da tela de um computador, ressaltam ainda muito mais a pujança existencial do tema. E nesse particular, relembremos Dardot e Laval, (2016, p. 325), ao dizerem que a aparente liberdade de escolha, aqui, pressupõe que os sujeitos estejam sendo conduzidos por uma “mão invisível” a fazer escolhas proveitosas a todos e a cada um e que, por trás desse esquema engenhoso, ao contrário da imagem do “grande Relojoeiro que a cada instante tudo controla, tem-se uma máquina que funciona idealmente por si só e encontra em cada sujeito uma engrenagem pronta a responder às necessidades de arranjo do conjunto”.

É nítido identificar por quais motivos o tema transformou-se em um filão tão rentoso. Como não se sentir atraído por promessas de resolução de problemas tão comuns à maioria das pessoas? Empreendimentos como este, de MM, geralmente são tidos, no contexto neoliberal, como uma iniciativa criativa, inovadora; uma possibilidade de saída da crise econômica em meio à instabilidade financeira e escassez de emprego. O mercado brasileiro, por vezes, é tido como promissor e em expansão por diversos destes mentores; quando, na verdade, vários deles investem nesse tipo de negócio justamente por ser mais provável ludibriar pessoas incautas e valer-se da dependência e do sentimentalismo que vigoram culturalmente em um país com altos índices de analfabetismo funcional. Com pouco incentivo à educação, os indivíduos estão mais propensos a dar credibilidade a novidades deste gênero – ainda mais sendo dirigidas por pessoas com currículos tão portentosos. Os depoimentos que elencamos dão ideia da atitude subserviente e cega diante de propagandas e discursos pseudocientíficos, muitas vezes pomposo, entorpecedor, magnetizante, sedutor, que fascinam com seus elementos e símbolos que remetem aos dilemas cotidianos, valendo-se da parafernália tecnológica – luzes, cores, sons, imagens, malabarismos, entonações bruxuleantes que cooperam para o desapareço pelo pensamento meditante, reflexivo e crítico.

O instrutor tem currículo extremamente convincente e “de ponta” (apesar de não ter formação compatível com muitos temas que aborda). Está muitíssimo bem vestido (terno escuro, camisa social azul clara) e apresenta-se de pé, gesticulando com movimento de mãos partindo da linha central do corpo para cima, técnica normalmente utilizada por apresentadores e palestrantes ao se dirigirem para o grande público. O ambiente virtual é moderno e faz uso de toda a tecnologia de interatividade disponível para prender a atenção e causar impacto. MM dá orientações assertivas, falando de modo a não deixar margem para hesitações: PEGUE papel e caneta...; quando terminar... ABRA o link que enviaremos; FAÇA as atividades etc., tudo isso na divulgação inicial, como se o interlocutor já tivesse feito a matrícula. Em outros momentos, ele diz usar PNL e psicologia voltada para resultados. Fala de aspectos que envolvem as dificuldades corriqueiras presentes na vida ordinária de qualquer pessoa, focando em aspectos nodais e emocionais como problemas de relacionamento, sensação de culpa e fracasso, questões de saúde, etc. de tal modo a não deixar de fora nenhuma situação na qual provavelmente qualquer interlocutor e reles mortal estejam incluídos.

As assertivas de MM são curiosas e lembram-nos algumas das incongruências que permeavam outras declarações, a exemplo do primeiro curso. Por exemplo, ele afirma: “deve-se focar em trabalho, estudo e projetos pessoais para liberar mais tempo para fazer o que realmente importa!” Bem, se trabalho, estudo e projetos pessoais não são de fato importantes, em que categoria de prioridade devem estar? Obrigatórias, necessárias, urgentes? Se não são importantes, por que focar nelas? E aquilo que realmente importa, do que se trata e por que deve ser colocado em segundo plano?

Observamos que a proposta é similar à de outros cursos. Este, porém, enfatiza o gerenciamento de si mesmo e da própria energia, por meio do autocuidado (exercícios, sono e alimentação adequada), a fim de se conseguir organizar melhor o tempo. Isso se coaduna bem com o que Han (2015) trata ao longo de todo o livro: os “empresários de si mesmos” não estão submissos a ninguém, apenas a si mesmos. No entanto, a ausência de uma “instância dominadora” não os torna menos escravos – os fazem ficarem à mercê de uma “liberdade coercitiva” que os obriga a maximizar o próprio desempenho. Essa modalidade de relacionamento de si para consigo mesmo “agudiza-se numa autoexploração, onde agressor e vítima não podem mais ser distinguidos”; uma “autorreferencialidade que gera uma liberdade paradoxal transformada em violência”.

Nos demais aspectos, é uma proposta baseada em pressupostos parecidos com os dos demais cursos: saber dizer não; estabelecer prioridades, manter o foco e evitar distrações, etc.

A metodologia aqui, utiliza ferramentas tecnológicas modernas e interativas no espaço virtual e permanecem associadas, de forma ainda mais contundente, a um pretensso conhecimento científico e, agora, a um discurso mais pomposo, diretivo e assertivo.

As narrativas dos seguidores chamam a atenção por serem semelhantes em alguns pontos:

– A maioria parece já estar assoberbada de tarefas, ocupações e atividades diversas, mas ainda sente-se aquém do que julgam que poderiam estar realizando. Neste particular, lembramos as ponderações de Bauman (1999 p. 78) ao dizer que o que se vê por toda a parte é a inquietude, a mania de mudanças constantes, de movimento e de diversidade; pois ficar sentado, parado, representa a morte;

– A maioria resente-se de estar fazendo coisas que julgam necessárias e, por outro lado, não terem tempo para outras que lhes dão ou dariam prazer, como lazer, estar com a família ou ter algum hobby;

– A maioria “conversa” à distância com MM, como que esperando receber socorro e orientações personalizadas que contemplem seus dilemas e resolvam seus conflitos;

– Boa parte dos comentários deixa entrever a percepção de fracasso, insatisfação, e expectativa de praticamente todos de ainda se tornarem super-homens ou super mulheres para realizarem todas as atividades que lhes são impostas socialmente ou que se impõem a si mesmos. Em relação a isto, Han (2015, p. 31-37) atesta que tanto “a técnica temporal e de atenção multitasking (multitarefa) não representam nenhum progresso civilizatório”. Ao contrário, trata-se de um retrocesso. Segundo o autor, este é um modo de atuação amplamente disseminado entre os animais em estado selvagem, imprescindível à sua sobrevivência e que a sociedade humana aproxima-se cada vez mais da barbárie, ainda mais pela falta de repouso. Neste modo de existir, “a atenção profunda é cada vez mais deslocada pela hiperatenção” e pela baixa tolerância ao tédio. Aqui “não se admite aquele tédio profundo que não deixa de ser importante para um processo criativo e para o descanso espiritual”. Como resultado, “o excesso da elevação do desempenho leva a um infarto da alma” que se só se presta ao individualismo e ao isolamento.

– Boa parte diz já ter tentado praticar alguma técnica de “gerenciamento do tempo” e não ter conseguido bons ou permanentes resultados. Relatam, ao final, certa prostração, sensação de estar perdido ou em vias de adoecer. Esta peleja parece também contraproducente,

pois conforme Hans, (2015, p. 34), a “pura inquietação não gera nada de novo. [Apenas] reproduz e acelera o já existente.

Lazzarato (2006, p. 101, 113, 151, 176, 177) nos dá boas pistas para compreender os motivos destas disposições afetivas, ao denunciar que este é um mundo normalizado, concebido e instituído por outros, dentro do qual a liberdade é apenas relativa, existente apenas no interior de alternativas dadas a priori e onde não há o direito de participar de sua construção. Quanto ao tempo, tais mídias o congelam também em alternativas pré-estabelecidas. Ele nada mais se torna do que um objeto externo a si mesmo, descolado das vidas reais; um tempo vazio ao qual se reage com angústia e perturbação, enquanto máquinas de expressão falam pelo homem, por meio de imagens e sons, de passado, presente e futuro. Toda essa parafernália própria do capitalismo contemporâneo, segundo os autores “destrói a cooperação dos cérebros, transformando as atividades de criação em poluição de cérebros”. É prudente, portanto, conforme os autores, “não tomar ao pé da letra todos os discursos das empresas sobre a autonomia de seus empregados”, haja vista que todos eles expressam uma mudança radical nas estratégias empresariais e das subjetividades dos trabalhadores e o faz, inclusive, conforme Dardot e Laval, (2016, p. 325) “por um novo governo que penetra até em seus pensamentos”.

9. CURSO 3 - UM PLANEJAMENTO DE TEMPO “FILOSÓFICO”

Em meio à profusão de cursos, vídeos e livros que oferecem propostas para o “gerenciamento do tempo”; encontramos um que consideramos diferenciado de tudo o que até então tínhamos visto. Apesar de também sugerir algumas técnicas corriqueiras (como a prevalente delas – a das agendas) e de também tratar basicamente da questão da disposição das tarefas no tempo “objetivo”, a proposta inclui uma reflexão mais abrangente sobre os motivos que norteiam as atividades e ocupações dos sujeitos.

A professora é palestrante e filósofa, diretora de um instituto de filosofia. O curso foi ministrado no instituto em pauta e também filmado, sendo posteriormente veiculado na internet, onde pude assisti-lo. Ela própria explicita a diferenciação do programa sugerido, em contraposição ao que normalmente se ouve em projetos com a mesma temática: diz que é um curso diferenciado por ser acrescido da “tônica da filosofia”. Dá-lhe o nome de “planejamento do tempo” e não “administração do tempo”, o que faz questão de marcar. Comenta que a maioria das pessoas é “planejador de réveillon” (ou seja, tão logo o ano recomeça, deixam de lado o que pretendiam fazer). Tais pessoas têm por hábito transferirem para uma data seguinte ou o próximo ano o que não conseguiram realizar, sem examinar os motivos de não terem posto em prática o que desejavam e sem corrigir os eventuais erros para seus fracassos. As mesmas pessoas que, segundo a filósofa, acreditam que “simplesmente vão vir forças ocultas de algum lugar” para fazer por eles o que precisa ser feito (sic). Esse hábito, diz ela, indica que não se assume responsabilidade pela sua própria vida e, ao não analisar estes fatos, este homem passa a vida “eternamente dando errado e terá sempre esse conforto de sempre achar que as forças ocultas não apareceram” (sic).

Outra reflexão é acrescida, inédita em relação a tudo que normalmente se lê e ouve sobre o tema, dos diversos profissionais de “gerenciamento do tempo”: que deveríamos nos perguntar se o que havíamos planejado tivesse saído a contento, se o resultado teria sido bom. Diz que a visão do homem é reducionista e que, invariavelmente, comporta-se como uma criança que deseja demais um brinquedo. Então, fornece exemplos em que o investimento prolongado e pesado em determinados projetos muitas vezes mostra-se nulo em função de mudanças circunstanciais, seja de ordem prática na vida - como construir uma casa em uma cidade e ter de se mudar para outra - ou de valores que também se modificam com o tempo, etc.

A professora conta sua experiência ao ministrar a palestra em questão. Diz que normalmente os alunos afirmam não ter tempo e por isso o interesse na pauta. E então, diz ela, trava-se, com eles, o seguinte diálogo:

- Não tenho tempo;
- Tem;
- Não tenho.

Ao que, então, ela propõe aos “sem tempo” que façam o seguinte exercício: que eles escrevam, em um caderno, as metas para o dia seguinte, descrevendo-as hora a hora (incluindo alimentação, descanso, lazer). E prossegue: “considere que isso é lei. Tenha um relógio que soe um alarme de hora em hora. Cada vez que soar, você abre o caderninho e anote quantos minutos você fez o que devia ter feito e quantos gastou fazendo outra coisa (discriminando que coisas foram essas. Por exemplo: falar ao telefone, ficar na internet, tomar café, etc.). Ao fim do dia, some o tempo que gastou fazendo o que não deveria estar fazendo”. Relata que os corajosos que fizeram o exercício chegaram a computar seis a oito horas, em média, por dia. E mais: “não interessa também se outras coisas foram feitas; se você planejou fazer tal coisa e não fez, era “tira-tempo”, perda de tempo e dispersão; você não está no controle da sua vida!” (sic).

A professora diz que se pode “fazer exceção a contratempos sérios, problemas familiares que não são coisas cotidianas” e relata algumas das desculpas que normalmente já ouviu para o não cumprimento das metas, por exemplo: “um amigo telefonou e precisava desabafar e seria irresponsabilidade não ouvir”. A solução, diz ela, seria agendar um horário para dar atenção ao amigo. Outra justificativa teria sido ficar preocupado demasiadamente com certo problema e ficar disperso pensando nele. Ao que ela sugeriu: “coloque na agenda um horário em que você não faça nada além de pensar em tal problema, por exemplo, das dez às onze. Se após as onze não tiver encontrado uma solução é porque pensar não resolve – então não pense mais”.

Para resumir a ideia, diz que “quando se faz esse exercício você percebe o quanto de tempo, vazios, ociosos, fugas e descontrole você tem – é uma ilusão achar que não se tem tempo”. Afirma que muitos programam determinadas coisas de modo justamente a se boicotarem e dizerem que não conseguiram. Por exemplo, agendar para ler *A Crítica da Razão Pura*, de Kant, para logo após o almoço ou um trabalho pesado, que exige muita energia, para as vinte e três horas. Aconselha que as pessoas “sejam honestas consigo mesmas” e assumam em definitivo que não querem de fato ocupar-se das tarefas em questão: “não brinque consigo mesmo. Decida se você quer de fato assumir ou não as rédeas da sua vida e o faça com consciência. Você quer enganar a quem? Está enganando a si próprio” (sic).

A seguir, sugere a utilização de um “diário objetivo, para que se assuma com maturidade se foi feito ou não o que se planejou – se foi coerente ou não com a meta estabelecida: ele tira

do outro o benefício da inconsciência. Pitágoras fazia isso com seus discípulos. Antigas concepções orientais diziam que se estava no mundo para o mundo testemunhar se estamos evoluindo ou não. E isso se faz mediante as obras que se constrói. Deve-se avaliar a própria vida, conforme cita a Bíblia: pelas obras os conhecereis” (sic).

Em linhas gerais, para que se aperceba do motivo da não execução de objetivos e corrigir fracassos anteriores, ela fornece algumas orientações, para que não se fique procrastinando ano a ano os próprios projetos. A escrita segue tão fielmente quanto possível as falas, motivo pelo qual dispensamos as frequentes aspas e notas “sic”. O texto foi tão somente organizado gramatical e estruturalmente, para facilitar a leitura.

1 – Avaliar os motivos da não concretude do planejamento e corrigir os erros potenciais. Analisar o que deu certo e avaliar se é isso mesmo que se quer;

2 – Analisar todos os elementos envolvidos na consecução do projeto desejado e não focar em um único aspecto. Deve-se observar se faltou organização e disciplina. Esses elementos são virtudes e devem ser cultivadas (para o que também deve haver um planejamento, não só para o projeto em si). O fracasso se deve quase sempre à falta destas virtudes e por não serem desenvolvidas, continua-se a fracassar. Por exemplo: uma pessoa que desejava ir à Europa não conseguiu conter o impulso consumista e não reservou dinheiro suficiente para tal. Transfere o projeto para adiante, mas não se planeja para ter mais autocontrole. Eu me planejo para ter e não para ser; os planejamentos dão errado por falta de virtude e não por falta de bens materiais. Não é comum ver-se planejamentos do tipo: este ano combaterei alguns problemas de convivência e minha dispersão; os planejamentos só contêm coisas;

3 – Planejar no longo prazo e não apenas no curto prazo, para saber exatamente onde se deseja chegar – choque entre planejamentos. Por exemplo, alguém que decide ter um filho, engravida e, a seguir, decide fazer um curso no exterior, duas situações difíceis de conciliar para essa mesma pessoa. Diz que a maneira de fazer um correto planejamento é começar, conforme os círculos concêntricos, do maior para o menor – para que não entrem em contradição com as etapas posteriores do processo;

4 – Tendências à fuga e fantasia (pensar apenas no longo prazo): Se eu quero ser um grande empresário em três anos, o que preciso ter feito em um mês, após seis meses, um ano após a decisão? Há quem não faça nada e após dois anos e onze meses dá-se conta de que irá fracassar. Menciona a preocupação que determinadas pessoas possuem quanto ao futuro e o quanto investem em cartomantes: pensa que cobraria a metade do preço para dizer a essas pessoas o

que iria lhes acontecer, porque era muito previsível: se uma pessoa não faz nada, passa o dia inteiro na frente da TV, daí a dez anos a única coisa que terá mudado é a programação da TV. Não consegue entender como algumas pessoas podem acreditar que a soma do dia 1 com o dia 2 e assim sucessivamente, em que não fazem absolutamente nada, as façam chegar à presidência da república. Diz que as pessoas possuem uma visão infantilizada da vida, achando que coelhos saem da cartola sem que alguém o tenha colocado lá. Preparar-se para grandes metas no futuro é estabelecer submetas a começar de agora.

5 – Perceber o valor do ser, diante do ter e do fazer, dá a tônica do sucesso ou do fracasso. Há pessoas que conseguem bens, por exemplo, por meio de herança e isso não muda absolutamente nada na vida do indivíduo se ele não amadureceu no sentido de desenvolver virtudes e valores. Hoje tenho o objeto e amanhã posso não o ter. No entanto, vencida a inércia, por exemplo, outros bens podem ser adquiridos, pois se têm as ferramentas para tal.

6 – O “ser” é esquecido no curto prazo (amanhã vou pagar contas, etc.); apenas nos organizamos para aquilo que queremos fazer ou ter; mas não se faz pequenas pausas para refletir sobre a forma de se relacionar, combater a inércia, etc. Entrementes, quando se pensa prospectivamente, para o fim da vida, apercebe-se de que o ter torna-se insignificante perto do ser (generoso, altruísta, deixando um legado para ajudar na transformação do mundo). Diz que “não temos tempo para isso”; “ficamos apenas apagando fogo e trabalhando para a sobrevivência”;

7 – Estabelecer uma linha mestra na vida: saber onde se quer chegar e onde se está agora;

8 – Saber quem se é;

9 – Ter a morte como conselheira: Se você fosse morrer hoje, o que estaria fazendo? O homem que organiza bem sua vida e planeja bem o seu tempo falaria: Se eu morresse amanhã, agora eu estaria aqui, fazendo isto! Nenhum passo seria em vão; nenhuma decisão, superficial; tendo em vista o que ele quer ser e aonde quer chegar. As pessoas morrem de medo de pensar na vida como um todo; morrem de medo; mas essa é uma condição fundamental para um planejamento de vida eficiente;

10 – Ter foco e meta: visualizar o que se quer ver quando chegar ao fim da vida. Cita frase de Cícero: “Certifica-te que és um fator de soma nas vidas das pessoas das quais participas”.

Feitas tais considerações, o cerne prático de sua proposta, então, vem a seguir: salienta que o planejamento em curto prazo precisa ser pensado na vida como um todo, para que uma meta realizada, depois de atingida, por exemplo, não venha a entrar em choque com outra do

ano seguinte. Arremata, afirmando que, às vezes, “a pior coisa que pode nos acontecer é um planejamento dar certo” e que, por vezes “nossa incompetência é benéfica”, especialmente porque, às vezes, “nosso planejamento é feito de modo muito emocional”. Associa, deste modo, a questão do planejamento do tempo com os benefícios que a filosofia pode acrescentar, pois, segundo ela, a melhor definição de filosofia é “a arte de viver”. Para colocar em prática esta arte, diz a filósofa que é necessário empregar uma energia que não pode ser repostada nem economizada para se usar posteriormente, pois, caso não utilizada, a mesma se “perde definitivamente”. A essa energia ela chama tempo.

O programa está estruturado com base em alguns eixos, em um modelo ou visão do que seria a vida “ideal” a ser vivida: linha mestra; valores; círculos concêntricos; prazos (que podem ser resumidos em longo, médio e curto prazo). Como auxílio didático, o programa serve-se de uma planilha elaborada “dentro de uma visão filosófica, uma agenda de um filósofo, ou seja, o que seria um planejamento inteligente, eficiente e que de fato te faz crescer” (sic). A planilha toma por base uma “Linha Mestra na Vida” que, em linhas gerais, significa “saber aonde se quer chegar e onde se está agora”. É dividida em setores e prazos. Os setores são os principais aspectos da vida: espiritual-psicológico; profissional-material; social-familiar e intelectual-cultural. Com relação aos prazos, a planilha dita o seguinte: longo prazo: toda a vida; médio prazo: esta década; curto prazo: este ano; curtíssimo prazo: este mês; imediato: hoje ou amanhã. Os prazos representam um dos principais eixos do planejamento e, seguindo a orientação que é feita reiteradamente, devem se encaixar como “círculos concêntricos”, um dentro do outro. É dado, a seguir, um exemplo de linha mestra e ações a serem desenvolvidas em cada setor e prazo (alguns, como o imediato, não foram contemplados na preleção).

Vejamos o exemplo:

LINHA MESTRA (meta): Tornar-se, ao fim da vida, um homem justo e fraterno.

CAMPO ESPIRITUAL-PSICOLÓGICO:

LONGO PRAZO:

- Conquistar serenidade, equilíbrio e autodomínio;
- Dar a cada coisa aquilo que lhe cabe (cita Platão);

– Controlar o egoísmo (pensar mais no interesse do todo do que nos próprios interesses). Aqui, diz a filósofa: “é uma proposta ousada!”

MÉDIO PRAZO:

- Não ser dominado pela cólera e mau humor;
- Abandonar a autopiedade diante dos problemas e críticas aos demais;
- Combater formas de egoísmo e fazer autoanálise diariamente.

CURTO PRAZO:

- Parar de me aborrecer no trânsito e no trabalho com tal colega;
- Fazer exercícios de concentração para controlar suas formas mentais diariamente e
- Não perder oportunidade de ser generoso.

CURTÍSSIMO PRAZO (preencher sempre no dia anterior)

- Ouvir tal música e tal leitura para dissipar os maus sentimentos e elevar a consciência;
- Se provocado por um conhecido no trabalho, lembrar-se da reflexão que eleve minha consciência e não me coloque no mesmo plano dele; não me fazendo perder energia ao longo do dia pensando nisso;
- Não agir buscando eficiência, como uma máquina, deixando de lado os sentimentos alheios.

CAMPO PROFISSIONAL/MATERIAL:

LONGO PRAZO:

- Buscar o que for necessário para viver bem, com dignidade, mas sem fazer disso a tônica da minha vida (justiça). Cita Voltaire: “certifica-te de que és dono do dinheiro e não ele dono de ti”;

– “Fazer o trabalho de modo tal que a experiência deixada o torne mais fácil e eficiente para quem for continuá-lo depois de mim (fraternidade). É uma contradição nos dias atuais, em que ninguém quer ensinar o que sabe, para não ter seu emprego roubado” (sic).

MÉDIO PRAZO:

- Quitar dívidas de longo prazo;
- Fazer manual de experiência profissional e deixar dicas para quem quer atuar na mesma área (modus operandi).

CURTO PRAZO:

- Fazer controle mensal das despesas;
- Começar manual de dicas profissionais.

CURTÍSSIMO PRAZO:

- Estar atento à rotina;
- Ensinar alguém;
- Conferir extrato bancário.

CAMPO INTELECTUAL- CULTURAL:

LONGO PRAZO:

- Buscar conhecer o que for necessário para embasar minhas concepções sobre mim mesmo e sobre o homem;
- Não permitir que a quantidade de informações seja mais importante do que a qualidade delas (superficialidade). Diz que até o computador tem muita informação, mas nem por isso é virtuoso;
- Selecionar elementos que me fazem amadurecer (a maturidade não é um questão cronológica, mas de mérito).

MÉDIO PRAZO:

- Ter lido alguns dos principais clássicos da humanidade, resumindo-os e procurando vivenciá-los (não somente uma leitura superficial). Ela indica três: Bhagavad gita; Analectos de Confúcio e A República de Platão.
- **CURTO PRAZO:** Dispensar leituras e informações sobre notícias mórbidas (selecionar o que se dá a si mesmo nos planos sutis).

CAMPO SOCIAL- FAMILIAR:**LONGO PRAZO:**

- Tratar a todos com respeito e cortesia, respeitando o espaço de cada um sem que haja quebra de respeito mútuo (justiça);
- Ajudar os outros a desenvolverem virtudes.

MÉDIO PRAZO:

- Criar filhos como homens de bem;
- Fazer algo de bem em prol da sociedade e humanidade; que também é minha família.

CURTO PRAZO:

- Elevar o nível das conversas no âmbito familiar e com amigos para estimular o desenvolvimento da consciência alheia (ela sugere falar sobre “temas mais nobres e valores” e comenta: “pra descer, desçam sozinhos; pra subir, contem comigo”);
- Fazer algum trabalho social;
- Selecionar livros clássicos para leitura (evitar o vício moderno do multimídia de ouvir e ver produções rasteiras; combater a preguiça mental de ler um bom livro [pois] a intoxicação não se dá apenas no plano físico, mas também mental);
- Não perder tempo com coisas que te contaminam e não contribuem para o teu crescimento.

CURTÍSSIMO PRAZO:

- No encontro com parentes, amigos etc., não deixar que a conversa derive para fofocas, morbidez, futilidade, morbidade;
- Introduzir alguma reflexão filosófica sobre algum assunto do dia para incitar os demais à reflexão.

Ao fim da palestra, abre-se espaço para perguntas da audiência. Essas não foram gravadas, mas a deduzir pela resposta, observa-se que eram relativas ou próximas à questão de como se pode identificar a linha mestra da própria vida, questionamentos sobre a eficácia da agenda e sobre consciência individual. Eis as respostas:

1) LINHA MESTRA:

Ela fala sobre o livro egípcio dos mortos, “Papiro de Ane”, no qual se encontra a seguinte imprecação: Ó discípulo; teu nome interno está no horizonte. E explicita o sentido da frase: “A tua identidade está na tua meta, no teu sentido de vida, na tua linha mestra. Quando você está sendo fiel à tua linha mestra você está sendo fiel a você. Quando você é arrastado pelas circunstâncias, você fica fora de você. Aí é interessante parar e refletir: Qual era o elemento da sociedade que foi tão poderoso que neste momento me roubou a mim mesmo? Eu queria agradar a quem? Por que era tão importante assim agradar a alguém; eu queria me encaixar em qual padrão social? Por que isso valia mais para mim neste momento do que minha própria identidade? O diário ajuda a reparar em que elementos se tropeçaram para saber o que se tem a vencer, de modo tal que em determinado momento ele seja derrotado”. E acrescenta: “o cenário ideal não existe; é no cenário que temos que precisamos dar nosso melhor”.

2) AGENDA:

Ela responde ao interlocutor: “não vejo um lado sombra na agenda, mas no manuseador da agenda. A maior parte dos livros sagrados da humanidade não era escrita, mas memorizada e passada de geração em geração. Começaram a ser escritos quando começaram a duvidar da seriedade dos homens para transmiti-los com fidelidade (falhas de memória e comodismo)”. Diz não confiar na própria mente, pois às vezes é traída por ela e relembra apenas o que deseja e não o que precisa fazer e prefere ter tudo escrito. Não é mecânico quando se domina a

ferramenta – as metas podem ser revistas em relação aos prazos, se for necessário. Rigidez não é inteligência. O planejamento de um ano, por exemplo, precisa ser revisto, em média, a cada cinco semanas (em termos de energia, velocidade, duração etc., conforme diversas especificidades). A agenda evita que se aja como Penélope consigo mesmo: tecer de dia e puxar o fio pela noite.

3) CONSCIÊNCIA EXTERNA:

Ilustra a questão com a entrevista que assistiu com um personal trainer. Ele teria dito que não conheceu nenhuma pessoa que o tivesse contratado para ajudá-la a emagrecer e que já não soubesse previamente o que precisava ser feito; apenas o contratavam para que ele funcionasse como uma espécie de “consciência externa, uma vez que a interna não estava funcionando”. E finaliza: “a agenda cobra bem menos que um personal trainer!”

Ao final, a palestrante explica que o conteúdo foi sintetizado, por tratar-se “apenas de uma palestra”, que há um curso mais detalhado sobre o tema (Administração do Tempo) e que nele a planilha é preenchida por todos e há exercícios práticos.

DISCUSSÃO E APONTAMENTOS GERAIS SOBRE O CURSO

O curso que acabamos de apresentar é, certamente, bastante distinto dos demais, conforme dissemos no início (não apenas daqueles que apresentamos aqui, mas de muitos outros com os quais entramos em contato durante a pesquisa, mas não foram contemplados e que são bastante similares entre si). Foi desenvolvido e ministrado por uma filósofa; portanto, faz uso de preceitos e conceitos muito mais existenciais e subjetivos; é oferecido em uma linguagem muito menos objetivante e pragmática do que a utilizada por outros profissionais do meio (geralmente ligados à área da administração, do coaching, da psicologia organizacional, de abordagens holísticas e comportamentais, da programação neurolinguística etc., que se valem de princípios motivacionais, teorias de comunicação, entre outros, de caráter positivante e orientado para intervir em situações específicas e pontuais).

No momento da leitura deste nosso texto, à época da qualificação (2018), A Dra. Cristina Rauter, integrante da banca, faz colocações imprescindíveis sobre ele: pontua a “dificuldade que deve haver em fazer coincidir esses propostos filosóficos mais elaborados com a realidade”, uma vez que se procede a um “descolamento entre a aparente complexidade dos

fundamentos das propostas e a simplificação das mesmas”. Demonstra, ainda, que mesmo estando “pretensamente apoiada na filosofia, o que se deseja é elaborar um planejamento do tempo, que será gerido a partir de exigências exteriores ao sujeito”, tais quais as demais propostas. Por fim, tal concepção vê-se em um imbróglio, pois, pergunta Rauter: “como compatibilizar a prescrição “aconselhar-se com a morte”, com a incrível aceleração submissa a um pragmatismo superficial? Trata-se tal “ambigüidade, segundo Rauter, de “característica própria do controle social contemporâneo”, útil a seus propósitos. Um exemplo seria o “insolúvel dilema a que se vê confrontado o trabalhador contemporâneo, que deve administrar seu tempo para poder sair do queixume sobre não ter tempo, quando se tenta provar a ele que de fato o tem” (conforme se vê no debate inicial entre os alunos e a professora).

Por fim, no curso em apreço, verifica-se um cuidado maior em problematizar questões mais complexas e provocar algum tipo de reflexão do indivíduo sobre as bases nas quais tem assentado as escolhas que faz para sua vida ôntica. Por isso mesmo, parece haver um conclave a que o indivíduo percebe a proposta do “gerenciamento do tempo” dentro de um período mais longo – toda a sua vida, na verdade, implicando-o um pouco mais nesse projeto e não somente ensinando-o a por em prática algumas técnicas para o alcance de objetivos específicos em curto prazo. Apesar disso, tais apreciações nos fazem considerar, conforme Dardot e Laval que, ainda assim, tal proposta também faz parte dos ditames da época atual, na qual está em voga uma “nova ética, um novo ethos que deve ser encarnado com um trabalho de vigilância sobre si mesmo e que os procedimentos de avaliação se encarregam de reforçar e verificar” e no seio dos quais “o primeiro mandamento da ética do empreendedor é “ajuda-te a ti mesmo” (um substituto do “conhece-te a ti mesmo”?). Ainda que contemple aspectos mais subjetivos e de modo mais aprofundado, ainda “pressupõe todo um trabalho de racionalização até o mais íntimo do sujeito: uma racionalização do desejo” (DARDOT E LAVAL, 2016, p. 332 - 342). É ainda o sujeito quem permanece, pois, no centro do seu próprio processo de desenvolvimento e aprimoramento pessoais, em detrimento da consideração da força de fatores externos e factuais que se entrecruzam na existência, arrebatando controles e projetos, à revelia de qualquer planejamento. Há vários momentos em que se apercebe de que o indivíduo é conclamado a ser um “sujeito “ativo” e “autônomo”, de modo a aprender por intermédio de suas próprias experiências a desenvolver “estratégias de vida” que visam a algum resultado objetivante e pragmático. Pode-se dizer ainda, que nem de longe comparados aos demais, (em que se apercebe a presença muito mais contundente de autodomínio e autocontrole, monitorados permanentemente por mecanismos externos) possui ainda elementos similares quanto a

exercitar progressiva e continuamente a “transformação de si mesmo”, recaindo “o peso da complexidade e da competição exclusivamente sobre o indivíduo, em uma espécie de compensação ao domínio impossível do mundo...o único “integrador” da complexidade e o melhor ator da incerteza”.

O tempo é irrealizável. Provisoriamente, o tempo parou para mim. Provisoriamente. Mas eu não ignoro as ameaças que o futuro encerra, como também não ignoro que é o meu passado que define a minha abertura para o futuro. O meu passado é a referência que me projeta e que eu devo ultrapassar. Portanto, ao meu passado eu devo o meu saber e a minha ignorância, as minhas necessidades, as minhas relações, a minha cultura e o meu corpo. Que espaço o meu passado deixa para a minha liberdade hoje? Não sou escrava dele [...] não desejei nem desejo nada mais do que viver sem tempos mortos.

Simone de Beauvoir

10. O GERENCIAMENTO DO TEMPO E A QUESTÃO DA TÉCNICA EM HEIDEGGER

O “gerenciamento do tempo” – conforme dissemos em outro momento – é compreendido, na presente tese, como um fenômeno próprio da Era da Técnica e está estreitamente afeto à questão da vivência da temporalidade no contemporâneo. A discussão sobre a técnica é um dos grandes marcos do pensamento heideggeriano, sendo a “Era da Técnica” uma expressão cunhada por Heidegger para descrever o modo histórico de desvelamento da experiência do homem no mundo na atualidade ou, em outras palavras, conforme Sá (2002, p. 348), “um modo histórico de produção de verdade que se impõe como horizonte de sentido para o mundo contemporâneo”. Convém ressaltar que esta análise, em compasso com as demais reflexões de sua obra, esteve sempre a serviço de seu objetivo maior: a pergunta sobre o sentido do ser.

O texto de Heidegger “A Questão da Técnica” publicado inicialmente em 1954, aborda o tema de modo bem específico, explicitando que a essência da técnica, altamente ambígua, e a técnica em si, são conteúdos distintos. A técnica significaria, em geral, um meio para determinados fins; bem como um fazer do homem. Para Heidegger, as duas definições estão correlacionadas, já que são interdependentes e condicionantes uma da outra. Assevera, porém, que a técnica não é pura e simplesmente um meio, mas um imperioso “desabrigar”; um “desafiar” que impõe, para a natureza, “a exigência de fornecer energia suscetível de ser extraída e armazenada enquanto tal [...] explorar, transformar, armazenar e distribuir são modos de desabrigar”. O desafio que a técnica coloca para o homem evidencia-se, conforme o filósofo, “no surgimento da moderna e exata ciência da natureza, cujo modo de representar põe a natureza como um complexo de forças passíveis de cálculo” (2007, p. 380-386).

Heidegger salienta que o homem corresponde de modo destacado a este desafio quando, por intermédio da física, “põe a natureza como pura teoria, para que ela se exponha como um contexto de forças previamente passível de ser calculado”. No entanto, alerta: “é enganadora a ideia de que a técnica moderna é uma ciência da natureza aplicada e que tal crença se sustentará até que a proveniência essencial da ciência moderna e a essência da técnica moderna sejam adequadamente questionadas” (2007, p. 386, 387). Esta impossibilidade de “lutar” contra os efeitos danosos de uma “técnica” que se pudesse regular conforme a melhor das conveniências se dá, também, pelo fato da técnica moderna, conforme Sá (2002, p. 349), “não tratar-se de um saber voluntariamente produzido e utilizado pelo homem, mas de um horizonte histórico de

desvelamento de sentido dos entes, ao qual o homem moderno co-responde, tanto mais fascinado e impotente, quanto mais alimenta a ilusão de que o produz e controla”.

Não obstante os aparentes maus presságios sobre os rumos a que a Era da Técnica pudesse nos conduzir, uma vez mais o pensamento heideggeriano assegura que o ser-aí possui sempre a possibilidade de corresponder em maior ou menor grau de liberdade aos imperativos da técnica e que, neste ponto, não cabe falar de destino, no sentido da incontornabilidade. Assim sendo, nem estaríamos “condenados a [perpetuar] cegamente a técnica ou nos [insurgirmos] contra ela, nem a [amaldiçoá-la] como obra do diabo. Heidegger propõe, como alternativa aos dois pólos, uma “abertura à essência da técnica, de modo tal a permanecermos no que chamou de “exigência libertadora” (2007, p. 389, 394). Um caminho possível seria, também, conforme Sá (2002, p. 352) aquele em que “a ação humana não pode superar a técnica, mas a meditação do homem, guiada pela lembrança do perigo do esquecimento, pode liberar a essência da técnica em sua verdade, ainda oculta”

Outra consideração importante a salientar é que, na Era da Técnica, preponderam dois modos de pensar: o calculante e o meditante. Deixa claro o filósofo que os dois são necessários e importantes na existência cotidiana do homem. Tendo em vista ser próprio da Era da Técnica que os instrumentos não possuam finalidade em si mesmos, mas tão somente um meio para determinados fins, é o pensamento calculante que, neste cenário, se alinha com ela mais “eficientemente”. O pensamento meditante, por sua vez, é postergado ou esquecido na maior parte das vezes, a despeito de ser justamente aquele que permite criticizar as ações derivadas do pensamento calculante, convidando à busca pela proveniência do sentido tanto dos meios quanto dos fins. É um modo de reflexão ameaçado, em virtude do desinteresse e afastamento do homem daquilo que o constitui mais fundamentalmente, além do que, em uma era tecnológica, onde imperam os ditames da eficiência e eficácia, ele seja tomado como abstrato, inútil e improdutivo.

As duas considerações de Heidegger possuem estreita correlação entre si: na era da técnica predomina o modo calculante de pensar, que cristaliza o mundo como um dado objetivo, matematizado, a exemplo do modo como, por exemplo, a física aborda a questão do tempo – conforme pudemos discorrer em capítulo anterior. É um modo funcionalista de pensamento, que se ocupa do que é operacionalizável, automatizado e maquínico. Em meio à ausência da reflexão, da crítica aos fundamentos do próprio pensar, o pensamento calculante casa perfeitamente com a disponibilização de tudo como meio para um fim. Este esquecer-se de si mesmo e do que é mais próprio do ser; este desenraizamento e o corresponder irrefletido à

técnica, sem supor-lhe a essência, são condições de possibilidade para o acontecimento que Heidegger pronunciou: “por toda parte acontece um obscurecimento do mundo, cujos processos essenciais são: a fuga dos deuses, a destruição da terra, a massificação do homem, a primazia da mediocridade (1987, p. 65).

É neste mesmo contexto (em meio à impessoalidade, fugacidade e descartabilidade de tudo) que se pode experimentar uma angustiante perda de sentido existencial. A aceleração e o encurtamento do tempo já se pronunciam na perda da memória afetiva que cede lugar às memórias digitais. Estas, ao invés de desvelarem, notificam; no lugar de relembrem vivências e experiências, recuperam dados e imagens inertes. A agilidade operacional de sistemas e redes, a facilidade de acessar memórias digitais e de deletar informações em constante mutabilidade, é reveladora da efemeridade e do nivelamento de toda experiência humana e da indiferença por aquilo que nos constitui mais original e fundamentalmente. Gerenciar, administrar, “otimizar”, economizar o “tempo que urge” são, assim, modos de ação compatíveis com a onda moderna de automatização de pensamentos, ações, movimentos. O que antes se fruía, com expectativa se aguardava ou nostalgia se recordava, agora é preciso remir, contar, refrear ou expandir por meio de técnicas de administração matemáticas, treinamentos psicológicos e motivacionais. Permanece-se à espreita do quanto se produz em uma quantidade específica do tempo-medida, negligenciando-se o experienciar do vivido.

É oportuno, entretanto, recuperar um alerta do pensador para quem, ingenuamente, pudesse considerar que se deva proceder à alguma tentativa de derrocada da técnica como solução para os problemas atuais criados por ela mesma:

Seria insensato investir às cegas contra o mundo técnico. Seria ter vistas curtas querer condenar o mundo técnico como uma obra do diabo. Estamos dependentes dos objetos técnicos que até nos desafiam a um sempre crescente aperfeiçoamento. Contudo, sem nos darmos conta, estamos de tal modo apegados aos objetos técnicos que nos tornamos seus escravos (Heidegger, 1959, p. 23).

Novamente o filósofo nos remete à sugestão de que, ao invés de demonizar a técnica (posto não sermos meros sujeitos dela, ao contrário, podemos corresponder-lhe livremente) deve o homem estar vigilante sobre seus efeitos deletérios e não se deixar cegar por ela, esquecendo-se da relação com seu ser mais próprio e essencial.

Diante de tais considerações, como podemos compreender nossos achados tanto nas pesquisas teóricas quanto nos cursos dos quais participamos e analisamos? Dissertaremos um

pouco mais sobre isso no capítulo seguinte, onde trataremos dos sentidos, efeitos e perspectivas do fenômeno do “gerenciamento do tempo” no contemporâneo, à luz do pensamento de Heidegger.

11. O GERENCIAMENTO DO TEMPO NA ATUALIDADE: SENTIDOS, EFEITOS E PERSPECTIVAS

Vimos, em capítulos anteriores, como o advento do relógio ensejou uma melhor mensuração do tempo e, por extensão, maiores alternativas para controlá-lo. Nessa corrente, o “gerenciamento do tempo” é uma expressão curiosamente sintomática e reveladora de um modo específico de relação com o tempo que o toma como recurso simplesmente dado e disponível ao uso. Este tipo de relação utilitária com os entes, conforme dissemos em outro momento, é próprio da Era da Técnica e encontra-se perfeitamente afinado com o pensamento calculador, que nela predomina, segundo o solo de compreensão heideggeriano. O fenômeno dá indícios de ser mais uma das soluções técnicas propostas para tentar remediar problemas que a própria técnica criou e ocorre dentro de uma economia de mercado neoliberal, que, conforme Pierre e Laval (1986, p. 30):

é um sistema de normas que hoje estão profundamente inscritas nas práticas governamentais, nas políticas institucionais, nos estilos gerenciais... ele estende a lógica do mercado muito além das fronteiras estritas do mercado, em especial produzindo uma subjetividade “contábil” pela criação de concorrência sistemática entre os indivíduos.

Tem-se, no esquema deste fenômeno, um tripé: a ocupação, o tempo e o homem. Sendo a ocupação (a tarefa, a atividade ou trabalho a ser executado) o fator inegociável do esquema, resta “domar” os demais, a fim de manter girando a roda “produção/consumo/produção”. Tal sistema busca justificar-se ao defender e validar um dito progresso ou evolução indispensáveis ou mesmo inevitáveis na história humana. O que compete fazer, na operacionalidade deste tripé vertiginoso, já que o tempo, a despeito de quaisquer tentativas de interferência externa, não pode, objetivamente, ser alterado, senão criar mecanismos e estratégias de superação dos limites humanos contrários a este propósito? É, portanto, a aceleração que se impõe para abarcar todas as ocupações impostas pela Era da Técnica ao homem contemporâneo. É a avaliação qualitativa e valorativa do que é urgente, importante e necessário para o funcionamento do esquema o primeiro pressuposto a definir o modo de aceleração ideal (e tal avaliação não se faz a partir da decisão e do desejo do homem em questão; muito ao contrário: tal decisão dá-se quase sempre pela subjugação do desejo e necessidade de sentido que o ser-aí procura desvelar ao debruçar-se sobre a ocupação que lhe é proposta ou exigida, em favor de determinações externas de toda

ordem, geralmente associadas ao capital). Isto também aparece de modo explícito na narrativa dos conteúdos propostos dos cursos apresentados por nós.

A ciência e a técnica, com relação à questão do tempo (conforme vimos em capítulos anteriores, especialmente o da física), contemplam-no em sua face naturalizada, ôntica, objetiva, pragmática; e com base neste modo de raciocínio, buscam adaptá-lo à configuração da vida moderna por meio de conceitos, descobertas e intervenções científicas que o legitimam enquanto mero instrumento técnico. Não conseguem, no entanto, responder às questões acerca dos fundamentos últimos da existência humana. Aqui, isto se faz perceber em diversos momentos em nossa análise dos cursos propostos: no choro incontido daquela que não vê sentido em ocupar-se com coisas que não lhe trazem paz e alegria; antes, culpa e angústia; na ansiedade e inquietação daquele que se subjugava a trabalhar ininterruptamente, abrindo mão inclusive das férias e do contato familiar para continuar provendo sua família de bens primários (ainda que, para tal, só consiga manter-se razoavelmente bem psicologicamente e “funcionando” à custa de medicação psiquiátrica); das centenas de outros que se castigam a si mesmos com os rótulos de incapazes, incompetentes, procrastinadores, desatentos e investem ainda mais de seu “escasso tempo” em busca de cursos, preleções, palestras etc., que os ajudem a se sentirem um pouco menos de tudo isso. Esperam que tais propostas lhes revelem os segredos para serem e fazerem tudo o que o modo de vida acelerado contemporâneo instituiu como padrão de sucesso e felicidade – prescrições vivenciadas de modo impróprio e inautêntico, posto que formuladas de modo raso e generalizador.

A matematização do tempo lança sobre este existencial o caráter de ente manipulável, sobre o qual se pode aplicar regras técnico-práticas tidas como científicas. O deslumbre que o discurso científico produz e que impera na Era da Técnica colabora para que haja uma credibilidade quase indiscutível nestas prescrições. Talvez contribua para isso o fato de, nesse contexto, o indivíduo, conforme Pierre e Laval (2016, p. 143) citando Hayek, não ser “... Um ator onisciente. Talvez seja racional [...] mas é sobretudo ignorante. É por isso, aliás, que existem regras que ele segue sem pensar. Ele sabe o que sabe por meio das regras, das normas de conduta, dos esquemas de percepção que a civilização desenvolveu progressivamente”. No entanto, a cada vez que a angústia apela ao ser do homem, produzindo nele um esgotamento das tentativas de adequação ou submissão a tantos moldes, ele se pergunta sobre a legitimidade ontológica delas, especialmente quando se depara com o conflito produzido pela incongruência entre a determinação externa (que estabelece critérios de distinção da maior ou menor importância a cada atividade, movimento, ação ou escolha que compõe sua agenda existencial)

e os reclames de sua própria vontade. Seria, de fato, inalienável a liberdade do homem, ainda que “em tese” – conforme se costuma afirmar? Ou talvez o seja apenas na medida em que abre mão de imposições externas para escolher um modo mais autêntico e próprio de existir no tempo? E será possível fazê-lo em um horizonte histórico tal qual o que vivemos? Pierre e Laval (1986, p. 323) dizem que “O homem moderno se dividiu em dois: o cidadão dotado de direitos inalienáveis e o homem econômico guiado por seus interesses, o homem como “fim” e o homem como “instrumento” e que “a história dessa modernidade consagrou um desequilíbrio a favor do segundo polo”. É o que Bauman, em *Modernidade Líquida* (2001, p. 22) questiona:

[...]a possibilidade de que o que se sente como liberdade não seja de fato liberdade; que as pessoas podem estar satisfeitas com o que lhes cabe mesmo que o que lhes cabe esteja longe de ser "objetivamente" satisfatório; que, vivendo na escravidão, se sintam livres e, portanto, não experimentem a necessidade de se libertar, e assim percam a chance de se tornar genuinamente livres. O corolário dessa possibilidade é a suposição de que as pessoas podem ser juízes incompetentes de sua própria situação, e devem ser forçadas ou seduzidas, mas em todo caso guiadas, para experimentar a necessidade de ser "objetivamente" livres e para reunir a coragem e a determinação para lutar por isso. Ameaça mais sombria atormentava o coração dos filósofos: que as pessoas pudessem simplesmente não querer ser livres e rejeitassem a perspectiva da libertação pelas dificuldades que o exercício da liberdade pode acarretar.

As regras impostas como modelo de vida e comportamento e tidas como parâmetro de competência e eficiência, passam a ser assumidas pelo indivíduo como necessárias para sua adaptação ao meio e reconhecimento alheio, fatores importantes para a conservação da autoestima. Algo similar ao que Pierre e Laval dizem em relação aos efeitos da economia de mercado no neoliberalismo, sobre os sujeitos (2016, p. 139, 140):

[...] um processo de descoberta e aprendizado que modifica os sujeitos, ajustando-os uns aos outros [...] que utiliza motivações psicológicas e competências específicas [...] um processo de autoformação do sujeito econômico, subjetivo, autodisciplinador, pelo qual o indivíduo aprende a se conduzir [...] é o autogoverno do sujeito.

Nesse panorama, segundo os autores, exerce-se uma violência rotineira e pesada sobre os indivíduos, gerando neles um sofrimento e uma “mutilação” na vida comum, no trabalho e fora dele. Violência esta que ocorre por intermédio de uma “coerção muda inserida nas palavras e nas coisas” e por meio do emprego de “técnicas de poder inéditas sobre as condutas e as subjetividades” (2016, p. 21). Isso se pode observar claramente nos relatos dos que buscam as

orientações e técnicas oferecidas nos cursos de “gerenciamento do tempo” que observamos no trabalho de campo e que descrevemos aqui.

Identificando-se, portanto, com a necessidade de gerir melhor seu tempo e sua vida, especialmente quando pessoas famosas defendem-na como imperativo, o indivíduo o faz para não ser excluído socialmente, não perder o emprego, não “ficar para trás”; quando, na verdade, parece ser duvidoso o sucesso de tais propostas ou tentativas efetivas de implementá-las. O que se observa, de todo modo, é que um grande contingente desiste de tentar colocá-las em prática – seja por exaustão, seja por chegarem à conclusão, ainda que empírica, de que não são de fato exequíveis diante da complexidade inerente à existência fáctica do homem. E se tal recuo ameaça o emprego dos promotores do marketing do “gerenciamento do tempo”, logo desenvolvem novos pressupostos e técnicas para embasarem novos programas e manterem-se no pódio de especialistas, preservando seu lugar no rol dos profissionais consagrados, garantindo sua visibilidade e, conseqüentemente, seu prestígio e honorários.

Tal constatação é o que se percebe no discurso que já prenuncia um “novo” olhar para o “gerenciamento do tempo”: há quem já admita, neste grupo, que o tempo não se presta a ser gerenciado. Buscam, no entanto, outras diretrizes de atuação para manter o tema como chamariz, conquanto permaneçam sob a mesma égide do pensamento calculador (eminentemente positivista, em que o pensar é mera função cognitiva, lógica ou psicológica) em uma clara evidencialização do recrudescimento cada vez maior do pensamento autônomo, que propõe um retorno à reapropriação de si enquanto sujeito singular e o provoca a outros modos de experiência relacional com o mundo circundante; a começar pela desconstrução de sentidos cotidianos previamente estabelecidos, na maior parte das vezes, já sem sentido e conexão com o mais próprio do ser.

Um novo viés, pois, que se anuncia, é o de gerir certas questões ônticas, como o da alimentação, do sono e dos exercícios físicos. O descuido com elas poderia comprometer a energia necessária do indivíduo para manter-se competente, gerindo o grande número de tarefas que dele se espera em tempo hábil. Variações de um mesmo tema e propósito, pois, ao fim, tem-se todos estes fenômenos funcionando como corolários de uma civilização cada vez mais maquínica. Nela, o tempo é tomado como um ente secundário e simplesmente dado, ao modo de um artefato ou instrumento como outro qualquer, do qual se dispõe como mais um insumo entre outros para a produção. Aqui tomamos apenas como um exemplo mais próximo disto, um vídeo da internet que nos chamou a atenção pelo nome: “faça o tempo trabalhar para você”, de pessoa com excelente currículo: possui mestrado, cursos de negociação e liderança em

renomadas universidades americanas, treinamento na ONU, entre outros. Intitula-se especialista em treinamento de alta performance, consultora de carreira, empresária, escritora, professora, palestrante, executiva multidisciplinar e trainer sênior de programas de treinamento e desenvolvimento. Assim que se acessa seu site, uma janela se abre com a seguinte chamada: “Pare de perder 4 horas por dia!”. O internauta, então, é dirigido para um link em que pode participar do evento on-line “Master Class”, que serve de chamariz para a matrícula em outros cursos, venda de ebooks, cursos, livros, contratações para assessoria, entre outros produtos, exatamente nos mesmos moldes de marketing que praticamente todos os outros grandes nomes da área praticam.

A profissional em apreço diz (a transcrição é literal e mantemos o coloquialismo): “Eu quero te falar como a expressão gestão do tempo é um erro; sim, gerir o tempo não existe. Como assim? Todo mundo pensa: ah, vou ali numa aula de gestão do tempo! Claro, é mais prático, é mais fácil a compreensão, o entendimento. Mas se a gente for pensar ao pé da letra o significado da palavra, da expressão “gestão do tempo”, eu te pergunto: você acha que é possível gerir o tempo? Tem como eu espichar? Eu adoraria... falar: não, hoje eu tenho tantas coisas para fazer que eu precisaria pelo menos de umas trinta horas... e aí cê vai... consegue espichar o tempo... Não, hoje eu vou ajustá-lo para um pouco menos... hoje, vinte horas atende. Mas a gente não consegue mudar, não consigo gerir o tempo, mas o que que eu consigo? Eu consigo gerir as minhas atividades, gerir o meu foco, a minha energia, as minhas escolhas, isso sim eu consigo gerir, administrar, dentro do tempo que é um tempo fixo, extático... são vinte e quatro para todas as pessoas... uma coisa que eu falo muito nos meus treinamentos, nas minhas palestras, é que as vinte e quatro horas é uma das coisas justas... que são distribuídas para todas as pessoas, independente se a pessoa é alta, se é baixa; se é gorda, se é magra; se é feia ou bonita; se é rica ou se é pobre, todos nós temos vinte e quatro horas; agora o que eu escolho fazer dentro destas vinte e quatro horas, é o que vai fazer total diferença. E aí entra também uma questão: é a gestão da nossa vida. Eu ensino as pessoas a serem protagonistas da sua própria vida, da sua própria história, a assumir o controle e não ficar como vítima, como refém de todas as circunstâncias, de todo o cenário. E aí, quando a gente fala então não de gestão do tempo, mas de gestão da vida, uma das coisas que eu comento muito é que extrapola o relógio... gestão do tempo não tá ligado a um ponteiro, meramente do relógio, mas ele tá muito ligado a nossa evolução, ao nosso progresso diário.”

A palestrante propõe que se coloque, todo dia, um objetivo alcançado em um recipiente e, ao fim de um ano; olhar um a um no fim do ano para aperceber-se do que conseguiu realizar

no ano anterior, independentemente do cenário político e econômico, das crises do país. Assevera que isso eleva o nível de energia positiva e de fazer as coisas. Diz que do contrário, se focarmos apenas na derrota, será como um time de futebol que está perdendo e pode sim “dar a volta por cima”, mas demandará um nível de energia, foco, esforço e controle emocional e da mente extraordinários para conseguir virar o jogo. Pergunta se os internautas não conhecem pessoas que passam anos em que nada muda na vida delas, permanecendo com as mesmas rotinas, hábitos, decoração da casa, carro, reclamações... nada de novo para acrescentar. Que “isso é horrível: a pessoa ficou estagnada no tempo, parada, nesta era que nós estamos vivendo das mudanças, da inovação, do dinamismo. O que fazer? Falta gestão da vida pra essa pessoa. Falta essa gestão do tempo no sentido de evolução, de progresso e não meramente um ponteiro de relógio. Isso é gestão do tempo. É você olhar pra trás e dizer: uau! Quantas conquistas! Finaliza dizendo que fica muito feliz quando entra em aula para ministrar cursos de MBA e as pessoas admiram o fato dela, tão nova, ser professora. Enumera todo seu currículo e diz que o conseguiu justamente por que tinha um objetivo claro e um plano que traçou desde cedo. E conclui: busque essa evolução, esse progresso em sua vida todos os dias e desfrute de grandes resultados! A seguir, pede que o vídeo seja compartilhado, que se marque os amigos que são como aqueles que ela descreveu anteriormente e que “precisam de um empurrão, de um progresso significativo na vida”.

O site, na data em que transcrevo este vídeo (30.03.18) possui dez mil inscritos, novecentas e sessenta e nove visualizações e cinquenta e quatro “curtiram” o conteúdo. O título “faça o tempo trabalhar para você” induz à conotação de comodidade; de que é possível, de algum modo, isentar-se de responsabilidade e de esforço com base em alguma técnica mágica (a palestrante em questão também possui curso de “mágica” na Disney) da qual algum outro mais capacitado tenha se apropriado. Quanto mais impressionante for o currículo de quem defende e vende a ideia, especialmente com a chancela de instituições renomadas e internacionais, mais “científica” a proposta parece ser e muito mais provavelmente ela impressionará e venderá. A riqueza acumulada com a venda de promessas de ensinar outros a serem protagonistas da própria vida, alcançarem sucesso, quem sabe também fazerem cursos internacionais, se tornarem também pessoas midiáticas, adquirirem um progresso significativo na vida cultivando atitudes positivas, matriculando-se em seus cursos etc., acaba por tornar-se uma “comprovação” de que essas pessoas de fato possuem qualidades e competências acima das demais e que são detentoras da chave do sucesso.

Questionamos até que ponto, em um país de dimensões continentais e que ostenta alguns dos piores índices em diversos quesitos, atestados por organismos e pesquisas internacionais (miséria, violência, taxa de encarceramento, corrupção, analfabetismo funcional, assistência deplorável à saúde, disparidade absurdamente injusta na concentração de renda entre as classes e enorme desigualdade social, entre outros) alguém possa prescindir e ignorar, por força do “pensamento positivo”, tais determinantes, e tornar-se um milionário ou mudar radicalmente de vida após fazer um curso desses, simplesmente porque “falta gestão da vida pra essa pessoa”. Não se pode, além do mais, ignorar os preços astronômicos de um pacote de cursos deste tipo porque, geralmente, apenas um nunca é suficiente. Ao fim de cada curso há um bombardeio permanente para que o aluno se matricule em outros, sempre com a justificativa de que há “novidades, complementos, aprofundamento, necessidade de progresso permanente etc.”. Em uma situação similar, por exemplo, cheguei a comunicar que não desejava mais receber notificações, ao que fui respondida confirmando minha solicitação. Entrementes, alguns meses depois, elas voltaram a surgir em minha caixa de e-mails.

Realizei, em outra ocasião e por motivos profissionais, um desses cursos, em que o “gerenciamento do tempo” era um dos pilares principais: realizado em um fim de semana, em hotel de luxo, com comida farta, recursos de mídia e marketing de última geração, teatro, músicas envolventes, catarses, acessos de choro, brindes, dinâmicas que exploram o sentimentalismo, traumas e culpas dos matriculados – tudo em meio a um aparato meticulosamente preparado. O diretor da instituição, médico e coach neurocognitivo, com diversos cursos internacionais, frequentemente aparecia em programas televisivos de renome e, ao fim do curso, quando todos se despediam, vaticinou: “estatisticamente, ficou comprovado que poucos aqui irão vencer. Somente os que prosseguem nos cursos da instituição e buscam o aperfeiçoamento constante obtém resultados”. Observe-se que um curso de fim de semana foi pago em dez prestações e a quantidade de cursos fornecidos pelo instituto é imensa – alguns chegando a durar meses!”

Essa perspectiva não é exclusiva de cursos teóricos. O mercado editorial também se aproveita do nicho e as prateleiras das livrarias estão repletas de obras que contemplam o assunto. Utilizamos como exemplo um livro intitulado: “Trabalhe Menos, Faça Mais”, de uma doutora em sociologia pela Universidade de Nova York, especialista na área de trabalho e relacionamento, autora de vinte e seis livros, traduzidos em vinte idiomas. Resumidamente, o livro propõe, entre outros, a confecção de inúmeros registros: de chamadas de telefone fixo; de chamadas de telefone celular (que precisam ser diferenciadas entre as efetuadas e recebidas, em

casa ou no trabalho); registro de metas; de compromissos e projetos; de estratégias; de coisas a fazer; de prioridades; do tempo gasto na internet e, por fim, a elaboração de um “diário do tempo”, que se inicia com a anotação do horário em que se desperta, indo até a noite. Os registros se subdividem em “medidas”: do tempo gasto no trabalho, na escola e na vida pessoal. Ela afirma: “só de preencher um registro de tempo detalhado, já será um bom começo para melhorar sua capacidade de administrar o tempo”. A autora atesta que tal anotação ajudará o leitor a “perceber como seu tempo foi gasto desde que acordou até a hora de dormir” (Yager, 2009, p. 14). A autora menciona diversas pesquisas para corroborar suas ideias e prescrições. Assim como nos cursos analisados, observa-se também a presença de incongruências no discurso, como por exemplo, na pág. 2, em um mesmo parágrafo que inicia dizendo que homens de negócios, líderes, empresários e estudantes bem-sucedidos administram bem o tempo e termina propondo trocar a expressão “bem-sucedidos” por “felizes”, sendo que os mais felizes não são os workaholics; que eles não vivem para trabalhar, já que encontram tempo para outras atividades e para seus relacionamentos. Administrar corretamente e de forma sistemática, segundo ela, é estar no controle do tempo e não ser controlado por ele. Orienta aos trabalhadores que perderam colegas por cortes de gastos a “concentrarem tempo e esforços em melhorar a capacidade de administrar o tempo”, antes que seus chefes o mandem fazer um curso para tal ((YAGER, 2009, p. 3,4). Porém, na página cinco, enfatiza que a administração do tempo não reduz o volume de trabalho e que, não obstante, oferece, em seu livro, estratégias e técnicas para ajudar as pessoas a realizarem mais em menos tempo.

Yager (2009, p. 82) faz menção a vários gênios como Leonardo da Vinci, Isaac Asimov e Benjamim Franklin como parâmetros de pessoas que conseguem trabalhar em vários projetos ao mesmo tempo. Ela parece enaltecer tal capacidade e a relevância de ganhar tempo fazendo múltiplas tarefas simultaneamente. No entanto, alerta para o fato comprovado por pesquisadores de instituições de renome americanas, publicadas no *Journal of Experimental Psychology*, de que trocas de tarefa podem resultar na perda de meio segundo – tempo suficiente para acarretar até mesmo um acidente. A seguir, diz que esta capacidade difere de pessoa para pessoa e na mesma pessoa, a depender do dia e do horário ((YAGER, 2009, p. 83), o que termina por ser uma análise bastante simplória e óbvia. O curioso é que já na página 84, comenta que “assumir múltiplas tarefas significa que todos os projetos são preocupações prioritárias”; ao passo em que já no parágrafo seguinte, aconselha aqueles que têm o hábito de assumir múltiplas tarefas a reduzirem-nas gradualmente até chegar a uma só. Garante que “a maior concentração e eficiência” ganhos com isto irá “maravilhar” a todos. Contradições que deixariam qualquer

pessoa, disposta a por em prática suas orientações, confusa. Por fim, cada capítulo é finalizado com um “Vença o Relógio”, com exercícios de automonitoramento e avaliação.

Poderíamos encontrar aqui elementos suficientes para pensar como Lazzarato, (2006 p. 64, 65) quando nos dizem que “as técnicas de aprisionamento impõem tarefas ou condutas para viabilizar a produção dos bens e que elas enquadram, encerram e ordenam-nas temporalmente, de forma a “decompor os gestos, subdividir os tempos, programar os atos, a fim de extrair deste esquema uma mais-valia. Tal processo é, segundo ele, próprio das sociedades disciplinares e bem próximo também do modo calculante de pensar da Era da Técnica, segundo Heidegger.

Também poderíamos tomar de empréstimo as constatações de Dardot e Laval (2016, p. 327) e considerar todos os procedimentos propostos no livro como parte das “diversas técnicas [que] contribuem para a fabricação desse novo sujeito unitário”:

Este novo ser “cuja subjetividade deve estar inteiramente envolvida na atividade que se exige que ele cumpra [...] que deve participar inteiramente, engajar-se plenamente, entregar-se por completo a sua atividade profissional [...] o sujeito do envolvimento total de si mesmo. Ele deve trabalhar para sua própria eficácia, para a intensificação de seu esforço, como se essa conduta viesse dele próprio, como se esta lhe fosse comandada de dentro por uma ordem imperiosa de seu próprio desejo, à qual ele não pode resistir.

Os autores enfatizam que tais técnicas de gestão, a que chamam “asceses do desempenho” atuam para conduzir o indivíduo a aderir às normas de conduta que se pretende impor (DARDOT E LAVAL, 2016, p. 339). Tal proposta é levada a cabo por avaliações que (conforme pudemos ver em todos os exemplos de cursos, vídeos e literatura que aqui dispomos) se utilizam de tabelas e outras ferramentas de registro com vistas a garantir o comprometimento subjetivo da pessoa, “sob pena de sofrer sanções no emprego, no salário e no desenvolvimento de sua carreira”. Todos estes artefatos trabalham para a construção de uma subjetividade particular e constituem um aspecto disciplinar do discurso gerencial. Subliminarmente, mas com técnicas bastante concretas e objetivas, impelem e constroem o sujeito a “conformar-se intimamente, por um trabalho interior constante para ser o mais eficaz possível [...] aperfeiçoar-se por uma aprendizagem contínua, aceitar a grande flexibilidade exigida pelas mudanças incessantes impostas pelo mercado” (DARDOT E LAVAL, p. 330, 331).

Sabemos por intermédio da obra heideggeriana, que a temporalidade é um existencial fundamental constituinte do ser-aí e que sua existência é caracterizada pela abertura do mundo, do sentido do ser e da liberdade, os quais, por sua vez, só podem se dar em articulação com o

existencial tempo. De maneira tal, as condições de possibilidade de uma existência dependerão dos horizontes da própria condição humana, o que é totalmente desconsiderado no contexto dos ditos cursos de “gerenciamento do tempo”. Competirá, pois, ao ser do homem dizer sim e não diante de tais imposições, porém sempre atento à natureza delas e à sua própria natureza – reflexão esta que lhe oferece a possibilidade de posicionar-se de modo mais ou menos autêntico frente a cada de escolha.

O ser-no-mundo-com o outro e o cuidado, também são existenciais fundamentais constituintes do ser-aí; não há, portanto, como desprezá-los a todo tempo sem o gosto amargo do vazio, da incompletude, da solidão. Entrementes, o que se observa em meio ao contexto onde o “gerenciamento do tempo” é ensinado, imposto ou implementado, é que “a polarização entre os que desistem e os que são bem-sucedidos mina a solidariedade e a cidadania” ((DARDOT E LAVAL, 2016, p. 9) e sendo o homem neoliberal um indivíduo inteiramente imerso na competição mundial; quem não suporta a concorrência é um ser fraco, dependente, que não está à altura do desafio proposto. É estigmatizado como fracassado, perdido e infeliz diante do discurso que prega o sucesso e realização na vida e tal fracasso é até mesmo tido como uma patologia (DARDOT E LAVAL, 2016, p. 322, 367).

O que podemos pensar sobre o que encontramos ao analisar o fenômeno “gerenciamento do tempo”, difundido nas mídias; em relação aos seus promotores, a quem poderíamos chamar, por empréstimo de Dardot e Laval, (2016, p. 338) de “consultores em estratégias de vida”; ao formato dos cursos (técnicas de autocontrole e domínio de si; manejo e controle do tempo cronológico por intermédio de dispositivos eletrônicos, registros em tabelas e autoavaliações); à linguagem veiculada pelo marketing: “um discurso ferrenho que usa palavras de veludo” ((DARDOT E LAVAL, p. 345), sedimentada em saberes pretensamente científicos de autores de referência e renomados; à pedagogia utilizada na transmissão dos conteúdos (conduzida por técnicas e pressupostos motivacionais pragmáticos e orientados para a resolução eficiente e eficaz de problemas) e aos objetivos que se pretendem alcançar por intermédio de todas essas propostas? Que, ainda que, em tese e em última instância, visam a melhoria da qualidade de vida por intermédio da melhor adaptação à realidade e da possibilidade de tornar o indivíduo mais “operacional” em situações complexas e inesperadas, terminam por concorrer para o cerceamento e inibição da criatividade, da solidariedade, da liberdade de escolha. Com relação à criatividade, por exemplo, apesar de ser um tomo exaustivamente mencionado neste modelo, juntamente com a incitação a “sair do zona de conforto” para deixá-la imergir, o que tivemos oportunidade de observar, de fato, é similar ao que também constata Lazzarato, com relação às

sociedades disciplinares (2006, p. 70) e pode ser pensado no terreno de nosso estudo: que até mesmo “o tempo da invenção, o tempo da criação de possíveis deve ser delimitado por prazos e procedimentos rigorosamente estabelecidos”

Como a fenomenologia hermenêutica heideggeriana contemplaria esta perspectiva denominada “gerenciamento do tempo”, cujos elementos acima mencionados, em conjunto, se auto proclamam, no jargão popular contemporâneo, como de alto valor agregado? Uma das principais contribuições que Heidegger nos oferece é quanto a suprir um campo de análise que busca interrogar de modo mais profundo a ontologia do ser, repensando o humano a partir de bases mais originais e próprias dele mesmo e não mais a partir das já tradicionalmente disponíveis e que compreendem o humano com base em suas determinações sociais, psicológicas, históricas, ou mesmo metafísicas; perspectivas habituais já sedimentadas. Ao perguntar sobre o sentido do ser, conjura-se o homem a acatar sua responsabilidade nas ações que executa, o que também lhe abre possibilidades para meditar sobre suas escolhas. Com uma atitude reflexiva, o ser-aí pode mais genuinamente encontrar seu modo de ser próprio. Desfigura-se para ele, assim, a possibilidade de um maior refinamento na busca pelo desvelamento da verdade de si mesmo, de modo mais autêntico e próximo daquilo que se é, a despeito do impessoal “todo mundo”, que pensa de modo automatizado, age e se comunica a partir de um falatório peculiarmente comum e que faz funcionar o mundo tal qual é na Era de Técnica: prevalecendo a atitude descompromissada e eivada dos resultados da prevalência do pensamento técnico-calculante.

De todas as visões por nós contempladas nos capítulos iniciais, estando mais correlacionada com o ponto de vista da física – dentro da atitude natural cotidiana – o “gerenciamento do tempo”, enquanto proposta pertencente ao plano ôntico, revela-se totalmente impessoal. Em resposta a quem possa argumentar que não cabe discutir filosoficamente tal fenômeno, por representar uma questão fáctica e ôntica (portanto, mais pertinente ao terreno de ciências exatas), temos percebido até o momento que o desejo e o movimento em prol do controle de um existencial como o tempo mostra-se mais utópico que real; uma vez que nem mesmo as ciências duras, como vimos, têm conseguido perscrutar o mistério do tempo, quanto menos torná-lo um ente manipulável. No entanto, os promotores da proposta parecem relacionar-se com o tempo de modo a subjugá-lo, como fazem a outro ente qualquer, distinto e alheio ao homem, e que pode, portanto, ser posto a seu serviço. O tempo é incorporado, então, à agenda cotidiana, mecanizada e impessoal que emoldura o esquecimento do ser-aí de si mesmo, na qual se reconhece e transita de modo prático e conveniente. Somente

a angustia o remete ao estranhamento e à meditação sobre o sentido da experiência com e na temporalidade de modo próprio. Em meio ao desalojamento advindo de um modo de vida inautêntico e desencadeado por um evento inopinado qualquer, é que a temporalidade “retoma” seu caráter fundante e independente dos intentos de manipulação do homem.

Ao nos debruçarmos sobre o fenômeno do “gerenciamento do tempo”, de tal feita, não podemos considerá-lo pura e simplesmente uma técnica proposta no e para o plano ôntico, justamente por não podermos considerar que o tempo seja um elemento ôntico a exemplo de um ente simplesmente dado qualquer. Conforme Heidegger: “O tempo, então, seria eu mesmo, e cada qual seria o tempo. E nós, no nosso estar uns com os outros, seríamos o tempo” e “concebido na sua possibilidade de ser mais extrema, o ser-aí não é no tempo, ele é mesmo o tempo” (2003a, p. 31; 51).

O enorme interesse que motiva e mantém o funcionamento de tantos cursos, escrita de livros, palestras, etc. sobre o tema; a tensão que os interessados por ele demonstram ao não conseguirem viabilizar seus intentos dentro do cronograma que julgam dever cumprir, a pressão de empregadores sobre os subordinados com relação ao cumprimento das metas estipuladas dentro de um prazo específico, a auto cobrança de boa parte da população em relação a não consecução dos propósitos almejados ao longo desse “tempo” impessoal em suas vidas; entre outros, não é situação que se possa desconsiderar ou menosprezar. Na realidade, parece ser ampla e aguda, com consequências que conduzem a quadros de depressão, ansiedade, síndrome do pânico, sensação de menos valia e baixa autoestima, principalmente quando o indivíduo compara seu desempenho e resultados diários com os de outros que se tornam para eles um modelo a ser seguido. Conforme Alain Ehrenberg, citado por Dardot e Laval (2016, p. 366), “o culto do desempenho leva a maioria das pessoas a provar sua insuficiência e conduz a formas depressivas em grande escala”.

O tempo é um existencial tão fundamental que até mesmo a psicopatologia dedica-lhe um tomo específico, com classificações para distúrbios relacionados tipicamente à vivência do tempo; o que se pode facilmente consultar em manuais da área. Recordamo-nos, aqui, de um dos participantes do primeiro curso por nós relatado, que nos confessou ter de fazer uso de medicamento controlado para esquecer-se da pressão do trabalho diário e conseguir dormir. Dardot e Laval (2016, p. 367) dizem que o medicamento substitui a falta de apoio, reconhecimento e proteção não concedidos pela instituição, a esta altura já debilitada. Elencam, ainda, vícios diversos, dependências às mídias e consumismo como suplemento medicinal dos quais o indivíduo abandonado lança mão, para tentar se preservar.

Uma proposta que passa ao largo desse adoecimento é pensar na possibilidade de ressignificação da vivência do tempo, de modo a distingui-la do modelo atual que pressupõe que este existencial seja uma mera vacuidade onde se deposita o maior número possível de ocupações, empreendimentos, produções, atividades com fim em si mesmas e sem sentido para o indivíduo. Todas estas se encontram descoladas de um significado autêntico que se imagina poder construir paulatinamente no processo de consecução de qualquer trabalho, atividade ou até mesmo no ócio, em consonância e conexão com a experiência vivida e o modo de ser próprio do ser que age, produz, empreende ou não, e que se esquece, sem saber que esquece, conforme Borges-Duarte, no prólogo ao Conceito de Tempo, de Heidegger, que “o carácter temporal do ser que se exerce como ser-aí, existência e vida fáctica do ente em cujo ser se lhe vai o seu próprio ser, em cujo estar-ocupado vital articula o mundo interpretado, em que o ser em geral tem, temporalmente, lugar” (2003a, p. 10).

A possibilidade de ressignificação cogitada por nós, em relação ao tema, tem em vista que o modelo vigente que reifica a produção “dentro do tempo”, em detrimento de qualquer subjetividade (a não ser quando sua eventual preservação signifique um aumento de produção) traz, em seu bojo, os sintomas por vezes já mencionados como os transtornos de humor, o desalento, a sensação de menos valia e fracasso diante dos modelos tidos como parâmetros e que são dificilmente exequíveis. O adoecimento, o descontentamento e o mal-estar que a corrida por tentar gerenciar o tempo provocam, de outro modo; por si só denunciam que há muitos outros elementos – e muito mais complexos, a se considerar na empreitada por tentar gerir o tempo. Não se trata, assim, de um mero exercício matemático ou aplicação de técnicas. Nem somente de realizar um número ilimitado de tarefas e projetos em espaços de tempo recortados e fixos, rigidamente estipulados por agentes externos ou por autodeterminação meritória. Sobre tais elementos dificilmente se opera à luz das ciências duras, por serem de outra ordem: a ordem do sentido. Conforme prenunciou Heidegger: “Uma vez definido o tempo como tempo do relógio, já nunca mais se poderá ter a esperança de alcançar o seu sentido originário” (2003b, p. 63).

Já observamos que a questão da temporalidade figura entre as mais contundentes mudanças que presenciamos em tempos de globalização, avanços tecnológicos e interconectividade. E o que se observa, entre as tantas modalidades de experiência que a nova relação humana com o tempo delineou na pós-modernidade, em relevo; é a primazia da atenção voltada para aspectos superficiais e fugidios da existência; favorecendo o estabelecimento de relações fluidas e descartáveis; especialmente do homem com ele próprio, no que tange ao

esquecimento de si. Em paralelo, se porventura alguém pondera acerca da pertinência das contribuições do pensamento de Heidegger, ocupado que estava com a ontologia do ser, para a discussão de um fenômeno aparentemente tão positivista, ôntico e “moderno” quanto o “gerenciamento do tempo”, a declaração do filósofo reproduzida a seguir pode perfeitamente bem amainar tal desconfiança, colocando em relevo aproximações muito profícuas entre sua obra e nossa discussão. Em notável vaticínio em obra original de 1935, Heidegger, interpela:

Quando qualquer acontecimento em qualquer lugar e a qualquer tempo se tiver tornado acessível com qualquer rapidez [...]; *quando tempo significar apenas rapidez, instantaneidade e simultaneidade e o tempo, como História, houver desaparecido da existência de todos os povos [...]*, então, justamente então – continua ainda a atravessar toda essa assombração, como um fantasma a pergunta: para quê? para onde? e agora? (1987, p. 64,65 – grifo nosso).

A coesão do pensamento heideggeriano leva-nos a considerar que outra indagação dele (2003, p. 92) poderia, muito coerentemente, complementar e “confrontar” a anterior: “Mas quem estará inclinado a falar desta maneira, onde o trânsito mundial, a técnica, a economia se apossam dos homens e os mantêm em movimento?” Depreende-se, com certa obviedade, deste modo, que é provável, em maior ou menor grau, pressentir os perigos e efeitos da cegueira vigente quanto à supremacia da técnica na atualidade, ao passo que tendemos, igualmente, a olvidar tal destino, estando já submissos e aparentemente dominados por ela.

A obra heideggeriana estabelece uma estreita relação da ontologia com a temporalidade e volta seu curso para a decisiva pergunta sobre o sentido do ser no horizonte transcendental do tempo, insistindo sobre a questão da temporalidade como fundamento estrutural da existência. O pensador ocupou-se, preliminar e cabalmente, em contrapor a concepção do tempo, oriunda de uma abordagem lógico-cronológica (mais especificamente o tempo/movimento da física, amparada na realidade imediata) ao sentido do tempo na existência humana. O cerne de sua discussão residia, sobretudo, em compreender a determinação ôntica que embasa a questão da finalidade e do passar do tempo, em que se sucedem os acontecimentos e fatos históricos (e que privilegia a quantidade e a medida, objetos das ciências naturais), ao lado de uma análise do sentido deles no fluir do tempo, para a determinação do ser enquanto tal – o que, interessa, prioritariamente, à perspectiva ontológica.

Em relação à determinação ôntica, por exemplo, na obra “Que é uma coisa?” (1992, p. 98), Heidegger já acenava para os “... nomes para novas determinações fundamentais que agora se introduzem no modo de considerar a natureza e que denunciam uma surpreendente

ressonância do económico e do «cálculo» do sucesso”. E observava, ademais, que “tudo isto se realiza no interior da atitude matemática fundamental e de acordo com ela.”

Na perspectiva ontológica, Heidegger debruça-se sobre a questão do sentido e contempla, com rigor, o debate sobre a tonalidade afetiva do tédio. Considera que o “profundo tédio que se arrasta para lá e para cá”, experienciado de modo amplo na Era da Técnica, é derivado da “intensificação da fuga, do equívoco e da ausência de direcionamento” e, ainda, segundo afirma, também por uma indiferença que não se pode explicar. O tédio surge como “tonalidade afetiva fundamental” e é relacionada, de modo estreito, com o tempo: “O tédio indica de forma quase palpável uma relação com o tempo: um modo como nos colocamos diante do tempo, um sentimento de tempo” (2003b, p. 92,97)

De tal feita, a relação do homem com o tempo, na cotidianidade mediana, afigura-se incongruente e insólita: a cada vez que sobra ou se tem tempo livre, procura-se ocupar-se de algo com a finalidade de “matá-lo” ou “passá-lo”. Parece-se estar, sugestiva e curiosamente, diante da insuportabilidade de “possuir” algo a partir do qual e com o qual nada se possa fazer. O fenómeno da ocupação serviria supostamente, neste modo de relação com a temporalidade, como forma de preencher, gastar e ou eliminar o tempo – o mesmo que, de outra feita, se quer poupar, com o intuito de se fazer com ele e ou produzir nele, “algo”. Uma descrição que soa, minimamente, tautológica e de fundamento contraproducente, contraditório ou paradoxal. Quanto a isso, Heidegger interroga:

De que maneira nos evadiremos do tédio, no qual nós mesmos dizemos que o tempo se torna longo para nós? [...] estarmos todo o tempo, consciente ou inconscientemente, empenhados em passar o tempo, de acolhermos com simpatia as ocupações mais importantes e essenciais, mesmo *que somente para que elas preencham o nosso tempo*. Quem negará isto? (2003b, p. 95, grifos nossos).

De tal forma, o modo capitalista de gerir a vida (que impera por meio do pensamento calculador), em paralelo a esta urgência para se evadir do tédio por intermédio da ocupação, parecem associar-se convenientemente para impulsionar a indústria do ensino/aprendizado de um controle que garanta a competência de gerenciar o “próprio” tempo.

O tempo, na visão do pensamento calculador, dispensa o sentido da fluidez da existência em que se projeta o ser-no-mundo-com-o-outro, alocado que está na categoria de mais um ente simplesmente dado qualquer, com o qual o homem deva se relacionar, preponderantemente, em razão da funcionalidade e utilidade pragmáticas de suas “unidades-medida”. Nestas caberiam

outras tantas unidades de atos realizados e ou objetos produzidos. E a produção desenfreada parece, cada vez mais, conclamar a si mesma por mais re/produção – ainda que aleatória e alienada do contexto de relação existencial do ser-aí consigo mesmo em seu processo histórico e no cenário singular em que ele se dá. Conforme pondera Duarte: “Em meio ao abandono do ser, o próprio homem é trazido à situação da servidão incondicionada, no sentido de que ele próprio tornou-se um escravo ou um funcionário da própria serventia tecnocientífica” (2010, p. 37).

É importante frisar que Heidegger, já em 1958, na conferência “O que quer dizer pensar?” (e assim o fez em outros escritos) esclarece que tal debate

[...] nada tem a ver com a ciência e, sobretudo, se a discussão tiver o direito de ser um pensamento. A [...] ciência não pensa porque, segundo o modo de seu procedimento e de seus recursos, ela jamais pode pensar – a saber, pensar segundo o modo dos pensadores. Que a ciência, porém, não possa pensar, isso não é uma deficiência e sim uma vantagem. Somente esta vantagem assegura à ciência a possibilidade de, segundo o modo da pesquisa, introduzir-se num determinado domínio de objetos e aí instalar-se. (2006, p. 115)

Não seria de surpreender, pois, que o pragmatismo e o imediatismo quanto ao uso do “produto” tempo se conformem às regras de produção e consumo que vigoram no capitalismo e nas relações entre os homens e a vivência do tempo na Era da Técnica – nem mesmo que a ilusão cientificista se ocupe de conferir ao “gerenciamento do tempo” estatuto de cientificidade por intermédio do uso de modelos baseados em parâmetros lógico-matemáticos. Heidegger inquiria, todavia, se fenômenos tais como o tempo poderiam, a exemplo de outros “objetos de estudo”, estar subordinados ou deveriam se render à análise das ciências naturais pelo método experimental, sem o aniquilamento do que lhe é originalmente constitutivo: “Completamente matematizado, o tempo torna-se a coordenada t , ao lado das coordenadas espaciais x , y , z . Não é reversível – o que constitui a única referência ao tempo que se opõe a uma matematização definitiva” (2003 a, p. 63).

Não é extemporâneo, portanto, que o empenho na pesquisa e na implementação de métodos para possibilitar a execução do maior número possível de atividades em um período de tempo cada vez mais reduzido seja fenômeno amplamente passível de constatação em nosso cotidiano. Uma busca, mesmo superficial, ao redor, evidenciará o grande volume de produtos, movimentos e processos que propagandeam a rapidez e velocidade como seus diferenciais: comidas e mensagens instantâneas, leituras dinâmicas, comercialização de

aparelhos que substituem outros em curtíssimo espaço de tempo e cuja vantagem consiste, em boa parte das vezes, unicamente em prover uma velocidade de operação minimamente superior à anterior; promessas de agilidade nos atendimentos por prestadoras de serviço (a despeito de haver ou não qualidade nos mesmos) e uma infinidade de outros exemplos.

A singular pressa de nossos dias é reproduzida em diversos bordões, especialmente no mundo laboral – estendendo seus impactos, no entanto, a todos os domínios da vida humana: “correr contra o tempo”; “estar à frente do seu tempo”, desenvolver estratégias para “prevenir e antecipar soluções”; “não perder tempo”, porque “tempo é dinheiro”. Expressões como “no time” e “slow time”, “tempo percebido” versus “tempo real”, por exemplo, relacionadas à percepção de clientes acerca do tempo de espera para a resolutividade ou não de suas demandas junto às empresas, pressionam diversos setores a desenvolver modalidades mais velozes de relacionamento com o usuário, como alternativa para preservar sua cartela de clientes.

De tal modo, a imposição – seja externa, seja autorreferenciada – de “otimizar” o próprio tempo, age em conjunto com o anseio pela agilidade e a avidez por novidades. O corolário desta conjuntura é que somos compelidos a não nos demorarmos mais que alguns instantes em cada ato; incitados a zarpar continuamente para a experimentação de realidades incipientes, não sendo afetados profunda e singularmente por nenhuma delas. Isso nos faz recordar o modo como Duarte (2010, p. 13) caracteriza tal fluxo: uma “superficialidade atordoada e ambígua do homem moderno diante de seu próprio tempo”.

Em movimento oposto a essa empreitada cega, Heidegger pondera sobre a intolerância e fuga do tédio, “sugerindo-nos” não nos colocarmos em contraposição ou reagirmos sempre imediatamente para nos protegermos dele, ao contrário, dar-lhe mais espaço e deixá-lo ressoar em função de uma aproximação de nós mesmos enquanto ser-aí (2003b, p. 99). O deixar ressoar e o aproximar-se de si mesmo sugerem, deste modo, tencionar um maior espaço de liberdade e autenticidade por intermédio da reflexividade que a disposição afetiva do tédio pode prover.

Sébastien Charles, discutindo o pensamento de Lipovetsky acerca dos “tempos hipermodernos”, aponta também uma convergência com o pensamento heideggeriano, na constatação de que

O funcionamento do mundo liberal, que gera mais lucro, mais eficiência e mais racionalidade, parece justificar os receios de Heidegger, o qual, a respeito da técnica, denunciava uma deturpação de seu sentido em favor de uma “vontade de vontade”, uma dinâmica do poder que se alimenta de si mesmo, sem outra finalidade além de seu próprio desenvolvimento [...] tendo como única finalidade seu próprio domínio sobre os homens e as coisas e, em última análise, produzindo este mundo fanático da técnica e do desempenho que é o nosso. (2004, p. 34)

As metodologias empregadas nos processos de “gerenciamento” do tempo, enquanto práticas “técnico-científicas” podem, até certo ponto, serem consideradas “modernas”. No entanto, os motivos propulsores do manejo e controle da vida que subjazem tal fenômeno não representam propriamente novidade, conforme vimos em capítulos anteriores. A roupagem nova da qual a proposta se reveste, porém, denota um modo típico e específico de vivência com o tempo, próprio da concepção de homem que vigora em nossos dias. Representa, igualmente, um ativismo consagrado pela comunidade e derivado, entre outros, da ausência total ou parcial de reflexividade, que “apossa-se” do tempo tal qual uma indústria se apropria de um insumo qualquer para a produção de um bem ou produto e, a seguir, busca negociá-lo, ensejando, na coletividade, a urgência de “usá-lo” bem, de modo “eficaz e eficiente”. Do contrário, alardeia-se que o “mau uso” ou “desperdício” do tempo traria prejuízos irremediáveis para o sujeito – ainda mais nos tempos hodiernos, quando se instala uma concorrência desmedida na elipse produção/consumo. Gerenciar o tempo e prover meios para destacar-se passa a ser condição indispensável para ocupar um lugar socialmente privilegiado, uma vez que posições de destaque, neste universo, são conferidas apenas a uns poucos.

Em razão de tanta “opressão” por desempenho, ouvem-se, por toda a parte, relatos de culpa, arrependimento e inadequação relacionados a este quesito: sensação de menos valia, de perda e fracasso e percepção de “desvantagem” em relação aos que “souberam administrar melhor” o “produto” tempo. O disseminado fenômeno do “gerenciamento do tempo” é emblemático nesse sentido, bem como seus muitos desdobramentos e slogans similares: “administre eficazmente seu tempo”; “combata o fantasma da ociosidade”; “faça mais em menos tempo”, entre outros. Estas máximas invadiram as livrarias e a mídia: em entrevistas, artigos e reportagens que funcionam como chamariz para a promoção de incontáveis cursos e palestras, ofertados por diferentes estabelecimentos de ensino; professores autônomos com formações e qualificações diversas, palestrantes, youtubers, coaches (profissionais ou não), que extraem, da oferta de tais promessas, um grande filão financeiro.

O discurso que abriga tal concepção possui, quase invariavelmente, um caráter motivacional, expresso com palavras de ordem: “filosofias” do sucesso, pensamentos positivos, bordões motivacionais que defendem a tese de que compete ao homem manter o controle sobre todos os fatores intervenientes de sua vida, a expensas de uma resiliência sobre-humana, aparentemente cega aos elementos factuais e inexoráveis da existência; corolário de uma pseudopedagogia que arroga para si a proposta metodológica de gestão do ingerenciável.

Tais propostas constituem-se, no geral, de “métodos, técnicas e estratégias” que asseveram a possibilidade de coordenar diferentes atividades dentro de um tempo milimetrado. Sugerem-se desde as já antigas e tradicionais listas, agendas, arquivos numerados e avisos “taticamente” posicionados; instrumentos e dispositivos para acionar a atenção, quanto a utilização de engenhocas modernas ou inspiradas em antigas ideias e desenhadas exclusivamente para este fim (por exemplo, a técnica pomodoro, elaborada por Francesco Cirillo no fim dos anos 1980 e que consiste na utilização de um cronômetro em formato de tomate). O dispositivo prevê pausas a cada vinte e cinco minutos na rotina de trabalho instalados em dispositivos tecnológicos fixos ou móveis o que, supostamente, tornaria a produção ainda mais eficiente. E não faltam no mercado softwares sofisticados para esse fim; além de inúmeros outros mecanismos e propostas, por vezes vagas e genéricas, que desconsideram peculiaridades, exceções e complexidades de uma gama variada de situações e atribuições de significados singulares, próprias da facticidade existencial à qual estamos lançados. Partem, quase invariavelmente, de uma perspectiva de normatização da vida, regulação e restrição tanto de atividades menos “prioritárias ou importantes” como de relacionamentos interpessoais. Conforme Duarte (2010, p. 13) observa:

[...] dando ensejo ao mundo frenético em que vivemos cotidianamente, sempre às voltas com mil atividades e ocupações para as quais sequer temos tempo suficiente para começar a dar conta delas [...] as relações do homem com o homem e com os demais entes se dão com e por meio das exigências e imperativos da ciência e da técnica.

O marketing, parceiro deste frenesi, habitualmente faz uso de figuras caricatas: relógios que criam asas e saem voando ou perseguindo pessoas, ampulhetas cuja areia escoar-se rapidamente, enquanto observadas por indivíduos com ares de desespero ou desalento; entre outros. Apelativamente, arrematam tais cenas com slogans que dizem respeito a interrogações que de fato fazemos a nós mesmos, imersos que estamos nesta espiral de exigências e demandas cotidianas. Diante delas nos angustiamos e para elas buscamos “soluções científicas eficazes”, impostas subliminarmente pelos ditames da Era da Técnica. São questões como: “Você sente que seu tempo não tem rendido o suficiente?” ou “Você tem a sensação de que os dias estão passando cada vez mais rápido e que não há nada que possa ser feito para reverter essa situação?”

Feitas tais “incitações”, oferecem-se soluções que se constituem, invariavelmente, de um conjunto de estratégias muito similares entre si, independentemente do gênero: cursos presenciais e on-line, reportagens, palestras, literaturas, vídeos, artigos. Após uma busca aleatória na internet, a partir de expressões do tipo “gerenciamento do tempo”, “administração do tempo” e “otimização do tempo”, uma por vez, encontramos propagandas contendo chamadas alvissareiras do tipo: “separamos cinco dicas para mudar a sua percepção de produtividade” ou “Administração do tempo no trabalho: dez técnicas comprovadas”; às quais se seguem recomendações mandatórias como estas:

- 1) Preveja o imprevisto (fazer uma administração do tempo “imbatível” é antecipar pequenos espaços para as interrupções em seu planejamento);
- 2) Ene-a-ó-til : Diga não !;
- 3) Bloqueie o seu tempo.

A terceira recomendação, no anúncio em pauta, por exemplo, estabelecia ainda uma consideração: “Perdemos grande parte do nosso tempo [...] se você colocar o seu calendário antes de você e bloquear tanto tempo quanto possível, com a maior antecedência, então você pode deixar apenas uma pequena quantidade solta. Ao fazer isso você impede as demandas de outras pessoas de atrapalharem a sua rotina”. Causou-nos estranheza as expressões “bloqueie seu tempo”; “deixar uma pequena quantidade solta”, etc.; especialmente quanto à ininteligibilidade do que quer que essa “assertiva” quisesse propor, efetivamente.

Selecionamos mais alguns exemplos, com dezenas de variações sobre o tema, para que o leitor se dê conta da abrangência do marketing envolvido. São cursos oferecidos por dentistas, life coachings, especialistas em oratória, apresentadores de TV, profissionais da área de comunicação e RH, professores, psicólogos, pedagogos, especialistas em produtividade, consultores diversos e até mesmo por uma empresa especializada na área de administração do tempo com foco no desenvolvimento pessoal. As chamadas são aqui reproduzidas tais como apareceram na busca. Algumas, inclusive, risíveis. Por exemplo:

1 – Para várias categorias profissionais, estudantes, autônomos, não trabalhadores e até churrasqueiros:

“Quero ser médico: gestão do tempo nos estudos”;

“Arquiteto: você tem dificuldade de fazer a gestão do tempo?”;

“Gestão de tempo para artistas”;

“Curso on-line de organização, gestão de tempo e produtividade para fotógrafos”;

“Corretor de imóveis: você faz a gestão do seu tempo?”;

“Desenvolvimento pessoal e gestão de tempo para o advogado”;

“O mecânico ao vivo: gestão de oficinas em tempo de crise”;

“A gestão do tempo e a organização no trabalho pedagógico”;

“Administração do tempo em vendas: 10 dicas para fazer render o tempo do profissional de vendas”;

“Gestão do tempo e produtividade: dicas para mães empreendedoras. Empreenda com excelência”;

“Gestão de tempo para mulheres sem tempo e mulheres (muito) ocupadas”;

“Gestão do tempo – cuidando de quem cuida”;

“Gestão do tempo de estudo /gestão do tempo para concursos”;

“Dá para preparar aquele cupim a tempo? Quando acender a churrasqueira? Aprenda a importância do tempo para o projeto e como nunca mais tomar bebida quente em seu churrasco”;

2 – Apoiadas em técnicas específicas:

“Administração do Tempo – Lei da eficiência forçada”;

“Administração do Tempo com Neotriad: Como administrar seu tempo com base no método Tríade e com o uso do software de produtividade”;

“Dicas de Gestão do Tempo – Priorização com Matriz RAB e Matriz GUT”;

“Gestão do Tempo' com o Princípio 8020 Pareto”;

“O método DRD (descarregar, reunir e distribuir) te permite fazer mais em menos tempo e, como ter bônus, ter 24 horas por semana”;

“A Matriz de Eisenhower ou Matriz de Gestão do Tempo”;

“Entenda a área de tempo (cronograma) do pmbok (gerenciamento de projetos) em tempo recorde”;

“Lei de parkinson e gestão de tempo”;

3 – Fazendo uso de propostas mágicas, apelativas, de “conteúdo” ou efeito psicológico:

“Administração do Tempo – Pílula Mágica: Descomplicando o Planejamento”;

“Gestão do Tempo – Coaching para Alta Performance de Vida”;

“Minimalismo, Organização e Gestão do Tempo: Você está usando seu tempo nas coisas certas?”;

“Gestão do Tempo – Como extrair o seu melhor eu”;

“Administração do tempo e Programação Existencial”;

“Como obter o controle do seu tempo livre”;

“Gestão do tempo – assumindo o controle da sua vida”;

“Como definir sua zona de prioridades”;

“Dê Tempo ao Tempo Sem Perder Tempo”;

“Gestão do Tempo: O que te sabota?”;

4 – Romantizadas, associadas a temas religiosos, esotéricos ou pretensamente científicos:

“Um simples pescador dá aula sobre gestão de tempo: Conquiste Todos os Seus Sonhos e Objetivos”;

“Como usar o tempo com sabedoria”;

“Palavra de Vida e Fé: Administração do tempo com oração e sabedoria. Mudei de Vida”;

“Gestão do tempo na execução da proéxis”;

“Gestão do Tempo – 10 Dicas Para Uma Boa Noite De Sono”;

“Gestão do tempo – Uma curiosidade e os dois lados do cérebro”;

“Administração do Tempo – Abertura mental”;

“Como ganhar mais tempo ocupando mais tempo”;

Esta última é baseada em experimentos conduzidos por psicólogos da Universidade Wharton School, da Pensilvânia, Escola de Administração de Yale e também da Harvard Business School. Os estudos partiram da ideia de que pessoas que faziam voluntariado

reclamavam menos de falta de tempo e que, em determinada escala, eram tidos como os que “tinham mais tempo de sobra”. O pressuposto central era o de que pessoas mais generosas com seu tempo, inconscientemente, aprimoravam seu senso de organização e disciplina, de modo que sua percepção de disponibilidade de tempo fosse consideravelmente ampliada.

Outra curiosidade, aparentemente de viabilização mais concreta, foi a de um site específico, que noticia um “Banco do Tempo” em Portugal, que funciona como um sistema de troca de prestação de serviços. Cada serviço é pago com um “cheque do tempo”: cada hora de trabalho, prestada por um membro, equivale a uma hora de serviço qualquer que o usuário venha a precisar futuramente. Todas as horas possuem o mesmo valor, independentemente do serviço prestado.

O que se pode perceber por intermédio da amplitude deste fenômeno, conforme Torales (2012, p. 126) é que

O controle do tempo converteu-se em um dos grandes reguladores da existência humana e na contemporaneidade essa condição toma contornos cada vez mais nítidos, em especial no que se refere à organização do trabalho e ao convívio social. A conciliação entre as diversas temporalidades cotidianas se impõe, cada vez mais, como um desafio para a maioria das pessoas que necessitam cumprir suas funções familiares, pessoais e profissionais

De outra feita, considerando o volume de instruções contidas nos artigos, livros, cursos, palestras etc., que abordam o “gerenciamento do tempo”, poder-se-ia cogitar se o tempo “ocupado” em sua implementação (autocontrole, autovigilância, anotações entre outros) redundariam em “economia” ou “desperdício” de tempo, uma vez que elas próprias demandam ocupação extra de tempo. E mesmo considerando que praticamente todos os tutoriais asseguram ser possível prever e manejar imprevistos, parece inevitável não pensar no esforço hercúleo que se torna necessário fazer no intuito de “acondicionar” cada ocupação específica em um compartimento de tempo adequado, de modo tal que nenhuma delas seja desconsiderada e nem um minuto sequer fique “desocupado” – portanto, “perdido”.

As teses que postulam o “gerenciamento do tempo” como a salvação para a boa vida do homem, não abandonaram o espaço para o descanso, desde que previamente agendado e não por ser um valor em si. A pausa seria permitida como uma espécie de bonificação para os que conseguiram, nesta maratona, cumprir sua escala de “prioridades” (termo reiteradamente mencionado em tais programas e que representa um de seus maiores pilares). A concepção de

“tempo”, neste cenário, parece assemelhar-se à de um compartimento físico no qual as ocupações devam ser posicionadas por ordem de relevância e, a seguir, executadas na mesma ordem. À ocupação, portanto, o tempo deveria se curvar, posto que, nesta equação, ele só existiria em função dela. Acerca disto, Heidegger, analisando a experiência do tempo no horizonte moderno propõe-nos uma reflexão. Ele esclarece que o tempo é exterior às coisas (1992, p. 30,31): “Ele passa por cima das coisas, como a enxurrada por cima do cascalho; talvez nem sequer assim, porque, no movimento das águas, as pedras saem do lugar, esfregam-se umas nas outras e ficam polidas. Mas o fluxo do tempo deixa as coisas sem serem molestadas.” Defrontamo-nos aqui com a percepção de que as coisas não estão em relação de superioridade ao tempo; “algo” funcional a serviço da ocupação, como mero receptáculo para ela. Neste ponto específico, ainda que em contexto bem diverso e apartado do tema de nossa discussão; não há como deixar de lembrar certa passagem de Seminários de Zollikon (2009a, p. 84). Nela, um jovem explicita sua vivência de privação, dita esquizofrênica, que bem poderia ser uma metáfora para o modo cotidiano, igualmente esquizofrênico, de vivenciar a temporalidade: “A gente fica entregue à observação do relógio e perde o fio para consigo mesmo”.

Para a crítica heideggeriana, o tempo definitivamente não é “algo” funcional a serviço da ocupação. Quanto a isso, no contexto de nossa investigação e, em especial, sobre as técnicas de manejo e controle do tempo e seus impactos na vida humana, a iniciativa do Departamento de Defesa dos Estados Unidos descrita por Crary (2016) é bastante ilustrativa. Arriscamo-nos a pensar, de posse do conhecimento desta empreitada, que a ênfase na lucratividade chegou a patamares que, dentro do raciocínio da cotidianidade mediana, descartando visões fictícias e futuristas, poucos de nós poderíamos conceber que chegasse. Trata-se de um estudo que representa, de fato, um exemplo limite, e vem narrado na obra “24/7 Capitalismo Tardio e os Fins do Sono”, dos quais mencionamos alguns fragmentos:

[a] actividade cerebral do chamado pardal de coroa branca durante as suas migrações possui a extraordinária capacidade de permanecer acordado ao longo de sete dias consecutivos durante a migração, o que lhe permite voar e navegar durante a noite e procurar alimentos de dia, sem descansar. O Departamento de Estado Americano e as diversas universidades com as quais se associou neste inaudito empreendimento esperam poder obter conhecimentos aplicáveis aos seres humanos e descobrir como é que as pessoas podem ficar sem dormir e funcionar de modo produtivo e eficiente. Tendo em conta que a maior parte das necessidades da vida humana se transformou em mercadoria ou investimento convertíveis em valores de mercado, o sono constitui a grande e intolerável exceção a essa mercantilização e financeirização integral do tempo vivido: «O sono é um hiato incontornável no roubo de tempo a que o capitalismo nos submete [...] uma necessidade humana [...] um intervalo de tempo que não pode ser colonizado nem submetido a um mecanismo maciço de rentabilidade – e desse modo permanece uma anomalia incongruente e um foco de crise no presente

global. Apesar de todas as pesquisas científicas feitas nesta área, frustra e confunde qualquer estratégia para o explorar ou redefinir. A espantosa e inconcebível realidade é que nenhum valor pode ser extraído do sono. (pp. 10-11). [...] O objectivo declarado (e descarado) desta tentativa de controlo sobre o sono humano é a criação de um «soldado que não durma». As colossais quantidades de dinheiro que o complexo científico-militar americano tem vindo a aplicar em estudos sobre a privação do sono e em testes experimentais de técnicas de privação do sono e estimulação da vigília têm um fim claro: reduzir a necessidade de sono do corpo humano e criar assim o «soldado que não dorme» que, por sua vez, configuraria o «trabalhador sem sono» e o «consumidor insone» (pp. 1-3). Não sejamos ingénuos: a história mostra-nos frequentemente que as inovações científicas e tecnológicas relacionadas com a guerra são inevitavelmente assimiladas e incorporadas na esfera económica e social. A progressiva e sucessiva privação do sono nesses «sujeitos de interesse» que são os indivíduos enquanto «agentes económicos» é, por assim dizer, o sonho glorioso dos mercados que actuam em «regime 24/7».

O relato acima nos permite reafirmar, uma vez mais, a atualidade do pensamento heideggeriano, no tocante à preocupação com o destino do ser diante da ditadura da técnica. O perigo aumenta quando, tomados por ela, julgamo-la neutra, tornando-nos cegos diante de seus efeitos e fins a que se destinam. Os fins, aqui, dizem respeito diretamente ao consumo. Bauman (1999, p. 91) nos lembra que o projeto atual é o de que os “consumidores devam ser mantidos acordados e em alerta sempre”. Os efeitos, entre outros, são “o estado de excitação, perpétua suspeita e insatisfação incessantes”.

Em contraponto à visão matemática e instrumentalizada da medição do tempo, no cerne das tentativas de revisão dos pressupostos e bases metafísicos, Heidegger volta o curso do pensamento para a decisiva pergunta sobre o sentido do ser no horizonte transcendental do tempo. Tal preocupação já aparecia de forma embrionária muito antes de Ser e Tempo, conforme o próprio filósofo esclarece, nesta mesma obra, quando alude a uma aula dada por ele na Universidade de Friburgo em 1915, e que veio a se tornar um texto, impresso em 1916, ao qual deu o título de “O Conceito de Tempo na Ciência Histórica”. Naquele texto ele diz: “Enquanto se mede o tempo [...] na física [...] determinamos uma quantidade [...] fazemos na escala temporal em certo modo um corte, destruimos com isto o verdadeiro tempo em seu fluir e o paralisamos” (2013, p. 366). Dito de outro modo, se na metafísica a discussão sobre a questão do tempo encontra-se distanciada da análise da existência fática, e atrelada a alguma determinação previamente dada; na hermenêutica heideggeriana ela deve ser compreendida dentro da facticidade do ser-aí. Nela, a temporalidade surge como elemento fundamental da compreensão do horizonte do ser. Neste ponto, retomamos a ideia de Heidegger, quando diz:

Numa primeira aproximação e na maior parte das vezes, o ser-no-mundo compreende-se a partir daquilo de que se ocupa. O compreender impróprio projeta-se para o que é passível de ocupação e feitura, para o que é urgente e inevitável nos negócios dos afazeres cotidianos [...] primariamente, a presença não vem-a-si em seu poder-ser mais próprio e irremissível, mas é em se ocupando que a presença aguarda a si mesma, a partir do que lhe proporciona ou recusa aquilo de que se ocupa [...] E somente porque de fato a presença aguarda o seu poder-ser, a partir daquilo de que se ocupa, é que ela pode esperar e tecer expectativas. (2009b, p. 422- 423).

Observa-se, assim, que tal modo de existir, que se determina enquanto ocupação, faz parte da atitude cotidiana constitutiva do ser-aí. E a realização contemporânea desta, com vistas a fomentar a produção, de algum modo chancela o discurso que movimenta o marketing sobre o “gerenciamento e o controle do tempo”. Conforme Duarte (2010, p. 23), “a ciência e a técnica modernas somente se interessam pelos entes em sua possibilidade de cálculo, organização, planejamento e previsibilidade” – os mesmos alvos que o “gerenciamento do tempo” se propõe a atingir.

Sobre a relação entre o “bom uso” ou correto “gerenciamento” do tempo e a produtividade, podemos compreender, a partir do pensamento heideggeriano, que essa é também uma concepção alinhada com a atitude cotidiana, na qual todos estão imersos:

[...] a ocupação cotidiana compreende-se a partir do poder-ser que lhe vem ao encontro num possível *sucesso ou insucesso, relativo àquilo de que se ocupa*. O compreender impróprio projeta-se para o que é passível de ocupação e feitura, para o *que é urgente e inevitável nos negócios dos afazeres cotidianos* (2009b, p. 423, grifos nossos).

Com respeito a este modo de relação objetivante entre os entes, portanto, Heidegger reiteradamente enfatiza seu caráter “natural” e até mesmo a necessidade de sua ocorrência, se levada em consideração o fundamento pragmático que envolve nossa existência do ponto de vista ôntico. Ele trata disso, exemplarmente, nessa passagem, além de muitas outras: “Na temporalidade constitutiva do deixar e fazer em conjunto reside, de modo essencial, um *esquecer* específico. Para que, em estando “perdido no mundo instrumental”, se possa “realmente” pôr mãos à obra, o si-mesmo deve esquecer-se” (2009b, p. 442).

Por sua vez, a disposição afetiva da angústia, experienciada na vivência da temporalidade, e que diz de perto da insuportabilidade de “ver o tempo passar”, sem “fazer nada”, parece-nos ter sido abordada pelo filósofo de forma ainda mais radical do seguinte modo:

Especificamente, o com quê a angústia se angustia vem ao encontro não como algo determinado numa ocupação. A ameaça não provém do que está à mão e do que é simplesmente dado, mas, sobretudo e justamente, de que tudo que está á mão e é simplesmente dado já não “diz” absolutamente nada. Não estabelece mais nenhuma conjuntura com o ente do mundo circundante. O mundo, no contexto do qual eu existo, afundou na insignificância [...] o aguardar da ocupação não encontra mais nada a partir do qual possa compreender-se (2009b, p. 429).

Assim, se de certa feita angustia o homem ter perdido tempo por aquilo que julgou desnecessário ter sido feito, e ou pelo que se considerava importante ou prazeroso fazer e que não foi levado a efeito; por outro, o angustia igualmente o tempo presente e o porvir, pela possibilidade de cobrar-lhe seu usufruto: o que fazer no agora para não pressentir, no depois, que se viveu em vão. Quer esse homem, assim, respaldar-se, no presente, de um porvir sem dissabores – o que tenta obter com o uso de estratégias que lhe facultem o máximo de controle e garantias. É o que se percebe em chamadas de marketing tais as que mencionamos anteriormente, que prometem ensinar a controlar e “otimizar” o tempo para que ele não escoe.

Diante desse aparente paradoxo, que se nos afigura como um impasse, a questão perturbadora parece residir, primordialmente, conforme o pensamento heideggeriano, no descompasso entre o pensamento calculador e a reflexão, a premência da medida e do controle em detrimento do sentido. A pertinência da reapropriação do pensamento meditante é a de que ele tudo justapõe e observa, revelando, de cada modo de pensar, incluindo o calculante, seu caráter e especificidade próprios. O filósofo atenta, exatamente por isso, para a análise permanente das implicações da supremacia do pensamento calculador sobre o destino do ser, dos perigos do pensamento raso e desprovido de reflexividade que impera em nossos dias. Nestes, o tempo no qual o processo historial do ser se desenrola, não escapa da obrigatoriedade de ser conformado em um objeto que se deva planificar, programar, medir.

Paci (2017, p. 14-15, 46) em “¿Qué es metafísica?” referenda o quão crucial e urgente é o tema. Segundo ele, a Heidegger coube o mérito de insistir sobre o valor da temporalidade como fundamento estrutural da existência:

a temporalidade é o sentido ontológico de nossa inquietude. O tempo é o processo primordial com que o existir sai de si mesmo, é a expressão ontológica da angústia e o fundamento do existir que sai de si mesmo e existe nele. É nesta pura temporalidade onde a existência se realiza, onde se historiciza. E este tempo é o fundamento originário (*Ursprüngliche Zeit*).

A relação indissociável entre o sentido de todas as coisas e a temporalidade aparece em Casanova (2013, p. 12), que articula a experiência de crise no mundo contemporâneo ao fenômeno da vivência do tempo. Afirma ele que “se conseguíssemos suprimir por um único instante que fosse a presença temporal do mundo, nada mais apareceria e não seria mais possível falar nem mesmo sobre uma indiferença radical em relação a todas as coisas”. O fato de que o tempo, separado da temporalidade original do ser-aí é nada, indicaria que somos corresponsáveis por, a partir da nossa finitude, desvelarmos seu sentido. Corroborando tal assertiva, Alweiss (2002, p. 122) aponta que, ao realocar o sentido do tempo a partir da finitude e não da eternidade enquanto condição de possibilidade do ser-aí, Heidegger radicaliza a noção de liberdade e responsabilidade.

Sá (2003, p. 3), por sua vez, aponta que o esquecimento representa a

...contraparte inseparável da aceleração característica do projeto de exploração e controle que determinam o mundo contemporâneo” e que é preciso “buscar as raízes desse acontecer na própria dinâmica histórica de desvelamento e velamento de sentido à qual o ser do homem encontra-se apropriado.

Duarte, por sua vez, esclarece que esse esquecimento que afasta o homem do sentido mais próprio de seu ser, para Heidegger, não é “um acontecimento isolado e desprovido de implicações éticas e políticas para nossa existência cotidiana” (2010, p. 18). Creditamos a premência desta reflexão, portanto, ao conhecimento das implicações que a expropriação contínua e cotidiana do sentido da temporalidade pode vir a ocasionar, comprometendo e ou restringindo as possibilidades de uma existência mais livre e singular. Estamos todos, pois, de igual modo, em meio à dinâmica da constituição e preservação do sentido da existência humana, diante da imperiosa interrogação que se nos impõe fazer sobre o compromisso impreterível do homem consigo mesmo e com o outro. Enquanto atores sociais, isto se fará à medida que se atenta para as consequências psicológicas, políticas e éticas que as premissas subjacentes à proposta do “gerenciamento do tempo”, tais como se afiguram na Era da Técnica, reverberam.

Conforme a perspectiva heideggeriana (respaldada por diversos pensadores contemporâneos), vivemos em uma era na qual prevalece a visão tecnicista da vida. Tal perspectiva encontra-se alicerçada em um ideal cientificista que nos assegura que tudo pode ser conhecido a partir de uma lógica racionalista, respaldada, por sua vez, por pesquisas experimentais que desassociaam pesquisador e objeto. O “tudo” em questão parece abarcar até mesmo a temporalidade, à medida que tal cientificismo propõe pensar o tempo a partir dos

mesmos parâmetros de exatidão e controle utilizados como referência para tratar de qualquer outro produto ou objeto. Este modo de relação desvela o esquecimento do ser-aí com relação a seu próprio ser e a compreensão do quanto se está imerso em uma historicidade fluida, que confere sentido ao tempo enquanto espaço de criação e projeto existencial. Em detrimento de tal experiência, que privilegia a busca pelo sentido, o que parece vigorar é um modo de ser aprisionado à urgência de um permanente fazer automatizado e pré-determinado, que visa atender apenas a prescrições sedimentadas no cotidiano impessoal, ditado por agentes sociais reguladores e contingências técnicas de manejo e controle da realidade. Neste horizonte, o acesso a significados e valores mais próprios, originários e constituintes do ser-aí humano torna-se cada vez menos provável. Por derradeiro, o que se desvela à nossa frente, à medida que se toma como óbvio o cumprimento compulsório da prescrição de gerenciar o tempo, ditado pelo modo de vida moderno, é um cenário fértil para o adoecimento físico e psíquico, com impactos deletérios e desagregação social na comunidade como um todo.

A despeito das críticas aos procedimentos utilizados naturalmente pela ciência (entre outras; a de ocupar-se dos entes com base exclusivamente em sua funcionalidade, como seriam as metodologias propostas para o controle e subjugação do tempo, submetidas aos propósitos do domínio da técnica), Heidegger explicita frequentemente que a correlação entre a ciência e tais práticas é intrínseca, tendo em vista seus objetos e intuítos. Postula a legitimidade do que está posto pela cotidianidade mediana, incluindo aí o pensamento calculador, de extremado valor em seu contexto. O que o filósofo pretende não nos deixar olvidar é que este é apenas um modo possível de desvelamento histórico e que o perigo de tomá-lo como exclusivo e superior é assegurar-lhe um senhorio definitivo, do qual não se possa mais libertar-se – uma subserviência em que não haja diferença entre o ente e o ser.

Recordamo-nos, aqui, de uma breve e simples história que ilustra a desconexão entre modos de existência e modos de produção, sentido da experiência e medida, qualidade e cálculo: Beremiz, o homem que calculava (personagem das histórias de Malba Tahan), sai da Pérsia com destino a Bagdá. Lá chegando, toma o braço de seu companheiro de viagem e comunica-lhe:

viajamos juntos, até o presente momento, 8 dias exatamente. Durante esse tempo, para esclarecer dúvidas e indagar sobre coisas que me interessavam, pronunciei, precisamente, 414.720 palavras. Ora, como em 8 dias há 11.520 minutos, posso concluir que, durante a nossa jornada, pronunciei, em média, 36 palavras por minuto, isto é, 2.160 por hora. Esses números mostram que falei pouco, fui discreto e não tomei o teu tempo fazendo-te ouvir discursos estéreis. (Tahan, 1995, p. 25)

Com ênfase e interesses bastante diversos do homem que tudo calcula e que reduz o sentido de toda e qualquer experiência àquilo que se pode contar, e em percurso distinto do percorrido até então, Heidegger direciona o curso de seu pensamento para a decisiva pergunta sobre o sentido do ser no horizonte transcendental do tempo e insiste sobre o valor da temporalidade como fundamento estrutural da existência. No entanto, a dificuldade em lidar com este existencial, não obstante, fomenta o marketing sobre como gerir o invariável e o incontrolável, a expensas de uma resiliência sobre-humana, aparentemente cega aos elementos factuais e inexoráveis da existência.

Por conseguinte, alerta-nos para o quadro em que, atendendo aos ditames da cotidianidade, colocamo-nos em reiterada posição de fuga tanto de nós mesmos quanto do outro, ocupados por demais em competir pelos melhores pódios, com a maior quantidade de realizações no menor tempo possível. De tal modo, restringem-se nossas possibilidades de relação com a temporalidade como fundamento estrutural da existência e com o outro, na mesma jornada. Preservar na lembrança os efeitos dessa conjuntura tecnicista, no entanto, já se configura como um possível disparador para novas reflexões e quiçá, como a aurora para modos mais livres de existência.

Muito breve e agitada é a vida daqueles que esquecem o passado, negligenciam o presente e temem o futuro. Quando chegam ao fim, os coitados entendem, muito tarde, que estiveram ocupados fazendo nada.

Sêneca, Sobre a Brevidade da Vida

12. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos nosso percurso falando sobre a dificuldade de abordar o tema proposto. O tempo é um existencial cujo estudo, além de imprescindível, universal e denunciador de nossa condição humana, é matéria que propicia vertentes caleidoscópicas e inesgotáveis de análise. Posta a questão, viemos então, juntamente com o leitor, caminhando por dentro de algumas das principais perspectivas que se desvelaram para nós acerca do fenômeno do tempo desde as narrativas míticas, passando pela filosofia, pela religião cristã, pela física e pela história, observando alguns de seus contornos, até chegarmos ao pensamento heideggeriano acerca do tema. Embora construídas e ou determinadas por linhas específicas de interesse e visões próprias de mundo, todas aquelas possibilidades de desvelamento da verdade no estudo do tempo se deram de modo bastante aprofundado, complexo e cuidadoso. Nelas havia um grande cuidado na tematização do existencial tempo, sempre pensado em estreita correlação com variados aspectos da vida humana.

De tal feita, vimos que na mitologia não há um tempo único e uniforme, uma duração homogênea e infinita, mas tempos múltiplos e qualificados distintamente. Na filosofia ressaltam-se os questionamentos sobre a possibilidade de medir o tempo utilizando um número, uma vez que este é tido por infinito, propriedade e vida da alma e não um simples movimento ôntico. Aqui, o tempo é condição de possibilidade do próprio existir humano e permanece uma incógnita. No universo sagrado da cristandade, a concepção de tempo adquire um sentido mais qualificador e inaugura uma nova dinâmica, que prima pela escolha de como viver a experiência religiosa de modo autêntico, mantendo sempre em mente a condição oportuna que o tempo sustenta para um encontro com a transcendência. Encontro este, primordial para conferir significado à vida do homem.

A extrema argúcia e sutileza de todas aquelas construções buscavam sempre explicitar os meandros e significados da conjunção entre temporalidade e existência; ainda que, em determinadas cátedras e períodos históricos, o sentido desta relação não estivesse atrelada a uma reflexão propriamente ontológico-existencial, mas a uma positividade marcada preponderantemente pelo fazer/produzir. Esta última surge com maior vigor, como vimos, quando se tratou da associação entre tempo e trabalho na história dos homens, ou ainda; quando a temática voltava-se em primeiro plano para a descrição dos aspectos físico-naturais e sua influência direta ou indireta sobre a vida humana em seus aspectos ônticos, como na física.

Já agora, na Era da Técnica, a compreensão naturalizada do tempo é a que se impõe, desprezando, na maior parte das vezes, toda e qualquer reflexão sobre o existir do ser-aí no

tempo. O conceito de tempo como pura extensão e quantificabilidade passa a vigorar na atualidade: medido por instrumentos e parâmetros alheios à temporalidade mesma, tem de ser preenchido com ocupações sem sentido e “sem alma”, com a finalidade precípua de controlar o homem para fins econômicos.

É importante sublinhar que, na vida cotidiana e no senso comum, todas aquelas concepções e experiências permanecem coexistindo, seja no domínio prático, ôntico; seja no terreno simbólico, e dela fazemos uso em maior ou menor grau, em diferentes circunstâncias e contextos. De um modo ou de outro, elas até mesmo se impõem como resistência a todo tipo de gerenciamento prescritivo ou normativo, seja no transcurso da indolência ou das pequenas fugas, entre outros; e buscam preservar a liberdade, ainda que a última – a que ninguém pode tirar – “para provar que apesar de totalmente submissos ao tempo imposto, somos livres [...] uma liberdade extrema: liberdade para morrer”, conforme considerações da Dra. Cristina Rauter (2018), quando da leitura deste material, à época da qualificação.

Ao lado de todas as distintas, mas significativas concepções no estudo do tempo, conforme vimos, deparamo-nos com outra, revestida de um caráter inusitado, que parte, no entanto, da concepção naturalizada do tempo como ente manipulável: o alardeado fenômeno atual que apregoa a possibilidade de se gerir o tempo. Para tentar compreendê-lo, recorreremos a Heidegger, o pensador que maior incursão fez no tema, propondo-se a fazê-lo de uma forma totalmente nova, relegando a segundo plano toda e qualquer tematização exterior, conceitos e análises subjetivas ou naturalizadas sobre ele, atendo-se pura e fenomenologicamente ao tempo mesmo. Para o filósofo, a temporalidade é fundamental na análise do ser, uma vez que qualquer tentativa de compreensão da existência humana depende da temporalidade e da inexorabilidade que torna finito o percurso de cada um.

Tomando como ponto de partida o fato de que também a visão do tempo como ente a serviço da produção e do controle do indivíduo é um modo possível de desvelamento desta realidade, as reflexões de Heidegger sobre a Era da Técnica nos possibilitaram situar o dito “gerenciamento do tempo” dentro deste escopo, conforme discutimos em capítulo específico. É o filósofo quem alerta, em *Introdução à Metafísica* (1987), para a perda das raízes do homem moderno no tocante à supressão paulatina da capacidade de reflexão, do controle dos entes por intermédio da técnica e do esquecimento do ser, condições que levariam o homem a distanciar-se de uma relação mais originária com o sentido de ser, estando ele perdido no mundo da ocupação e do falatório inautêntico. De tal feita, em nossa investigação específica, podemos considerar, pois, que as técnicas e os pressupostos que embasam os programas de

“gerenciamento do tempo” desconsideram o caráter originário do tempo e distanciam o homem do sentido de sua existência no tempo, podendo, aqui também, serem tomadas como condição de possibilidade de esquecimento de si mesmo.

Os programas em questão invadiram, entre outros, a mídia e a literatura e, tal qual o descrevemos ao longo do texto, podem ser pensados como um dispositivo técnico dentro desta tentativa de desvelamento da verdade no contemporâneo. Na busca por gerir o tempo, este é tomado como um ente qualquer, passível de mensuração e controle, desconsiderando-se a facticidade que é própria da condição humana e na qual a relação entre o ser-aí e a temporalidade está imiscuída. Resumidamente, elencamos algumas características gerais das propostas de “gerenciamento do tempo”:

– Apresentam uma metodologia orientada por critérios matemáticos (portanto muito mais próxima a uma concepção naturalizada do tempo, conforme percebemos na descrição que dele faz a física e que confere a ele o caráter de ente manipulável a serviço da mera produtividade);

– Veiculam-se por intermédio de uma linguagem muito específica e própria, que se assemelha a um falatório (encontrando-se em dissonância com o real desejo dos que a ele se submetem, muito mais por vontade alheia e por motivos de sobrevivência). Faz uso de jargões estilísticos, com uma roupagem científica e metódica que se torna ainda mais abalizada pelo atestado de capacitação adquirido por seus mentores, em instituições de excelente reputação.

– Os objetivos também se prestam aos fins a que se destina a técnica: valer-se do homem e do tempo como objetos desprovidos de sentido próprio, dispostos tão somente à manipulação e quase sempre a serviço da produção capitalista. Uma vez alcançados, o homem torna-se escravo de si mesmo, de suas próprias criações e, ao conceber que as faz para viver melhor, traça dia a dia seu embotamento pessoal, seu adoecimento e distanciamento daquilo que se configura como sendo o mais próprio de sua essência humana;

– Os propósitos e depoimentos dos que procuram, por motivos diversos, os cursos de “gerenciamento do tempo”, tornam explícito que, em busca de melhorar sua própria qualidade de vida, ao final, encontram um peso extra a carregar; mais uma ocupação que funciona ao modo da tentativa de cerceamento da criatividade, do livre deslocamento dos corpos, de momentos de ócio e liberdade, da culpa pela impossibilidade de cumprir todas as metas, realizar todas as atividades, estar presente em todos os lugares; fazendo-os perceberem-se como fracassados, confusos e impotentes.

De tal feita, se durante boa parte do debate feito acerca da temporalidade ao longo da história, apregoava-se a impossibilidade de compartimentar e despedaçar o tempo, posto que sequer se podia defini-lo (a exemplo do pensamento de Agostinho, cuja compreensão foi referendada até mesmo por físicos renomados, citados por nós); temos, com a “teoria” subjacente ao “gerenciamento do tempo”, na Era da Técnica, a visão de tempos “recortáveis”, distintos; a exemplo do tempo “imposto” e o tempo “discricionário”, conforme o primeiro curso analisado. Tal divisão beira a ingenuidade, posto que o que distingue ou localiza no espaço tais recortes não é sequer o estabelecimento de horários cronometrados e pré-definidos, mas certo número de atividades específicas em cada “bloco”: no primeiro, ocupações referendadas basicamente ao quesito trabalho remunerado/ formal ou mesmo autônomo; no segundo, aquelas nas quais o indivíduo cuida de si mesmo e dos interesses que lhe conferem prazer, à sua livre escolha.

O que se estaria a ensinar ou “insinuar”, de tal feita, é que o trabalho é uma atividade penosa, que só se pode suportar a custo de muita resignação e autocontrole, com vistas à satisfação pessoal que se poderá alcançar a posteriori, em “outro tempo” (a promessa de um paraíso praticamente impossível de alcançar, por mais que se tente). Para dar contornos ainda mais salientes a tal incongruência, por outro lado, apesar de tão desejado, seria o “tempo discricionário” um “tempo menor/inferior”, do qual quem dele faz uso o faz até mesmo com certo constrangimento, já que se evidencia como ocioso e improdutivo, na pior concepção. E quem, de algum modo, consegue desfrutá-lo, nunca deixa de ter em mente que não se poderá demorar por demais aí, pois para merecê-lo um pouco mais e em outra oportunidade, deve de novo devotar-se ao tempo “imposto”, em uma circularidade infundável. Cogitar, por exemplo, que o próprio trabalho possa ser experimentado como algo prazeroso e satisfatório, cabendo perfeitamente, portanto, em um “tempo discricionário”, é um nó na teoria digno de ser desatado em outro estudo.

O que por ora se vê é uma hipervalorização de determinados afazeres técnicos, lucrativos, socialmente valorizados e tidos como inadiáveis, dos quais o indivíduo deve se ocupar prioritariamente, colocando em segundo plano até mesmo incumbências necessárias para sua sobrevivência, como o sono e a alimentação. Isso sem mencionar o relacionamento social e afetivo, assim como a solidariedades entre os pares, que também deve ser evitada, caso ameace o autogerenciamento do sujeito na consecução das metas previstas no “tempo imposto”. Sob a égide de tais prescrições, caso o adoecimento alcance este indivíduo, o único culpado será ele mesmo, uma vez que a incongruência do esquema não lhe servirá de álibi. Não

conseguir conciliar o inconciliável e tornar-se um frustrado infeliz é um peso que deverá carregar solitariamente. No teatro do “gerenciamento do tempo”, atuam somente os bens sucedidos que superaram a si mesmos – ao menos, em sua alardeada propaganda.

Conforme Rauter (2018), após sua cuidadosa leitura desta tese, o que se observa é que, ao que tudo sugere, “para viver no mundo atual, são necessárias virtudes sobre-humanas e não mais apenas humanas”. Em face dos conselhos do professor MB (do primeiro curso por nós analisado) de que se deveria fazer o que se tem vontade, ainda que sob risco de morte e rememorando a automação do fordismo, diz Rauter que “se antes o trabalhador não tinha liberdade de movimentos, ao atual trabalhador só parece restar a liberdade de se jogar no abismo, se conseguir superar o medo. Para ela, torna-se claro que muito provavelmente os mestres do “gerenciamento do tempo” tentam encobrir o que de fato já sabem – que é preciso encontrar sentido no que se faz e isso diz de perto da dimensão da temporalidade, que está imiscuída no sentido da existência e que “nenhuma exterioridade, nenhuma técnica, nenhuma novidade parece existir nesse caminhar secular humano em seu confronto com a morte e com o que pode conferir sentido à sua existência” (RAUTER, 2018).

De tal feita, a visão de mundo e o modo de desvelamento da verdade próprios da Era da Técnica nos permitem incluir, entre seus acontecimentos, também a relação do homem com o tempo na atualidade, representado pelo celebrado “gerenciamento do tempo”. Nele, abandona-se ou relega-se ao esquecimento, tudo que não contenha em si o germe da funcionalidade e da produção. Parece haver aí, um imenso descompasso entre o cálculo e a reflexão; a premência da medida e do controle de prioridades sobre a vivência e o sentido. A quantificação (seja do tempo monitorado, seja do volume de atividades realizadas ou objetos fabricados nele) denotam a compulsão própria do modo de ser atual que, para vigorar, precisa manter padrões de aceleração cada vez maiores. Neste paradigma, a racionalidade operatória dispensa qualquer pensamento meditante sobre seu fundamento, posto que até o pensamento precisa ser acelerado, convergente com os padrões da lógica de produção e consumo incessantes. Alheio a refletir sobre o sentido deste movimento, o homem parece ignorar a própria morte, tende à retração e ao esquecimento, tão ocupado permanece em corresponder a este modo existencial imposto como o mais adequado.

É, talvez, na tentativa desesperada do homem de adequar-se, que reside a atitude distraída dos próprios feitos, desenraizada de qualquer fundamento. Ao mesmo tempo em que estar no rebanho do impessoal (o todo mundo que não é ninguém, de fato) e em meio ao seu falatório peculiar, lhe conferem determinada sensação de reconhecimento, pertencimento e

acolhida, o priva de experienciar modos mais próprios de ser e de expressar sua singularidade na relação com a temporalidade. Por tender ao concreto, ao simplesmente dado, torna-se esquecido de si mesmo na sedimentação da rotina e dos fatos. E é natural que assim seja, já que a constituição da experiência pessoal é radicalmente relacional: somos-no-mundo-com-o-outro. Isto talvez nos faça compreender, em parte, a subserviência ao discurso do “gerenciamento do tempo” e a busca incessante de adaptação aos seus comandos.

Os programas, livros, cursos, entre outros, que promovem o “gerenciamento ou administração do tempo”, tratam do fenômeno de modo invariavelmente superficializado. Quase sempre se assentam em pressupostos incongruentes e generalizantes, que desconsideram subjetividades e especificidades, visando sempre o monitoramento das ações na ânsia por resultados imediatistas. As técnicas não são muito distintas daquelas que boa parte dos indivíduos habitualmente já praticam quando precisam cumprir certo número de atividades em certo espaço de tempo. Elas seduzem, no entanto, o público, mediante uma retórica nova, mirabolante; um falatório motivacional que faz promessas irrealizáveis e, por vezes, inescrupulosas, uma vez que intenta garantir, ao interessado, felicidade e realização quando adquirir controle ao invés de se deixar controlar – quando, de fato, é o contrário o que acaba por acontecer efetivamente na prática. Na maioria das vezes, o modo de atuação proposto é automatizado e previamente agendado, de modo a cristalizar o mundo para o sujeito. Em decorrência, mobilizam-se sentimentos de culpa, fracasso e infelicidade frente a imposições mandatórias que alienam o sujeito do que lhe é mais próprio, tornando-se praticamente impossíveis de serem postas em prática.

O sucesso e visibilidade de tais propostas representam a glorificação do instrumentalismo e funcionalismo do pensamento calculador, pouco reflexivo, meramente operacional, tomado como superior e absoluto, conforme vimos quando tratamos da concepção naturalizada de tempo na física. O processo de criação e de livre circulação do indivíduo que enseja, por vezes, a presença de um ócio germinador (enquanto possibilidade de descerramento de sentidos, apropriação de si mesmo e contemplação diante do mistério) figura como modo de existência inútil e improdutivo, que deve ser alijado do movimento moderno de aceleração da vida. Nesse tempo, em meio a um modo de habitar mais sereno e mais autêntico para o ser-aí; o pensamento meditante e a busca por aquilo que é mais originário e singular da condição humana ameaçam a necessária uniformização dos corpos, das ideias, opiniões e comportamentos, que se precisa instituir para manutenção de uma lógica globalizada, funcionalista e gregária de produção/consumo, giratoriamente infinita. E se, na presente Era da

Técnica, não há que se indagar sobre os sentidos originários da existência, muito menos refletir sobre eles; resta-nos, então, a ocupação pela ocupação, como um fim em si mesmo.

Nesse contexto, a temporalidade da qual trata o “gerenciamento do tempo” evidencia-se inautêntica, não experienciada de modo próprio, mas determinada por imposições externas, em conformidade com padrões da Era da Técnica em que tudo precisa estar a serviço da utilidade, disponível para uso, manipulação, controle, cálculo, medida, produtividade; sempre a serviço do poder econômico e, por vezes, até mesmo sem outro motivo que não simplesmente uma determinação mecanicista do fazer por fazer, automatizado, ao qual não se consegue atrelar nenhum sentido.

Tais considerações estão alinhadas com o âmago da crítica feita por Heidegger à Era da Técnica, em meio à qual a experiência do ser com o mundo se dá de forma predominantemente utilitarista e irrefletida. Esse modo de relacionar-se guarda estreita relação, segundo Heidegger, com o esquecimento do ser que se dá cada vez que se considera e se trabalha só o ente e que, por sua vez, é próprio da essência da técnica.

Frente aos verbos comumente utilizados no contexto: gerenciar, administrar, otimizar o “tempo que urge”, nos perguntamos se não seria a busca por um sentido (que a aceleração produzida pela Era da Técnica fez perder), que urge, de fato. Tais verbos expressam modos de existir compatíveis com a onda moderna de automatização de pensamentos, ações, movimentos. O que antes com nostalgia se recordava ou com expectativa se aguardava para ser depois fruído prazerosamente, agora é preciso remir, contar, refrear ou expandir através de técnicas de administração matemáticas, treinamentos psicológicos e motivacionais. Permanece-se à espreita do quanto se produz em uma quantidade específica do tempo-medida, negligenciando-se o experienciar do vivido. O prazer, aquele reservado ao “tempo discricionário”, ele também parece depender, residir e se dar por encontrado, exclusivamente na percepção de si enquanto partícipe desse acontecimento autorregulador e autoinstaurado que o pensamento calculador nos tem ditado como norma. Em meio a este cenário, o tempo é tido como mais um objeto de consumo, a exemplo de qualquer outro e desconsiderado em sua dimensão estruturadora da existência.

Na contradição entre o tempo que age como um inimigo (portanto, deve-se “matá-lo”) e/ou um aliado (e, como tal, deve ser bem utilizado para que não se perca); ocupar o tempo termina por servir de apoio para o esquecimento da queda angustiante que conduz à morte. Sem a organização do tempo, viveríamos em um Caos – o primeiro deus da mitologia grega. E não podemos mais dar ouvidos aos deuses, na Era da Técnica. O tempo agora se transformou em

mercadoria, em investimento conversível em valores de mercado. Não podemos ser ingênuos, no entanto. Conforme Heidegger mesmo disse,

Seria insensato investir às cegas contra o mundo técnico. Seria ter vistas curtas querer condenar o mundo técnico como uma obra do diabo. Estamos dependentes dos objetos técnicos que até nos desafiam a um sempre crescente aperfeiçoamento. Contudo, sem nos darmos conta, estamos de tal modo apegados aos objetos técnicos que nos tornamos seus escravos (1959, p. 23).

Tal citação por si só resume a essência da realidade que nos cerca. Novamente precisamos afirmar que não é, definitivamente, a utilização de um ou outro recurso que permita ao sujeito comum organizar-se melhor em seu contexto diário, um problema sobre o qual devêssemos nos debruçar ou com o qual deveríamos nos preocupar. O fato é que, havendo, pois, o homem, em meio às ocupações da cotidianidade mediana, perdido a curiosidade sobre o sentido mais originário da temporalidade, as novas formas de se conceber e relacionar-se com ela, encontram-se entre as mais pungentes e fundamentais mudanças com as quais se depara o homem na atualidade.

Heidegger propõe uma desconstrução da forma tradicional, determinista, naturalizada e simplesmente dada de perceber os fenômenos. Transpõe o sujeito cartesiano reduzido à esfera da razão (em nosso contexto, poderíamos relacioná-lo àquele que acolhe a ideia da utilização do tempo enquanto ente) para o ser-aí que se constitui de um espaço vazio por onde circulam as possibilidades que o constituem mais fundamentalmente e às quais ele pode corresponder ou não, de modo mais ou menos autêntico, conforme se lance ou não à busca para se tornar mais propriamente si mesmo. Temos razões para pensar – os desabafos angustiados, a solidão, a sensação de fracasso e menos-valia, a inquietação e o adoecimento observados nos depoimentos de praticamente todos que realizam ou pretendem realizar tais cursos – que é ao modo desta livre correspondência que anseiam viver os que, frustrados e exaustos do esforço de tentar adequar-se aos ditames do “gerenciamento do tempo”, não encontram sentido e validação de suas próprias escolhas.

Os pressupostos metodológicos que sustentam o “gerenciamento do tempo” baseiam-se na regularidade, precisão, objetividade, controle de variáveis (estabelecimento de prioridades, controle matemático e cronológico do tempo, supressão de atividades consideradas não urgentes como a própria alimentação, foco na tarefa em detrimento das relações), eliminando qualquer subjetividade. Contradições, vivências, escolhas, decisões, sentimentos, atribuição de

sentidos, tudo é eliminado em prol de uma síntese, uma regularidade estatística que garanta uma uniformidade aceitável e tomada como padrão adequado para ser imposto.

A perspectiva fenomenológica não é tão simplificadora. Ela não concebe a temporalidade como objeto de estudo a exemplo de um ente como outro qualquer, mas um fenômeno complexo, que leva em conta o modo de ser do homem, a facticidade na qual está imerso, seus desejos, suas contradições e limites. Diante da subjetividade negada pelo método experimental, a fenomenologia busca explicitar o conhecimento do homem a partir da diferença ontológica entre um ente qualquer e o ser deste homem, considerado meramente objeto pela ciência natural. Se nesta, o tempo é tido como ente manipulável, para a perspectiva fenomenológica heideggeriana, homem e mundo não podem ser isolados e independentes, pois a consciência do homem não existe sem objeto, ou seja, toda consciência é consciência de algo, portanto, intencional, sendo Ser e Tempo uma unidade. De tal feita, o homem só pode compreender a si próprio sendo no mundo, ao criar e sendo criado por ele no tempo.

No “gerenciamento do tempo” tão pouco existe espaço para a criação, como pudemos ver nas diversas situações narradas. Toda e qualquer atividade é posta a serviço do poder econômico e da produção. Tanto os trabalhadores como pessoas fora do mercado buscam tais prescrições e técnicas, seja por determinação de seus superiores hierárquicos, seja por autoimposição para garantir sua vaga no mercado ou evadir-se da sensação de estarem perdendo algo que é compartilhado pelos auto proclamados vencedores na vida. Não parecem, no entanto, serem escolhas próprias ou autênticas, tendo em vista que, ao tentarem se adequar às diretrizes do “gerenciamento do tempo”, afastam-se de seus reais desejos; angustiam-se, adoecem, precisam se medicar para suportar a pressão, etc. Tais conseqüências são silenciadas, pois colocam o esquema em risco.

A novidade que vem surgindo, a reboque, parece ser o gerenciamento da energia pessoal, para que o “ente” homem possa ter ainda mais disposição para continuar produzindo. Dentro desse quadro, já não causa tanto assombro que já haja pesquisas como a que mencionamos anteriormente, em que a ciência busca tornar o corpo do homem ainda mais resistente e superior às suas necessidades, até então tidas como indispensáveis, como o sono.

Como bem disse Oliveira (2016, p. 219), “o tempo, neste tempo presente, também parece cada vez mais opressor, porque se foi progressivamente abdicando de todas as noções de transcendência da vida, que interrompe, inexoravelmente, a corrida do tempo”. Esta corrida representa, quem sabe, de acordo com o pensamento heideggeriano, conforme Borges-Duarte

(2008, p. 266), “a tentativa de enganar a angústia que mascara a suspeita de finitude e que representa a decaída na inautenticidade ôntica e o esquecimento do que mais importa”.

E é essa a suspeita que também levantamos ao considerar que o “gerenciamento do tempo”, enquanto propõe o controle matemático e “físico” dele, com vistas a propiciar o incremento do maior número possível de ocupações na rotina do indivíduo, pode, assim, funcionar também como recurso para torná-lo impermeável à angústia. Ao manter-se cada vez mais ocupado, esquece-se de sua impossibilidade de gerir o tempo e evadir-se da morte, mantendo a sensação de vigor do presente sempre em pauta.

O tempo na Era da Técnica certamente não é o mesmo descrito pela narrativa mítica, pelo pensamento filosófico, pela religiosidade cristã. Trata-se de uma “estrutura” objetivada e objetivante, sequenciada, de instantes isomorfos, quantificada por intermédio de máquinas e instrumentos de medição. Neste esquema, torna-se impossível pensar no sentido mais originário do tempo, quando o que resta dele é tão somente sua natureza cronométrica, estipulada por equipamentos. É o que se faz perceber quando Borges-Duarte (2002, p. 372), ao discorrer sobre a experiência patológica do tempo diz:

A vivência banal das horas e do ocupá-las no trabalho ou em actividades de lazer ou "tempo livre" não constitui, pois, uma “experiência” no sentido mais autêntico, pois não deixa aparecer o tempo na sua fenomenologia... a menos que um agudo sentimento da sua evidência *isole e corte* essa “vivência banal. É por isso que só em situações singulares, quase sempre dolorosas, marcadas por uma especial acuidade perceptiva [...], aparece com nitidez e sobressalto o sempre repentino encontrar-se com o tempo, isto é, com a forma de ser que nós somos, e o sempre longo sofrê-lo.

Ao impor a mensurabilidade, destrói-se o fluir e o sentido próprio da temporalidade. As técnicas disponíveis para tal se prestam tão somente a emoldurar um conjunto delimitado de ocupações no espaço e ao longo de uma mera sucessão de agoras, em total desconsideração pelo fato de que o ser-aí é afetado permanentemente por todas as contingências que permeiam sua existência, incluindo aí, sua relação mais ou menos autêntica, mais ou menos livre com seu próprio tempo.

No filme “Quanto Tempo o Tempo Tem”, Max More e Raymond Kurzweil, cientistas, dizem que a ideia de estender o tempo de vida humana é agora bem possível: reprogramando a biologia e mudando o DNA, alterando nossos genes, reprogramando o corpo a exemplo de um software desatualizado, desenvolvendo órgãos ou com células- tronco, ou em impressoras 3D, que substituem os humanos. Estes e outros procedimentos próximos de se tornarem uma

realidade afetarão dramaticamente a longevidade humana, a ponto da extensão de vida biológica não ter limites previsíveis. É certo que com os desafios diante deste novo tempo, novas técnicas serão desenvolvidas no intuito de lidar com ele ou “gerenciá-lo”. Nenhuma técnica, no entanto, nos poupará de, em algum momento, enquanto nos restar humanidade, confrontar-nos com a pergunta por seu sentido.

Por fim, sabemos que muito ainda poderia ser dito, pois o tema é inesgotável. No entanto, acreditamos que, em relação ao nosso problema específico, dissemos o que para nós foi considerado importante e, por ora, possível de ser dito. Alongar-nos só nos tornaria repetitivos desnecessariamente. Escrever este texto revelou-se tarefa simultaneamente árdua e provocadora, por um lado, pela própria dificuldade enquanto tema de pesquisa; por outro, por despertar em nós disposições afetivas variadas. Entre elas, a inquietação que nos leva a interrogar-nos a nós mesmos sobre o que estamos a fazer de nosso tempo.

Domenico di Masi fecha o filme “Quanto Tempo o Tempo Tem” dizendo:

Se você continuar a viver o tempo como o vivia antes, este filme é inútil para você e para todos. É um roubo. Por quê? Porque é inútil perder tempo trocando ideias se esta troca de ideias não muda a nossa existência. O tempo é precioso. O tempo é precioso porque é cheio de possibilidades. Se, depois de passar o tempo, eu vivo como vivia antes, significa que não aproveitei as possibilidades. Portanto, todos nós devemos vivenciar esta ocasião como uma meditação sobre o tempo que deve servir para mudar o modelo de vida do seu tempo. Se ao final do filme, vocês continuarem a viver como viviam antes, terão roubado meu tempo, o tempo de vocês e dinheiro do Estado.

Quanto a nós, esperamos que a leitura destas reflexões tenha acrescentando algo a quem as lê e que também não tenhamos sido nós a lhes ter roubado tempo.

Não duvido ser verdade o que disse, como se fosse um oráculo, o maior dos poetas: Pequena é a parte da vida que vivemos. Pois todo o restante não é vida, mas somente tempo.

Sêneca

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Disponível em: <<http://www.monergismo.com/santo-agostinho/confissoes/>>. Acesso em: 03 mar. 2015.
- ALVES, Pedro M. S. **Tempo objectivo e experiência do tempo**: a fenomenologia husserliana do tempo perante a relatividade restrita de A. Einstein. Lisboa: Phainomenon, 2007. n. 14, p. 115-142. Disponível em: <<https://phainomenon-journal.pt/index.php/phainomenon/article/view/133>>. Acesso em: 02 jan. 2018.
- ALLIEZ, Eric. **Tempos capitais**: relatos da conquista do tempo. São Paulo: Siciliano, 1991.
- ALWEISS, Lilian. Heidegger and “the concept of time”. In: **History of the human sciences**. v. 15, n. 3, p. 117-132.; London: Sage Publications, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- _____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BORGES-DUARTE, Irene. A experiência patológica do tempo: para uma fenomenologia da forma temporal. In: **A fenomenologia hoje**. Lisboa: Phainomenon, 2002. p. 365-381.
- _____. **A experiência do tempo nos Zollikoner seminare de Heidegger**. Lisboa: Phainomenon, 2008. n. 16-17, p. 261-276.
- CASANOVA, Marco Antônio. **Eternidade frágil**: ensaio de temporalidade na arte. Rio de Janeiro: Via Verita, 2013.
- CRARY, J. **24/7**: capitalismo tardio e os fins do sono. São Paulo: Ubu, 2016.
- DAHMEN, Sílvio. **A física na cultura**: a teoria da relatividade e o tempo. UFRGS TV. 2012. Disponível em: <<http://videos.ufrgs.br/ufrgstv/simplifisica/a-teoria-da-relatividade-e-o-tempo-de-stonehenge-a-einstein-ttttt>>. Acesso em: 03 fev. 2017.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DASTUR, Françoise. **Heidegger e a questão do tempo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- DUARTE, André. **Vidas em risco**: crítica do presente em Heidegger, Arendt e Foucault. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- EINSTEIN, Albert. **Como vejo o mundo**. Tradução: H. P. Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

GUITTON, Jean. **Deus e a ciência**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

GUTIÉRREZ, Jorge Luis. **Dossiê: narrativas sagradas e linguagens religiosas**. PUC Minas. Belo Horizonte, v. 14, n. 42, p. 473-496, abr./jun. 2016.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

HAWKING, S. **Uma breve história do tempo: do big bang aos buracos negros**. São Paulo: Círculo do Livro, 1988.

HEIDEGGER, Martin. **Serenidade**. Lisboa: Instituto Piaget, 1959.

_____. **Introdução à metafísica**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.

_____. **Que é uma coisa?** São Paulo: Ed. 70, 1992.

_____. **O conceito de tempo**. Lisboa: Fim de Século, 2003 a.

_____. **Os conceitos fundamentais da Metafísica: mundo, finitude, solidão**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003b.

_____. A questão da técnica. In: **Scientiae Studia**. v.5, n.3, p 375-398. São Paulo, 2007.

_____. **Seminários de Zollikon**. Petrópolis: Vozes, 2009a.

_____. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2009b.

_____. O que quer dizer pensar? In: **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. **El concepto de tiempo en la ciencia histórica**. Zeitschrift fur Philosophie Kritik. Leipzig, 1916. Disponível em: <http://www.heideggeriana.com.ar/textos/concepto_tiempo_historico.htm>. Acesso em: 10 nov. 2013.

HUSSERL, Edmund. **Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2017.

JAPIASSÚ, Marcondes. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. Disponível em: <http://raycydio.yolasite.com/resources/dicionario_de_filosofia_japiassu.pdf>. Acesso em: ago. 2017.

KIRCHNER, Renato. Tese de doutorado: **A temporalidade da presença: a elaboração heideggeriana do conceito de tempo**. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2007. 250 p.

LAZZARATO, Maurizio. **As revoluções do capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: UNICAMP, 1990.

LIPOVETSKY, Gilles. **Tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MACEDO, Costa. **Do sagrado em Plotino e Santo Agostinho**. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, *Mediaevalia: textos e estudos*, n.º 2, p. 35-67. 1992. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/20090>>. Acesso em: maio 2016.

NORONHA, Olinda Maria. **Quanto tempo o tempo tem**. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 24, n. 85, p. 1415-1418. 2003. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

OLIVEIRA, A. P. Dias; ARAÚJO, Renata Malcher. Tempo e modernidade, espaço e os paradoxos de Zenão. In: **Revista de Teoria da História**. v. 16, n. 2, dez. 2016, Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/20901/1/Tempo_e_modernidade_espa_o_e_os_paradoxos_de_Zen_o._Com_uma_apostila_sobre_o_conceito_de_espa_o.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2017.

PACI, Enzo. In: **¿Qué es metafísica?** Disponível em: <<http://espanol.free-ebooks.net/ebook/Que-es-la-metafisica/pdf?dl&preview>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

REIS, J. O tempo em Plotino. **Revista Filosófica de Coimbra**. Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação. Coimbra, 1997. n. 12, p. 381-489.

SÁ, Roberto Novaes de. A psicoterapia e a questão da técnica. In: **Arquivos brasileiros de psicologia**. 2002, v. 54, n. 4, p. 348-362. Rio de Janeiro: Instituto de Psicologia da UFRJ/ Ed. Imago.

_____. Contribuições para uma hermenêutica da desatenção e do esquecimento na existência cotidiana. In: MALUF, Ued (Org.). **Epistemologias não ordinárias: paradigmas alternativos em ciências humanas e sociais**. Rio de Janeiro: Ed. Booklink, 2003, p. 135-146.

SABÓIA, Iratan Bezerra de. **Cronos e kairos: reflexões sobre temporalidade laboral e solvência social**. Dissertação de mestrado, 199 p. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará. 2007.

SANTOS, Claudiano Avelino dos. **O Górgias retórico e o Górgias de Platão**. Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia. PUC-SP. São Paulo: 2008. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/11775/1/Claudiano%20Avelino%20dos%20Santos.pdf>>. Acesso em: ago. 2016.

SCHEURMANN, Erich. **O papalagi: comentários de Tuiávii, chefe da Tribo Tiavéa**. São Paulo: Marco Zero, 1992.

SCHIOCHETT, Daniel. **O tempo na terceira enéada de Plotino**. Programa de Pós-Graduação em Filosofia a Universidade Federal de Santa Catarina. v.01, n. 01, p. 11-20. 2009.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVA, Ionaldo Pereira da. O conceito de tempo a partir de Atos 1,6-8.

Chronos e Kairós na Dýnamis do Espírito Santo, a partir da leitura de Atos 1,6-8. Departamento de Teologia PUC-Rio de Janeiro: 2007. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10364/10364_5.PDF>. Acesso em: 03 abr. 2016.

TAHAN, Malba. **O homem que calculava.** Rio de Janeiro: Record, 1995.

THOMPSON, Edward. **Costumes em comum.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

TORRANO, Jaa. **Teogonia de Hesíodo:** a origem dos deuses. São Paulo: Iluminuras, 1995.

TORRALES, Marília A. Entre kronos e kairós: o sentido e as implicações da ampliação do tempo de permanência dos estudantes na escola. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, Editora UFPR n. 45, p. 125-135, jul./set. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n45/09.pdf>>. Acesso em 09 set. 2018.

TRIAS DE BES, Fernando. **O vendedor de tempo.** Rio de Janeiro: BestSeller, 2008.

YAGER, Jan. **Trabalhe menos, faça mais:** um método prático para aumentar sua produtividade. São Paulo: Editora Gente, 2009.

Filmes, documentários e links de matérias em sites:

BUIS, Alan. **Chilean quake may have shortened earth days.** Disponível em: <<https://www.nasa.gov/topics/earth/features/earth-20100301.html>>. Acesso em: 13 fev. 2018.

BULLETIN of the atomic scientists. Disponível em: <<https://thebulletin.org/doomsday-clock/>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

DUTRA, Adriana; CARVALHO, Walter. **Quanto tempo o tempo tem.** Inffinito. DVD: 76 min. 2015.

PESSOA JUNIOR, Osvaldo Frota. Tempos da física. In: **Invenção do contemporâneo.** Série experiências no tempo. As cosmogonias contemporâneas. Instituto CPFL, Campinas. Curadora: Olgária Matos. Série experiências no tempo. 2005. Disponível em: <<http://www.institutocpfl.org.br/play/series/experiencias-no-tempo-as-cosmogonias-contemporaneas/>>. Acesso em: 04 fev. 2018.

THE Doomsday Clock. **A Timeline of Conflict, Culture and Change.** Disponível em <<https://thebulletin.org/doomsday-clock/past-announcements/>>. Acesso em: 14 fev. 2018.